

Livro de resumos



Associação
Portuguesa
de Linguística

40.º ANIVERSÁRIO DA APL
40.º ENCONTRO NACIONAL

Universidade dos Açores
(Ponta Delgada)
23-25 outubro 2024

Nota prévia:

Os resumos estão organizados por ordem de ocorrência no programa do Encontro. No programa, ao clicar sobre o nome dos autores de cada apresentação, é feito o “link” para o respetivo resumo.

40.º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística

Comemoração do 40.º aniversário da APL

23-25 de outubro de 2024

Universidade dos Açores (Ponta Delgada)

Dia 23 de outubro, quarta-feira			
9.00	RECEÇÃO AOS PARTICIPANTES		
9.40	SESSÃO DE ABERTURA 40.º ENAPL Auditório Norte		
10.00	CONFERÊNCIA PLENÁRIA 1 Isabel Pereira (Universidade de Coimbra, ex-presidente da APL) <i>Revisitando o acento de palavra em português</i> Moderação: Alexandra Fiéis Auditório Norte		
11.00	Pausa para café		
	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Auditório Norte	Auditório Sul	Sala D.001
	Presidente: Susana Correia	Presidente: Maria Aldina Marques	Presidente: Ana Teresa Alves
11.30	Clara Amorim & Adelina Castelo <i>O que são sons? – Dados sobre a competência metafonológica de futuros professores</i>	Marcela Faria <i>“*Não temeis!” – Sobre as Formas de Tratamento de 2PP no discurso religioso em português europeu: dados de traduções orais e de traduções escritas produzidas durante a Jornada Mundial da Juventude 2023</i>	Jakob Maché <i>Building ‘take’ Serial Verb Constructions in Benue Kwa languages</i>
12.00	Joana Batalha, Adriana Cardoso, Ana Luísa Costa, Sónia Rodrigues & Isabel Sebastião <i>Varição linguística em sala de aula: conceções de professores</i>	Mariangela Rios de Oliveira <i>Marcadores discursivos do Português em perspetiva construcional</i>	Izabela Müller, Nuno Mamede & Jorge Baptista <i>Compound Disjunctive Adverbs of Style in Portuguese</i>
12.30	Ana Luísa Costa & Xavier Fontich <i>Isto dá muito trabalho: Laboratórios Gramaticais na formação de professores</i>	Silvia Pallone <i>Um estudo em Pragmática cross-cultural sobre o ato de fala de desmarcar compromissos em italiano, português europeu e português brasileiro</i>	Yichang Ge, Fátima Silva & Fátima Oliveira <i>Temperature Adjectives in European Portuguese: Thermal and Metaphorical Meanings</i>
13.00	Pausa para almoço		
	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Auditório Norte	Auditório Sul	Sala D.001

	Presidente: Adelina Castelo	Presidente: Maria Lobo	Presidente: Isabel Margarida Duarte
14.30	Marisa Cruz & Chao Zhou <i>Sensitivity to L2 Portuguese rhythm is driven by consonantal variability</i>	Isabel Falé, Paula Luegi, Jéssica Gomes & Amália Mendes <i>De facto causa ou confirma? Um estudo de processamento de relações discursivas explícitas e implícitas em Português Europeu</i>	Joana Aguiar <i>O uso de code-switching na comunidade portuguesa residente em Andorra: um estudo sociolinguístico.</i>
15.00	Chao Zhou & João Veríssimo <i>Are phonological universals modality-specific? Modelling the asymmetry between L2 tonal perception and production</i>	Paula Luegi, Jéssica Gomes, Diana Simões & Armanda Costa <i>Processamento de estruturas garden-path em Português Europeu: reanálise ou correferência?</i>	Bruno Costa, Jorge Pinto & Nélia Alexandre <i>O impacto de um ensino intercultural comunicativo na aprendizagem do gênero nominal em português por imigrantes adultos</i>
15.30	Anabela Rato, Ana Beatriz Queirós, Gabriela Tavares & Susana Correia <i>Assessing cross-linguistic perception of L2 Portuguese vowels</i>	Juliana Novo Gomes, Purificação Silvano & António Leal <i>O processamento das orações gerundivas periféricas: um estudo psicolinguístico</i>	Alice Vieira, Raquel Amaro & Matilde Gonçalves <i>Linguagem Inclusiva: deteção de traços linguísticos de inclusividade em textos relativos ao acolhimento e integração de pessoas migrantes em Portugal</i>
16.00	Silke Hamann & Chao Zhou <i>A formal account for the orthographic-auditory cue integration in L2 Portuguese</i>	Ivo da Costa do Rosário <i>Rede subesquemática [[X de] que]connect</i>	Vanessa Gomes Teixeira Anachoreta <i>Pelo direito ao dizer: o processo de reconhecimento linguístico da Língua Gestual Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais</i>
16.30	Pausa para café		
	Auditório Norte	Auditório Sul	
	Presidente: Juliana Gomes	Presidente: Amália Mendes	
17.00	Sophie Bennett, Cristina Flores, Padraic Monaghan & Patrick Rebuschat <i>Individual differences in heritage language development: A systematic review and meta-analysis</i>	Gabriela Tavares, Andrea Deme & Susana Correia <i>Word stress perception of European Portuguese: a study with Hungarian listeners</i>	
17.30	Christophe dos Santos, Daniela Valente & Sophie Kern <i>The influence of working memory and inhibition on lexical development in bilingual French-Portuguese toddlers</i>	Yuxin Ge, Yun-Wei Lee, Susana Correia & Patrick Rebuschat <i>Statistical learning of L2 Portuguese words in younger and older adults</i>	
18.00		Susana Correia, Yuxin Ge, Patrick Rebuschat & Anabela Rato <i>The effect of training modality and instruction type on non-native speech learning</i>	

Dia 24 de outubro, quinta-feira			
COMUNICAÇÕES ORAIS			
	Auditório Norte	Auditório Sul	Sala D.001
	Presidente: Isabel Pereira	Presidente: Anabela Gonçalves	Presidente: Mariangela de Oliveira

9.00	Alice Mevis <i>Passivas dativas no português moçambicano: reorganização das grelhas argumentais ou emergência de uma alternância gramatical?</i>	Nelli Kerezova <i>Anaphora Resolution in Machine Translation: An Explorative Study on the Translation of Null Objects from European Portuguese into German</i>	Maria Aldina Marques, Isabel Duarte & Isabel Roboredo Seara <i>Formas de tratamento nos debates parlamentares portugueses – modos e sentidos da mudança</i>
9.30	Benjamin Meisnitzer <i>A polifuncionalidade de "pois" no português contemporâneo</i>	Jorge Baptista & Sónia Reis <i>Explorando a Inteligência Artificial no Ensino de Línguas: Criação e Classificação Automática de Corpus de Narrativas a partir de Provérbios para o Ensino de PLE com Large Language Models</i>	Bruna Bandeira & Antónia Coutinho <i>Análise textual-discursiva dos documentos orientadores de currículo em Portugal e no Brasil: como eles prescrevem o trabalho do professor de Português?</i>
10.00	Rita Gonçalves, Ana Espírito Santo & Nélia Alexandre <i>"Este é um problema onde a sua prevenção tem de ser começada nas escolas...": Onde - um conector polifuncional em Português Europeu</i>	Jorge Baptista, Eugénio Ribeiro & Nuno Mamede <i>Linguistic Features, Readability and Language Proficiency Level: A Cross-Comparison Study</i>	Augusto Soares da Silva <i>Causalidade e modalidade: duas faces da mesma moeda?</i>
10.30	Lukasz Jedrzejowski <i>On non-at-issueness of "embora"-clauses. Evidence from concessive clauses in Portuguese and beyond</i>	Inês Cantante, Rute Rebouças, Purificação Silvano, António Leal & Evelin Amorim <i>"El niño who sobreviveu": Anotação semântica do Harry Potter em Inglês, Português Europeu e Espanhol</i>	Toivo Evaristo Haipinge <i>A importância dos dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu no sucesso escolar em Angola</i>
11.00	Pausa para café		

COMUNICAÇÕES ORAIS			
	Auditório Norte	Auditório Sul	Sala D.001
	Presidente: Pilar Barbosa	Presidente: Luís Filipe Barbeiro	Presidente: Augusto Soares da Silva
11.30	Inês Mateus, Ana Paula Soares, Helena Mendes Oliveira & José Teixeira <i>Metaphoring and its dimensions: A normative study of Conceptual Metaphors in English and Portuguese</i>	Aida Cardoso, Maria Lobo, Joana Batalha, Bruna Bragança, Catarina Rosa & Isabel Fraústo <i>Podem as estruturas infinitivas contribuir para caracterizar o desenvolvimento sintático em fases iniciais da escrita?</i>	Enio Soares & Alexandra Guedes Pinto <i>Campanhas eleitorais em redes sociais: um olhar (ciber)pragmático</i>

12.00	Débora Silva, Márcio Leitão & Juliana Novo <i>Processamento da leitura de palavras bilingues - PORTUGUÊS BRASILEIRO e INGLÊS com e sem TDAH</i>	Stéphanie Vaz, Maria Lobo & Marisa Lousada <i>(RE) CONTO: Instrumento de Avaliação de Narrativas Oraís para crianças falantes de Português Europeu</i>	Bin Wang, Ana Sofia Meneses-Silva, Ana Sofia Ferreira, Viviane Costa & Rui Sousa-Silva <i>“O arguido é um cidadão pacato”: uma análise linguística sobre a (des)construção da identidade do agressor em decisões jurídicas</i>
12.30	Camila Leite, Maria do Carmo Lourenço Gomes & Aline Alves Fonseca <i>Observações sobre a prosódia implícita e a pontuação: um estudo piloto</i>	Adelina Castelo <i>Erros ortográficos no 1.º ciclo do ensino básico: um estudo-piloto longitudinal</i>	Ana Sofia Meneses-Silva, Rui Sousa-Silva & Isabel Duarte <i>“Boa tarde, eu precisava da VMER, eu acho que ele hum... já está sem vida, ok?”: Mecanismos de regulação da força ilocutória na interação contactante-operador em chamadas de emergência</i>
13.00	Pausa para almoço		
	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Auditório Norte	Auditório Sul	
	Presidente: António Leal	Presidente: Esther Rinke	
14.30	Rute Rosa <i>O plano de texto como instrumento de aquisição e desenvolvimento de competências de escrita: reflexões e perspetivas didáticas</i>	Marcel den Dikken <i>Non-verbal predicate proforms: Category, case and ϕ-feature concord</i>	
15.00	Célia Barbeiro & Luís Filipe Barbeiro <i>A interação verbal para o ensino da gramática</i>	Nádia Canceiro & Gabriela Matos <i>Frases-que raiz em Português e Espanhol</i>	
15.30	Ricardo Cruz <i>Verbos de comando de testes digitais de Português – frequência, processos cogniti-vos e especificidades do formato eletrónico</i>	Ana Lúcia Santos & Anabela Gonçalves <i>Causativos sintáticos e verbos de controlo de objeto: os infinitivos flexionados como pista</i>	
16.00	Luís Filipe Barbeiro & Célia Barbeiro <i>A referência metalinguística no processo de escrita colaborativa</i>	Pilar Barbosa <i>Null objects, null nominal anaphora and antilogophoricity</i>	
16.30	Pausa para café & SESSÃO DE PÓSTERES		
	Auditório Norte	Auditório Sul	Sala D.001
	Presidente: Ana Lúcia Santos	Presidente: Ana Ruth Miranda	Presidente: Jorge Pinto
17.30	Daniel Weingärtner, Esther Rinke & Cristina Flores <i>Linguistic variation in heritage languages mirrors ongoing diachronic change. The interpretation of null objects by monolingual and bilingual speakers of different varieties of Portuguese</i>	Rui Sousa-Silva <i>Deteção de Plágio na Era da Inteligência Artificial: O papel (mais) fundamental da linguística forense</i>	Isabelle Simões Marques & Andrea Teletin <i>Humor na Internet: olhares cruzados sobre a língua portuguesa, os portugueses e os brasileiros</i>

18.00	Joana Teixeira & Alexandra Fiéis <i>Aquisição de segunda língua e mudança linguística: O caso dos sujeitos e dos objetos nulos</i>	Miguel Correia <i>Para um padrão de plágio em crónicas do Público</i>	Ana Filipa Pacheco, Purificação Silvano, Nuno Guimarães, Ana Torres & Isabel Almeida <i>Será o ChatGPT um bom divulgador científico?</i>
18.45	REUNIÃO DA ASSEMBLEIA GERAL DA APL Auditório Norte		
20.30	Jantar do 40.º Encontro Nacional da APL Hotel Talisman		

Dia 25 de outubro, sexta-feira	
COMUNICAÇÕES ORAIS	
Auditório Norte	Auditório Sul
Presidente: Joana Batalha	Presidente: Maria João Freitas
9.00 Telma Duarte <i>Os marcadores conversacionais no ensino de PLE a hispanofalantes: primeiras reflexões</i>	Ana Luísa Fernandes & Guendalina Gianfranchi <i>Multilinguismo e línguas em contacto em África: um estudo fonológico do fula e do kriol da Guiné-Bissau</i>
9.30 Vânia Mendes <i>Leite de Vasconcelos, entre publicações, reimpressões e reedições</i>	Ronan Pereira, Catarina Rosa & Mariana Silva <i>Mas és português ou brasileiro? Atitudes individuais e influência fonológica no contacto entre variedades da língua portuguesa</i>
10.00 Si Chen & Pierre Lejeune <i>Ideologia e Discursos Representados: um Estudo Comparativo dos Textos Jornalísticos sobre a Covid-19 da China Continental e de Taiwan</i>	Ana Ruth Miranda & Carmen Matzenauer <i>Interfaces na construção do conhecimento fonológico - a lateral em coda silábica</i>
10.30 Antónia Coutinho & Clara Nunes Correia <i>Crónicas, comentários e críticas</i>	João de Matos, Susana Correia & Paula Luegi <i>Processamento de masculinos genéricos em Português Europeu: tarefa de leitura autocontrolada</i>

11.00 Pausa para café	
COMUNICAÇÕES ORAIS	
Auditório Norte	Auditório Sul
Presidente: Antónia Coutinho	Presidente: Jorge Baptista
11.30 Ana Teresa Alves & Telmo Lopes Mória <i>Ordenação temporal de eventos repetidos em português: a primeira vez, a n-ésima vez, a última vez</i>	Soroosh Akef, Detmar Meurers, Amália Mendes & Patrick Rebuschat <i>Studying the Role of L1 in Characterizing Portuguese L2 Proficiency Using Machine Learning</i>
12.00 Luís Filipe Cunha <i>Considerações em torno da semântica de estar para em Português Europeu: propriedades aspetuais e modais</i>	Ricardo Monteiro, Michell Moutinho, Sílvia Barbosa, Leonor Reis, Raquel Amaro & Susana Correia <i>Complexidade textual em adultos de baixa literacia: desenvolvimento de uma infraestrutura de classificação de níveis de complexidade e os seus descritores</i>

12.30	<p>CONFERÊNCIA PLENÁRIA 2</p> <p>Inês Duarte (Universidade de Lisboa, ex-presidente da APL)</p> <p><i>APL 40 anos: Dar voz à linguística. Criar comunidade</i></p> <p>Moderação: Cristina Flores</p> <p>Auditório Norte</p>
13.30	<p>SESSÃO DE ENCERRAMENTO</p>

SESSÃO DE PÓSTERES (quinta-feira, 24 de outubro, 16.30 - 17.30)

<p>Cláudia Ruas, Matilde Gonçalves & Antónia Coutinho, <i>Reflexões sobre a Linguagem Sensível ao Género: Um Estudo Preliminar em Contexto Educativo</i></p> <p>Helena Isabel Alzamora, <i>O Futuro do Conjuntivo - uma Proposta Enunciativa</i></p> <p>José Aires, Aida Cardoso, Rui Pereira & Amália Mendes, <i>O corpus parlamentar ParlaMint-PT</i></p> <p>Juliano Sippel, <i>Ensino de Línguas Baseado em Tarefas e desenvolvimento da competência escrita em manuais didáticos de Português L2</i></p> <p>Maria João Freitas, Jéssica Gomes & Ana Margarida Ramalho, <i>Ainda a Aquisição da Lateral Alveolar: Dados Naturalistas e Dados Experimentais</i></p> <p>Mariana Silva, Ronan Pereira & Catarina Rosa, <i>Entre o espontâneo e o controlado: a variação na produção oral dos pronomes acusativos de terceira pessoa no português brasileiro</i></p> <p>Montserrat Comesaña, Ana Rita Pureza, Carmen Parafita Couto, Jon Duñabeitia & Cristina Flores, <i>O impacto do Bilinguismo no sucesso académico e cognitivo</i></p> <p>Susana Nunes & Sílvia Ribeiro, <i>Toponímia e processos de formação de palavras no Português Europeu: estudo de caso dos distritos de Braga e Bragança</i></p> <p>Yolanda Xavier & Susana Correia, <i>Nasal vowels and word stress production by adult L1 Ukrainian speakers of European Portuguese as an L2</i></p>
--

O que são sons? – Dados sobre a competência metafonológica de futuros professores

Clara Amorim & Adelina Castelo

A importância do desenvolvimento da consciência linguística e, em particular, da consciência fonológica no processo de aquisição da leitura e escrita tem sido destacada ao longo das últimas décadas (e.o. Freitas *et al.*, 2007). Os documentos orientadores para a Educação Pré-Escolar (EPE) e para o ensino de Português no 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) refletem os resultados da investigação, incluindo o desenvolvimento da consciência fonológica como um dos conteúdos a trabalhar. Já em 2006, para melhorar o ensino de português no 1.º CEB, foi implementado o Programa Nacional do Ensino do Português, que incluiu formação contínua de professores e correspondentes materiais didáticos, nomeadamente os dedicados à consciência linguística (Duarte, 2008), lexical (Duarte, 2011) e fonológica (Freitas *et al.*, 2007). Apesar de tudo isto, um estudo exploratório (Amorim & Castelo, no prelo) mostra que as práticas educativas, as crenças e a formação profissional continuam distantes do que seria adequado. Resultados semelhantes têm sido relatados noutros países (e.g. Giménez *et al.*, 2022; Jaskolski & Moyle, 2023) e um estudo recente sobre a preparação, em Portugal, dos futuros professores para o ensino da leitura e da escrita conclui, a

partir da análise de fichas de unidades curriculares, que componentes essenciais para o ensino destas competências não são abordadas de forma explícita na formação inicial de professores (Leite *et al.*, 2022).

O presente trabalho pretende abordar a preparação da próxima geração de profissionais de educação dos níveis iniciais (EPE e 1.º CEB), investigando as competências de consciência fonológica de estudantes da licenciatura em Educação Básica e dos mestrados que habilitam para a docência na EPE e no 1.º CEB. Para isso, colocámos as seguintes questões: (1) Quais são os níveis de desempenho em tarefas de consciência fonológica no início do 1.º ano da licenciatura e de mestrado? (2) Que áreas devem ser reforçadas na formação inicial, de modo a preparar melhor os futuros profissionais para a promoção da consciência fonológica?

Participaram neste estudo 98 estudantes (64 de licenciatura e 34 de mestrado), que responderam a um questionário online durante a primeira aula do ano letivo. O instrumento continha 41 questões, oito das quais se destinavam à caracterização dos participantes. As restantes incidiam sobre consciência silábica (e.g. número de sílabas), consciência fonémica (e.g. número de sons), relação fonema-grafema (e.g. som representado por um grafema) e conhecimento fonológico explícito (e.g. explicação de processos fonológicos).

Os resultados mostram que os estudantes são influenciados pela ortografia em atividades de consciência silábica e fonémica, sobretudo em palavras cuja ortografia não é transparente (e.g. mais de 90% dos participantes indicam que “têm” é constituída por apenas uma sílaba). Revelam também desconhecimento de regras ortográficas, em especial, a grafia de ditongos nasais, manifestando dificuldades na identificação de ditongos nasais que não sejam assinalados por til (e.g. mais de metade dos participantes considera que “órgão” rima com “órfão”). Estes resultados vão ao encontro do relatado para outras línguas (e.g. Carroll *et al.*, 2012; Jaskolski & Moyle, 2023), apontam para a necessidade de reforçar o ensino da consciência fonológica na formação inicial de professores e permitem identificar tópicos fonológicos específicos a abordar nessa formação.

Palavras-chave: competência metafonológica; formação inicial de professores; leitura e escrita; ortografia.

Referências

- Amorim, C. & Castelo, A. (no prelo). A promoção da consciência fonológica no jardim de infância e no 1.º CEB: estudo exploratório sobre práticas educativas, crenças e necessidades formativas. *Revista Portuguesa de Educação*.
- Carroll, J., Gillon, G. & McNeill, B. (2012). Explicit phonological knowledge of educational professionals. *Asia Pacific Journal of Speech, Language and Hearing*, 15(4), 231-244. <https://doi.org/10.1179/136132812804731820>
- Duarte, I. (2011). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência lexical*. Lisboa: ME/DGIDC.
- Duarte, I. (2008). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística*. Lisboa: ME/DGIDC.
- Freitas, M. J., Alves, D. & Costa, T. (2007). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa: ME/DGIDC.
- Giménez, A., Sánchez, A., Flores, A. & Luque, J. L. (2023). Teachers' opinions about the teaching of reading in Spain. *Psicología Educativa*, 29(1), 65-73. <https://doi.org/10.5093/psed2022a11>

- Jaskolski, J. E. & Moyle, M. J. (2023). Professional Development in Phonological Awareness for Early Childhood Educators in Low-Income, Urban Classrooms: A Pilot Study Examining Dosage Effects. *Annals of Dyslexia*, 73(3), 440-468. <https://doi.org/10.1007/s11881-023-00289-1>
- Leite, I., Leite, C., Pereira, M. F. & Lemos, G. C. (2022). *Como estão a ser preparados os futuros professores para o ensino da leitura e da escrita?* Fundação Belmiro de Azevedo (EDULOG).

Variação linguística em sala de aula: concepções de professores

Joana Batalha, Adriana Cardoso, Ana Luísa Costa, Sónia Rodrigues & Isabel Sebastião

De acordo com dados reportados por Oliveira (2023), os últimos anos mostram um crescimento do número de alunos de nacionalidade estrangeira nas escolas portuguesas, encontrando-se matriculados no ensino básico e secundário, em 2021-2022, 86.436 alunos de nacionalidade não portuguesa. Estes alunos representam aproximadamente 9% dos alunos que frequentam o sistema de ensino público do 1.º ao 12.º ano. Para além de um maior número de alunos de nacionalidade estrangeira, observa-se nos últimos anos uma maior diversidade de nacionalidades, cerca de 170, correspondendo a diferentes línguas e variedades linguísticas. Estes estudantes provêm principalmente de países em que se fala uma variedade do português: 48,3% dos alunos são brasileiros e 22% vêm de países africanos em que o português é língua oficial, principalmente Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau (Oliveira, 2023).

Há evidência de que alunos que falam variedades do português diferentes do português europeu têm um menor sucesso académico (OCDE, 2022). Por outro lado, recentemente, têm surgido em debate público questões de preconceito linguístico para com estes estudantes (Miranda, 2021). Da parte dos professores, há relatos de dificuldades e preocupações nomeadamente no que se refere à avaliação destes alunos (Henriques, 2022).

A investigação sobre ensino da gramática das últimas décadas tem vindo a mostrar a importância da valorização do conhecimento linguístico intuitivo das crianças, proporcionando aos alunos oportunidades para refletir sobre as suas variedades linguísticas (Correia, 2021; Devereaux e Palmer, 2019; Reaser et al., 2017). Considerando a relação entre as concepções dos professores quanto ao ensino da gramática e as suas práticas (Camps & Fontich, 2019; Coelho, 2018; Watson, 2015), há necessidade, face ao contexto atual, de se investigar as concepções dos professores sobre a variação linguística, bem como a sua presença nas práticas de ensino da gramática.

Nesta comunicação, apresentam-se os resultados de um estudo sobre concepções de professores relativamente à variação linguística em sala de aula, no qual se procura caracterizar as concepções predominantes entre professores de diferentes níveis de ensino. Mais concretamente, pretende-se observar eventuais diferenças entre futuros professores e professores em exercício relativamente: (i) ao conhecimento sobre variação linguística, considerando diferentes variedades do português, (ii) ao impacto do uso de diferentes variedades do português em sala de aula, e (iii) às práticas de ensino sobre variação linguística.

O estudo foi levado a cabo em duas etapas, com recurso a diferentes instrumentos e métodos de análise. Numa primeira etapa, procedeu-se à recolha de dados através de questionário junto de 96 participantes, futuros professores (N=56) e professores em exercício (N=40). Complementarmente, numa segunda etapa, realizou-se um “focus group” com entrevista semiestruturada a 7 participantes, futuros professores (N=4) e professores em exercício (N=3). Nesta comunicação, centramo-nos, sobretudo, na primeira etapa do estudo.

Dada a inexistência de um questionário sobre concepções de professores para o contexto português, foi criado um questionário inspirado na proposta de De Angelis (2011). O questionário, testado em contexto de formação com um pequeno grupo de professores e posteriormente sujeito a revisões, inclui duas secções. A primeira secção contém 27 itens com escala de Likert (1-4), com vista a recolher informação sobre o grau

de concordância dos participantes relativamente a afirmações que expressam concepções positivas e negativas sobre (i) conhecimento sobre variação linguística (5 afirmações), (ii) impacto do uso de diferentes variedades do português em sala de aula (11 afirmações), e (iii) práticas de ensino sobre variação linguística (11 afirmações). A segunda secção é constituída por 10 itens de escolha múltipla que visam recolher informação sobre o perfil linguístico dos participantes e a sua experiência profissional.

Para a análise quantitativa das respostas aos questionários, recorreu-se a um teste estatístico (teste t de amostras independentes), que permitiu comparar as concepções dos professores em formação com as dos professores em exercício. Considerando globalmente as três dimensões da primeira secção do questionário, verifica-se que as concepções expressas pelos participantes são tendencialmente positivas, não se observando diferenças significativas entre os dois grupos de professores. Contudo, uma análise por item permitiu identificar algumas diferenças nas concepções de uns e outros, em particular quanto ao impacto do uso de diferentes variedades do português em sala de aula (tabela 1) e às práticas de ensino sobre variação linguística (tabela 2), com os futuros professores a expressar, globalmente, crenças mais positivas. No que se refere ao impacto do uso das variedades em sala de aula, por exemplo, os futuros professores discordam mais de afirmações como “É importante que os/as alunos/as que falam as variedades brasileira e africanas do português deixem de falar essa(s) variedade(s) em casa para aprenderem o português europeu” (item 3). Quanto às práticas de ensino, os professores em exercício expressam maior concordância com afirmações como, por exemplo, “Não é responsabilidade dos/as professores/as dar voz às diferentes variedades do português faladas pelos/as alunos/as, mas ensinar a falar e escrever português europeu corretamente” (item 6).

	Pre-service teachers			In-service teachers			t	p
	N	M	SD	N	M	SD		
3	56	1.39	0.73	40	1.77	0.97	2.197	.030
5	56	1.91	0.84	40	2.02	0.95	0.624	.534
7	56	2.80	0.94	40	2.40	0.98	2.032	.045
9	56	3.59	0.65	40	3.20	0.82	2.580	.011
10	56	2.25	0.88	40	2.33	1.10	0.372	.711
12	56	2.12	0.79	40	1.75	0.71	2.398	.018
14	56	2.89	0.87	40	2.70	0.79	1.114	.268
15	56	2.91	0.86	40	2.67	0.89	1.307	.194
16	56	3.29	0.91	40	3.25	0.71	0.208	.836
19	56	2.23	0.87	40	1.92	0.73	1.816	.073
25	56	3.12	0.85	40	3.12	0.99	0.000	1.00

Tabela 1: Resultados da dimensão “impacto do uso de diferentes variedades do português em sala de aula”

	Pre-service teachers			In-service teachers			t	p
	N	M	SD	N	M	SD		
1	56	3.59	0.73	40	3.55	0.71	0.261	.794
2	56	2.43	0.85	40	2.83	0.68	2.449	.016
6	56	2.04	0.85	40	2.55	1.06	2.631	.010
8	56	2.73	0.98	40	2.65	1.12	0.381	.704
18	56	3.55	0.63	40	3.38	0.84	1.192	.236
20	56	3.14	0.8	40	2.38	0.90	4.419	.000
21	56	2.55	0.99	40	2.73	0.99	0.838	.404
22	56	3.27	0.65	40	3.23	0.80	0.290	.772
24	56	2.88	0.99	40	2.80	1.04	0.358	.721
26	56	1.91	0.82	40	1.90	0.87	0.062	.951
27	56	3.52	0.54	40	3.48	0.60	0.367	.715

Tabela 2: Resultados da dimensão “práticas de ensino sobre a variação linguística”

Em traços gerais, o cenário que emerge aponta predominantemente para concepções positivas face à variação linguística, que são mais evidentes nas intenções declaradas dos futuros docentes. Por outro lado, parece não haver uma prática enraizada de promoção das diferentes variedades do português em sala de aula, o que poderá, em parte, estar relacionado com um conhecimento pouco consolidado sobre essas variedades. Finalmente, note-se que alguns docentes em exercício percebem que não devem promover práticas pedagógicas inclusivas neste domínio.

Referências

- Camps, A. & Fontich, X. (2019). Teachers' concepts on the teaching of grammar in relation to teaching of writing in Spain: A case study. *L1-Educational Studies in Language and Literature*, 19, 1-36.
- Coelho, P. (2018). *Formação inicial, conhecimento profissional e práticas em ensino e aprendizagem da gramática*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- Correia, M. (Ed.) (2021). *Português, língua pluricêntrica. Palavras. Revista em linha*. N.º 4. Associação de Professores de Português.
- De Angelis, G. (2011). Teachers' beliefs about the role of prior language knowledge in learning and how these influence teaching practices. *International Journal of Multilingualism*. Vol. 8, No. 3, 216-234.
- Devereaux, M. D. & Palmer, C. C. (2019). *Teaching Language Variation in the Classroom: Strategies and Models from Teachers and Linguists*. Routledge.
- Henriques, J. G. (2022). Professores querem grupo para discutir aceitação de variedades de português em exames. *Público*. 14 de outubro.
- Miranda, G. (2021). Português brasileiro rende nota menor e discriminação em escolas e universidades de Portugal. Pesquisa mostra resultados piores de estudantes do Brasil e de alguns países africanos. *Folha de São Paulo*. 3 de maio.
- Myhill, D.A. and A. Watson. (2014). The Role of Grammar in the Writing Curriculum: A Review. *Journal of Child Language Teaching and Therapy* 30 (1): 41-62.
- OECD (2022). *Review of inclusive education in Portugal. Reviews of National Policies for Education*. OECD Publishing.
- Oliveira, C. (2023). *Indicadores de integração de imigrantes: Relatório estatístico anual 2023*. Alto Comissariado para as Migrações, coleção Imigração em Números.
- Reaser, J., Adger, C., Wolfram, W., & Christian, D. (2017). *Dialects at School. Educating Linguistically Diverse Students*. Routledge.
- Watson, A. (2015). Conceptualisations of grammar teaching: L1 English teachers' beliefs about teaching grammar for writing. *Language Awareness*, 24(1), 1-14.

Isto dá muito trabalho: Laboratórios Gramaticais na formação de professores

Ana Luísa Costa & Xavier Fontich

Desde a sua proposta original (Duarte, 1992; 2008), o Laboratório Gramatical (LG) surge associado à formação de professores. A prevalência de estudos empíricos sobre LG em relatórios de mestrado em ensino, publicados nas últimas décadas (Silvano, Costa, & Rodrigues, 2023), confirma a ligação entre este modelo e a formação inicial. Mas como se apropriam desta ferramenta os futuros professores?

Neste estudo, orientado pela questão enunciada em (1), pretende-se explorar as potencialidades do LG no desenvolvimento de capacidades de reflexão metalinguística de estudantes de licenciatura a frequentar uma disciplina de didática da língua.

(1) Que tipo de reflexões emergem das interações entre estudantes de um curso formação inicial a realizar um laboratório gramatical?

O desenvolvimento de conceitos gramaticais de alunos do básico e secundário tem sido investigado em diversos trabalhos que se focam na análise de atividade metalinguística suscitada pelas interações na realização de tarefas de escrita colaborativa ou de resolução de tarefas gramaticais (Fontich, 2010a; Gauvin & Boivin, 2013; Jouili & Elalouf, 2021, e.o.). Estes estudos constataam que as interações metalinguísticas se apoiam maioritariamente em conceitos espontâneos sobre a língua e apenas em alguns casos em conceitos formais. Mostram também que, por vezes, a construção conjunta do saber gramatical é um processo de integração de saberes procedimentais e de saberes declarativos.

Para a recolha de dados, 10 grupos com cerca de 3 elementos cada gravaram em áudio ou vídeo as suas interações durante a realização de um LG sobre tipos de subordinadas (Costa & Santos, 2007). Para o presente estudo de caso, transcreveram-se e analisaram-se as interações de 2 grupos (com 1h9min no total). A análise segue o modelo integrador de Fontich (2010b), que apresenta a vantagem de dar conta não só do tipo de verbalizações (espontâneas ou metalinguísticas), mas de pôr em evidência a construção do raciocínio. A ideia de base é que estas interações permitem aceder a um “pensamento em voz alta” e à construção de conceitos gramaticais. Segundo o modelo, os diálogos incluem sequências discursivas, algumas de cariz metalinguístico, que integram enunciados metalinguísticos e podem ser divididas em subsequências metalinguísticas. Uma sequência metalinguística pode ter, em relação ao conteúdo, sequências argumentativas com episódios argumentativos aditivos ou reativos. Os resultados apontam para a persistência de algumas conceções erróneas sobre propriedades de subordinadas, a prevalência de critérios semânticos (como “faz ou não faz sentido”), a memorização de regras e a automatização de procedimentos de classificação. Por exemplo, na tabela 1, apesar de a instrução solicitar apenas que se sublinhasse a oração subordinada, os participantes focaram-se em classificar orações, num tipo de discurso de natureza mais cumulativa (Mercer, 2019), com pouca diversidade de tipos de enunciados argumentativos.

Tabela 1 – Subsequência metalinguística “Sublinha a oração subordinada.”

S A	EA		EM			Enunciado
	Reativo	Aditivo	Natureza			
			P	S	F	
I	Divergir	-	-	-	-	1. E1. “Considera as frases seguintes e sublinha a oração subordinada que cada uma delas contém”.
	-	Explicar	-	X	-	2. E1. Eu já tinha visto esta e eu acho que é “que eu vi no teatro” porque ela está a restringir.
	-	Expandir	-	-	X	3. E1. É uma subordinada restritiva. Eu acho.
	-	Aceitar	-	-	X	4. E3. É, é... Tem o “que”.
	-	Expandir	-	-	X	5. E3. Por norma quando tem o “que” é sempre assim aquelas orações subordinadas adjetivas restritivas...
	-	Explicar	X	-	-	6. E3. E eu decorei por causa que quando não tem vírgula é restritiva...
	-	Expandir	-	-	X	7. E2. Ah... <i>Ya</i> , isso é como as funções sintáticas.
	-	Aceitar	-	-	-	8. E1. Pois...
	-	Aceitar	-	-	-	9. E2. <i>Ya</i> , já me lembro desta parte.

Nota. SA: sequência argumentativa; EA: enunciado argumentativo; EM: enunciado metalinguístico; P: pragmática; S: semântica; F: formal

Contudo, as etapas seguintes do LG, que requerem a manipulação de testes sintáticos para o reconhecimento de regularidades, parecem suscitar um raciocínio de cariz mais exploratório (Mercer, 2019), com diversos movimentos argumentativos. O raciocínio de E1, na tabela 2, a negrito, ilustra um percurso de questionamento fundamentado em propriedades linguísticas, que contrasta com a mera classificação e que se desloca de uma conceção prévia para a compreensão da diferença entre subordinadas que desempenham funções argumentais de subordinadas que são modificadores.

Tabela 2 – Subsequência metalinguística “Complemento ou modificador?”

S A	EA		EM			Enunciado
	Reativo	Aditivo	Natureza			
			P	S	F	
I	Divergir	-	-	-	X	1. E1. “Para que os alunos ouvissem” é tipo... Um complemento.
	-	Expandir	-	-	X	2. E3. Mete no *C! Grupo C!
	-	Expandir	-	-	X	3. E1. Ou é no A ou é no C...
	-	Adicionar	-	-	X	4. E3. C!
	-	Explicar	-	-	X	5. E1. Atão... Podes deslocar: “Para que os alunos ouvissem, o professor falou alto.”
II	Contradizer	.	-	-	X	6. E2. Mas aqui diz “que não são sujeito nem complemento”. Aquilo é um complemento...
	-	Aceitar	-	X	-	7. E1. Não, não faz sentido no C porque diz “subordinadas”... Ah! Exato! Tem que ser no **A!
	-	Aceitar	-	X	-	8. E2. Tem que ser no A.

		Aceitar	-	X	-	9. E1. Ya. Tem que ser no A.
III	Desafiar	-	-	-	X	10. E1. Ele pode ser deslocado... Mas isto é um complemento...
	Esclarecer		-	-	X	11. E3. Eu diria C...
		Aceitar	-	-	-	12. E3. Mas tá bem!
IV	Contradizer		-	-	-	13. E1. Ou não?
		Expandir	-	-	X	14. E1. Ou é um modificador?
		Concluir	-	-	X	15. E3. Para mim é modificador.

Nota. *Grupo C: Subordinadas que não são sujeitos nem complementos e podem ser deslocadas; **Grupo A: Subordinadas que são complementos ou sujeitos.

Estes resultados de uma análise qualitativa/interpretativa da atividade metalinguística indiciam vantagens da realização de LG pelos futuros professores “como se fossem alunos”. Assumindo este papel, um dos participantes verbaliza que “Isto dá muito trabalho!” (G1, 23’22). O contraste entre as suas conceções prévias e uma reflexão metalinguística conduzida por etapas que fundamentam a explicação de propriedades da língua pode simultaneamente ser caminho compreender antes de classificar e, numa perspetiva de isomorfismo pedagógico, aprender a ensinar com o Laboratório Gramatical.

Palavras-chave: atividade metalinguística; conceitos gramaticais; formação inicial de professores; laboratório gramatical; interação metalinguística

Referências

- Costa, A.L., & Santos, A.L. (2007). *Que tipo de subordinadas existem?* GramÁTICA_Materiais didáticos (mec.pt).
- Duarte, I. (1992). Oficina gramatical: contextos de uso obrigatório de conjuntivo. In Delgado-Martins et al. *Para a Didáctica do Português. Seis Estudos de Linguística* (pp. 165-177). Colibri.
- Duarte, I. (2008). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística*. Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação.
- Silvano, P., Costa, A. L., & Rodrigues, S. (2023, June, 29). *Grammar Lab: challenges and opportunities* [oral presentation]. Grammar teaching and learning: challenges and opportunities. 5th Eduling Biannual Meeting, Universitat Autònoma de Barcelona, June, 29-31
- Fontich, X. (2010a). *La construcció del saber metalingüístic: estudi sobre l'aprenentatge de la gramàtica d'escolars de secundària en el marc d'una seqüència didàctica*. [Doctoral Dissertation, Universitat Autònoma de Barcelona]. <https://www.tdx.cat/handle/10803/4684#page=1>
- Fontich, X. (2010b). La construcció del saber metalingüístic en la interacció en petit grup. In O. Guasch & M. Milian (Eds.). *L'educació lingüística i literària en entorns multilingües* (pp. 135-148). Universitat Autònoma de Barcelona.
- Gauvin, I., & Boivin, M.-C. (2013). Identifier le verbe: élaboration des connaissances pas les élèves en classe. *Revue des Sciences de l'éducation*, 39(3), 547-569.

Jouili, E., & Elalouf, M.-L. (2021). La conceptualization de la notion de sujet: étude comparative au cycle 4. *Le français aujourd'hui*, 214(3), 51-67.

Mercer, N. (2019). *Language and the Joint Creation of Knowledge: The selected works of Neil Mercer* (1st ed.). Routledge.

**“*Não temeis!” – Sobre as Formas de Tratamento de 2PP no discurso religioso em português europeu:
dados de traduções orais e de traduções escritas produzidas
durante a Jornada Mundial da Juventude 2023¹**

Marcela Faria

Partindo da ideia de que *vós* continua a ser produzido no discurso religioso (cf. entre outros, Lara Bermejo, 2020, p. 71), embora na norma padrão do português europeu (PE) o tratamento com recurso a este pronome pessoal esteja em “franco decréscimo” (Bacelar do Nascimento, 2013, p. 2713), aproveitámos a visita do Papa Francisco, no âmbito da Jornada Mundial da Juventude 2023, para prestarmos especial atenção à produção/não produção do referido pronome e de formas do seu paradigma. Será que os discursos de cariz religioso (já) se constroem com elementos de outra série, nomeadamente elementos do paradigma de *vocês*, ou mantém-se o uso tradicional das formas da série de *vós*? Haverá produções híbridas (Segura, 2013, p. 131; Manole, 2021, p. 126)? Com o intuito de dar resposta a estas perguntas, decidimos, por um lado, considerar traduções orais em simultâneo transmitidas em diferentes órgãos de comunicação (RTP, SIC e TVI) e, por outro, considerar as traduções escritas apresentadas na página oficial do evento. Os dados mostram, no que diz respeito às traduções em simultâneo, além das tradicionais produções de formas da série canónica de *vós* – tanto em Formas de Tratamento pronominais como em Formas de Tratamento verbais (estas, todavia, nem sempre gramaticais – p. ex. “*Não temeis!”), produções do paradigma de *vocês* (p. ex. *os, com vocês* e formas verbais de 3PP). De uma forma global, há uma divisão quase igual entre produções das séries canónicas de *vós* (52%) e de *vocês* (48%) (cf. Tabela 1). Numa análise mais detalhada, considerando a categorização em Cintra (1972), os números totais das ocorrências parecem claros: preferência pela série de *vós* em produções de FT pronominais e preferência pela série de *vocês* em produções de FT verbais. No que toca às traduções escritas oficiais, os dados são inequívocos: produção total de formas da série canónica de *vós*. As ocorrências encontradas nos áudios, mais espontâneas do que nos textos escritos, contribuem para a ideia de mudança em curso (cf. por exemplo, Gouveia, 2008), mais acentuada nas FT verbais do que nas FT pronominais e, nestas, mais acentuada na posição de sujeito do que em posições de complemento, em linha com o que avançaram, entre outros, Aguiar & Paiva (2017). Diferentemente, os dados encontrados nos registos escritos, produções por natureza menos espontâneas, sugerem uma vontade de permanência do uso de elementos da 2PP tradicional no discurso oficial da igreja.

¹ Agradecemos as sugestões e os comentários feitos pelos revisores anónimos. Este trabalho teve o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) ao ser realizado durante o período de vigência da bolsa 2022.09541.BD.

RTP (141 ocorrências)				SIC (117 ocorrências)				TVI (87 ocorrências)			
2PP		3PP		2PP		3PP		2PP		3PP	
58		83		60		57		60		27	
41%		59%		51%		49%		69%		31%	
FTP	FTV	FTP	FTV	FTP	FTV	FTP	FTV	FTP	FTV	FTP	FTV
45	13	18	65	46	14	6	51	39	21	11	16
78%	22%	22%	78%	77%	23%	11%	89%	65%	35%	40%	60%
FTP = 45%				FTP= 44%				FTP= 57%			
FTV= 55%				FTV= 56%				FTV= 43%			
Total nas três estações: 345 ocorrências											
2PP = 178 = 52%											
3PP = 167 = 48%											

Tabela 1: Totais das ocorrências de formas das séries canônicas de 2PP e de 3PP nas traduções orais consideradas

Palavras-chave: pragmática, FT, 2PP, português europeu contemporâneo, discurso religioso

Referências bibliográficas

- Aguiar, J. & Paiva, M. C. (2017). *Vocês tenham cuidado, sois educadas para isso*. In P. Barbosa, M. da C. Paiva, & C. Rodrigues (Eds.), *Studies on variation in Portuguese* (pp.135-150). John Benjamins.
- Bacelar do Nascimento, M. F. (2013) Formas de Tratamento. In E. B. P. Raposo *et al.* (Eds.) *Gramática do português* (pp. 2701-2730). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cintra, L. F. (1972). *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Livros Horizonte.
- Gouveia, C. (2008). As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em Português Europeu. In I. M. Duarte & F. Oliveira (Orgs.), *O Fascínio da Linguagem* (91-99). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6695.pdf>
- Lara Bermejo, V. (2020). *Forms of address in the south-western Sprachbund of the Iberian Peninsula One hundred years of evolution in western Andalusian Spanish and European Portuguese*. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110701234-003>
- Manole, V. (2021). O legado da perda: o pronome vós no português europeu atual. In C. Papahagi (cord.) *Disparitions, effacements, oublis dans les langues romanes II* (pp.119-132). Presa Universitară Clujeană.
- Segura, L. (2013). Variedades dialetais do Português Europeu. In E. B. P. Raposo *et al.* (Eds.) *Gramática do português* (pp. 85-142). Fundação Calouste Gulbenkian.

Marcadores discursivos do português em perspectiva construcional

Mariangela Rios de Oliveira

Nossa proposta elege como objeto de pesquisa a classe dos marcadores discursivos (MDs) do português, envolvendo seu levantamento, descrição e análise. Os MDs constituem uma categoria muito atuante no nível discursivo-pragmático da língua, marcada por complexidade e hibridismo, e que ainda está a merecer maior investigação, como assumido por Traugott (2021, 2022), entre outros autores. Fundamentamos a pesquisa a partir de pressupostos funcionalistas aliados à abordagem construcional da gramática, como se encontra em Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e, no Brasil, em Rosário (2022). Conforme tal perspectiva, assumimos os MDs como *microconstruções*, ou seja, como pareamentos convencionalizados e totalmente especificados de forma e conteúdo (Goldberg 1995; 2006), como [veja bem], [sei lá] ou [olha só]. Partimos de Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) para definir os MDs como uma vasta categoria cujos membros partilham as seguintes propriedades básicas: situam-se fora do eixo sintático, têm prosódica própria, apresentam estrutura fixa e funcionam no nível discursivo-pragmático, no desencadeamento de estratégias de negociação de inferências entre os interlocutores, no convite ao partilhamento de propósitos comunicativos específicos, como pontos de vista, crenças e avaliações, como destacam Traugott e Dasher (2002).

Para esta apresentação, selecionamos um grupo específico de MDs, como [espera aí], [alto lá], [aguenta aí] e [segura lá], cumpridores, segundo Rosa (2019) e Rosa e Oliveira (2020), da subfunção *refreador-argumentativo*. Nesse sentido, tais MDs concorrem para que o locutor refreie seu interlocutor, trazendo um outro argumento à interação, como observamos no seguinte fragmento: *O Sr. Gilvan Borges (PMDB – AP.) Há pessoas que vêm da Europa ou da América do Norte e chegam ao nosso País dizendo que o Brasil é ruim. Alto lá! Somos um País jovem buscando e trabalhando nosso próprio caminho. Que País belo e maravilhoso! Aqui, de quatro em quatro anos, renovam-se suas forças políticas, buscando alternativas e soluções!* (Diário do Congresso Nacional (Seção II), 29 abril de 1995). O fragmento, extraído de discurso de um deputado federal no Congresso Nacional do Brasil, refuta a avaliação negativa do país que fazem alguns, chegando ao Brasil; para tanto, após essa menção, o deputado utiliza-se do MD *refreador-argumentativo Alto lá!* para, além de recusar tal avaliação, apresentar argumento a favor de seu ponto de vista: *Somos um País jovem buscando e trabalhando nosso próprio caminho. Que País belo e maravilhoso! Aqui, de quatro em quatro anos, renovam-se suas forças políticas, buscando alternativas e soluções!* Entre os resultados obtidos, constatamos que o MD destacado integra um esquema maior, formado por duas subpartes: uma indutora e outra afixoide², codificado como [Indut Af]_{MDRA}, nos termos de Rosa (2019). A instanciação desse grupo de MDs é motivada por pressões de ordem contextual, conforme Diewald e Smirnova (2012), confirmando a gradiência e a variabilidade linguísticas, de acordo com Bybee (2010).

Referências

² Termo da morfologia construcional referente a um elemento que fica a meio caminho do afixo, vinculado, como subparte periférica, a outra mais central numa construção.

- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. "Paradigmatic integration": the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. *et al* (eds). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p.111-131.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. *On the rise of discourse markers*. Researchgate. Preprint, June, 2019, DOI: 10.13140/RG.2.2.31703.73129. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 de Jun. 2019.
- HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- ROSA, F. S. L. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.
- ROSA, F. S. L.; OLIVEIRA, M. R. Competição interna na hierarquia construcional: um estudo do princípio da não sinonímia. In: *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2020, p. 22-49.
- ROSÁRIO, I. C. (org.) *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso*. Niterói: Editora da UFF, 2022.
- TRAUGOTT, E. "A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers". *Cadernos de Linguística*. Abralín, v. 2, n. 1, 2021, p. 1-25.
- TRAUGOTT, E. *Discourse structuring markers in English*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2022.
- TRAUGOTT, E; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Um estudo exploratório em Pragmática cross-cultural sobre o ato de fala de desmarcar compromissos em italiano, português europeu e português brasileiro

Silvia Pallone

No âmbito da pragmática *cross-cultural* (Blum-Kulka *et al.*, 1989), têm surgido recentemente estudos que focalizam a atenção no ato de fala de desmarcar compromissos, em particular, no último momento (*last-minute cancellations*), como um ato de fala diferente, embora ligado ao ato da recusa (Brocca *et al.*, 2023; Nuzzo & Cortés Velásquez, 2020). Nestes estudos, tal ato é identificado como uma das possíveis estratégias de rejeição/recusa/não aceitação, adotadas pelos falantes como resposta a um convite. Segundo os autores mencionados, recusas e cancelamentos de compromissos desempenham a mesma função, mas diferem em termos de cortesia linguística (Brown & Levinson, 1987). Recusar um convite assim que este é feito representa uma ameaça à face positiva do convidado, porque indica o não cumprimento do desejo de quem fez o convite de partilhar tempo e afinidade com o convidado. Um cancelamento de última hora é potencialmente ameaçador para a face negativa, pois interfere nos planos daquele que convida, mas pode salvar a face positiva porque o convidado atribui a sua ausência a uma circunstância imprevista e inevitável (Nuzzo & Cortés Velásquez, 2020).

Apesar de a crítica se ter debruçado com grande interesse sobre este âmbito de investigação, o contexto lusófono parece carecer ainda de um estudo mais aprofundado, estando ausente também uma comparação entre este e o contexto italiano. É neste domínio que se insere o presente estudo, cujo objetivo é estudar contrastivamente o ato de fala de desmarcar compromissos, produzido por falantes nativos de italiano e português, nas variedades europeia e brasileira. Por outras palavras, a proposta é analisar e comparar as estratégias pragmlinguísticas consideradas mais adequadas pelos falantes das línguas e variedades selecionadas para a realização de cancelamentos de compromissos, tendo em conta as variáveis situacionais/contextuais “distância social” e “grau de imposição” (na terminologia de Brown & Levinson, 1987). Investigar as diferenças pragmáticas mesmo entre falantes de línguas e culturas semelhantes torna-se relevante porque estas podem ser subestimadas, dando origem a mal-entendidos e incidentes na comunicação intercultural (Thomas, 1983). Este fenómeno pode ocorrer com maior frequência na comunicação mediada pela tecnologia, como é o caso das aplicações de mensagens instantâneas, onde o risco de mal-entendidos é maior do que na comunicação face-a-face, dada a ausência de sincronia e dos elementos proxémicos típicos da linguagem não verbal (Brocca, 2021). Os primeiros resultados do presente trabalho baseiam-se na análise qualitativa de dados naturalísticos, produzidos de forma espontânea pelos informantes através de mensagens escritas enviadas por WhatsApp, e de reflexões meta-pragmáticas obtidas por meio de entrevistas. A escolha dos critérios de análise das estratégias linguístico-discursivas observadas na realização do ato de fala em questão baseou-se na taxonomia proposta por Nuzzo & Cortés Velásquez (2020), como é possível observar nos três exemplos seguintes em italiano, português europeu e português brasileiro, respectivamente.

- | | | |
|-------------------|-----------------------------|-----------------------------------|
| a) ITA_41: Raga | io so mezza influenzata 😊 | Mi sa che dobbiamo rimandare |
| <i>Menino(a)s</i> | <i>eu estou meio doente</i> | <i>Acho que temos de remarcar</i> |
| [<i>appeal</i>] | [<i>explanation</i>] | [<i>repair</i>] |

- b) PE_24: Alô! [*appeal*] Olha, logo vai chover imenso [*explanation*] por isso acho que não vamos [*cancellation*]
- c) PB_35: bom diaaa [*appeal*] C., não me odeie [*appeal to empathy*] mas tem muita coisa pra fazer aqui hj que viajei [*explanation*] acho que não vai dar hoje [*cancellation*]

A partir do que emergiu nesta primeira análise sócio-pragmática, foram formuladas as seguintes hipóteses: (1) as recusas diretas são consideradas mais aceitáveis pelos falantes portugueses e italianos do que pelos brasileiros, que, segundo Gomes (2020), teriam mais dificuldade em dizer “não” explicitamente; (2) os brasileiros são, portanto, mais propensos a recorrer a cancelamentos de última hora do que portugueses e italianos. A relevância desta investigação reside no facto de que os resultados apontam que para portugueses e italianos é uma prática comum utilizarem estratégias de cortesia linguística que salvam a face negativa do interlocutor; pelo contrário, pelo grupo de falantes brasileiros foi observado um hábito de recorrer a estratégias de cortesia que protegem a face positiva.

Palavras-chave: Pragmática cross-cultural, desmarcar compromissos, português, italiano, cortesia

Referências

- Blum-Kulka, S; House, J & Kasper, G. (1989). *Cross-cultural pragmatics: Requests and apologies*. Norwood, USA: Ablex.
- Brocca, N. (2021). Ladder: Un corpus di scritte digitali per l'insegnamento della pragmatica in L2. Un esempio di analisi di disdette in Whatsapp. *Italiano LinguaDue*, 13, pp. 241–259, <https://doi.org/10.13130/2037-3597/15867>.
- Brocca, N., Nuzzo, E., Velásquez, D. C. & Rudigier, M. (2023). Linguistic politeness across Austria and Italy: Backing out of an invitation with an instant message. *Journal of Pragmatics*, 209, pp. 56–70, <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2023.02.018>.
- Brown, P. & Levinson, S. C. (1987). *Politeness. Some universals in language usage*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Gomes, A. P. Q. (2020). Variação pragmática: Cortesia linguística e intercompreensão cultural entre brasileiros e portugueses. *Web Revista SOCIODIALETO*, 10 (30), SER.2, pp. 306–316.
- Nuzzo, E. & Cortés Velásquez, D. (2020). Canceling last minute in Italian and Colombian Spanish: A cross-cultural account of pragmalinguistic strategies. *Corpus Pragmatics*, 4(3), pp. 333–358, <https://doi.org/10.1007/s41701-020-00084-y>.
- Thomas, J. (1983). Cross-Cultural Pragmatic Failure, *Applied Linguistics*, 4, pp. 91–112, <https://doi.org/10.1093/applin/4.2.91>.

Building ‘Take’-Serial Verb Constructions in Benue-Kwa

Jakob Maché

This paper demonstrates how the event structure of monoclausal ‘take’/‘use’-serial verb constructions (SVC) is achieved through formation of a predicate complex that exhibits the macro-event property (cf. Bohnemeyer und Van Valin 2017). Recent studies have identified these constructions as one of the most dominant types of SVCs in Benue-Kwa (Atlantic-Congo) languages (e.g. Baumann 2022, S. 82–91, Shluinsky 2017, S. 358).

- (1) mo [VP₁ fi àdà] [VP₂ gé igi náà].
1S take cutlass cut tree the
‘I cut the tree with a cutlass’ YORÙBÁ

It is contested whether these ‘take’-SVCs are best analysed as head-complement structures (cf. Baker 1989, Collins 1997, Aboh 2009 and Zimmermann und Amaechi 2020) or as head-adjunct structures (cf. Bámgbós.é 1974, S. 34–36, Lawal 1989, 1993, Déchaine 1993) Following Pollard und Sag (1994, S. 34, 56), we assume that in head-complement structures, both the syntactic and semantic properties of the mother node are determined by the head-daughter, whereas in head-adjunct structures, the syntactic properties of the mother are characterised by the head-daughter, but the semantic properties are defined by the adjunct-daughter. Since there is no compelling evidence showing that ‘take’-VPs qualify as heads, they will be analysed as adjuncts to the VP₂. In some languages, however, ‘take’-verbs exhibit features of grammaticalisation, such as the loss of canonical verbal features, including the ability to host TAM markers or to act as lexical full verbs in simple sentences. Examples include Àkán *de* (cf. Stewart 1963, S. 146, Campbell 1996, S. 91–92) and its Ànyí cognate (cf. Leynseele 1975, S. 195), Yorùbá *fi* (Bámgbós.é 1974, S. 46–47) and *I*- in Idoma (cf. Lord 1993, S. 121–123).

Shluinsky (2017, S. 360) pointed out that there is a wide variety of ‘take’-verbs in different languages of the Kwa branch, such as (i) instrumental ‘take’ verbs, as (1) and (ii) object introducing ‘take’-verbs and (iii) lative ‘take’-verbs involving a V₂ that is a movement predicate. As will be illustrated in detail, types (i) and (ii) are characterised by a V₂ that involves an instrumental (or theme) argument in the sense of Koenig u. a. (2008, S. 185–188), which is overtly realised by means of the ‘take’-verb. In contrast, type (iii) involves a movement predicate which lacks such arguments. In line with Pollard und Sag (1994, S. 34, 56), the semantic properties of the mother node is the merger of the semantic values of the ‘take’ VP₁ and the lexical VP₂. Employing a constraint-based framework, HPSG which is built on the situation semantics based account Type Theory with Records (cf. Lücking, Ginzburg und Cooper 2021, Cooper 2023), it is assumed here that the event structures of VP₁ and VP₂ are merged yielding the semantic content of the overall ‘take’ SVC. This is achieved by means of two concepts: (i) Event structure templates and (ii) a Template Augmentation Rule (cf. Rappaport Hovav und Levin 1998, S. 109–111, 118–123 and Van Valin und Lapolla 1997, S. 102–113).

References

Aboh, Enoch Oladé (2009). “Clause structure and verb series”. In: *Linguistic Inquiry* 40.1, S. 1– 33. doi: 10.1162/ling.2009.40.1.1.

- Baker, Mark C. (1989). "Object sharing and projection in serial verb constructions". In: *Linguistic Inquiry* 20.4, S. 513–553. url: <http://www.jstor.org/stable/4178644>.
- Bámgbósé, Ayò (1974). "On serial verbs and verbal status". In: *The Journal of West African Languages* 9.1, S. 17–48.
- Baumann, Per (2022). "Exploring a constructional approach to verb serialization in Akan". Diss. Zürich: Universität Zürich.
- Bohnenmeyer, Jürgen und Robert D. Van Valin (2017). "The macro-event property and the layered structure of the clause". In: *Studies in Language* 41.1, S. 142–197. doi: 10.1075/sl.41.1.05van.
- Campbell, Richard Gordon (1996). "Serial verbs and shared arguments". In: *Linguistic Review* 13, S. 83–118.
- Collins, Chris Thad (1997). "Argument Sharing in Serial Verb Constructions". In: *Linguistic Inquiry* 28.3, S. 461–497. url: <https://www.jstor.org/stable/4178987>.
- Cooper, Robin (2023). *From perception to communication – A type theory for action and meaning*. Oxford Studies in Semantics and Pragmatics 16. Oxford University Press.
- Déchaîne, Rose-Marie A. (1993). "Serial verb constructions". In: *Syntax: an international handbook*. Hrsg. von Joachim Jacobs. Berlin: De Gruyter, S. 789–825.
- Koenig, J.-P. u. a. (Okt. 2008). "What with? The Anatomy of a (Proto)-Role". In: *Journal of Semantics* 25.2, S. 175–220. doi: 10.1093/jos/ffm013.
- Lawal, Adénifké. S. (1989). "The classification of Yorùbá Serial verb constructions". In: *Journal of West African Languages* 19.2, S. 3–14.
- (1993). "Serial verbs in Yoruba as adjunct phrases". In: *Lingua* 91, S. 185–200. doi: 10.1016/0024-3841(93)90013-M.
- Leynseele, Hélène Van (1975). "Restrictions on serial verbs in Ànyí". In: *The Journal of West African Languages* 10.2, S. 189–218.
- Lord, Carol, Hrsg. (1993). *Historical change in serial verb constructions*. Amsterdam: John Benjamins.
- Lücking, Andy, Jonathan Ginzburg und Robin Cooper (2021). "Grammar in dialogue". In: *Head-Driven Phrase Structure Grammar: The handbook*. Hrsg. von Stefan Müller u. a. Berlin: Language Science Press, S. 1155–1199. doi: 10.5281/ZENODO.5599870.
- Pollard, Carl und Ivan A. Sag (1994). *Head driven phrase structure grammar*. Studies in contemporary linguistics. Stanford: CSLI.
- Rappaport Hovav, Malka und Beth Levin (1998). "Building verb meanings". In: *The projections of arguments. Lexical and compositional factors*. Hrsg. von Miriam Butt und Wilhelm Geuder. Stanford, CA: Center for the Study of Language und Information, S. 97–134.
- Shluinsky, Andrey (2017). "An intragenetic typology of Kwa serial verb constructions". In: *Linguistic Typology* 21.2, S. 333–385. doi: 10.1515/lingty-2017-0008.
- Stewart, John M. (1963). "Some restrictions on objects in Twi". In: *Journal of African Languages* 2, S. 145–149.
- Van Valin, Robert D. und Randy Lapolla (1997). *Syntax: Form, meaning, and function*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Zimmermann, Malte und Mary Chimaobi Amaechi (2020). "One but not the same: Forces, events and complex event formation in Serial Verb Constructions".

Compound Disjunctive Adverbs of Style in Portuguese

Izabela Müller, Nuno Mamede & Jorge Baptista

This paper discusses in some detail the syntactic properties of Portuguese compound (or multiword) *disjunctive adverbs of style* (noted PS), e.g. *Francamente/Com franqueza, eu não confio nele* ‘Frankly, I don’t trust him’. PS adverbs -- a.k.a. *enunciative, metalinguistic* or *illocutive* adverbs -- are sentence-external modifiers (Molinier & Levrier, 2000), as they can be detached to the beginning of a negative sentence (example above). Still, they cannot undergo clefting (i.e., extraction with *ser ... que* ‘it is ... that’): **É francamente que eu confio nele* ‘It is frankly that I trust him’. PS adverbs present certain distinguishing characteristics (Molinier & Levrier, 2000), such as (i) the property of functioning as manner adverbs modifying a performative ‘say’ verb (Harris, 1991), found in a higher-level clause: *Eu digo francamente/com franqueza que eu não confio nele* ‘I sincerely say that I do not trust him’; (ii) appear as a manner modifier of a gerundive *falando* ‘saying’, functioning as a *verbum dicendi* (Baptista 2010): *Falando francamente/com franqueza, eu (não) confio nele* ‘Frankly speaking, I (don’t) trust him’. Having been originally defined by Molinier & Levrier (2000) in reference mostly to French adverbs ending in *-ment* ‘-ly’, it is necessary to gauge whether the same taxonomic criteria also apply to Portuguese PS compound adverbs. This is the case of multiword adverbs *aqui/cá entre nós/tu e eu* ‘between you and me’, *em duas/breves palavras* ‘in two/brief words’, *em linhas gerais* ‘in general terms’, etc., which generally display the same syntactic behavior as their single-word, *-mente* ending adverbial counterparts (Costa, 2008, Paiva Raposo, 2013).

This paper contributes to a comprehensive exploration of the syntactic-semantic aspects of various classes of adverbial constructions, specifically focusing on multi-word adverbs in Brazilian Portuguese. Drawing inspiration from analogous studies conducted on European Portuguese (Palma, 2009), Spanish (Català, 2003), and French (Gross, 1996; Laporte et al., 2008), among others, our research adopts the Lexicon-Grammar theoretic framework (Gross, 1975, 1986). To date, our investigation has catalogued approximately 3,700 multi-word adverbs, with 64 among them having been classified as adverbs disjunctive of style (PS). As we delve into the characteristics of PS adverbs, we draw comparisons with other classes of sentence-external modifiers, for instance, multiword conjunctive adverbs (PC) (Müller et al., 2024). Some multiword *conjunctive* adverbs, especially those of the *reformulative* and *conclusive* subclasses, may share some of the syntactic properties of PS, for example, *em poucas palavras* ‘in a few words’. One of the main properties of the PC adverbs is that they cannot appear at the absolute beginning of a discourse; they establish a nexus between two segments, e.g., *Se a privação ao som se prolonga, aquela via do nervo até o cérebro deixa de funcionar. Em poucas palavras, o cérebro deixa de aprender a escutar.*³ ‘If sound deprivation is prolonged, the pathway from the nerve to the brain stops working. In a few words, the brain stops learning to listen’. However, *em poucas palavras* also accommodate the performative ‘say’ verb, as in *(Eu digo) em poucas palavras, a situação está muito complicada* ‘(I say) in a few words, the situation is very complicated’. There are also considerations regarding other classes, specifically those that modify internal constituents of

³ 7122254866 <https://conexaoto.com.br/2014/09/08/perda-da-audicao-em-idosos-pode-desencadear-depressao>

the predicate and may overlap with the PS adverbs, such as adverbs of manner (MV), *em bom português* ‘in good Portuguese’ adverbs of point of view (MP) *na minha opinião* ‘in my opinion’.

The paper aims to delineate the formal properties and semantic nuances of this adverbial category and offer an exhaustive analysis of its multifaceted roles in discourse. We achieve this by examining their occurrences in the *Roda Viva* corpus (Miranda *et al.*, 2024). This corpus comprises contemporary Brazilian Portuguese transcripts of 711 interviews with diverse Brazilian (and some international) personalities, covering a range of topics in a relatively informal style. The interviews, collected until 2009, offer a rich source for identifying the prevalent uses of adverbs, catering to a broad audience.

As a result of this study, we will curate a sub-corpus of annotated discourses featuring PS adverbs. This annotation will help elucidate and explicate the most salient semantic concepts conveyed by these adverbs and the corresponding modification of the sentences in which they appear. Two annotators performed this annotation independently, following a set of guidelines. To ensure experimental reproducibility, inter-annotator agreement will be calculated. Ultimately, we aim to make this annotated corpus publicly accessible, serving the wider linguistic community.

References

- Baptista, Jorge (2010) *Verba dicendi*: a structure looking for verbs. In: Nakamura, Takuya; Laporte, Éric; Dister, Anne; Fairon, Cédric (eds.). *Les Tables. La grammaire du français par le menu. Mélanges en hommage à Christian Leclère. Cahiers du CENTAL 6*, CENTAL, Louvain-la-Neuve, Belgique, June 2010, pp.11-20
- Català, Dolores (2003) *Les adverbos compostos. Abordajes contrastivos en lingüística aplicada* (Doctoral dissertation). Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona).
- Costa, João (2008). *O advérbio em português europeu*. Lisboa: Colibri.
- Gross, Maurice (1975) *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann.
- Gross, Maurice (1986) *Grammaire transformationnelle du français: 3 - Syntaxe de l'adverbe*. Paris: ASSTRIL.
- Gross, Maurice (1996) *Lexicon-Grammar*. In Keith Brown & Jim Miller (eds.). *Concise Encyclopedia of Syntactic Theories*. Cambridge: Pergamon, pp. 244-259.
- Laporte, Éric, & Voyatzi, Stravoula (2008) An electronic dictionary of French multi-word adverbs. In *Language Resources and Evaluation Conference. Workshop towards a Shared Task for Multi-word Expressions*, pp. 31-34.
- Molinier, Christian, & Levrier, Françoise (2000) *Grammaire des adverbes: description des formes en -ment*. Genève: Librairie Droz.
- Müller, I., Baptista, J., & Mamede, N. J. (2024). *Conjunctive Multi-word Adverbs in Portuguese*. Communication presented at International Conference on ‘Discourse Markers in Romance Languages’ (DISROM 8) Lisbon, June 19-21, 2024.
- Palma, Cristina (2009). *Estudo contrastivo português-espanhol de expressões fixas adverbiais*. Master’s thesis. Faro, Portugal: U. Algarve, FCHS.
- Paiva Raposo, Eduardo (2013) Advérbio e sintagma adverbial. in Paiva Raposo, Eduardo *et al.* (orgs.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol.2, pp. 1569-1675.

Souza de Miranda Jr., Isaac, Wick-Pedro, Gabriela, Dias de Barros, Cláudia, & Vale, Oto A. (2024). *Roda Viva* boundaries: An overview of an audio-transcription corpus. In *3rd Workshop on Digital Humanities and Natural Language Processing* (to appear). Universidade de Santiago de Compostela, Galicia, Spain. Co-located with PROPOR 2024, March 12, 2024.

Temperature Adjectives in European Portuguese: Thermal and Metaphorical Meanings

Yichang Ge, Fátima Silva & Fátima Oliveira

Temperature adjectives play a distinct and multifaceted role, serving as linguistic vehicles to convey both the sensory perception of physical temperature and metaphorical extensions that resonate across various spheres of communication.

Languages may exhibit significant diversity in the number of temperature terms, their categorization, and word class allocation (e.g. Plank 2003, Koptjevskaja-Tamm & Rakhilina 2006, Koptjevskaya-Tamm 2015,). In addition, across different languages, we observe recurring patterns in how temperature adjectives are semantically represented. These patterns often extend beyond conveying temperature alone, encompassing metaphorical meanings (e.g. Juvonen & Nikunlassi 2015, Perkova 2015, Rasulić 2015).

In European Portuguese (EP), linguistic research on terms related to temperature, namely temperature adjectives, is quite limited, and it has received little attention, except for a separate subclass in the classification of descriptive adjectives in EP (Veloso & Raposo 2013) and some metaphorical uses. With the aim of better understanding temperature adjectives in EP, we selected a set of eight temperature adjectives (*gélido, gelado, frio, fresco, morno, tépido, quente, escaldante / icy, cold, chilly, cool, lukewarm, tepid, hot, scorching*) and their non-metaphorical and metaphorical readings, respectively illustrated by the adjective 'tépido' in (1) and (2):

(1) No princípio do século já se aconselham os banhos desde que tomados com água tépida. (CRPC, L0984) [At the beginning of the century, baths were already recommended as long as they were taken with tepid water]

(2) Os Estados Unidos pediram o apoio dos outros países árabes, mas receberam uma resposta tépida. (CRPC, R3682) [The United States asked for the support of the other Arab countries but received a tepid response]

For their study, we compiled a corpus of 2925 fragments extracted from the CRPC Corpus (Corpus of Reference of Contemporary Portuguese) (Mendes et al. 2012), and we followed a quantitative and qualitative approach to their analysis. For the quantitative analysis, we considered the number of occurrences and contextual frequency. The qualitative analysis aimed at the description of these adjectives' syntactic and semantic features, as well as their non-metaphorical and metaphorical readings. The data classification was validated by two linguist experts.

The results showed that all adjectives have metaphorical readings beyond the basic temperature reading. However, based on the data, it is observed that not all of them distribute themselves in the same way regarding the two possibilities. Furthermore, these adjectives can occur in both attributive and predicative positions, although the attributive position proves to be dominant in all of them, and in this position, they mainly occur post-nominally. Besides, although these adjectives are descriptive and, therefore, admit degrees, not all of them respond in the same way to the possibility of co-occurrence with degree

quantifiers. Although the nouns with which the adjective combines are of utmost relevance, the alternation between the temperature and the metaphorical readings also depends on the larger context. Both in temperature readings and in the metaphorical ones, it is observed that, according to the nouns with which each adjective combines, it was possible to organize a set of parameters associated with temperature and metaphorical uses. This also allowed us to establish relationships between groups of adjectives located at different points on the temperature scale, using conceptual metaphors (e.g., Lakoff & Johnson 1980; Kövecses 2005).

Keywords: Temperature adjectives, European Portuguese, thermal readings, metaphorical readings, corpus

References

- Juvonen, P., & Nikunlassi, A. N. (2015). Temperature adjectives in Finnish. In M. Koptjevskaja-Tamm (Ed.), *The Linguistics of Temperature* (pp. 491–536). John Benjamins Publishing Company.
- Koptjevskaja-Tamm, M. (2015). Introducing “The linguistics of temperature.” In M. Koptjevskaja-Tamm (Ed.), *The Linguistics of Temperature* (pp. 1–42). John Benjamins Publishing Company.
- Koptjevskaja-Tamm, M., & Rakhilina, E. V. (2006). “Some like it hot”: On the semantics of temperature adjectives in Russian and Swedish. *Language Typology and Universals*, 59(3), 253–269.
- Kövecses, Z. (2005). *Metaphor and Culture: Universality and Variation*. Cambridge University Press.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors We Live By*. The University of Chicago Press.
- Mendes, A., Génereux, M., Hendrickx, I., Pereira, L., Fernanda Bacelar, M., & Antunes, S. (2012). *CQPWeb: uma nova plataforma de pesquisa para o CRPC*. XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 466–477.
- Perkova, N. (2015). Adjectives of temperature in Latvian. In M. Koptjevskaja-Tamm (Ed.), *The Linguistics of Temperature* (pp. 216–253). John Benjamins Publishing Company.
- Plank, F. (2003). *Temperature Talk: The Basics Revisited*. https://ling.sprachwiss.unikonstanz.de/pages/home/plank/for_download/presentations_2/24_FP_TempTalk_Rev_iii10.pdf.
- Rasulić, K. (2015). What’s hot and what’s not in English and Serbian: A contrastive view on the polysemy of temperature adjectives. In M. Koptjevskaja-Tamm (Ed.), *The Linguistics of Temperature* (pp. 254–299). John Benjamins Publishing Company.
- Veloso, R., & Raposo, E. (2013). Adjetivo e Sintagma Adjetival. In *Gramática do Português* (pp. 1359–1493). Fundação Calouste Gulbenkian.

Sensitivity to L2 Portuguese rhythm is driven by consonantal variability

Marisa Cruz & Chao Zhou

Although studies on L2 speech rhythm are still scarce, some prior production studies have shown that rhythmic patterns may change as a function of L2 proficiency (e.g., Ordin & Polyanskaya, 2014). However, such change in L2 rhythm production may not be perceptually identified by native listeners of the target language (Ordin & Polyanskaya, 2015; van Maastricht et al., 2021), questioning the relevance of speech rhythm at the interplay of prosodic cues in L2 speech.

In this study, we assessed whether native listeners of European Portuguese (EP), which displays a mixed rhythmic nature (Frota & Vigário, 2001), can perceptually detect the rhythmic difference in L2 Portuguese spoken by L1-Mandarin (syllable-timed - Lin & Wang, 2007) learners with different proficiency levels (intermediate – INT, and advanced - ADV). Although a previous production study reported that the L2 Portuguese rhythm by Chinese learners develop from more syllable-timed patterns to more target ones (Zhou et al., 2017), on the basis of the literature on L2 rhythm perception, native EP listeners might not be sensitive to such rhythmic development in L2 speech.

Following the design in Cruz (2013), an AX discrimination task was set up and performed by 16 EP native listeners (aged 19-65). L2 speech samples were first selected from a corpus by Zhou (2021), who recorded 61 L1-Mandarin learners (30 advanced and 31 intermediate) reading the Portuguese version of “The North Wind and the Sun”. We recorded the same text by 10 EP native speakers (NAT). These speech materials were then segmented into IPs and low-pass filtered at a frequency of 400Hz. The F0 contour was flattened in order to eliminate intonational cues from the signal. EP-speaking participants were told that they would be listening to acoustically modified sentences of 3 different exotic languages: Vedda (L1 Portuguese), Waigali (L2-INT Portuguese), and Zazaki (L2-ADV Portuguese). After the familiarization phase in which they listened to 4 sentences of each group, isolated and in same/different pairs, and had to perform on 14 discrimination trials with feedback, the participants performed on 30 trials without feedback (6 same trials, 12 intermediate-native and 12 advanced-native trials) in the test phase.

D-prime scores were first calculated from learners’ discrimination responses and a mixed-effects linear regression confirms that Portuguese native listeners were better at discerning the rhythmic difference in the intermediate-native group than that in the advanced-native group ($b=0.53$, 95%CI[0.34 , 0.73], $p<.001$), as illustrated in Figure 1, where the accuracy rates were plotted as a function of rhythmic group. We further explored which rhythmic metrics (%V - proportion of vocalic intervals - or deltaC - duration variability of consonantal intervals) predict EP listeners’ perceptual performance. Another maximal mixed-effects logistic regression on learners’ discrimination responses reveal a significant effect of deltaC ($b=0.023$, 95%CI[0.0014 , 0.044], $p=0.036$), but not for %V.

Taken together, these results suggest that native listeners of the target language are sensitive to the development of L2 speech rhythm, which is indeed an important component of L2 speech prosody. Moreover, EP listeners’ rhythmic discrimination is driven by the different degrees of consonantal variability in L2 Portuguese produced by learners’ different proficiency levels.

Selected references

- Ordin, M & Polyanskaya, L. (2015). Perception of speech rhythm in second language: The case of rhythmically similar L1 and L2. *Frontiers in Psychology, 6*, 316. doi: 10.3389/fpsyg.2015.00316
- van Maastricht, L., Zee, T., Krahmer, E., & Swerts, M. (2021). The interplay of prosodic cues in the L2: How intonation, rhythm, and speech rate in speech by Spanish learners of Dutch contribute to L1 Dutch perceptions of accentedness and comprehensibility. *Speech Communication, 133*, 81–90.
- Frota, S., & Vigário, M. (2001). On the correlates of rhythmic distinctions: The European/Brazilian Portuguese case. *Probus, 13*, 247-273.
- Lin, H., & Wang, Q. (2007). Mandarin rhythm: An acoustic study. *Journal of Chinese Linguistics and Computing, 17*(3), 127-140.

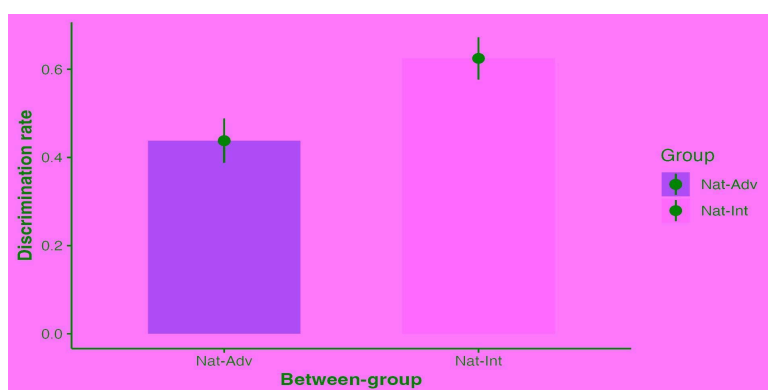


Figure 1. Proportion of correct responses per condition: Native-Advanced L2 and Native-Intermediate L2.

Are phonological universals modality-specific?
Modelling the asymmetry between L2 tonal perception and production

Chao Zhou & João Veríssimo

Previous production studies on the L2 acquisition of Mandarin tones have revealed an effect of the Obligatory Contour Principle (OCP; Leben 1973), with L2 learners avoiding the production of identical tones on adjacent syllables, regardless of their L1 (Zhang 2007; 2016; Song 2021). In contrast, in a recent perceptual study with 59 L1-Portuguese learners, Zhou and Veríssimo (submitted) found support for a null effect of the OCP on the perception of adjacent Mandarin tones. The production-specific OCP effect might be attributed to the fact that L2 learners develop distinct perception and production grammars (Ramus et al., 2010). However, in the current study, we argue that the assumption on separate grammars is not necessary. In We model the asymmetry between L2 tonal perception and production within a generative linguistic model, the Harmonic Grammar version of the BiPhon model (Boersma 2011), where all constraints reward satisfaction and interact in an additive manner (Zhou & Hamann, 2024).

The L2 perception grammar is illustrated in (1), where we formalise how auditory events are mapped onto abstract tonal categories (pre-lexical perception targeted by a forced-choice identification task). When hearing adjacent syllables carrying two identical pitch events (simplified as high and flat F0, prototypical for Mandarin Tone1), the learner categorises two identical tones. Although the OCP constraint is present in the learner grammar, it does not exert any impact on L2 perception. This is because the decision-making of the L2 perception grammar is determined by the highest weighed cue constraint “[F0: Hig Lev] /Tone1/”, which requires a high and flat F0 to be mapped onto Tone1. The faithfulness constraint “Faith”, which requires correspondence between surface and underlying forms, is not activated here since no underlying form is involved in pre-lexical categorisation. The other cue constraint “[F0: Hig Lev] /Tone2/” is not decisive in choosing the winning candidate due to its low weight. The relative weighting between the two cue constraints represents learners’ knowledge that high and level pitch movement more likely indicate Tone1 than Tone2 in Mandarin.

Given that all constraints and constraint weights are used in both processing directions in BiPhon, the perception grammar in (1) and the production one in (2) are essentially the same. We formalise the experimental results of prior real-word production studies by feeding the grammar in (2) an underlying form (given in pipes) with two identical tones. The mapping from underlying form to surface form (phonological production) is evaluated by the faithfulness constraint and the structural constraint OCP. The weighting condition $w\{OCP\} \gg w\{Faith\}$ leads to the selection of candidates without identical tone sequences.

In sum, our modelling shows that the observed modality-specific OCP effect does not necessarily imply that learners construct distinct L2 perception and production grammar. As discussed in Boersma (2006), perceptual and production experiments normally target mappings between different representational levels. Therefore, the same L2 grammar may yield different outputs depending on the type of input that it receives.

(1) L2 perceptual identification of two adjacent high level tones.

	8	4	3	2	
[F0: Hig Lev Hig Lev]	[F0: Hig Lev] /Tone1/	OCP	Faith	[F0: Hig Lev] /Tone2/	H
☞ /Tone1.Tone1/	+2				16
/Tone2.Tone1/	+1	+1		+1	14
/Tone1.Tone2/	+1	+1		+1	14
/Tone1/	+1	+1			12

(2) L2 production of two adjacent high level tones.

	8	4	3	2	
[T1T1]	/Tone1/ [F0: Hig Lev]	OCP	Faith	/Tone2/ [F0: Hig Lev]	H
/Tone1.Tone1/			+2		6
☞ /Tone2.Tone1/		+1	+1		7
☞ /Tone1.Tone2/		+1	+1		7
☞ /Tone1/		+1	+1		7

Selected references

- Boersma, P. (2011). A programme for bidirectional phonology and phonetics and their acquisition and evolution. In A. Benz & J. Mattausch (Eds.), *Linguistik Aktuell/Linguistics Today* (Vol. 180, pp. 33–72). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Ramus, Peperkamp, S., Christophe, A., Jacquemot, C., Kouider, S., & Dupoux, E. (2010). A psycholinguistic perspective on the acquisition of phonology. In C. Fougeron, B. Kühnert, M. D’Imperio, & N. Vallée (Eds.), *Laboratory Phonology 10* (pp. 311–342). De Gruyter Mouton.
- Song, C. (2021). What is in the final stage of inter-language? Tone errors and phonological constraints in spontaneous speech in very advanced learners of Mandarin. In Chunsheng Yang (Ed.), *The acquisition of Chinese as a second language pronunciation* (pp. 21–54). Singapore: Springer Singapore.
- Zhang, H. (2007). *A phonological study of second language acquisition of Mandarin Chinese tones* (Master’s thesis). University of North Carolina at Chapel Hill.
- Zhang, H. (2016). Dissimilation in the second language acquisition of Mandarin Chinese tones. *Second Language Research*, 32(3), 427–451.
- Zhou, C., & Hamann, S. (2024). Modelling the acquisition of the Portuguese tap by L1-Mandarin learners: A BiPhon-HG account for individual differences, syllable-position effects and orthographic influences in L2 speech. *Glossa*, 9(1).

Assessing cross-linguistic perception of L2 Portuguese vowels

Anabela Rato, Ana Beatriz Queirós, Gabriela Tavares & Susana Correia

Two of the key questions that guide L2 speech learning research are the perceptual relationship between the L1 and the L2 sound inventories ('the mapping issue' [1]) and how this relationship may impact learning when acquiring a non-native phonological system ('the learning difficulty/ease issue' [1]). Theoretical models of L2 speech acquisition [e.g. 2-5] hypothesize that the degree of perceived phonetic similarity between the L1 and L2 phonological systems predicts the relative difficulty/ease in L2 speech learning. In this study, we address these issues by examining the perceived cross-linguistic (CL) similarity between L2 European Portuguese and L1 Canadian English (CE)/Southern British English (SBE) sounds to predict the learning of the Portuguese oral vowels /i/, /e/, /ɛ/, /ɐ/, /a/, /ɔ/, /o/, /u/ at the onset of L2 acquisition. 26 L1 CE-speaking participants (13F; Mn age: 32.2 (SD=6.4)), and 29 L1 SBE speakers (15F, 2Nonbinary; Mn age: 32.2 (SD=7.2)), who were naïve to European Portuguese (i.e., who have never been exposed to or had any experience with the target language), were asked to complete a crosslanguage perceptual assimilation task (PAT) and a language background questionnaire (adapted from LSBQ [6]). Two tasks were designed, one for the Canadian English group and another for the British English cohort. In each of the PATs, participants listened to pseudowords 'CVC([i]) (C=consonant, V=vowel) with both the target L2 European Portuguese vowels (for example: *fite*, *site*) and either the 11 SBE vowels /i/, /ɪ/, /ɛ/, /æ/, /ʌ/, /ɜ/, /ɑ/, /ɒ/, /ɔ/, /ʊ/, /u/, or the 12 CE vowels /i/, /ɪ/, /eɪ/, /ɛ/, /æ/, /ʌ/, /ɜ/, /oʊ/, /ʊ/, /u/, /ɑ/, /ɒ/ (for example, *sit*, *fit*). Participants were first asked to map both EP and CE or SBE phones to English vowels using a set of 11 or 12 response labels, respectively, that consisted of keywords with the orthographic form <hVd>, representing each of the English vowels. Immediately after, participants listened to the same pseudowords again and were asked to rate category goodness-of-fit (GoF) of each vowel token in a 7-point Likert scale ranging from 1 (*poor example*) to 7 (*very good example*). The experiment took approximately 30 minutes. We used the Gorilla Experiment Builder (www.gorilla.sc) to create and host our study [7]. All data was collected online, and participants were recruited through Prolific (www.prolific.com). For our preliminary analysis, we calculated the mean percentage of assimilation of both L2 and L1 phones to L1 vowels. We considered phones to be categorized when consistently mapped to a specific L1 category above a 50% threshold, otherwise they were deemed uncategorized (e.g., [8], Table 1).

Table 1. Mean percent of categorization of Portuguese phones to CE and SBE vowels.

EP vowels heard	[i]	[e]	[ɛ]	[a]	[ɐ]	[ɔ]	[o]	[u]
CE	/i/: 74.7	/ɪ/: 81.7	/ɛ/: 48.4; /æ/: 27.2	/æ/: 72.4	/ʌ/: 55.4	/ɒ/: 45.4; /ʌ/: 28.5	/ʊ/: 57.1	/u/: 50
SBE	/i/: 67.2	/ɪ/: 84.3	/ɛ/: 72.6	/æ/: 85	/ʌ/: 42.5; /ɛ/: 22.3; /æ/: 21.1	/ɒ/: 47.7; /ʌ/: 21.9	/ʊ/: 52.7	/u/: 63.3

These results will be discussed within the PAM framework [1-2], including the predictions for L2 vowel ease/difficulty of learning for each L1 English variety, as well as the intergroup vowel assimilation and ranking differences.

Keywords: cross-linguistic speech perception; perceptual assimilation; L2 Portuguese vowels; L1 Southern British English, L1 Canadian English

References

1. Bohn, O-S. (2018). Cross-language and second language speech perception. In E.M. Fernandez, and H. S. Cairns (Eds.), *Handbook of Psycholinguistics* (pp. 213-239). New Jersey, USA: Wiley.
2. Best, C. (1995). A Direct Realist View of Cross-Language Speech Perception. In W. Strange (Ed.), *Speech Perception and Linguistic Experience: Issues in Cross Language Research* (pp. 171-204). Timonium, MD: York Press.
3. Best, C., & Tyler, M. (2007). Nonnative and second-language speech perception: Commonalities and complementarities. In O.-S. Bohn, & M. Munro (Eds.), *Language Experience in Second Language Speech Learning – In honor of James Emil Flege* (pp. 13-34). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
4. Flege, J. and Bohn, O-S. (2021). The Revised Speech Learning Model (SLM-r). In R. Wayland (Ed.) *Second Language Speech Learning: Theoretical and Empirical Progress* (pp. 3-83). Cambridge: Cambridge University Press.
5. Escudero, P., & Boersma, P. (2004). Bridging the gap between L2 perception research and phonological theory. *Studies in Second Language Acquisition*, 26(4), 551-585.
6. Anderson, J. A. E., Mak, L., Chahi, A. K., & Bialystok, E. (2018). *Language and Social Background Questionnaire-Revised (LSBQ)* [Database record]. APA PsycTests.
7. Anwyl-Irvine, A.L., Massoné, J., Flitton, A., Kirkham, N.Z., Evershed, J.K. (2019). Gorilla in our midst: an online behavioural experiment builder. *Behavior Research Methods*. doi: <https://doi.org/10.3758/s13428-019-01237-x>
8. Bundgaard-Nielsen, R. L., Best, C. T., & Tyler, M. D. (2011). Vocabulary size matters: The assimilation of second-language Australian English vowels to first-language Japanese vowel categories. *Applied Psycholinguistics*, 32(1), 51–67

A formal account for the orthographic-auditory cue integration in L2 Portuguese

Silke Hamann & Chao Zhou

L2 phonological development is subject to orthographic influences (see Bassetti et al. 2015 for an overview). In particular, if the grapheme-to-phoneme mappings are incongruent in L1 and L2, as e.g. Portuguese <r>/r/ - Chinese Pinyin <r>/ɹ/, the L1 orthographic mapping often determines the L2 output: though the Portuguese tap is not perceived as Mandarin /ɹ/, learners use [ɹ] for the L2 tap after being exposed to the written form (Zhou & Hamann 2020). Recent experimental evidence, however, indicates that orthographic effects on L2 phonology go beyond such incongruent letter-to-sound mappings, as learners may categorise an innovative form that does not strictly correspond to either the orthographic or the auditory input.

In this study, we consider such a case of cross-modal, cross-language (L2 orthographic and L1 perceptual) cue integration reported in a previous experiment by Zhou & Hamann (2020). We provide a formalisation of this case with a generative model that allows for cross-modal interaction, namely *Bidirectional Phonology and Phonetics* (BiPhon; Boersma 2007) with the extension of a reading grammar (Hamann & Colombo 2017), where the cross-modal cue integration is formalised as an additive effect in Harmonic Grammar (HG) with constraint satisfaction.

The European Portuguese (EP) tap is perceptually categorised as /t/ by some naïve Mandarin speakers due to the presence of a short closure phase. Exposure to written input <r> leads many of these listeners to modify the categorisation of the Portuguese tap to /l/ (while the Mandarin grapheme-to-phoneme convention would lead to /ɹ/). To formalise this cue integration, we constructed a multi-modal Mandarin perception grammar, which represents naïve listeners' grammar, and fed it with the EP input.

As shown in (1), when receiving only auditory input (simplified as two relevant cues for the current study, high F3 formant and closure), the Mandarin grammar categorises the tap as a /t/, because the closure cue is weighed over the spectral ones. This cue-weighting strategy is formalised by attributing the highest weight to the cue constraint that maps [closure] onto a stop. For the other two cue constraints responsible for perceiving formant structure as a sonorant sound, the one targeting /l/ has higher weight because a high F3 formant correlates with an anterior place of articulation. The orthographic constraint is not activated when input only contains auditory events, thus the winning candidate is determined by the highest-weighted cue constraint. When both auditory and orthographic cues are given, the Mandarin grammar still categorises a /t/, see (2), where the orthographic constraint takes part in decision-making, but it does not exert an effect due to its relative low constraint weight (0.2, in red). The multimodal grammar in (1) and (2) represents those L1-Mandarin listeners who show a rather weak reliance on orthographic cues in L2 speech learning.

How about those listeners who rely more on orthography? After gradually increasing the orthographic constraint's weight, our modelling yields the observed cue integration. The grammar in (3) has the same cue knowledge (the first three constraints) as in (1) and (2), while the orthographic constraint has a weight of 0.6 (in red). It rewards the retroflex approximant /ɹ/ intended by Mandarin grapheme-phoneme conversion with a score of 0.6 (1 (full satisfaction) × constraint weight). The candidate /l/ also gives a score of 0.3 (0.5 (half satisfaction) × constraint weight) because /l/ matches with the phonological form targeted by

the letter <r> on only one feature [+son]. Due to the cumulative constraint interaction in HG, the category /l/ promoted by both auditory and orthographic cues turns out to be the winner.

(1) Perceptual input only

	0.8	0.6	0.2	0.2	H
[high F3] [closure]	[closure] /t: -son/	[high F3] /l: +son, +ant/	[high F3] /ɹ: +son, -ant/	<r> /ɹ: +son, -ant/	
/l: + son, +ant/		1			0.6
/ɹ: +son, -ant/			1		0.2
ɹ /t: -son/	1				0.8

(2) Perceptual and orthographic input – **weak reliance** on orthography

	0.8	0.6	0.2	0.2	H
[high F3] [closure] <r>	[closure] /t: -son/	[high F3] /l: +son, +ant/	[high F3] /ɹ: +son, -ant/	<r> /ɹ: +son, -ant/	
/l: + son, +ant/		1		0.5	0.7
/ɹ: +son, -ant/			1	1	0.4
ɹ /t: -son/	1				0.8

(3) Perceptual and orthographic input – **intermediate reliance** on orthography

	0.8	0.6	0.2	0.6	H
[high F3] [closure] <r>	[closure] /t: -son/	[high F3] /l: +son, +ant/	[high F3] /ɹ: +son, -ant/	<r> /ɹ: +son, -ant/	
ɹ /l: + son, +ant/		1		0.5	0.9
/ɹ: +son, -ant/			1	1	0.8
/t: -son/	1				0.8

References

- Bassetti, B., Escudero, P. & Hayes-Harb, R. (2015). Second language phonology at the interface between acoustic and orthographic input. *Applied Psycholinguistics*, 36(1), 1–6.
- Boersma, P. (2007). Some listener-oriented accounts of h-aspiré in French. *Lingua*, 117(12), 1989–2054.
- Hamann, S. & Colombo, I. E. (2017). A formal account of the interaction of orthography and perception. *Natural Language and Linguistic Theory* 35(3), 683–714.
- Zhou, C. & Hamann, S. (2020). Cross-linguistic interaction between phonological categorization and orthography predicts prosodic effects in the acquisition of Portuguese liquids by L1-Mandarin learners. *Proceedings of Interspeech 2020*, 4486–4490.

***De facto* causa ou confirma?**

Um estudo de processamento de relações discursivas explícitas e implícitas em Português Europeu

Isabel Falé, Paula Luegi, Jéssica Gomes & Amália Mendes

Como proposto em estudos anteriores (e.g., Zufferey & Gyga, 2016), existem relações discursivas mais naturais do que outras. Por exemplo, as relações causais, porque estabelecem uma relação de continuidade entre os elementos discursivos, são mais naturais e, por isso, mais fáceis de processar (Hoek et al., 2017). Pelo contrário, as relações de confirmação, que estabelecem relações de descontinuidade, são menos naturais e, conseqüentemente, mais difíceis de processar. Para além disso, a presença ou a ausência do conector discursivo também se relaciona com a maior ou a menor naturalidade da relação discursiva que se estabelece entre os elementos discursivos (Murray, 1997). Estas assunções, reportadas em estudos de outras línguas, não foram ainda verificadas experimentalmente em Português Europeu (PE). Com o intuito de investigar o processamento destas estruturas linguísticas em PE, formularam-se as seguintes hipóteses: H1 - As relações discursivas de causalidade-continuidade são mais fáceis de processar do que as de confirmação-descontinuidade; H2 - A explicitação do conector facilita o processamento das relações discursivas; H3 - A omissão do conector nas relações discursivas de causalidade-continuidade tem custos de processamento inferiores aos das relações de confirmação-descontinuidade. Numa tarefa de *self-paced reading*, analisámos o processamento do conector ambíguo “de facto”, em PE. Num *design 2x2*, manipulámos duas variáveis a dois níveis: relação discursiva, causal (ex. (1)) ou confirmativa (ex. (2)), e tipo de conector, explícito ou implícito (no final de cada frase, era feita uma pergunta de interpretação).

- (1) O Ivo / deve andar / a alimentar-se / de forma saudável. / (De facto,) [conector]/ o rapaz cresceu [Crítico]/ muito nos últimos meses [Pós-crítico]/ deste verão [Wrap-up]. (relação causal)
- (2) A Sofia / esperava / que o Ivo / estivesse mais alto. / (E de facto,) [conector]/ o rapaz cresceu [Crítico]/ muito nos últimos meses [Pós-crítico]/ deste verão [Wrap-up]. (relação confirmativa)

No total, foram apresentadas 32 frases experimentais (+64 fillers). Analisámos os tempos de reação durante a leitura de 97 falantes nativos de PE (3 participantes foram excluídos: taxa de acerto inferior a 75%) em três regiões de análise (segmentos Crítico, Pós-crítico e Wrap-up).

No segmento Crítico registaram-se efeitos principais de Relação Discursiva, com tempos de leitura mais rápidos na condição Causal, e de Tipo de Conector, com tempos mais rápidos na condição com conector explícito. Contudo, não se registaram efeitos de interação. No segmento Pós-crítico, registaram-se efeitos principais de Relação Discursiva, com tempos de leitura mais rápidos na condição Causal, de Tipo de Conector, com tempos mais rápidos na condição com conector explícito, e de interação, com tempos mais altos na condição confirmativa sem conector.

Os resultados (ver Figura 1 e Tabela 1) confirmam as hipóteses apresentadas, indicando que as condições de causa-continuidade são mais fáceis de processar do que as relações de confirmação-descontinuidade. Mais ainda, a presença do conector é facilitadora para o processamento da informação linguística, sobretudo na condição causa-continuidade.

Palavras-chave: relações discursivas; processamento de relações discursivas; self-paced reading.

Referências

- Hoek, J., Zufferey, S., Evers-Vermeul, J., & Sanders, T. (2017). Cognitive complexity and the linguistic marking of coherence relations: A parallel corpus study. *Journal of Pragmatics*. 113–131.
- Murray, J. (1997). Connectives and narrative text: The role of continuity. *Memory and Cognition* 25(2), 227–236.
- Zufferey, S., & Gygax, P. (2016). The role of perspective shifts for processing and translating discourse relations. *Discourse Processes* 53(7). 532–555.

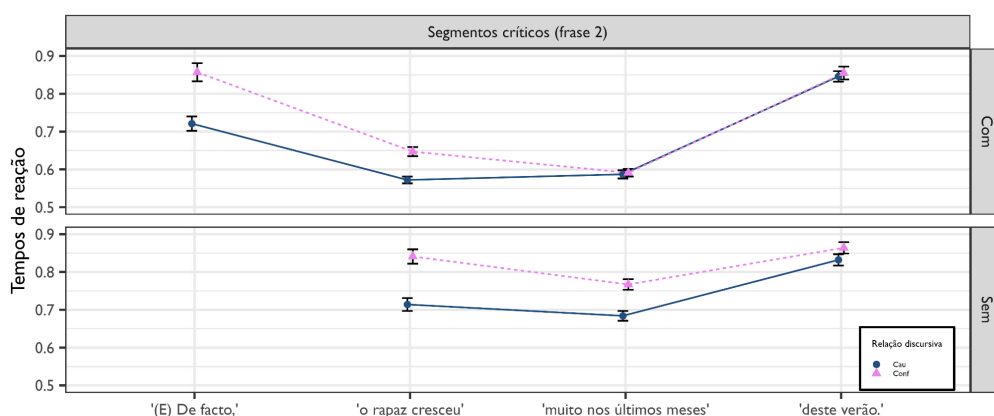


Figura 1: Tempos de reação nas regiões relevantes de análise. Tempos apresentados em segundos considerando as diferentes condições: frases causais (“cau”), confirmativas (“conf”), com (“com”) e sem (“sem”) conector.

		Est	SE	df	t-value	p-value	95%CI [2.50; 97.50]
Crítico	(Intercept)	0.689	0.019	100.548	37.114	<0.001	[0.652; 0.725]
	Relação discursiva	0.096	0.021	39.955	4.476	<0.001	[0.053; 0.138]
	Conector	0.163	0.026	72.705	6.331	<0.001	[0.112; 0.214]
	RelDisc*Conec	0.045	0.037	56.532	1.237	0.221	[-0.027; 0.118]
Pós-crítico	(Intercept)	0.654	0.017	103.935	37.763	<0.001	[0.620; 0.688]
	Relação discursiva	0.040	0.014	36.022	2.982	0.005	[0.013; 0.067]
	Conector	0.137	0.015	67.599	9.014	<0.001	[0.107; 0.167]
	RelDisc*Conec	0.076	0.025	46.490	3.043	0.004	[0.026; 0.125]

Tabela 1: Resultados da análise de modelos lineares mistos das três regiões de análise. Os resultados estatisticamente significativos estão destacados a negrito (análise de tempos de reação com transformação logarítmica).

Processamento de estruturas *garden-path* em Português Europeu: reanálise ou correferência?

Paula Luegi, Diana Simões, Jéssica Gomes & Armanda Costa

Estruturas *garden-path* como a apresentada em (1) são descritas como estruturas temporariamente ambíguas. Estudos realizados em diferentes línguas (Christianson *et al.*, 2001; Huang & Ferreira, 2021; Ribeiro, 2012; Simões, 2022) analisaram estas estruturas e verificaram que os leitores se comprometem inicialmente com a estrutura sintática mais simples, “Mary bathed the baby”, que subsequentemente dá lugar a uma frase agramatical “Mary bathed the baby played”, obrigando a uma reanálise da frase: o verbo da primeira oração passa a intransitivo e o SN à sua direita ocupa o lugar e a função de sujeito da oração seguinte (“the baby played”).

(1) While Mary bathed the baby played on the floor.

No entanto, em Português Europeu, uma outra possibilidade pode ser considerada: o SN pode manter-se como objeto do verbo inicial e considerar-se uma categoria nula como sujeito da oração principal. Numa tarefa de *self-paced reading*, analisamos a possibilidade de a segunda oração da estrutura complexa ser interpretada como uma oração de sujeito nulo. Como tal, foram criadas três condições: ambígua (2) (condição *baseline*), retoma de SN1 (3) (condição sujeito nulo) e retoma de SN2 (4) (condição *garden-path*). Nesta tarefa, 105 participantes leram 24 frases experimentais, 8 frases por condição experimental, e 48 frases *fillers*. Depois da leitura de cada frase, os participantes responderam a uma pergunta de compreensão (“A modelo/O homem assobiava na entrada do hotel?”).

(2) Enquanto o homem1 filmava a modelo2 Ø1/2 assobiava na entrada do hotel.

(3) Enquanto o homem1 filmava as modelos2 Ø1/*2 assobiava na entrada do hotel.

(4) Enquanto os homens1 filmavam a modelo2 ?Ø*1/2 assobiava na entrada do hotel.

Os resultados, na região do Verbo da segunda oração (“assobiava”), revelam um efeito marginal com tempos mais altos na condição de retoma de SN1, em comparação com a condição ambígua ($\beta=0.035$; $SE=0.019$; $t=1.902$; $p=0.060$), e também da condição de retoma de SN2, em comparação com a condição Ambígua ($\beta=0.057$; $SE=0.019$; $t=3.065$; $p=0.004$). Na região pós-verbo (“na entrada”), os tempos da condição de retoma de SN1 são mais altos do que na condição Ambígua ($\beta=0.055$; $SE=0.022$; $t=2.524$; $p=0.012$), mas não se registam diferenças entre a retoma de SN2 e a condição Ambígua. A diferença entre a retoma de SN1 e a condição Ambígua, com tempos mais altos na condição de retoma de SN1, também é significativa na região final da frase ($\beta=0.083$; $SE=0.035$; $t=2.396$; $p=0.026$). As taxas de acerto são mais elevadas na condição de retoma de SN2 do que na retoma de SN1: 84% vs. 94% ($\beta=1.5866$; $SE=0.5793$; $z=2.739$; $p=0.006$). Na condição Ambígua, há uma preferência pela retoma do SN2 (66% vs. 34%). Os resultados dos tempos de leitura das regiões analisadas parecem indicar uma maior facilidade de processamento da estrutura ambígua, favorecendo um contexto em que o leitor não é forçado a fazer uma ligação do SN “ambíguo”. Paralelamente, a correferência entre sujeitos oracionais (ex. (3)) parece ser a condição que cria, durante mais tempo, maiores dificuldades de processamento, uma vez que o efeito se mantém até à região final. A condição *garden-path* (retoma de SN2), apesar de ser desafiadora para o processamento, sendo mais difícil do que a condição Ambígua na região do verbo da segunda oração, fica resolvida nessa região, não havendo, posteriormente, custos adicionais. As taxas de acerto reforçam os resultados da análise dos tempos de leitura: a retoma de SN1 é preterida, levando a mais respostas erradas e a uma menor escolha dessa opção

na condição Ambígua. Os resultados parecem indicar que os custos de reanalisar um objeto como sujeito da oração subsequente (ou a correferência entre objeto e sujeito-nulo) são menores do que os do estabelecimento de correferência entre elementos com funções sintáticas semelhantes, ainda que este processo não exija reatribuir ou rever funções sintáticas ou interpretações até então realizadas. Os resultados serão discutidos à luz dos modelos de processamento de frases tais como a teoria *garden-path* (Frazier, 1987) e a proposta *good-enough* (Ferreira, Bailey, & Ferraro, 2002).

Referências

- Christianson, K., Hollingworth, A., Halliwell, J. F., & Ferreira, F. (2001). Thematic Roles Assigned along the Garden Path Linger. *Cognitive Psychology*, 42(4), 368–407.
- Simões, D. (2022). *Processamento de frases temporariamente ambíguas (garden-path): estudo de eyetracking em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade de Lisboa.
- Ferreira, F., Bailey, K., & Ferraro, V. (2002). Good-Enough Representations in Language Comprehension. *American Psychological Society*, 11(1), 11-15.
- Frazier, L. (1987). Sentence Processing: A Tutorial Review. In C. (Ed.), *Attention and Performance 12: The Psychology of Reading* (pp. 559-586). Hillsdale, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. 126.
- Ribeiro, A. (2008). A abordagem good-enough e o processamento de frases do português do Brasil. *Revista de Estudos Linguísticos - VEREDAS*, 12(2), 62-75.

O processamento das orações gerundivas periféricas: um estudo psicolinguístico

Juliana Novo Gomes, Purificação Silvano & António Leal

As relações discursivas (RD) são relações de significado entre unidades discursivas essenciais para a compreensão da estrutura do discurso, sendo o objeto de estudo de muitos trabalhos enquadrados em diversas perspetivas teóricas (vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Hobbs, Sanders ou Asher e Lascarides). Estas relações podem ser implícitas, não sinalizadas linguisticamente, ou explícitas (Taboada & Das, 2013). As RD explícitas são identificadas tipicamente pela presença de um marcador linguístico, que pode ser uma palavra (e.g., 'porque', assinala Explicação), mas pode também ser a própria estrutura sintática (e.g., as orações relativas assinalam Elaboração).

Há, contudo, áreas da gramática que são problemáticas no estudo das RD, como é o caso das orações gerundivas periféricas (OG) (Lobo, 2003). Efetivamente, estas orações não são tipicamente introduzidas por conetores, com a exceção das orações concessivas, que apresentam conetores, em particular no PB (cf. Silvano, Leal & Cordeiro, 2021). Por outro lado, não se pode associar à estrutura sintática das OG uma determinada RD, como foi amplamente demonstrado em trabalhos anteriores (cf., e.g., Lobo, 2003; Mória & Viotti, 2004; Cunha, Leal & Silvano, 2008; Silvano, Leal & Cordeiro, 2019). Efetivamente, o leque de RD em que as OG podem estar envolvidas é grande (cf., e.g., Mória & Viotti, 2004, ou Silvano, Leal & Cordeiro, 2019, que identificam dez relações discursivas distintas em gerundivas com gerúndio composto, parcialmente determinadas pela sua posição relativa).

A interpretação das OG, nomeadamente a sua ligação à oração principal, tem, por isso, de se basear em outros elementos gramaticais (cf., e.g., Quirk *et al.*, 1985, para o Inglês, e Lobo, 2003, para o PE). Contudo, não existe muito trabalho sobre este assunto. Relativamente apenas à interpretação temporal, Silvano, Leal & Cordeiro (2021) destacam que são fatores bastante relevantes (embora não sejam totalmente determinantes) quer a ordenação relativa das orações na frase (a gerundiva posposta tende a ter leituras de posterioridade), quer os tipos aspetuais das situações (a sucessividade temporal está claramente relacionada com situações télicas, enquanto a sobreposição temporal se relaciona com situações durativas). Em Silvano *et al.* (2023) é apresentado um *corpus* multilingue (Inglês britânico e quatro variedades de Português: europeu, brasileiro, angolano e moçambicano) de frases contendo gerundivas com gerúndio composto extraídas de jornais de diversos países. Este corpus foi anotado com relações discursivas segundo a norma ISO 24617 e inclui ainda anotação de alguns dos fatores gramaticais subjacentes à interpretação destas construções.

O trabalho que propomos pretende ser mais um contributo para o estudo das RD no âmbito das OG em Português Europeu. Em particular, vamos apresentar um estudo de leitura automonitorizada (SPR), que teve como objetivo aferir o papel da ordenação relativa das orações e do léxico na forma como são processadas as OG com gerúndio composto que estabelecem com a respetiva oração principal duas RD específicas. Estudos sobre o processamento da linguagem utilizam testes de SPR para medir o tempo de leitura (RT) dos segmentos de uma frase – os RT são utilizados como um índice da dificuldade de processamento em cada etapa (Gomes & Maia, *aceite*). Desta maneira, utilizamos o SPR para monitorar frases que tinham, como uma das variáveis linguísticas, a presença/ausência de marcador lexical da RD, comparando as OG com orações finitas. Cf. (1)- (3), para a RD de Resultado:

(1) *As declarações do presidente criaram um ambiente de mal-estar na empresa, de maneira que os funcionários realizaram uma greve de 2 dias.* (oração adverbial resultativa COM marcação lexical de Resultado, através de *de maneira que*); (2) *As declarações do presidente criaram um ambiente de mal-estar na empresa, tendo levado os funcionários a realizar uma greve de 2 dias.* (OG COM marcação lexical de Resultado, através de *levar a*) e (3) *As declarações do presidente criaram um ambiente de mal-estar na empresa, tendo os funcionários realizado uma greve de 2 dias.* (OG SEM marcação lexical de Resultado).

Outra variável explorada diz respeito à posição relativa da OG. Testes de SPR mostram-se eficientes em cronometrar o desenrolar do processamento *online* (Guedes, Leitão, Gomes, 2023). A este respeito, duas hipóteses iniciais serão testadas: (i) o estabelecimento das RD é feito de acordo com a ordem linear da frase, pelo que os falantes fazem a ligação da segunda oração à primeira oração, independentemente da estrutura sintática subjacente; (ii) as RD são determinadas pela estrutura sintática da frase, pelo que os falantes fazem a ligação da OG para a oração principal, independentemente da ordem linear final. Esperamos que os RT de cada segmento reflitam o custo de processamento e a possível reanálise subjacente ao processamento das OG – maiores tempos indicam maior custo ou reanálise na derivação sintática. Não só, ao compararmos a posição relativa da OG, esperamos que diferenças na ordem linear da frase desencadeiem assimetrias entre os níveis sintático-semânticos, causando maior ou menor dificuldade de processamento. Este custo será analisado através da comparação das diferenças estatísticas entre os RT de cada segmento das frases em todas as condições experimentais. Esperamos poder em breve contribuir para o melhor entendimento do processamento da linguagem através do estudo das RD no âmbito das OG em Português Europeu.

Palavras-chave: relações discursivas, orações gerundivas periféricas, gerúndio composto, leitura automonitorizada

Referências

- Cunha, L.F., Leal, A. & Silvano, P. 2008. Relações retóricas e temporais em orações gerundivas adverbiais. In F. Oliveira & I.M. Duarte (Orgs.). *O Fascínio da Linguagem. Actas do Colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto: CLUP/FLUP, pp.265-276.
- Gomes, J.N., Maia, M. (aceite) Not noticing the evidence: how big are illusion effects on coordination, adjunction and embedding? Special Issue in: Recursion Across Languages – The Intricacies of Babel. Cambridge University Press.
- Guedes, R.B., Leitão, M.M, Gomes, J.N. 2023. Animacidade e o Processamento de Orações Relativas de Sujeito e Objeto por Bilíngues Português–Inglês. *Revista Linguística*, 18(3) - Processamento de Segundas Línguas e Teoria Linguística em Línguas Românticas.
- Lobo, M. 2003. *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais*. Dissertação de Doutoramento: Universidade Nova de Lisboa.
- Móia, T. & Viotti, E. 2004. Sobre a semântica das orações gerundivas adverbiais. In *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 715-729, Lisboa. Associação Portuguesa de Linguística.
- Quirk, R., Greenbaum, S., Leech, G. & Svartvik, J. 1985. *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman.

- Silvano, P., Leal, A. & Cordeiro, J. 2021. On adverbial perfect participial clauses in Portuguese varieties and British English. In Sergio Baauw, Luisa Meroni & Frank Drijkoningen (Eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2018. Selected papers from Going Romance 32, Utrecht*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, pp. 263-286.
- Silvano, P., Leal, A. & Cordeiro, J. 2019. Algumas reflexões sobre a classificação de orações gerundivas em Português Europeu. *Revista da APL*, 5: 325-347.
- Silvano, P., Cordeiro, J., Leal, A. & Pais, S. 2023. DRIPPS: a Corpus with Discourse Relations in Perfect Participial Sentences. In *Proceedings of the 4th Conference on Language, Data and Knowledge*, 470-481.
- Taboada, M. & Das, D. 2013. Annotation upon annotation: Adding signalling information to a corpus of discourse relations. *Dialogue Discourse*, 4:249-281.

Rede subesquemática [[X de] que]_{connect}

Ivo da Costa do Rosário

À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha, Bispo & Silva, 2013; Rosário & Oliveira, 2016; Rosário, Oliveira & Lopes, 2022), este trabalho tem como objetivo geral demonstrar que a rede [X que]_{connect} passa por aumento de esquematicidade (Traugott & Trousdale, 2013) ao assumir como um de seus subesquemas a rede [X de]_{connect}, inicialmente responsável pela ligação de orações não finitas. Com isso, atesta-se uma verdadeira expansão da principal rede de conectores interoracionais da língua portuguesa. A interação entre a rede [X de]_{connect} e a rede [X que]_{connect} resulta na criação do subesquema construcional [[X de]que]_{connect} instanciado por *além de que*, *à exceção de que*, *em face de que*, *apesar de que*, *a respeito de que* etc. Apesar de serem atestados no uso, esses conectores, marcados por grande complexidade, estão praticamente ausentes da descrição normativa da língua portuguesa. A metodologia de pesquisa prevê um estudo de *corpus* de língua escrita sincrônica, sob o viés qualitativo (cf. Lacerda, 2016). Resultados parciais comprovam que o subesquema [[X de]que]_{connect} é alimentado pela rede [X de]_{connect} com manutenção de grande parte de suas propriedades semânticas. Além disso, a migração de conectores da rede [X de]_{connect} para a rede [X que]_{connect} cumpre o objetivo de tornar tais elementos de conexão mais versáteis, uma vez que passam a expressar diferentes expressões modo-temporais.

Palavras-chave: construções, conectores, rede [[X de]que]_{connect}

Referências

- Furtado da Cunha, M. A.; Bispo, E. B. & Silva, J. R. (2013). Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: Cezario, M. M.; Cunha, M. A. F. (Orgs). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro, RJ. Mauad x FAPERJ
- Hilmmelmann, N. (2004). Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: Bisang, W. et al. (Ed.). *What makes grammaticalization?* (pp. 21-42). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p.21-42.
- Lacerda, P. F. A. (2016). O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, volume especial, 83-101.
- Rosário, I. C. (2022). Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Revista Matraca - UERJ*, 29(56), 362-378. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/62105>
- Rosário, I. C.; Oliveira, M. R. (2016). Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*. 2(60), 233-259. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>
- Rosário, I. C.; Oliveira, M. R., Lopes, M. G. (2022). Pesquisas em Linguística Funcional Centrada no Uso. In: Rosário, I. C.; Sanchez-Mendes, L. (Ed.). *Teoria e Análise Linguística*. Niterói, RJ. EdUFF

O uso de code-switching na comunidade portuguesa residente em Andorra: um estudo sociolinguístico

Joana Aguiar

De acordo com informação da Cambra de Comerç, Indústria i Serveis d'Andorra ⁴, a população portuguesa residente em Andorra, em 2019, era de 9.212 habitantes, constituindo 11,9% da população. O objetivo deste trabalho é caracterizar o perfil sociolinguístico da comunidade portuguesa em Andorra a partir do uso da língua em contextos informais e (semi-)espontâneos. Mais especificamente, pretende-se verificar de que forma e em que contextos o fenómeno de *code-switching* (português-catalão/português-castelhano e, eventualmente, português/inglês)⁵ está presente do discurso dos falantes que têm o português como língua materna. No sentido mais lato, o termo *code-switching* consiste na justaposição, dentro da mesma interação discursiva, de elementos pertencentes a dois (sub)sistemas gramaticais distintos (Gumperz, 1982).

As alternâncias de códigos linguísticos correspondem a uma estratégia comunicativa, com motivações diversas e cuja extensão é variável, do ponto de vista sintático. Concorrem para as alternâncias entre duas línguas, entre outros, os seguintes aspetos:

- a idade e o nível de escolaridade;
- a forma e o *timing* de aquisição das línguas envolvidas no code-switching: idade de aquisição, período de exposição à(s) língua(s), contacto com a(s) comunidade(s) de fala e tipologia das redes sociais que permitem o acesso às línguas envolvidas;
- a identidade étnica, a profissão e local de trabalho, assim como as redes sociais às quais os intervenientes pertencem e com as quais se relacionam (Poplack, 1980).

Do ponto de vista linguístico, o *code-switching* permite que o locutor molde a sua interação de acordo com o contexto, o tópico e o interlocutor e possibilita o preenchimento de possíveis lacunas gramaticais ou de vocabulário (Flores, 2004). É também comum o uso de outra língua “quando esta dispõe de componentes mais económicas para expressar um dado conteúdo verbal” (Flores, 2004). O uso de outra língua permite, ainda, enfatizar ou clarificar o que é dito (Androutsopoulos, 2006) e substituir expressões vernáculas e calão, inclusive para nos dirigirmos ao outro.

De forma a verificarmos a influência do catalão e de outras línguas no discurso oral dos imigrantes portugueses residentes em Andorra, pretendemos recolher amostras de fala, em formato de entrevista informal semiconduzida. Adotou-se a metodologia de recolha de dados da sociolinguística variacionista (Labov, 2001; Tagliamonte, 2012), que realça a necessidade de desviar a atenção do informante para outros aspectos que não o processo comunicativo, de forma a facilitar a produção espontânea de formas vernáculas utilizadas no dia-a-dia. A análise da variação linguística a partir do modelo variacionista pode ajudar a esclarecer alguns aspetos relacionados não só com o funcionamento da linguagem mas também com a forma como a linguagem está representada mentalmente e socialmente (Henry, 2002). As 30 entrevistas foram realizadas seguindo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista. A amostra é estratificada de

⁴ Dados consultados online na página da Cambra de Comerç, Indústria i Serveis d'Andorra:

<https://sig.govern.ad/SIGDDE.Public/Files/Documents/Publicacions/Andorra%20en%20Xifres.%20Any%202020.pdf> (06/12/2023).

⁵ Enquanto língua “hipercentral”, o inglês é comumente utilizado em abreviaturas, siglas e acrónimos cujo uso online está convencionado. Para além destes contextos linguísticos, o uso de itens lexicais provenientes do inglês no espanhol está descrito na literatura (Lorenzo Criado, 1996).

acordo com as seguintes variáveis sociais: escolaridade (até 12 anos de escolaridade/ ensino superior), idade (entre 16-25, 26- 45 e >45) e gênero.

O tempo de permanência em Andorra, expresso em anos, foi, também, considerado para efeitos de tratamento estatístico e análise quantitativa. Para além desses dados, foram, também registados os seguintes elementos: concelho e distrito de origem dos informantes, a atividade profissional exercida e os contextos de uso das línguas. No que diz respeito às variáveis linguísticas, considerou-se a extensão das alternâncias: (i) abreviaturas, siglas e acrónimos cujo uso está convencionado (eventualmente em inglês); (ii) lexemas isolados; (iii) expressões, sintagmas ou frases (em posição intrafrásica ou interfrásica).

Os resultados mostram que a variável *escolaridade* e o tempo de residência em Andorra são fatores determinantes na frequência de ocorrência de alternâncias linguísticas e na sua caracterização.

Referências

- Androutsopoulos, J. (2005). Research on Youth Language. In U. Ammon, N. Dittmar, K. J. Mattheier, & P. Trudgill (eds.), *Sociolinguistics. An International Handbook of the Science of Language and Society* (pp. 1496-1505), Vol. 2., Berlin: de Gruyter.
- Flores, C. (2004). «Lá está ele a schmatzen!», Particularidades do Discurso de Bilingues. Luso-Alemães. *Diacrítica* 19(1), 89-108.
- Gumperz, J. (1982). *Discourse strategies*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Henry, A. (2002). Variation and syntactic theory. In Chambers et al. (Eds.), *Handbook of Language Variation and Change* (pp. 267-282). Oxford: Blackwell Publishing.
- Labov, W. (2001). *Principles of linguistic change: external factors*. Oxford, Blackwell.
- Lorenzo Criado, E. (1996). *Anglicismos hispânicos*. Madrid: Gredos.
- Poplak, S. (1980). Sometimes I'll start a sentence in spanish y termino en español: toward a typology of code-switching. *Linguistics* 18, 582-617.
- Poplak, S. (2020). A variationist perspective on language contact. In E Adamou & Y. Matras (eds.), *Routledge Handbook of Language Contact* (pp. 46-62). New York & London: Routledge.
- Tagliamonte, S. (2012). *Variationist Sociolinguistics: Change, Observation, Interpretation*. Wiley-Blackwell Publishers.

O impacto de um ensino intercultural comunicativo na aprendizagem do gênero nominal em português por imigrantes adultos

Bruno Costa, Jorge Pinto & Nélia Alexandre

Portugal atrai, há pelo menos cinco décadas, grandes fluxos migratórios, primeiramente das ex-colônias em África, de seguida do Leste europeu, do Brasil e, de modo muito marcado nos dias atuais, da Ásia (Oliveira, 2023). Nesse contexto, a inclusão social dessa população através da aprendizagem da língua portuguesa é uma das grandes questões com que se deparam as instituições governamentais. Teóricos contemporâneos tendem a analisar a relação *língua - cultura* sob uma perspetiva pós-modernista, refutando a tradicional máxima “*uma língua - uma cultura - uma nação*” e defendendo, no lugar, uma visão dinâmica e fluida (cf. Kramsch, 2013). Os modelos teóricos apresentados por Byram (1997) e Borghetti (2013) enquadram-se nessa perspetiva e servem de quadro teórico para este estudo. Byram (1997) propõe um modelo de ensino de L2 baseado no desenvolvimento da *competência comunicativa intercultural* (CCI), a qual representa a junção de duas competências: *competência comunicativa* (CC) + *competência intercultural* (CI). Borghetti (2013), por sua vez, apresenta um modelo metodológico numa perspetiva intercultural. Este modelo compreende três diferentes módulos de ensino, os quais enfocam, sucessivamente, processos cognitivos, afetivos e de consciência crítica. Ao longo de cada módulo, conhecimentos, atitudes e habilidades para o desenvolvimento da CCI são fomentados. Uma outra componente relaciona-se com a estrutura metodológica do curso, distribuída em unidades de formação que compreendem sucessivas fases: introdução do tema/motivação, apresentação do *input*, foco na forma e/ou no sentido, prática e reflexão.

Considerando tal enquadramento, esta comunicação apresenta uma proposta didática para o ensino de português como língua de acolhimento (PLA) para imigrantes adultos em Portugal, bem como alguns resultados preliminares. Serão apresentados excertos de um guião de aula desenvolvido para um curso de PLA. Trabalha-se com a hipótese de que esse guião, orientado por uma estratégia intercultural comunicativa, permite potencializar a aprendizagem da língua alvo, a partir, sobretudo, de um aumento da motivação gerado pelas partilhas interculturais em sala de aula. Para confirmar a hipótese lançada, elaborou-se um desenho experimental que envolve uma fase de pré-teste, com a aplicação de um inquérito motivacional e uma tarefa de julgamento de gramaticalidade (TJG), seguida de uma intervenção didática e, finalmente, de uma fase de pós-teste em que o instrumento e as tarefas são replicados. Os participantes são de uma turma piloto ($N=20$) num curso de PLA, situado em Lisboa, com carga horária de 150h, ao fim do qual os aprendentes alcançam o nível A2 do QECR (2001), composto por aprendentes adultos falantes de hindi/urdu como L1/L2/língua maioritária. A TJG é constituída de itens-alvo que enfocam a concordância de gênero no PE e distratores que recaem sobre outros pontos gramaticais. A escolha deste aspeto gramatical para a tarefa deve-se a três razões: (a) é adequado ao nível dos aprendentes; (b) o programa prevê a sua abordagem em diferentes momentos do curso, tornando-o saliente; e (c) a gramática do PE e a do hindi/urdu apresentam semelhanças, mas também divergências quanto ao processo de concordância de gênero, ilustradas na Tabela 1:

Tabela 1: a concordância de gênero em hindi/urdu e em PE

	Hindi/urdu	PE
Artigos	<i>São inexistentes nas línguas.</i>	<i>Concordam com o gênero do nome que determinam.</i>
Pronomes	<i>Não há flexão de gênero.</i>	<i>Há flexão de gênero (e.g., pronomes pessoais 3ª pessoa sing./pl., possessivos, demonstrativos, alguns relativos).</i>
Adjetivos	<i>Há flexão de gênero quer na função atributiva, quer na predicativa, com adjetivos terminados em -ã.</i>	<i>Há flexão de gênero quer na função atributiva, quer na predicativa, em todos os Adjs.</i>
Verbos	<i>Há flexão de gênero.</i>	<i>Não há flexão de gênero.</i>

Fonte: Adaptado de Charunrochana no referente ao hindi (1999, p. 21-22).

As categorias do gênero nominal em PE abordadas na TJG são as propostas por Ferreira (2019): (a) Categoria 1 (+sem, + form): *o menino, a menina*; (b) Categoria 2 (+sem, - form): *o homem, a mulher*; (c) Categoria 3 (-sem, +form): *o carro, a casa, a criança, a pessoa*; e (d) Categoria 4 (-sem, -form): *o dia, a tribo, o pente, a lente, o papel, a catedral, o coração, a mão, o/a motorista, o/a estudante, o cônjuge*. As condições experimentais são quatro: (i) Det + N (*o menino, a menina*); (ii) Det + N + Adj (*a rapariga alta*) e (iii) Det + Adj + N (*o jovem rapaz*); e (iv) Det + N + Cop + Adj (*a casa é grande*). Espera-se que a triangulação dos resultados obtidos no inquérito motivacional e na TJG comprovem a eficácia da proposta para o ensino do PLA em grupos multiculturais compostos por aprendentes adultos.

Palavras-chave: interculturalidade, ensino de PLA, gênero nominal, motivação, imigração.

Referências

- Borghetti, C. (2013). Integrating intercultural and communicative objectives in the foreign language class: a proposal for the integration of two models. *The Language Learning Journal*, 41 (2), p.254-267.
- Byram, M. (1997). *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Multilingual Matters.
- Charunrochana, J. (1999). The influence of grammatical gender in Hindi and German speakers' sex categorization. *MANUSYA: Journal of Humanities*, 2 (2), p.14-28.
- Council of Europe (2001) Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment. Strasbourg: Council of Europe
- Ferreira, T (2019). *Atribuição/aprendizagem do sistema de atribuição de gênero nominal em PLNM, V. 1* (Tese de Doutoramento). Universidade de Coimbra.
- Kramsch, C. (2013). Culture in foreign language teaching. *Iranian Journal of Foreign Language Teaching and Research*, 1 (1), p.57-78.
- Oliveira, C. (2023). Indicadores de Integração de Imigrantes: Relatório Estatístico Anual. Lisboa: Observatório das Migrações.

Linguagem Inclusiva: deteção de traços linguísticos de inclusividade em textos relativos ao acolhimento e integração de pessoas migrantes em Portugal

Alice Vieira, Raquel Amaro & Matilde Gonçalves

Este trabalho visa analisar dimensões linguísticas da inclusividade de textos direcionados a pessoas migrantes e utilizados na sua receção e integração em Portugal, com o objetivo de detetar e extrair traços linguísticos que permitam compreender se um texto é inclusivo e/ou integrativo no que diz respeito ao tratamento de pessoas migrantes.

A análise é realizada com recurso a técnicas de *text mining* (i.e., processo de análise de grandes quantidades de dados de texto para extrair informações e correlações relevantes) e de análise de *corpora* (Thakur & Kumar, 2021: 2). Para tal, foi compilado um *corpus* de textos referentes a pessoas migrantes, independentemente do conteúdo ou da natureza dos textos, de modo a refletir a natureza multifacetada do discurso em torno do acolhimento e integração de pessoas migrantes em Portugal. Foram considerados textos para e/ou sobre pessoas migrantes de várias fontes, incluindo *sites* direcionados a pessoas migrantes, como a página do Alto Comissariado para as Migrações e do Conselho Português para os Refugiados, e iniciativas como o Lisboa Acolhe, bem como outras entidades (e.g., bancos e serviços). Foram, igualmente, recolhidos textos de jornais e discursos políticos na Assembleia da República.

O *corpus* foi posteriormente classificado e anotado. A classificação e a anotação foram realizadas por pessoas migrantes em Portugal e produtores de conteúdos orientados para a integração e acolhimento de pessoas migrantes através de um inquérito. A cada anotador/a foi pedido que classificasse os textos da seguinte forma: *claramente inclusivo*, *implicitamente inclusivo*, *neutro*, *implicitamente exclusivo* ou *claramente exclusivo*. Foi, também, solicitado que identificassem, e se possível anotassem, o caráter ofensivo do texto e a presença de estereótipos (Sanguinetti *et al.*, 2018: 2801). Para efeitos de controlo do perfil do anotador/a, foram colocadas perguntas de teor sociolinguístico (e.g., idade, nacionalidade, tempo de permanência em Portugal, entre outras).

Os dados obtidos foram, depois, tratados no RapidMiner⁶, com o objetivo de identificar traços linguísticos e correlações relevantes entre as várias variáveis em causa (e.g., classificação, presença de estereótipos, idade, tempo de permanência em Portugal, entre outras) e organizados em *subcorpora* para análise no Sketch Engine⁷, por exemplo, no que respeita a colocações, palavras-chave, frequências lexicais, etc.

Ao identificar marcadores linguísticos de inclusividade em textos, este estudo procura contribuir para uma melhor compreensão das atitudes sociais refletidas nos textos e das abordagens governamentais que moldam o processo de receção e integração de pessoas migrantes. Os resultados podem ter implicações para os responsáveis políticos, organizadoras/es comunitárias/os e investigadoras/es com interesse em promover um quadro que favoreça a inclusão e a integração bem-sucedida das pessoas migrantes nas sociedades de acolhimento. A identificação e o estudo dos traços linguísticos indicativos de inclusividade permite construir textos mais inclusivos e contribuir para o estabelecimento de práticas fundamentadas com vista à criação de espaços de maior acolhimento e apoio às pessoas migrantes.

⁶ <https://academy.rapidminer.com/>

⁷ <https://www.sketchengine.eu/>

Palavras-chave: linguagem inclusiva, *text mining*, linguística de corpus, integração, pessoas migrantes

Referências

- Amaro, R., S. Correia, M. Gonçalves, C. Barbero & M. Magalhães (2022). Inclusive Host Language Teaching: a case study of Portuguese as Foreign Language materials targeting migrants and refugees. In: Meletiadou, E. (ed.) *Policies and Practices for Assessing Inclusive Teaching and Learning*. United Kingdom: IGI Global. pp. 183-210 DOI: <https://doi.org/10.4018/978-1-7998-8579-5.ch009>
- CE – Comissão Europeia (2020). *Action plan on Integration and Inclusion 2021-2027*. Sanguinetti, M., F. Poletto, C. Bosco, V. Patti & M. Stranisci (2018) An Italian Twitter Corpus of Hate Speech against Immigrants. In *Proceedings of LREC 2018*, Miyazaki, Japan. European Language Resources Association. <https://aclanthology.org/L18-1443/>.
- Thakur K. & Kumar V. (2021) Application of Text Mining Techniques on Scholarly Research Articles: Methods and Tools, *New Review of Academic Librarianship*, DOI:10.1080/13614533.2021.1918190

Pelo direito ao dizer: o processo de reconhecimento linguístico da Língua Gestual Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais

Vanessa Gomes Teixeira Anachoreta⁸

Devido ao fortalecimento da organização dos movimentos surdos, o final do século XX é marcado pela luta política no âmbito global para o reconhecimento das línguas de sinais. Em Portugal, a legitimação da Língua Gestual Portuguesa (LGP) acontece quando a Lei 1/97 é acrescentada na Constituição Portuguesa em 1997; já no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) teve seu estatuto reconhecido a partir da implementação da Lei 10.436 em 2002. No entanto, a análise do contexto atual evidencia que as línguas de sinais são línguas minorizadas: em geral, surdos são bilíngues enquanto os falantes da língua dominante continuam monolíngues. Tal cenário expõe a desigualdade estrutural entre línguas, já que a assimetria entre língua dominada e língua dominante constitui a situação minoritária (Lagares, 2019, 2021).

Com o intuito de compreender as relações existentes em ambos os contextos multilíngues, o presente trabalho tem como objetivo investigar os percursos de reconhecimento linguístico da Língua Gestual Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais. Partindo da perspectiva teórica da Historiografia Linguística (Batista, 2013, 2019, 2020; Koerner, 2014; Swiggers, 2009), pretende-se analisar de que forma espaços de produção, circulação e institucionalização do conhecimento - mais especificamente as associações de surdos, os contextos educacionais, o meio acadêmico-científico e o âmbito legal - promoveram mudanças nas ideias intelectuais defendidas pelo clima de opinião no século XX e contribuíram para o reconhecimento da LGP e da LIBRAS como línguas.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, interpretativa e documental, cujo *corpus* foi selecionado a partir de quatro critérios: adequação temática, tipo de documento, recorte geográfico e data de publicação. Já a análise, partindo das ideias de Swiggers (1990; 2009), contempla parâmetros internos - como objetivos, características organizacionais, temáticas abordadas e aspectos linguísticos e discursivos que revelam concepções sobre a língua nos documentos - e parâmetros externos - como o contexto sociopolítico e o clima de opinião da época.

A respeito dos resultados parciais, observa-se que os fenômenos políticos linguísticos modificam relações sociais, podendo reforçar a ordem social já estabelecida ou provocar transformações em determinado momento histórico. Ademais, decisões na esfera política acerca de uma língua contribuem para sua valorização ou rejeição, possibilitam novos espaços para sua circulação e regulam seus falantes no que respeito ao dizer, aos modos de dizer e às línguas em que pode exercer o direito de dizer.

Palavras-chave: Reconhecimento linguístico; Línguas de sinais; Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); Língua Gestual Portuguesa (LGP); Historiografia Linguística.

⁸ Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos «UIDB/00022/2020» e «UIDP/00022/2020». doi: <https://doi.org/10.54499/UIDB/00022/2020>.

Referências selecionadas

- BATISTA, R. de O. (2013). *Introdução à historiografia linguística*. São Paulo: Cortez.
- BATISTA, R. de O. (2019). *Historiografia da linguística*. São Paulo: Contexto.
- BATISTA, R. de O. (2020). *Fundamentos da pesquisa em historiografia linguística*. São Paulo: Editora Mackenzie.
- BRASIL. (2002). *Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002*. Diário Oficial da União, p. 23.
- GUESPIN, L.; MARCELLESI, J. B. (1986). Pour la glottopolitique. *Langages*, 83, 5-34.
- KOERNER, E. F. (2014). *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Braga: Estúdio de Artes Gráficas.
- LAGARES, X. C. (2019). *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola.
- LAGARES, X. C. (2021). Dinâmicas normativas e espaços linguísticos: contrastes e interseções na construção do português e do espanhol. *Treballs de Sociolingüística Catalana*, 31, 63-79.
- ORLANDI, E. P. (1998). Ética e Política Linguística. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 1 (1), 7-22.
- PORTUGAL. Ministério da Educação. (1997). *Lei Constitucional nº 1/97 de 20 de setembro de 1997*. Diário da República, I Série, A, p. 218. Lisboa: INCM.
- SWIGGERS, P. La Historiografía de la Lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista Argentina de Historiografía Lingüística*, v. 1, n. 1, p. 67-76, 2009.

Individual differences in heritage language development: A systematic review and meta-analysis

Sophie Bennett, Cristina Flores, Padraic Monaghan & Patrick Rebuschat

A heritage language (HL) is the language of origin of migrant communities, separate to a majority language (ML) that is spoken in their place of residence (Paradis et al., 2021). Research into HL acquisition has been applied to many different social and linguistic contexts, such as the morphological and syntactic development of Spanish as a HL in the United States (e.g., Montrul, 2010) and the acquisition of European Portuguese syntax and semantics in heritage speakers residing in Germany (Flores et al., 2017), amongst others. Morphosyntactic proficiency is fundamental to HL acquisition and has been widely studied through sentence repetition task performance. Given the heterogeneity of the speakers within and across HL speech communities, much of this research analyses the effect of individual difference factors on these language domains. These factors include the heritage speakers' chronological age and their age of onset of bilingualism (e.g., Armon-Lotem et al., 2021), and their current and cumulative exposure to the heritage language (e.g., Kaltsa et al., 2020).

However, it is difficult to draw conclusions on the results from all these studies due to the variation in sentence repetition task methods and measures used. A systematic meta-analysis is needed to estimate the effect sizes of these individual contributors to HL acquisition more accurately. As such, this preregistered meta-analysis and systematic review addresses the following research questions: (1) To what extent is HL proficiency affected by each of these individual difference factors; (2) To what extent are these effects moderated by the sentence repetition task design employed; (3) To what extent do these effects differ according to the specific HL and ML that these speakers are learning?

We synthesised and evaluated the effects of these individual difference factors across all eligible studies extracted from key databases (e.g., Web of Science, Linguistics and Language Behavior Abstracts, etc.). The studies were included if they empirically tested the effect(s) of chronological age, the age of onset of bilingualism, HL input quality and quantity, or the degree of HL instruction on sentence repetition performance in the HL and ML.

At the APL conference, we will present the statistical results of this meta-analysis and systematic review and discuss in detail how these relate to each of the three research questions. The results will shed light on the extent to which each of these key individual differences predict heritage language learning over a range of social and linguistic contexts, the trending language features under investigation in HL acquisition and the remaining research gaps in HL research to date.

Keywords: heritage language learning, bilingualism, individual differences, morphosyntax, sentence repetition

References

Armon-Lotem, S., Rose, K., & Altman, C. (2021). The development of English as a heritage language: The role of chronological age and age of onset of bilingualism. *First Language, 41*(1), 67–89. <https://doi.org/10.1177/0142723720929810>

- Flores, C., Santos, A. L., Jesus, A., & Marques, R. (2017). Age and input effects in the acquisition of mood in Heritage Portuguese. *Journal of Child Language*, 44(4), 795–828. <https://doi.org/10.1017/S0305000916000222>
- Kaltsa, M., Prentza, A., & Tsimpli, I. (2020). Input and literacy effects in simultaneous and sequential bilinguals: The performance of Albanian-Greek-speaking children in sentence repetition. *International Journal of Bilingualism*, 24(2), 159–183. <https://doi.org/10.1177/1367006918819867>
- Montrul, S. (2010). How similar are adult second language learners and Spanish heritage speakers? Spanish clitics and word order. *Applied Psycholinguistics*, 31(1), 167–207. <https://doi.org/10.1017/S014271640999021X>
- Paradis, J., Genesee, F., & Crago, M. B. (2021). *Dual language development & disorders: A handbook on bilingualism and second language learning* (Third edition). Paul H. Brookes Publishing Co.

The influence of working memory and inhibition on lexical development in bilingual French-Portuguese toddlers

Christophe dos Santos, Daniela Valente & Sophie Kern

The aim of the present study was to observe the early links between lexical development in simultaneous French-Portuguese bilingual children and two executive functions: working memory and inhibition.

To this end, 16 bilingual French-Portuguese children (8 girls and 7 boys) living in France or Switzerland were tested at 24-25 months (session 1) and again at 30-35 months (session 2). Their language development was assessed using the French and Portuguese Communicative Development Inventories (adaptations of the MB-CDI; (Fenson et al., 1993). Other parental questionnaires were also used to assess language dominance (PaBiQ; Tuller, 2015), developmental stages (ASQ-3™; Squires & Bricker, 2009), and executive function (BRIEF-P; Gioia et al., 2003). The children also participated in a word repetition task and a picture naming task.

Overall, the studied population is within the norm on measures of vocabulary size in French (Fr) and European Portuguese (EP), on ASQ questionnaire scores, and on the Inhibition and Working Memory scales of the BRIEF-P. In terms of changes with age, all participants produced more words, performed better on the Word Repetition task and the Picture Naming task, and scored better on the ASQ scales and on working memory and inhibition skills in Session 2 than in Session 1.

Using our coarse measures of working memory and inhibition from the BRIEF-P, we observed a strong correlation between these two variables (Session 1: $r_s = .86$; $p = .00$; Session 2: $r_s = .77$; $p = .00$). The observed correlations are consistent with previous research demonstrating a strong and bidirectional relationship between working memory and inhibition (Miyake et al., 2000). The bidirectional nature of this relationship suggests that these cognitive processes are closely intertwined. Toddlers with good working memory and inhibition have an advantage, while inhibiting irrelevant distractions, to actively maintain relevant information.

Because working memory and inhibition were strongly intertwined, we were not able to separate the effects of each variable on lexical development. Looking at the link of each of these two variables on our language scores leads to the same results. However, we conducted a cross-lagged panel correlation (Reed & Verran, 1988) between working memory and general vocabulary measures: each child's total vocabulary (Fr+EP) and each child's conceptual vocabulary (number of 'concepts' lexicalized by the child, i.e., the sum of translation-equivalent pairs in the two CDIs added to words in each language that are not translation-equivalent (Pearson et al., 1993). Correlations were more significant between session 1 working memory performance and session 2 vocabulary measures (TV: $r_s = -.519$, $p = .048$; CV: $r_s = -.547$, $p = .035$) than between session 2 working memory performance and session 1 vocabulary measures (TV: $r_s = -.482$, $p = .069$; CV: $r_s = -.518$, $p = .048$). This asymmetry in the correlations suggests a directional influence, clarifying that better working memory skills contribute to lexical development. This finding is consistent with previous research on monolinguals suggesting a positive impact of working memory on vocabulary development during the toddler years (Gathercole & Baddeley, 1993).

Keywords: working memory, inhibition, lexical development, bilingualism

References

- Fenson, L., Marchman, V., & Thal, D. (1993). *MacArthur-bates communicative development inventories : Words and sentences form MCDI*. Brookes Publishing.
- Gathercole, S. E., & Baddeley, A. D. (1993). Phonological working memory : A critical building block for reading development and vocabulary acquisition? *European Journal of Psychology of Education*, 8(3), 259-272. <https://doi.org/10.1007/BF03174081>
- Gioia, G. A., Espy, K. A., & Isquith, P. K. (2003). *BRIEF-P : Behavior rating inventory of executive function—preschool version*. Psychological Assessment Resources (PAR).
- Miyake, A., Friedman, N. P., Emerson, M. J., Witzki, A. H., Howerter, A., & Wager, T. D. (2000). The Unity and Diversity of Executive Functions and Their Contributions to Complex “Frontal Lobe” Tasks : A Latent Variable Analysis. *Cognitive Psychology*, 41(1), 49-100. <https://doi.org/10.1006/cogp.1999.0734>
- Pearson, B. Z., Fernández, S. C., & Oller, D. K. (1993). Lexical Development in Bilingual Infants and Toddlers : Comparison to Monolingual Norms. *Language Learning*, 43(1), 93-120. <https://doi.org/10.1111/j.1467-1770.1993.tb00174.x>
- Reed, P. G., & Verran, J. A. (1988). Technical Notes Cross-Lagged Panel Correlation Analysis. *Western Journal of Nursing Research*, 10(5), 671-676. <https://doi.org/10.1177/019394598801000519>
- Squires, J., & Bricker, D. (2009). *Ages & Stages Questionnaires, Third Edition (ASQ-3) : A Parent-Completed Child-Monitoring System*. Paul H. Brookes Publishing Co.
- Tuller, L. (2015). Clinical Use of Parental Questionnaires in Multilingual Contexts. In S. Armon-Lotem, J. de Jong, & N. Meir (Éds.), *Disentangling Bilingualism from Language Impairment* (p. 301-330). Multilingual Matters. <https://doi.org/doi:10.21832/9781783093137-013>

Word stress perception of European Portuguese: a study with Hungarian listeners

Gabriela Tavares, Andrea Deme & Susana Correia

Although research in L2 phonology is a growing field, studies addressing perceptual acquisition of L2 suprasegmental features, namely word stress, are still scarce. The reason for such scarcity may lie in the complexity of the acoustic cues that interact to signal stress: pitch, duration, intensity, and vowel quality. In European Portuguese (EP), for example, word stress is lexically contrastive, and stress can fall on one of the last three syllables of a word. The main cue to stress is vowel reduction [1]-[3] and, in its absence, duration. However, if stress falls on the penultimate syllable – which is the regular stress, unmarked pattern in the language –, no systematic acoustic cues are displayed [1]. Such language-specific stress properties are rarely studied from a language acquisition perspective, and few studies have attempted to investigate this topic in L2 phonological acquisition [4].

Previous research has shown that speakers of non-contrastive stress languages, such as Hungarian – a syllable-timed language with fixed stress on the first syllable [5] – display ‘deafness’ in the perception of stress contrasts [6]-[8]. These studies report stress ‘deafness’ as being general and pervasive in non-contrastive stress languages. The present study aims at observing if stress ‘deafness’ is uniformly displayed by speakers of non-contrastive stress languages learning a lexical stress language or, on the contrary, it is affected by specific stress patterns of the L2.

To this purpose, we recruited Hungarian native speakers with no previous contact with EP ($n = 117$), as well as Portuguese native speakers, to control for stimuli nativeness ($n = 12$). Participants were aged 18-45, and none reported hearing impairments. We conducted an oddity discrimination task, with CVCVCV pseudowords retrieved from Correia et al. [3], produced by two female and one male EP native speakers. Stimuli included the vowels [i] and [u], the only EP vowels which do not undergo vowel reduction in unstressed position. Trials included sequences of tokens in the following conditions: stress on the 1st syllable (e.g., [ˈdutiku]), 2nd syllable (e.g., [duˈtiku]), 3rd syllable (e.g., [dutiˈku]), 1st vs. 2nd syllable (e.g., [ˈdutiku]-[duˈtiku]), and 2nd vs. 3rd syllable (e.g., [duˈtiku]-[dutiˈku]). Following previous studies [3], [6]-[8], we also included consonantal contrasts, as a baseline condition (e.g., [buˈpili]/[buˈjili]). The experiment was built and hosted online in Gorilla Experiment Builder [9] and each participant completed 123 trials, randomly presented between participants.

A linear mixed-effects logistic model showed that *L1* was a significant factor ($\chi^2(1) = 7.67, p < .001$), with Hungarian listeners presenting more difficulties than the Portuguese participants. Moreover, Hungarian listeners performed significantly worse in the stress contrast than in consonantal contrast condition ($p < .001$), confirming a stress ‘deafness’ effect reported in previous studies. A significant interaction *L1*stress position* ($\chi^2(2) = 21.83, p < .001$) was also found (Figure 1), showing that the performance of Hungarian listeners varied as a function of stress position. Pairwise comparisons confirmed that Hungarian listeners did not perform significantly differently than Portuguese participants when stress was placed in the 1st syllable or in the 3rd syllable. These results can be explained in light of EP word stress properties, since stress on the 2nd syllable does not carry prominence, thus leading to additional difficulties in stress perception by Hungarian speakers. Furthermore, the results obtained confirm that stress ‘deafness’ does not work across-the-board and that, as with other phonological properties, stress perception is a result of the interaction between the

properties of the L1 and the L2.

With the present study we aim at contributing to a better insight into L2 word stress perception, particularly the importance of language-specific patterns in stress ‘deafness’. The findings will be discussed considering their possible application in the design of didactic tasks for L2 Portuguese

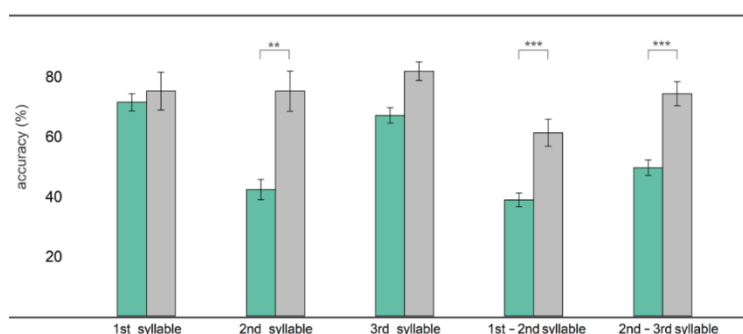


Figure 1. Accuracy for stress perception, as a function of stress position. Results for Hungarian (green) and Portuguese (grey) listeners

Keywords: L2 phonology, speech perception, word stress, European Portuguese

References

- [1] Delgado-Martins, M. R. (1986). *Sept etudes sur la perception*. Instituto Nacional de Investigação Científica.
- [2] Castelo, A. (2005). The perception of word primary stress by European Portuguese speakers. In S. Frota, M. Vigário, & M. J. Freitas (Eds.), *Prosodies. With Special Reference to Iberian Languages* (pp. 159–176). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110197587.1.159>
- [3] Correia, S., Butler, J., Vigário, M., & Frota, S. (2015). A stress “deafness” effect in European Portuguese. *Language and Speech, 58*(1), 48–67. <https://doi.org/10.1177/0023830914565193>
- [4] Chrabaszcz, A., Winn, M., Lin, C. Y., & Idsardia, W. J. (2014). Acoustic Cues to Perception of Word Stress by English, Mandarin, and Russian Speakers. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research, 57*(4), 1468–1479. https://doi.org/10.1044/2014_JSLHR-L-13-0279
- [5] Markó, A. (2017). Hangtan. In A. Imrényi, N. Kugler, M. Ladányi, A. Markó, S. Tátrai, & G. Tolcsvai Nagy (Eds.), *Nyelvtan* (pp. 75–203). Osiris Kiadó.
- [6] Peperkamp, S., & Dupoux, E. (2002). A typological study of stress ‘deafness’. In C. Gussenhoven & N. Warner (Eds.), *Laboratory Phonology 7* (pp. 203–240). Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110197105.1.203>
- [7] Peperkamp, S., Vendelin, I., & Dupoux, E. (2010). Perception of predictable stress: A cross-linguistic investigation. *Journal of Phonetics, 38*(3), 422–430. <https://doi.org/10.1016/j.wocn.2010.04.001>
- [8] Honbolygó, F., Kóbor, A., & Csépe, V. (2017). Cognitive components of foreign word stress processing difficulty in speakers of a native language with non-contrastive stress. *International Journal of Bilingualism, 23*(2), 1–15. <https://doi.org/10.1177/1367006917728393>
- [9] Anwyl-Irvine, A., Massonnié, J., Flitton, A., Kirkham, N., & Evershed, J. (2018). Gorilla in our Midst: An online behavioral experiment builder. *Behavior Research Methods, 1*–20. <https://doi.org/10.3758/s13428-019-01237-x>

Statistical learning of L2 Portuguese words in younger and older adults

Yuxin Ge, Yun-Wei Lee, Susana Correia & Patrick Rebuschat

Statistical learning, i.e., the ability to track regularities in the environment, plays a fundamental role in language acquisition (Williams & Rebuschat, 2022). However, this ability has been primarily studied in infants, children and younger adults, and only limited research has investigated statistical learning in older populations. This is problematic for, at least, two reasons. First, many societies are witnessing a significant increase in the proportion of older adults (World Health Organization, 2022), hence it is important to develop a much better understanding of age-related cognitive changes. Second, language learning in late adulthood has been identified as a cognitive reserve-enhancing factor (Gallo & Abutalebi, 2023). Since statistical language learning has been found to be effective in children and young adults (e.g., Monaghan et al., 2019; Rebuschat et al., 2021; Smith & Yu, 2008; Yu & Smith, 2007), it is important to investigate if and how the same mechanism functions in the older population. This would enable us to better understand how older adults acquire novel languages and to develop pedagogical interventions to support language learning in late adulthood. In the present study, we directly addressed this gap by comparing older and younger adults' performance in a cross-situational word learning paradigm, where participants learned novel word-referent mappings via statistical tracking of co-occurrences across multiple trials. Moreover, we tested whether this learning process was affected by previous experience with multiple language exposure (i.e., the bilingualism effect).

We trained 40 Mandarin-native speakers on L2 Portuguese (pseudo)words via a cross-situational word learning task (CSWL) (Ge et al., in press; Monaghan et al., 2019). Participants were divided into two groups, one with younger adults ($M_{\text{age}} = 23$, range 20~34) and the other one with older adults ($M_{\text{age}} = 68.94$, range 59~89). The pseudowords contained segmental features that exist in Portuguese but not Mandarin (/ɲ/, /ʀ/, /ɛ/, /ĩ/). Each CSWL trial contained ambiguous word-picture mappings: participants were presented with two referent pictures and one pseudoword. Their task was to decide, as quickly and accurately as possible, which picture the spoken word referred to, and no feedback was provided (see Figure 1 for example). After the CSWL task, participants completed a Language and Social Background Questionnaire (Anderson et al., 2018) and provided information on their previous language experience.

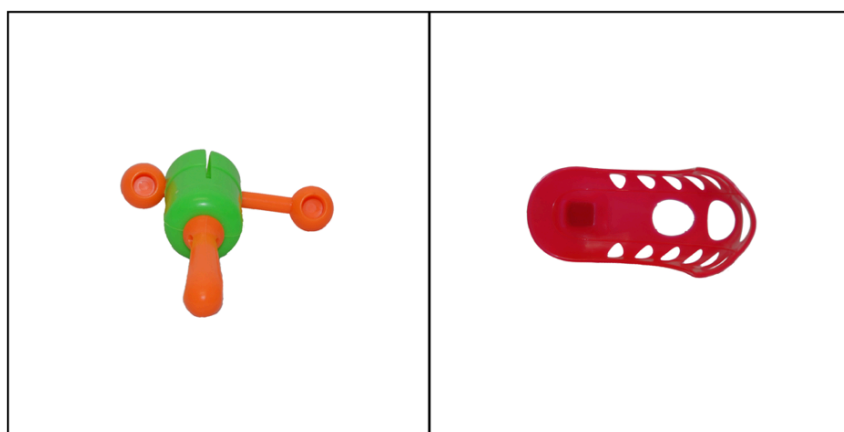
Results revealed that both age groups successfully learned the novel L2 Portuguese pseudowords after a short exposure of around 10 minutes, confirming that statistical word learning ability is preserved in late adulthood. The two groups, however, differed in their learning trajectories in which the younger group outperformed the older group during the later stages of learning. Additionally, we found that previous language experience did not correlate with learning outcomes. Our findings have implications for second/foreign language learning practice targeting the older population, suggesting that implicit exposure to the input is effective for older learners, too.

Keywords: statistical learning, implicit learning, aging, L2 Portuguese

References

- Anderson, J. A., Mak, L., Keyvani Chahi, A., & Bialystok, E. (2018). The language and social background questionnaire: Assessing degree of bilingualism in a diverse population. *Behavior research methods*, 50(1), 250-263.
- Gallo, F., & Abutalebi, J. (2023). The unique role of bilingualism among cognitive reserve-enhancing factors. *Bilingualism: Language and Cognition*, 1–8. <https://doi.org/10.1017/S1366728923000317>
- Ge, Y., Monaghan, P., & Rebuschat, P. (in press). The role of phonology in non-native word learning: Evidence from cross-situational statistical learning. *Bilingualism: Language and Cognition*.
- Monaghan, P., Schoetensack, C., & Rebuschat, P. (2019). A single paradigm for implicit and statistical learning. *Topics in Cognitive Science*, 11(3), 536-554.
- Rebuschat, P., Monaghan, P., & Schoetensack, C. (2021). Learning vocabulary and grammar from cross-situational statistics. *Cognition*, 206, 104475.
- Smith, L., & Yu, C. (2008). Infants rapidly learn word-referent mappings via cross-situational statistics. *Cognition*, 106(3), 1558-1568.
- Williams, J. N., & Rebuschat, P. (2023). Implicit learning and SLA: a cognitive psychology perspective. In A. Godfroid & H. Hopp (Eds.), *The Routledge handbook of second language acquisition and psycholinguistics*. Taylor & Francis.
- World Health Organization. (2022, October 1). *Aging and Health*. Retrieved from <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>
- Yu, C., & Smith, L. (2007). Rapid word learning under uncertainty via cross-situational statistics. *Psychological Science*, 18(5), 414–420.

Figure 1. Example of a cross-situational word learning (CSWL) trial. Participants were presented with two objects and played a single pseudoword. They had to decide if the pseudoword referred to the object on the left or the object on the right.



The effect of training modality and instruction type on non-native speech learning

Susana Correia, Yuxin Ge, Patrick Rebuschat & Anabela Rato

Learning to speak a new language requires the ability to perceive and produce a set of new sounds. Despite a general agreement that there is a link between perception and production in L2 speech learning, the nature and directionality of this link remain unclear [1]. On the one hand, studies show that perception improves production, and it is either assumed that the two modalities are related [2], or that they share representations and cognitive resources during an overlapping learning process [1]. On the other hand, empirical evidence suggests that good production abilities can exist without fine-tuned perception [3] and, conversely, speakers can easily perceive different L2 speech sounds without being able to produce them [4]. Outcomes in L2 speech learning may also vary depending on the instruction type (implicit vs. explicit). Although empirical research has shown that implicit instruction is often enough for adult learners to “pick up” a new language [5], a recent meta-analysis on L2 pronunciation suggests that explicit instruction tends to result in greater learning gains [6]. In this study, we investigate the effect of training modality (perception vs. production) and instruction type (implicit vs. explicit) on the acquisition of non-native phonological categories.

The linguistic focus in our study is on the mid/low vowel contrast /e/-/ɛ/, which exists in European Portuguese, our target language, but is absent in the native language of our participants. In our study, 152 speakers of Southern British English without prior knowledge of Portuguese were randomly assigned to four conditions (each $n = 38$): (a) implicit perceptual training, (b) explicit perceptual training, (c) implicit production training, and (d) explicit production training. On day 1, participants completed two pretest tasks - an AX discrimination task and a delayed repetition task - to measure their ability to perceive and produce the target contrasts. They also completed the Language and Social Background Questionnaire (LSBQ; [7]). On days 2, 3, and 4, participants received three phonetic training sessions, each lasting approximately 45 minutes and administered over consecutive days via Gorilla experiment builder (www.gorilla.sc). The perceptual training groups (a and b) were trained on perception by means of an AX discrimination task with feedback. The production training groups (c and d) were only trained in production with a delayed repetition task, also with feedback. The difference between the implicit groups (a and c) and the explicit ones (b and d) concerns the provision of explicit instruction to groups (b) and (d) about the articulation of the target contrast /e/-/ɛ/ prior to each phonetic training session. On day 5, all participants completed two posttest tasks to assess whether the training had impacted on their ability to perceive and produce the target contrast. We used the same tasks as in the pre-tests.

Data collection is ongoing, and our analysis below focuses only on the perception pre- and post-tests, since production test data is currently being transcribed. The analysis of our current results, with 36 participants, revealed a significant effect of test (pretest vs posttest, $\chi^2(1) = 22.718$, $p < .001$), confirming that three phonetic training sessions over three days improved perceptual discrimination of the /e/-/ɛ/ contrast. The interaction between test and training group was not significant ($\chi^2(3) = 5.2148$, $p = .157$), indicating that the gains from pre- to posttest between groups do not depend on training modality or instruction type. This could result, however, from the small sample size of the preliminary analyses. With our planned sample, we expect that the explicit training groups will outperform the implicit training groups, and the production

training groups will improve more than the perception training groups. Our results will contribute to the perception-production link debate, by investigating the interaction between training modality and instruction type in the earliest stages of L2 speech learning.

Keywords: L2 speech learning; perceptual training; production training; implicit instruction; explicit instruction

References

- [1] Nagle, C. & Baese-Berk, M. M. (2022). Advancing the state of the art in L2 speech perception-production research: revisiting theoretical assumptions and methodological practices. *Studies in Second Language Acquisition*, 44(2), 580-605.
- [2] Thorin, J., Sadakata, M., Desain, P. & McQueen, J. (2018). Perception and production in interaction during non-native speech category learning. *The Journal of the Acoustical Society of America*, 144(1), 92-103.
- [3] Darcy, I. & Krüger, F. (2012). Vowel perception and production in Turkish children acquiring L2 German. *Journal of Phonetics*, 40(4), 568-581.
- [4] Derwing, T. & Munro, M. (2015). *Pronunciation Fundamentals. Evidence-based Perspectives for L2 Teaching and Research*. John Benjamins.
- [5] Williams, J. N. & Rebuschat, P. (2022). Implicit learning and SLA: A cognitive psychology perspective. In A. Godfroid & H. Hopp (Eds), *The Routledge Handbook of Second Language Acquisition and Psycholinguistics*. Routledge.
- [6] Lee, J., Jang, J., Plonsky, L. (2015). The Effectiveness of Second Language Pronunciation Instruction: A Meta-Analysis. *Applied Linguistics*, 36(3), 345–366.
- [7] Anderson, J. A., Mak, L., Keyvani Chahi, A. K., & Bialystok, E. (2017). The language and social background questionnaire: Assessing the degree of bilingualism in a diverse population. *Behavior Research Methods*, 1-14.

**Passivas dativas no português moçambicano:
reorganização das grelhas argumentais ou emergência de uma alternância gramatical?**

Alice Mevis

As passivas dativas do português moçambicano (doravante PM) – ou seja, a possibilidade nesta variedade do português de se formar frases passivas cujo sujeito gramatical é ocupado pelo objeto indireto de contextos ditransitivos – é um fenómeno já conhecido, mas pouco estudado. Desde os estudos pioneiros de Carvalho (1987) e de Gonçalves (1996), os primeiros a destacar tais construções passivas como sendo tipicamente da variedade moçambicana, a principal explicação para a emergência destas estruturas assenta na hipótese da reorganização das propriedades de seleção categorial dos verbos, por influência do contato com línguas bantu e do estatuto do português como L2 (Gonçalves 1996: 54-55). Estudos mais recentes têm oferecido novas perspetivas sobre a construção passiva dativa no PM, embora cheguem a conclusões diferentes. Enquanto Gonçalves et al. (2022) assumem que a baixa frequência destas construções no *corpus* analisado aponta para o enfraquecimento de tais passivas, devido a uma maior pressão do PE por via do sistema educativo, Nhatuve & Mavota (2021), por outro lado, mostram que 45% dos alunos universitários produzem espontaneamente uma passiva dativa quando lhes é pedido para formar uma frase passiva com verbos ditransitivos. Essas posições divergentes fizeram com que novas questões de investigação tenham emergido, que dizem respeito ao atual estatuto destas construções passivas no PM.

À luz de novos dados recolhidos por meio de um trabalho de campo durante dois meses e meio em Moçambique, sob a forma de inquéritos e entrevistas, acrescentados aos dados obtidos do Corpus do Português (CP) (Web/Dialects, Davies 2016) e já analisados, o presente estudo pretende mostrar as vantagens de uma abordagem construcional (e.g. Goldberg 1995, Diessel 2019) deste fenómeno gramatical do PM, considerando as passivas dativas como uma nova variante gramatical ocorrendo em alternância com a passiva “canónica” do português padrão (ver exemplos (1) e (2) abaixo).

(1) *Pode-se dizer que Moçambique é fornecido a sua própria corrente eléctrica por um país vizinho.* (CP)

(2) *Rooyen explicou que o óleo será fornecido a Petromoc.* (CP)

(3) *Com base na informação que me forneceram, acho que vou ler bastante.* (CP)

Mais especificamente, a nossa análise, fundamentada numa abordagem semântico-conceitual da categoria “dativo” e numa visão da gramática como rede de construções (pares de forma e significado), toma a construção passiva como ponto de partida para explorar três aspetos desta variação. Num primeiro momento, é crucial determinar (i) os contextos que propiciam a formação das passivas dativas. Desta forma, se tornará mais fácil entender (ii) a distribuição de passivas dativas e passivas canónicas, desvendando a sua coerência. Finalmente, (iii) a identificação dos fatores que regem a alternância entre as duas variantes passivas mostrará que se trata de variação determinada por fatores quer semânticos e pragmáticos (afetação, saliência discursiva e perspetivização) quer sociolinguísticos (nível de educação e língua materna).

Mostraremos que as construções passivas dativas ainda ocorrem no PM hoje em dia e que o seu uso apresenta alguma sistematicidade. Mostraremos também que as passivas dativas são *complementares* às passivas canónicas, possuindo cada uma das variantes construcionais o seu próprio significado e contribuindo cada uma à sua maneira para a rede de construções passivas. Argumentaremos ainda sobre a importância de se considerar uma terceira alternativa gramatical, nomeadamente a construção ativa

impessoal na terceira pessoa do plural (ver exemplo (3) acima), para ampliar a compreensão do que determina a escolha entre diferentes estratégias gramaticais para a expressão de um mesmo significado referencial.

Palavras-chave: alternância gramatical, gramática de construções, português moçambicano, dativo, passiva dativa.

Referências

- Carvalho, M. J. A. (1987). Um tipo de passivas no português oral de Moçambique? In Direcção da Associação Portuguesa de Linguística (eds.), *Actas do III Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 105–113.
- Davies, M. (2016-). *Corpus do Português: Web/Dialects*. One billion words; 4 countries. <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>.
- Diessel, H. (2019). *The grammar network: How linguistic structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goldberg, A. (1995). *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press.
- Gonçalves P. (1996). *Português de Moçambique. Uma variedade em formação*. Maputo, UEM.
- Gonçalves, R., Duarte, I., & Hagemer, T. (2022). Dative microvariation in African varieties of Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 21(6), 1–39.
- Nhatuve, D., & Mavota, L. I. (2021). Passivas eventivas no Português de Moçambique. *Porto Das Letras*, 7(1), 221–243.

A polifuncionalidade de *pois* no português contemporâneo

Benjamin Meisnitzer

As gramáticas tradicionais atribuem a *pois* o estatuto de conjunção coordenativa conclusiva e explicativa (Cunha/Cintra 1999: 577), e de advérbio de afirmação. No entanto, uma observação mais atenta do modo como o lexema é empregue na língua portuguesa aponta para a hipótese de que existem outras funções associadas a *pois*. Tal como Freitas/Ramilo (2002: 358) demonstraram para *portanto*, o uso excessivo é criticado, sendo, no entanto, erróneo concluir que usos “desviantes” são desprovidos de qualquer conteúdo funcional, lexical ou estilístico.

O objetivo desta comunicação é examinar outras funções de *pois*, com base em *corpora*, e descrever a polifuncionalidade deste lexema no português contemporâneo, tendo em conta as variedades do português europeu e do português brasileiro. Para a base empírica foi feito um levantamento e uma classificação das ocorrências de *pois* no *Corpus do Português* (CdP), que será complementado com dados de *corpora* de língua falada e de correio eletrónico (*CordialSin*; *Corpus Concordância*; *Corpus CoNe*; *Corpus Brasileiro*, *C-Oral-Rom*; *Corpus Português Fundamental* e *Spoken Portuguese – Geographical and Social varieties*), dada a frequência de utilizações que vão além das propostas na gramática tradicional em discursos menos formais e na língua falada.

Numa primeira parte da nossa comunicação, iremos apresentar usos comuns de *pois*, frequentemente descurados nas gramáticas, como marcador discursivo para retomar um tópico (1), como sinalizador fático¹ ou de interação (2), e como marcador conversacional (3).

(1) *Pois, agora são os tempos de gratidão de os indicados, lá atrás.*

(CdP, *Gazeta do Povo* de 25/06/2019)

(2) *Pois, bem lembrado, nem estatisticamente.*

(CdP, *AutoSport* 30/06/2019)

(3) *Porque é que ele foi embora, quer dizer, não é, pois, ele lá terá tido as suas razões [...]*

(Gravações do autor, Janeiro de 2020)

Numa segunda parte, iremos discutir o papel de *pois* para marcar polaridade enfática, uma vez que pode assumir a mesma função que a reduplicação do verbo em (4) e o SIM em final de oração em (5), duas estratégias típicas para expressar polaridade enfática no português (Martins 2013: 102). Contudo, *pois* não tem sido considerado nos respetivos estudos. Para atestar 1 Ex.: o uso de *pois* durante um telefonema para garantir o contato entre o falante e o destinatário. possíveis divergências e convergências no uso, iremos analisar as ocorrências nos *corpora* e fazer testes de aceitabilidade.

(4) A – *O José não comprou a casa.*

B – *Comprou comprou.* ou *Comprou pois.*

(5) A – *Estou a ver que ele não gosta de crianças.*

B – *Gosta sim.* ou *Gosta pois.*

Numa última seção iremos discutir *pois* à luz dos pressupostos teóricos propostos por Jordanoska/Kocher/Bendezú-Araujo (2023, 429-442) como estratégia *verum* no português. Os autores definem que “*verum* is typically employed to correct a previous utterance [...] or to correct a negative expectation [...]” (Jordanoska/Kocher/Bendezú-Araujo 2023: 430), sobrepondo-se, por isso, frequentemente

à polaridade enfática. Observando as ocorrências nos *corpora*, *pois* pode ser utilizado: 1) para corrigir um enunciado anterior; 2) para corrigir uma expectativa negativa; 3) para expressar concordância enfática, 4) para dar ênfase à resposta a perguntas; 5) para confirmar a trajetória esperada dos acontecimentos, e 6) antecedendo orações condicionais, para reforçar a sua condicionalidade (ex. - *Pois se ele vier à festa, eu não vou!*) (Jordanoska/Kocher/Bendezú-Araujo 2023: 430-432). Ao mesmo tempo, não pode ser usado como resposta afirmativa neutral, nem pode ocorrer em posição inicial de discurso (Jordanoska/Kocher/Bendezú-Araujo 2023: 432-433).

Concluiremos a nossa comunicação discutindo se *pois* pode ser um marcador de polaridade enfática ou um marcador *verum*, contribuindo, deste modo, para uma descrição funcional do lexema, que faça jus à sua polifuncionalidade.

Palavras-chave: *pois*, marcadores, estratégia *verum*, polaridade enfática

Referências

- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1999), *Nova Gramática do Português*. Lisboa: Sá da Costa.
- DAVIES, Mark. (2016-), *Corpus do Português: Web/Dialects*. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/> (CdP = Corpus do Português).
- FREITAS, Tiago e RAMILO, Maria Celeste (2002), *O actual estatuto da palavra portanto*. In: Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL. pp. 357-369.
- JORDANOSKA, Izabela; KOCHER, Anna e BENDEZÚ-ARAUJO, Raúl (2023), *Introduction special issue: marking the truth: a cross-linguistic approach to verum*. In: *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, vol. 42, no. 3. pp. 429-442. <https://doi.org/10.1515/zfs-2023-2012>
- MARTINS, Ana Maria (2013), *Emphatic Polarity in European Portuguese and Beyond*. In: *Lingua* 128. pp. 95-123.

“Este é um problema onde a sua prevenção tem de ser começada nas escolas...”: *Onde* - um conector polifuncional em Português Europeu

Rita Gonçalves, Ana Espírito Santo & Nélia Alexandre

As línguas do mundo dispõem de um conjunto de morfemas cuja função é ligar constituintes fráscicos, em particular, introduzindo orações que estão dependentes de outras. No português, *onde* é um desses morfemas, servindo para introduzir frases relativas. Embora no português europeu padrão (PE) *onde* seja especificado quanto ao valor semântico [+Locativo] associado a antecedentes físicos (e.g., Brito 1991, Mória 1992), em variedades não *standard* (1) (Peres & Mória 1995) e em variedades africanas do português (2) (Alexandre & Lopes 2022; Hagemeijer, Gonçalves & Alexandre 2024), *onde* pode ter um antecedente não físico. Esta possibilidade foi igualmente identificada em variedades não *standard* de línguas germânicas e românicas (3) (Ballarè & Micheli 2018; Ballarè & Inglese 2022).

Além disso, tendo por base dados de produção provocada de falantes de PE adolescentes, Antunes & Brito (2008) concluem que *onde* opera também como um conector fráscico, sendo que “os alunos tendem a escolher estratégias sintáticas mais económicas, através do uso de um pronome relativo uniforme (*que*, *onde*), quase reduzido a um conector” (p. 249). De facto, dados de produção escrita de estudantes universitários atestam o uso bastante comum de *onde* em frases subordinadas adverbiais explicativas e/ou temporais (4).

Constituem objetivos desta comunicação (i) identificar as estruturas em que *onde* é usado no PE contemporâneo, excluindo os contextos em que funciona claramente como um identificador de localização física; (ii) avaliar o papel de traços semânticos do antecedente da oração relativa, especificamente os de [definitude] e [animacidade], considerando nomes que denotam eventos e nomes que não têm esta propriedade (*reunião/festa* vs. *família* [+anim], *estudo* [-anim]); (iii) identificar contextos de subordinação em que *onde* pode denotar propriedades de conector, avaliando se o tipo de frase subordinada adverbial e respetivo valor semântico (temporal, causal ou explicativa) é relevante para a sua seleção. Desta forma, este trabalho dá continuidade à discussão sobre as novas funções do relativizador *onde*, focando-se no seu estatuto polifuncional.

Para cumprirmos os objetivos a que nos propomos, recorreremos a dados produzidos por falantes nativos de PE (estudantes universitários) em tarefas de completamento de frases e de juízos de aceitabilidade. Com base na análise preliminar de dados de produção escrita, a nossa predição é que *onde* seja utilizado preferencialmente com antecedentes [-definidos] e que ocorra não só em orações relativas com antecedente não físico, com nomes [\pm anim], como também em contextos de subordinação, em particular, orações explicativas.

Exemplos

- (1) “A parte do discurso onde_[em que] a Ana foi mais convincente foi aquela em que enumerou as promessas não cumpridas do Governo.” (adaptado de Peres & Mória 1995: 302)
- (2) “num ambiente característico de dificuldades onde_[em que/ na qual] havia falta de quase tudo” (adaptado de Hagemeijer, Gonçalves & Alexandre 2024: 13)
- (3) “Sarà una partita dove_[in cui] abbiamo tutto da perdere.” (adaptado de Ballarè & Micheli 2018: 43)

- (4) a. ...foi a falta de diálogo que gerou desentendimento e confusão entre os mesmos, onde_[porque/já que/uma vez que...] se sentiu demora na produção da tarefa.
- b. ...que se pode justificar pela altura em que estudo foi desenvolvido, onde_[quando...], estas ainda não estavam presentes de modo tão evidente na vida dos participantes.
(produções escritas de estudantes universitários).

Referências

- Brito, A. M. 1991. *A sintaxe das orações relativas em português: Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. INCM.
- Alexandre, N. & Lopes, F. 2022. Onde_[REL] em PCV: contacto linguístico ou mudança interna? In C. Figueiredo; R. Gonçalves, T. Hagemeyer & M. Oliveira (eds.), *Novas dinâmicas do português no Atlântico: África e Brasil*. pp. 135-160. Lisbon International Press.
- Antunes, J. & Brito, A. M. 2008. Contribuição para a definição do perfil linguístico dos alunos do ensino básico: o caso das orações relativas. In F. Oliveira & I. M. Duarte (orgs.). *O Fascínio da Linguagem – Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. 237-254. Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Ballarè, S. & Inglese, G. 2022. The development of locative relative markers: from typology to sociolinguistics (and back). *Studies in Language* 46(1): 220-257.
- Ballarè, S. & Micheli, M. 2018. Usi di dove nell'italiano contemporaneo: costruzioni relative e dinamiche di ristandardizzazione. *Linguistica e Filologia* 38, 29-56.
- Hagemeyer, T. Gonçalves, R. & Alexandre, N. 2024. Spatial Locative Relativization in Three African Varieties of Portuguese: Unity in Diversity and Diversity in Unity. *Languages* 9: 83. <https://doi.org/10.3390/languages9030083>
- Móia, T. 1992. *A Sintaxe das Orações Relativas Sem Antecedente Expresso*. Dissertação de Mestrado em *Linguística Portuguesa Descritiva*. Universidade de Lisboa.
- Peres, J. & Móia, T. 1995. *Áreas críticas da língua portuguesa*. Caminho.

**On non-at-issueness of *embora*-clauses.
Evidence from concessive clauses in Portuguese and beyond**

Łukasz Jędrzejowski

Introduction In this paper, I examine adverbial clauses headed by *embora* ‘although’ in European Portuguese (= EP) from a cross-linguistic perspective and their non-at-issue content. The main objectives of this paper are twofold. Firstly, I provide empirical evidence showing that concessive clauses encode a presupposition involving a negative context that triggers the subjunctive mood in *embora*-clauses. Secondly, I show that the use of the subjunctive mood is a morphosyntactic device pointing towards a still ongoing grammaticalization process.

Phenomenon Although the conditions which led to the emergence of *embora* have been investigated in diachronic studies (cf. de Lima 1997, de Araújo 2013), its variation in EP has not been addressed; in addition, the question has not been addressed as to why *embora*-clauses obligatorily require the subjunctive mood, as exemplified in (1).

- (1) *Embora esteja/*está a chover, o dia está agradável.*
)
although be.3sg.subj/be.3sg.ind at rain the day be.3sg.ind pleasant
‘Although it is raining, the day is pleasant.’ (Marques 2010: 136, ex. 6; slightly modified by author)

Analysis Concessive clauses usually express an incompatibility or conflict between two propositions that do not normally go together. To put it another way, they express that a certain eventuality does not prevent the matrix eventuality from taking place and that this goes against expectations (cf. Borgonovo 2019). In (2), for instance, the eventuality that it is raining, (2a), and that the day is pleasant, (2b), are usually not expected to go together, leading to a backgrounded counter expectation, (2c).

- (2) *Embora esteja a chover, o dia está agradável.*
a. assertion 1: it is raining
b. assertion 2: the day is pleasant
c. non-at-issue content: normally, if it is raining, the day is not pleasant

I argue that the negative presupposition of the concessive meaning given in (2c) has not been accommodated into the lexical meaning of *embora* yet, explaining why the subjunctive mood is used in (1). To support this claim, I discuss concessive clauses and their development in Icelandic, German, English, Polish, Romance languages and Portuguese varieties spoken in West-Africa and Asia. Based on the cross-linguistic data, I provide diachronic evidence for the generalization in (3) and explain why younger speakers of EP start using the indicative mood in *embora*-clauses.

- (3) Grammaticalization of concessive clauses always triggers subjunctive verb forms.
(3) does not hold iff:
a. the negative presupposition is expressed by a non-verbal element occurring in the subordinate clause and triggering a set of alternatives,

b. the negative presupposition has been accommodated into the lexical meaning of the concessive complementizer and no overt marking is needed.

Conclusion As it turns out, a thorough examination of concessive *embora*-clauses in EP not only provides new insights into how concessives work cross-linguistically, but also contributes to a better understanding of how adverbial clauses come into being, to what extent they differ, and where their differences come from. Finally, examining both issues contributes to a more detailed typology of adverbial clauses in EP (cf. Lobo 2003, 2013).

Selected references

- de Araújo, Francisco Jardes Nobre. 2013. A gramaticalização de *embora*: Um caso prototípico. *Verbum – Cadernos de pós-graduação* 5: 39–53.
- Borgonovo, Claudia. 2019. Concessive clauses or how to be pragmatically humble. In: Daniel Gutzmann & Katharina Turgay (eds.), *The Semantics and Pragmatics of Side Issues*, 87–106. Leiden: Brill.
- de Lima, José Pinto. 1997. Caminhos semântico-pragmáticos da gramaticalização: O caso de *embora*. In: Ana Maria Brito, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima & Rosa Maria Martelo (eds.), *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*, 643–655. Porto: Campo das Letras.
- Lobo, Maria. 2003. *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do Português*. Lisboa: Universidade NOVA de Lisboa.
- Lobo, Maria. 2013. Subordinação adverbial. In: Eduardo Buzaglo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura & Amália Mendes (eds.), *Gramática do português*, 1981–2057. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marques, Rui. 2010. Modality, context change potential and mood selection in European Portuguese. In: Martin G. Becker & Eva-Maria Remberger (eds.), *Modality and Mood in Romance: Modal Interpretation, Mood Selection and Mood alternation*, 133–162. Berlin: Mouton de Gruyter.

Anaphora Resolution in Machine Translation: An Explorative Study on the Translation of Null Objects from European Portuguese into German

Nelli Kerezova

The surge in demand for translation services, fueled by the abundance of digital content, has led to the development of various machine translation tools like Google Translate, DeepL, and Microsoft Translator. While these tools offer convenient solutions for translating text from one language to another, they encounter numerous challenges during the translation process (Fitria, 2021).

One example is the translation of null categories in one language to overt categories in another one, and vice versa. Gonçalves and Colaço (2019) analyze the (human) translation outputs from English to EP, focusing on the overt and null realization of subjects. The authors observe challenges in constructing referential chains. These problems concern both the realization and omission of anaphoric expressions, as well as the appropriateness of the anaphoric expressions used.

This study investigates anaphora resolution of null objects (NOs) in machine translation of European Portuguese (EP) to German.

The choice of German as the target language for this study is motivated by two main factors. First, German lacks NOs, presenting an interesting contrast to EP because it requires the explicit mention of the direct object. When translating sentences with NOs from EP to German, the machine translator has to accurately infer and insert the appropriate object in the translated text. Second, the gender of the translated pronoun can offer clues regarding the antecedent selected within the context by the machine translator.

Four key factors are analyzed, because they have a potential impact on translation accuracy: the syntactic function of the antecedent (subject vs. non-subject), animacy (animate vs. inanimate), definiteness of the antecedent (definite vs. indefinite), and referential distance. These factors are chosen based on their relevance to anaphora resolution of pronouns in general (Givón, 1983; Cyrino, Duarte & Kato, 2000; Carminati, 2002; Schwenter & Silva, 2002; Arnold, 2003, among others).

A corpus of 300 sentences is translated from EP to German using DeepL as the machine translation tool. The translated sentences are then analyzed to assess the accuracy of the translation of the object-predicate pair and the impact of the identified factors on the accuracy of the translation. The results reveal various translation outcomes, including correct translations, indirect (but still correct) translations involving rephrasing, and incorrect translations with errors.

The statistical analysis is presented in table 1. While there may be some indication that the factors definiteness and syntactic function of the antecedent could potentially influence translation accuracy, the lack of statistical significance suggests that these factors may not have a substantial impact on the correctness of machine translations of NOs from EP to German. Moreover, the observed differences could have arisen due to sampling variability rather than reflecting a true relationship between the factors and translation correctness.

Referential distance emerges as a statistically significant factor in translation accuracy, with a negative effect observed when the antecedent and the NO are in separate sentences (value of '1' and '2+'). This underscores the importance of immediate referential proximity in reducing translation errors. Additionally, an examination of animacy reveals its impact on translation accuracy, with a positive effect

when the antecedent is inanimate. If the antecedent is animate, there is a higher probability of an incorrect translation, often resulting in the use of the neuter pronoun *es* 'it' instead of the appropriate pronoun.

Table 1. Statistical analysis of the factors regarding correct vs. incorrect translations

Coefficients

	Estimate	Std. Error	Z-value	P-values
(Intercept)	0.794	0.2536	-3.130	0.00175 **
animacy.l	0.608	0.2117	2.870	0.00410 **
definiteness.l	-0.051	0.1960	-0.250	0.79547
ref_dist.1	-1.309	0.2244	-5.832	5.04e-19 ***
ref_dist.2+	-1.591	0.2287	-6.956	3.50e-12 ***
synt_func.Subject	0.082	0.1833	0.449	0.6543

Signif. codes: 0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

Overall, this study provides insights into the significance of referential proximity and contextual cues in accurate translations. When the antecedent and the NO appear within the same sentence, the machine translation system can more accurately identify the referent and translate the NO.

Keywords: anaphora resolution, null objects, machine translation, Portuguese, German

References

Arnold, J. (2003). Differential object marking: Iconicity vs economy. *Natural Language & Linguistic Theory*, 21, 435-483. | Carminati, M. N. (2002). The processing of Italian subject pronouns. PhD dissertation. University of Massachusetts at Amherst. | Cyrino, S., Duarte, M. & Kato, M. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In M. Kato & E. V. Negrão (Eds), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* (p. 55-73). Frankfurt am Main / Madrid: Vervuert / Iberoamericana. | Fitrira, T. N. (2021). A review of machine translation tools: The translation's ability. *Language Circle: Journal of language and Literature*, 16(1), 162-176. | Givón, T. (1983). *Topic continuity in discourse: A quantitative cross-language study*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. | Gonçalves, A. & Colaço, M. (2019). A coesão referencial em textos traduzidos do inglês para o português a questão dos sujeitos nulos. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 5, 123-144. | Schwenter, S. & Silva, G. (2002). Overt vs. Null direct object in spoken Brazilian Portuguese: A semantic/pragmatic account. *Hispania*, 85(3), 577-586.

Explorando a Inteligência Artificial no Ensino de Línguas: Criação e Classificação Automática de Corpus de Narrativas a partir de Provérbios para o Ensino de PLE com Large Language Models

Jorge Baptista & Sónia Reis

A Inteligência Artificial (IA), especialmente os Modelos de Linguagem de Grande Escala (em *ing.* Large Language Models), está a revolucionar diversas áreas de atividade, incluindo a educação (Bonner *et al.* 2023). Este artigo investiga a aplicação dos LLMs no ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE), focando-se na criação e na classificação automática de um corpus de narrativas para uso didático (Ghosh & Srivastava, 2021) desenvolvido a partir de provérbios usuais (Reis & Baptista 2020). Os objetivos deste artigo são: (i) Construir e avaliar um corpus de pequenas narrativas destinadas ao ensino de PLE, ilustrando o uso de provérbios em contextos práticos e adequados aos diferentes níveis de proficiência do estudante, de acordo com o CEFR (Grosso *et al.* 2011). (ii) Avaliar a eficácia dos LLMs na classificação temática automática de provérbios, considerando várias nuances culturais e linguísticas.

Para isso, serão utilizados LLMs para gerar várias narrativas para cada provérbio (Fig.1) e avaliar, por meio de um painel de avaliadores humanos, não apenas a adequação entre o texto gerado e o provérbio indicado, mas também a adequação entre o texto produzido e os níveis de proficiência atribuídos (Fig. 2). A avaliação desta atribuição far-se-á recorrendo a ferramentas disponíveis *on-line*⁹ (Curto *et al.* 2015, Santos *et al.* 2021, Ribeiro *et al.* 2024).

Na casa do Sr. Silva, mestre da carpintaria, móveis impecáveis enfeitavam o espaço, mas a segurança era negligenciada. Um dia, ao retornar, encontrou a porta entreaberta e suas ferramentas desaparecidas. Sua esposa, Maria, suspirou: "Quem melhor que nós deveria saber?". Reconhecendo o erro, fortaleceram a segurança de sua morada.

Figura 1. Texto gerado pelo ChatGPT3.5, com a instrução (prompt): Constrói uma pequena narrativa, com no máximo 100 palavras. que conte uma situação adequada ao provérbio "Casa roubada, trancas à porta", mas não uses as palavras "casa", "roubar", "trancas" e "portas", e que seja adequado a leitores com um nível de proficiência B2 do CEFR.

Por outro lado, utilizando uma seleção de exemplos reais de uso de provérbios em corpora (Reis *et al.* 2021), serão usados LLMs para classificar os provérbios mais adequados ao texto apresentado (Mendes & Gonçalo Oliveira, 2020), recorrendo aos mesmos LLM para determinar, por um lado, definir o significado e condições de uso dos provérbios para, assim, determinar os candidatos mais prováveis a preencher o *locus* preenchido pelo provérbio.

⁹CLAVIS: <https://string.hlt.inesc-id.pt/demo/classification.pl>, <https://portulanclarin.net/workbench/lx-proficiency/> [Data de acesso: 2024/03/18].



You

Considera o seguinte texto e classifica-o com base no nível de proficiência do CEFR:

Na casa do Sr. Silva, mestre da carpintaria, móveis impecáveis enfeitavam o espaço, mas a segurança era negligenciada. Um dia, ao retornar, encontrou a porta entreaberta e suas ferramentas desaparecidas. Sua esposa, Maria, suspirou: "Quem melhor que nós deveria saber?". Reconhecendo o erro, fortaleceram a segurança de sua morada.



ChatGPT

Com base no texto fornecido, é possível classificar seu nível de proficiência no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR) da seguinte maneira:

Nível: **B2 - Intermediário alto**

Justificativa:

- O texto apresenta uma estrutura complexa de frases, incluindo algumas subordinadas.
- Utiliza um vocabulário variado e algumas expressões idiomáticas ("mestre da carpintaria", "porta entreaberta", "suspirou", "fortaleceram a segurança de sua morada").
- Há uma narrativa clara com uma progressão de eventos e uma mensagem implícita sobre a importância da segurança em casa.
- No entanto, não atinge o nível C1 devido a certa simplicidade na estrutura das frases e na complexidade do vocabulário, além de não explorar profundamente questões conceituais ou argumentativas.



Figura 2. Texto gerado pelo ChatGPT3.5 para a classificação do nível CEFR do texto narrativo.

Agradecimentos / Financiamento

Este trabalho contou com apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) (Proj.Ref. UIDB/50021/2020, DOI: 10.54499/UIDB/50021/2020).

Palavras-chave: Geração automática de corpus de narrativas, Ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE), inteligência artificial (IA), modelos de Linguagem de Grande Escala (Large Language Models), classificação automática de provérbios.

Referências

- Bonner, E., Lege, R., & Frazier, E. (2023). Large Language Model-Based Artificial Intelligence in the Language Classroom: Practical Ideas for Teaching. *Teaching English with Technology*, 23(1), 23-41.
- Brown, T., Mann, B., Ryder, N., Subbiah, M., Kaplan, J. D., Dhariwal, P., ... & Amodei, D. (2020). Language models are few-shot learners. *Advances in neural information processing systems*, 33, 1877-1901.
- Curto, P., Mamede, N. & Baptista, J. (2015). Automatic Text Difficulty Classifier. In *Proceedings of the International Conference on Computer Supported Education (CSEDU)*, volume 1, pages 36–44.
- Ghosh, Sayan, & Shashank Srivastava (2021). ePiC: Employing proverbs in context as a benchmark for abstract language understanding. arXiv preprint arXiv:2109.06838.
- Grosso, M. J., Soares, A., Sousa F., & Pascoal, J. (2011). *QuaREPE - Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro – Documento Orientador*. Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC.
- Mendes, R. & Gonçalo Oliveira, H. (2020). Comparing Different Methods for Assigning Portuguese Proverbs to News Headlines. In *ICCC*, pp. 153-160. 2020.
- Reis, S, & Baptista, J. Determinação de um mínimo paremiológico do português europeu. *Acta Scientiarum. Language and Culture* 2, no. 42 (2020): e52114.

- Ribeiro, E., Mamede, N., & Baptista, J. (2024, March). Automatic Text Readability Assessment in European Portuguese. In Proceedings of the *16th International Conference on Computational Processing of Portuguese* (PROPOR 2024), pp. 97-107.
- Santos, R., Rodrigues, J., Branco, A., Vaz, R. (2021). "Neural Text Categorization with Transformers for learning Portuguese as a Second Language", In Proceedings, *20th Conference on Artificial Intelligence (EPIA 2021)*, *Lecture Notes in Artificial Intelligence* 12981, Springer, pp. 715–726.

Linguistic Features, Readability and Language Proficiency Level: A Cross-Comparison Study^{10*}

Eugénio Ribeiro, Nuno Mamede & Jorge Baptista

This paper investigates the distribution of linguistic features in texts targeting individuals with varying degrees of literacy (Steeds, 2001; Crossley *et al.* 2017). Texts for this target population can be classified into elementary, basic, and intermediate levels¹¹. We compare these findings with those obtained from texts selected for learners of Portuguese as a foreign language (Santos *et al.*, 2021; Ribeiro *et al.* 2024a,b), and categorized according to the CEFR proficiency levels (Gross *et al.*, 2011; [Camões 2017]). The aim is to assess the extent to which CEFR proficiency level definitions can be extrapolated to contexts where evaluating text complexity/readability is crucial.

By analysing linguistic features (Curto *et al.*, 2015; Chen & Meurers, 2016, 2018; Crossley *et al.*, 2019a) across different proficiency levels and text types, this study sheds light on the applicability of CEFR proficiency descriptors, as well as readability indices (Heilman *et al.*, 2008; Collins-Thompson, 2014; Crossley *et al.*, 2019b), in diverse linguistic contexts: e.g. simplification (Aluisio *et al.* 2010).

In an era when Natural Language Processing (NLP) is largely governed by black-box methodologies (Imperial, 2021; Lee *et al.*, 2021, 2022), the importance of linguistic features with known meaning cannot be overstated in attaining explainability (Akef *et al.* 2024, Wilkens *et al.*, 2022). Specifically in the realm of text complexity and readability assessment (Weiss *et al.*, 2021), explainability is indispensable for understanding why certain texts demand a higher level of proficiency for comprehension (Vajjala, 2021). Such clarity empowers educators to aptly select or modify texts according to the needs of their target audience, as well as define more appropriate didactic strategies.

Keywords: Linguistic features, proficiency levels, CEFR, text complexity, readability.

References

- Akef, S., Mendes, A., Meurers, D. & Rebuschat, P. (2024). Investigating the Generalizability of Portuguese Readability Assessment Models Trained Using Linguistic Complexity Features. In PROPOR 2024, 332-341.
- Aluisio, S., L. Specia, C. Gasperin & C. Scarton (2010). Readability assessment for text simplification. In 5th WS Innovative Use of NLP for Building Educational Applications. 1-9.
- Chen, X. & Meurers, D. (2016). CTAP: A web-based tool supporting automatic complexity analysis. In CL4LC, 113-119.
- Chen, X. & Meurers, D. (2018). Word frequency and readability: Predicting the text-level readability with a lexical-level attribute. *J. Research in Reading*, 41(3). 486-510.
- Collins-Thompson, K. (2014). Computational assessment of text readability: A survey of current and future research. *Intl. J. App. Linguistics*, 165(2). 97-135.

^{10*} This work was partially supported by Portuguese national funds through FCT (Reference: UIDB/50021/2020, DOI: 10.54499/UIDB/50021/2020) and by the European Commission (Project: iRead4Skills, Grant number: 1010094837, Topic: HORIZON-CL2-2022-TRANSFORMATIONS-01-07, DOI: 10.3030/101094837).

¹¹ <https://www.oecd.org/skills/piaac/>

- Crossley, S.A., Skalicky, S., Dascalu, M., McNamara, D.S. & Kyle, K. (2017). Predicting text comprehension, processing, and familiarity in adult readers: New approaches to readability formulas. *Discourse Processes*, 54(5-6), 340-359.
- Crossley, S.A., Kyle, K. & Dascalu, M. (2019a). The Tool for the Automatic Analysis of Cohesion 2.0. *Behavior Research Methods*, 51(1), 14-27.
- Crossley, S.A., Skalicky, S. & Dascalu, M. (2019b). Moving beyond classic readability formulas: New methods and new models. *Journal of Research in Reading*, 42(3-4), 541–561.
- Curto, P., Mamede, N. & Baptista, J. (2015). Automatic Text Difficulty Classifier. In *CSEDU'2015*, 1: 36-44.
- [Camões 2017] Direção de Serviços de Língua e Cultura, Camões, I.P. (2017). *Referencial Camões Português Língua Estrangeira*. Camões, Inst. Cooperação e da Língua I.P., Lisboa.
- Grosso, M.J., Soares, A., de Sousa, F., Pascoal, J. (2011). *QuaREPE - Quadro de Referência para o Ensino de Português no Estrangeiro*. MEC/DGIDC, Documento Orientador.
- Imperial, J.M. (2021). Knowledge-rich BERT embeddings for readability assessment. *arXiv preprint arXiv:2106.07935*.
- Lee, B.W., Jang, Y.S. & Lee, J. (2021). Pushing on Text Readability Assessment: A Transformer Meets Handcrafted Linguistic Features. *EMNLP 2021*, p. 10669-10686.
- Lee, J. & Vajjala, S. (2022). A Neural Pairwise Ranking Model for Readability Assessment. In *Findings of ACL 2022*, 3802-3813.
- Ribeiro, E., Mamede, N., and Baptista, J. (2024a). Automatic Text Readability Assessment in European Portuguese. In *PROPOR'2024*, 97-107.
- Ribeiro, E., Mamede, N. and Baptista, J. (2024b). Text Readability Assessment in European Portuguese: A Comparison of Classification and Regression Approaches. In *PROPOR'2024*, 551-557.
- Santos, R., Rodrigues, J., Branco, A. & Vaz, R. (2021). Neural Text Categorization with Transformers for Learning Portuguese as a Second Language. In *EPIA' 2021*. 715-726.
- Steeds, A. (ed.) (2001). *Adult Literacy Core Curriculum Including Spoken Communication*. The Basic Skills Agency.
- Vajjala, S. (2021). Trends, limitations and open challenges in automatic readability assessment research. *arXiv preprint arXiv:2105.00973*.
- Weiss, Z., Chen, X. & Meurers, D. (2021). Using broad linguistic complexity modeling for cross-lingual readability assessment. In *10th WS NLP CA Language Learning*. 38-54.
- Wilkens, R., Alfter, D., Wang, X., Pintard, A., Tack, A., Yancey, K. P. and François, T. (2022). FABRA: French aggregator-based readability assessment toolkit. In *ELRA*, 1217-1233.

“El niño who sobreviveu”: anotação semântica do *Harry Potter* em Inglês, Português Europeu e Espanhol

Inês Cantante, Rute Rebouças, Purificação Silvano, António Leal & Evelin Amorim

No âmbito do projeto Text2Story, foi construído um esquema de anotação para o Português Europeu (PE), com base na norma ISO 24617 - *Language resource management (Semantic annotation framework)*, concebido para anotar notícias (Silvano *et. al.*, 2021). Este esquema contém etiquetas e atributos que permitem anotar: i) eventualidades (eventos e estados) e expressões temporais, relacionados entre si através de ligações, o que permite reconstituir a sequência temporal em que as eventualidades ocorrem; ii) participantes e relações entre eles (para indicar se as expressões nominais são correferentes ou se têm referência disjunta, se denotam entidades que são parte de outras entidades, entre outras possibilidades); iii) relações entre participantes/eventos e respetivas localizações espaciais; e, por fim, iv) funções semânticas, que ligam as eventualidades aos participantes. Tendo sido este esquema de anotação já aplicado a notícias em PE (cf. Silvano *et. al.*, 2023, 2024), é importante determinar a sua interoperabilidade, que também é preconizada pela ISO.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo principal a avaliação da compatibilidade deste esquema de anotação semântica com diferentes tipos de textos e diferentes línguas. Para isso, foi selecionado o primeiro capítulo do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, por responder afirmativamente a dois critérios: ser uma narrativa de caráter diferente das narrativas encontradas em texto jornalístico (cf. Santana *et. al.*, 2023); ter tradução em várias línguas. A metodologia da anotação foi a seguinte: três anotadores trabalharam em dois textos cada um; o primeiro, em Português e Inglês; o segundo, em Português e Espanhol; o terceiro, em Inglês e Espanhol. Os anotadores seguiram as indicações presentes no manual de anotação, anotando o texto por etapas: i) eventos e relações temporais; ii) participantes e ligações entre eles; iii) espaço e relações espaciais; e iv) funções semânticas. Foram adotadas duas estratégias diferentes, tendo sido avaliada a eficácia de cada uma: numa (PE e Inglês), o texto foi anotado de forma completa numa das línguas e só depois foi feita a anotação na segunda língua; noutra (PE e Espanhol), a anotação foi feita de forma paralela em cada uma das línguas, i.e., cada uma das etapas foi anotada na primeira e na segunda língua, e só depois se procedeu à anotação da etapa seguinte, também nas duas línguas. A fase de anotação foi acompanhada por reuniões, com o objetivo de discutir casos problemáticos levantados pelos anotadores, como a anotação de certas expressões que podiam ser identificadas como eventos ou como participantes, entre muitos outros casos.

O número de estruturas de entidade e de relações que foram anotadas é evidência da complexidade da tarefa. Por exemplo, na versão em Inglês, com cerca de 1494 palavras, foram identificados e caracterizados 306 eventos, 399 participantes, 18 expressões temporais, 881 relações temporais, 990 relações entre participantes e 1476 funções semânticas. Apesar da exigência da anotação, os resultados da concordância entre anotadores são bastante positivos. Para avaliar a concordância entre anotadores em cada um dos pares das línguas, foram usadas a métrica kappa de Cohen e a métrica f1. A métrica f1 foi utilizada para calcular a concordância entre as anotações de eventos, participantes e tempo, tendo apresentado valores entre 0.78 e 0.89 para os eventos, 0.74 e 0.90 para a identificação dos participantes e 0.5 e 0.79 para as expressões temporais. A métrica kappa de Cohen, por sua vez, foi usada para medir a concordância relativa à anotação dos atributos. Assim, nos atributos de eventos, i.e., na identificação das suas

características morfossintáticas e semânticas (ex., classe aspectual), a concordância obteve valores entre 0.39 e 0.95. Na caracterização dos participantes (ex., tipo de entidade), os valores variaram entre 0.15 e 0.92. Por fim, para expressões temporais, os valores oscilaram entre 0.55 e 1 para a concordância relativa ao tipo de expressão temporal e entre 0.72 e 0.84 para as ligações.

Estes resultados mostram que, globalmente, o esquema de anotação pode ser usado noutras línguas e noutros tipos de narrativa. Para além disso, ao avaliar a compatibilidade do esquema de anotação com outras línguas e com diferentes tipos de narrativa, foi possível não só identificar diferenças entre as línguas, especialmente no que diz respeito a diferentes fenómenos linguísticos, como também refletir sobre soluções para os problemas de anotação encontrados, nomeadamente através da reformulação de atributos, para os tornar mais abrangentes, a ponto de serem capazes de cobrir diferenças entre as línguas.

Com esta análise, foi possível determinar algumas propriedades semânticas e morfossintáticas desta narrativa, que serão discutidas de modo mais detalhado na apresentação oral. No entanto, a relevância deste trabalho não se esgota aqui, já que trabalhos de anotação como este poderão ser relevantes para estabelecer ligações com outras áreas, como as Ciências da Computação, contribuindo particularmente para a criação de *corpora* anotados fundamentais no avanço de métodos automáticos de extração de informação.

Palavras-chave: Anotação Semântica; Narrativa; Inglês; Português Europeu; Espanhol.

Referências

- Santana, B., Campos, R., Amorim, E., Jorge, A., Silvano, P.; Nunes, S. (2023). A survey on narrative extraction from textual data. *Artificial Intelligence Review*, 56(8), 8393-8435.
- Silvano, P.; Leal, A.; Amorim, E.; Cantante, I.; Jorge, A.; Campos, R.; Yu, N. (2024). Untangling web of temporal relations in news articles. In Ricardo Campos, Alípio Jorge, Adam Jatowt, Sumit Bhatia, Marina Litvak (Eds.). *Proceedings of Text2Story - Seventh Workshop on Narrative Extraction From Texts held in conjunction with the 46th European Conference on Information Retrieval (ECIR 2024)* (pp. 77-92). Glasgow, Scotland, UK.
- Silvano, P.; Amorim, E.; Leal, A.; Cantante, I.; Silva, F.; Jorge, A.; Campos, R.; Nunes, S. (2023). Annotation and visualisation of reporting events in textual narratives. In Ricardo Campos, Alípio Jorge, Adam Jatowt, Sumit Bhatia, Marina Litvak (Eds.). *Proceedings of Text2Story'21 - Sixth Workshop on Narrative Extraction from Texts held in conjunction with the 45th European Conference on Information Retrieval* (pp. 47-62). CEUR-WS.
- Silvano, P., Leal, A., Silva, F., Cantante, I., Oliveira, F., & Jorge, A. M. (2021). Developing a multilayer semantic annotation scheme based on ISO standards for the visualization of a newswire corpus. In *Workshop on Interoperable Semantic Annotation* (pp. 1-13).

Formas de tratamento nos debates parlamentares portugueses – modos e sentidos da mudança

Maria Aldina Marques, Isabel Margarida Duarte & Isabel Roboredo Seara

Propomos, neste trabalho, uma análise do sistema e uso das formas de tratamento no parlamento português, no quadro de um género discursivo, o debate parlamentar. Delimitámos como período de análise os últimos 50 anos da atividade parlamentar portuguesa, coincidente com o período de democracia, a terceira república. A abordagem é, pois, diacrónica, enquanto pretende identificar as formas de tratamento pronominais e nominais, para determinar movimentos de mudança no uso de tais formas a partir das ocorrências num subgénero do debate parlamentar, a moção de censura ao governo. Para isso seleccionámos cinco debates, um debate da moção de censura por década, incluindo o primeiro, realizados em 1982 e 2023, respetivamente.

Esta perspetiva diacrónica, de cariz quantitativo, é completada por uma análise qualitativa das formas de tratamento em contexto, com base no quadro comunicativo parlamentar e na dinâmica da interação. Tivemos em conta o plano de textos e a interação. Colocamos a hipótese de que o estatuto discursivo e objetivos da tomada de vez nestas duas situações implicam usos diferentes e formas de tratamento diferentes, formas não marcadas e formas marcadas, respetivamente previstas e não previstas no Regimento do parlamento. A partir dos parâmetros acima definidos, pretendemos identificar as formas de tratamento e modos de uso das formas não marcadas e marcadas, (a) entre a bancada do governo e as bancadas da oposição, (b) entre bancadas de diferentes quadrantes políticos. O cruzamento destes dados permitirá uma análise das relações interpessoais no parlamento português, das tensões e coligações geradas num debate parlamentar que é particularmente polémico.

Palavras-chave: Formas de tratamento, debate parlamentar, relações interpessoais, organização discursiva.

Referências

- Carreira, Maria Helena. 2004. Les formes allocutives du portugais européen: évolutions, valeurs et fonctionnements discursifs. *Franco-British Studies*, 35-45 (Disponível em: http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_araujo.pdf).
- Carreira, Maria Helena. 2007. Le pronom d'adresse portugais «você»: valeurs et évolution. In Alexandra Cunita, Coman Lupu & Liliane Tasmowski (eds.), *Studii de lingvistică și filologie romanică : hommages offerts à Sanda Reinheimer Rîpeanu*,. Bucuresti: Editura Universitatii din Bucuresti, 15-19.
- Cintra, Luís Filipe Lindley. 1972. *Sobre as formas de tratamento*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Constantin de Chanay, Hugues & Catherine Kerbrat-Orecchioni. 2017. Regard et deixis personnelle: l'adresse dans les débats d'entre-deux-tours des élections présidentielles françaises. *Langue Française* 193. 93-108.
- Dickey, Eleanor. 1997. Forms of address and terms of reference. *Journal of Linguistics* 33(2). 255-274.
- Duarte, Isabel Margarida 2011. Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. *Matraga* 18(28). 84-101.
- Formentelli, Maicol. 2009. Address strategies in a British academic setting. *Pragmatics* 19(2). 179-196. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/47706011_Address_Strategies_in_British_Academic_Setting.
(acedido em maio de 2024)

Hummel, Martin & Célia dos Santos Lopes. 2020. *Address in Portuguese and Spanish: Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction*. Berlin: De Gruyter. DOI:10.1515/9783110701234

Hammermüller, Günther (2004). Adresser ou éviter, c'est la question... Comment s'adresser à quelqu'un en portugais sans avoir recours à un pronom ou à une autre forme équivalente. Sítio do Instituto Cervantes de Paris. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_hammermueller.pdf (acedido em maio de 2024)

Kerbrat-Orecchioni, Catherine. 2010. (ed.). *S'adresser à autrui: Les formes nominales d'adresse en français*, vol. 1, Chambéry: Université de Savoie.

Marques, Maria Aldina. 2014. Cortesia, formas de tratamento e géneros discursivos - condições de ocorrência e de uso. In Isabel Seara (ed.), *Cortesia: Olhares e reinvenções* Lisboa: Chiado Editora. 145-172.

**Análise textual-discursiva dos documentos orientadores de currículo em Portugal e no Brasil:
como eles prescrevem o trabalho do professor de Português?**

Bruna Bandeira & Antónia Coutinho

Esta comunicação oral objetiva investigar de que forma os documentos oficiais orientadores de currículos do ensino secundário e ensino médio, respetivamente, em Portugal e no Brasil, prescrevem o trabalho de docentes de Português como língua primeira. Para isso e tendo em conta os limites desta comunicação, faremos uma análise textual-discursiva da introdução das Aprendizagens Essenciais (AE) de Português dos 10º, 11º e 12º anos (DGE, 2018) e do texto de abertura do item 5.1 da BNCC para o ensino médio (Brasil, 2018), intitulado *A área de Linguagens e suas Tecnologias*, ambos documentos atualmente em vigor nos dois países. No caso da BNCC-EM, além de Língua Portuguesa, são abordados aspetos relacionados a Arte, Educação Física e Língua Inglesa. Assim, os parágrafos destinados exclusivamente a essas áreas do conhecimento serão excluídos do nosso *corpus*, a ser possivelmente ampliado em futuro artigo.

Para a análise desses dados, usaremos o modelo da arquitetura textual proposto por Bronckart ([1997] 2012), recorrendo a uma metodologia descendente, isto é, que parte do conteúdo temático para tipos de discurso, eixo de referência temporal, formas verbais, agentividade e modalizações. O intuito é evidenciar as formas e construções linguísticas que desencadeiam a emergência de figuras de ação (Bulea, 2010, 2016) a fim de verificar de que maneira as figuras de ação predominantes condicionam a auto/hetero-representação por parte de docentes de Português nos dois países em causa.

Como referencial teórico, apoiamo-nos tanto no interacionismo sociodiscursivo (ISD) (Bronckart, [1997] 2012) quanto na ergonomia da atividade dos profissionais da educação (Amigues, 2004). De acordo com Amigues (2004), o trabalho do professor é uma atividade instrumentada e direcionada, uma vez que, para agir, esse profissional precisa estabelecer e coordenar relações entre vários objetos constitutivos de sua atividade, como as prescrições, os coletivos, as regras do ofício e as ferramentas. As prescrições são tarefas que ele deve realizar ditadas pela hierarquia e que, em geral, são vagas, daí porque cada professor define por si, com base nessas prescrições oficiais, o que vai prescrever aos seus alunos.

No quadro do ISD, o trabalho é considerado como uma forma de agir, unidade de análise do funcionamento humano, que, no entanto, não pode ser apreendida por meio da observação direta das condutas de quem realiza o trabalho, mas por meio das representações sobre esse agir que são construídas nos textos produzidos. Assim, para compreendermos como as AE e a BNCC-EM prescrevem o trabalho de quem ensina Português, julgamos importante compreender as representações que socialmente se constroem sobre este grupo profissional, considerando tanto os aspetos relativos ao agir prescritivo que se realiza *pelo* e *no* próprio texto desses documentos quanto as questões que incidem sobre as diferentes dimensões do trabalho que é prescrito (Bronckart e Machado, 2004).

Os resultados preliminares apontam que, em ambos os documentos, apesar de dirigidos principalmente a docentes de Português, muito raramente tais docentes aparecem como atoras ou atores a quem poderíamos imputar capacidades, motivos ou intenções. Assim, era expectável que eles fossem referenciados como sujeitos da própria ação. No entanto, o uso abundante de fatores externos na posição de sujeito, a exemplo do que ocorre em “a disciplina de Português permitirá aos alunos...” (AE, p. 2) ou “a abundância de informações e produções requer...” (BNCC-EM, p. 479), atribuindo-lhes ações normalmente

realizadas por seres humanos, parece sugerir que tais fatores são os reais atores de um trabalho que tem a ver com o desenvolvimento de competências por parte de quem aprende.

Referências

- Amigues, R. (2004). Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: Machado, Anna Rachel (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva* (p. 35-53). Eduel.
- Bronckart, J.-P. ([1997] 2012). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo* (2ªed., 2ª reimpr). Educ.
- Bronckart, J.-P.; Machado, A. R. (2004). Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional. In: Machado, A. R. (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva* (p. 131-163). Eduel.
- Bulea Bronckart, E. (2010) *Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade*. Mercado das Letras.
- Bulea Bronckart, E. (2016) Tipos de discurso e interpretação do agir: o potencial de desenvolvimento das figuras de ação. *D.E.L.T.A.*, 32.1, p. 189-213. <https://doi.org/10.1590/0102-445094464314849214>

Documentos de referência para o ensino

- Brasil (2018). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília.
- Direção geral de Educação (2018). *Aprendizagens essenciais, Ensino Secundário*. URL: <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-secundario#>

Causalidade e modalidade: duas faces da mesma moeda?

Augusto Soares da Silva

Causalidade e modalidade são categorias conceptuais distintas e complexas, com expressões lexicais e gramaticais diversas e produtivas nas línguas e uma longa tradição na literatura filosófica e linguística. Apesar de serem noções bem diferenciadas, não raramente se combinam e mostram propriedades comuns. Este estudo procura responder às questões da combinação e das semelhanças entre causalidade e modalidade.

Analisaremos dois domínios de interseção de causalidade e modalidade: os verbos modais (Oliveira & Mendes 2013), quer os verbos semiauxiliares modais (*poder, dever, ter (de), haver (de)*) quer alguns verbos plenos modais, designadamente os verbos permissivos e os verbos impeditivos, e uma subcategoria da voz média em português, designada como “média caracterizadora” (Duarte 2013) e que as gramáticas de referência do português tomam como preenchendo a totalidade da voz média na língua portuguesa (Silva & Afonso 2021, com posição diferente).

Os verbos modais exprimem também dois padrões de causação. Por um lado, a causação coerciva de tipo ‘fazer’ exprime-se ora nos modais deônticos de obrigação (*dever, ter de, obrigar*) ora nos modais epistémicos de necessidade (*dever, ter de, precisar de*). Por outro lado, a causação *negativa* de tipo ‘deixar’ (Silva 1999, 2007) instancia-se ora nos modais deônticos de permissão (*poder, permitir, autorizar*) ora nos modais epistémicos de possibilidade (*poder, permitir, possibilitar*). Esta semelhança de padrões entre a obrigação e a necessidade epistémica e entre a permissão e a possibilidade epistémica motiva a polissemia regular dos verbos modais em português e em muitas outras línguas, em que um mesmo verbo apresenta sistematicamente usos deônticos e usos epistémicos.

A construção média *caracterizadora*, porque denota uma propriedade inerente do referente designado pelo sujeito gramatical, ou *potencial*, na medida em que essa propriedade inerente do sujeito permite que determinado evento possa vir a ocorrer, como em *X lê-se/bebe-se/lava-se bem/mal*, exprime modalidade do padrão da possibilidade epistémica e causalidade do tipo ‘deixar’ (ver Davidse & Heyvaert 2007 e Palma Gutiérrez 2022 sobre a construção média em inglês). A modalidade da possibilidade e a causalidade do tipo ‘deixar’ são agora expressos, não por um verbo modal, mas por uma construção de *se*.

Causalidade (atribuição de uma relação entre uma causa e o seu efeito) e modalidade (atitude epistémica ou valorativa em relação à potencialidade de uma situação) partilham o modelo cognitivo de *dinâmica de forças*, tal como descrito no trabalho linguístico seminal de Talmy (1988) e continuado em estudos de psicólogos como Wolff (2007, 2017) e de filósofos como Gärdenfors (2014, 2024). As forças e contraforças em oposição entre *agonista* e *antagonista*, ubíquas no mundo físico, são metaforicamente projetadas no mundo social e moral das relações interpessoais e das normas sociais e no mundo mental do raciocínio e das inferências. Combinando o modelo de esquemas imagéticos de *forças dinâmicas* de Talmy (1988, 2000) e o modelo de *vetores* de força e de resultado da estrutura de eventos de Gärdenfors (2014, 2024), verificar-se-á como (i) a *força coerciva* está na base da causalidade do tipo ‘fazer’ e da modalidade da obrigação e da necessidade epistémica e (ii) a *força não impeditiva* configura a causalidade do tipo ‘deixar’, a modalidade da permissão e da possibilidade epistémica e a construção média caracterizadora ou potencial. Especial atenção será dada à *causação negativa* ou *causação por omissão*, considerada pela tradição

filosófica como inexistente ou um dilema (McGrath 2005), e à categoria homóloga da permissão/possibilidade.

Referências

- Davidse, K. & Heyvaert, L. (2007). On the middle voice: An interpersonal analysis of the English middle. *Linguistics* 45(1), 37–83.
- Duarte, I. (2013). Construções ativas, passivas, incoativas e médias. In: E. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do Português*. Vol. I, 427–458. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gärdenfors, P. (2014). *Geometry of meaning: Semantics based on conceptual spaces*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Gärdenfors, P. (2024). Event structure, force dynamics and verb semantics. *Language Sciences* 102, 101610.
- McGrath, S. (2005). Causation by omission: A dilemma. *Philosophical Studies* 123(1-2), 125–148.
- Oliveira, F. & Mendes, A. (2013). Modalidade. In: E. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do Português*. Vol. I, 623–669. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Palma Gutiérrez, Macarena (2022). *A family-resemblance analysis of the middle construction: a functional-cognitive approach*. PhD Dissertation. Córdoba: Universidad de Córdoba.
- Silva, A. S. (1999). *A Semântica de deixar. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Silva, A. S. (2007). Verbs of letting: Some cognitive and historical aspects. In: N. Delbecque & B. Cornille (eds.), *On Interpreting construction schemas. From action and motion to transitivity and causality*, 171–200. Berlin: De Gruyter.
- Silva, A. S. & Afonso, S. (2021). Construções reflexiva, recíproca e média de clítico nulo no português brasileiro: reconceptualização de eventos e emergência de uma nova construção. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - N.º Especial – 2021*, 151–186.
- Talmy, L. (1988). Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science* 12, 49–100.
- Talmy, L. (2000). *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Wolff, P. (2007). Representing causation. *Journal of Experimental Psychology: General* 136(1), 82–111.
- Wolff, P. & Thorstad, R. (2017). Force dynamics. In M.R. Waldmann (ed.), *The Oxford Handbook of Causal Reasoning*, 147–167. Oxford: Oxford University Press.

A importância dos dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu no sucesso escolar em Angola

Toivo Evaristo Haipinge

Neste artigo, procura-se abordar a importância dos dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu, com foco para a sua relevância na melhoria da qualidade do ensino, na promoção de competências linguísticas e comunicativas dos alunos. O estudo tem como objetivo principal avaliar os dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu e a sua contribuição na melhoria da qualidade do ensino primário e no combate ao insucesso escolar que se regista nas zonas rurais de Angola.

A metodologia deste estudo se apresenta como documental, ou seja, baseou-se em fontes bibliográficas. O estudo é de carácter qualitativo na medida em que busca interpretar as informações; analisá-las para se chegar ao seu uso em salas de aulas, assim como buscamos comparar com outros trabalhos semelhantes desenvolvidos por académicos da área da lexicografia e do ensino da segunda língua com recurso ao uso de dicionários bilingues de línguas bantu e português em sala de aula.

Espera-se que deste trabalho resulte a caracterização do panorama atual de utilização destes dicionários, bem como a identificação de novas estratégias de utilização destes instrumentos lexicográficos bilingues em sala de aula, que possam contribuir para melhor a comunicação entre professores e alunos, facilitando de certa forma a assimilação e a reprodução de conhecimentos por parte dos alunos no ensino primário nas zonas rurais.

As crianças das zonas rurais falantes nativas de oshikwanyama e das demais línguas angolanas de origem bantu, ao ingressarem no ensino primário nas suas localidades, enfrentam enormes dificuldades na compreensão dos conteúdos transmitidos na língua portuguesa. Apesar de língua oficial, é na escola que estas crianças têm contato com o português. É com base nesta variedade linguística, e no bilinguismo, que Severo, Sassuco & Bernardo (2019) e Ndombele & Timbane (2020) constataram que, em Angola, os alunos se tornam estrangeiros em sua própria terra, uma vez que a língua e a cultura difundidas pela escola não os representam (Severo, Sassuco, & Bernardo, 2019, p. 300). Para se contrapor este dilema e amenizar as dificuldades dos alunos, Ndombele & Timbane (2020) afirmaram que os professores se veem obrigados a recorrer a novos instrumentos didáticos não necessariamente contemplados no contexto escolar, como, por exemplo, dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu (Ndombele & Timbane, 2020, p.309).

Os dicionários bilingues são instrumentos didáticos que respondem as necessidades dos alunos em situações de aprendente da segunda língua (Fromm, 2003). Todavia, Prinsloo (2015) ao analisar a contribuição dos dicionários bilingues bantu e inglês na África do Sul constatou que tendem a dar apenas informações básicas para o consulente” (Prinsloo, 2015). As afirmações de Severo, Sassuco & Bernardo (2019) e Ndombele & Timbane (2020), acima, fizeram-nos despertar o interesse pela avaliação do papel que os dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu, particularmente de oshikwanyama-português, têm tido no melhoramento da qualidade do ensino e no combate ao insucesso escolar no ensino primário angolano destas áreas rurais.

Os professores do ensino primário das zonas rurais para o ensino em português recorrem aos dicionários bilingues que são obras de língua geral, desadequados à terminologia e que não foram desenvolvidos para o ensino primário angolano, mas que auxiliaram os professores no ensino do português a

transmitir conhecimentos e a combater o insucesso escolar, motivado pelo multilinguismo e pelas políticas de língua e de educação existentes nas zonas rurais.

Palavras-chave: dicionários bilíngues; línguas bantu de Angola; dicionários em Angola; ensino e dicionários; dicionários bantu.

Referências

- Fromm, Guilherme. Dicionários em sala de aula: como aproveitá-los bem. In: Guilherme Fromm; Maria Célia Lima Hernandes. (Org.). Domínios de Linguagem III: Práticas Pedagógicas 2. 1 ed. São Paulo, 2003, v. 1, p. 41-50.
- Prinsloo, D. (2015). Analyzing Words as a Social Enterprise: Lexicography in Africa with Specific Reference to South Africa. *Analysing words as a social enterprise, Australex*, pp. 1-16).
- Ndombele, E. D., & Timbane, A. A. (2020, janeiro). O Ensino de Língua Portuguesa em Angola: Reflexões Metodológicas em Contexto Multilíngue. *Fólio - Revista de Letras*, pp. 289-314.
- Severo, C. G., Sassuco, D. P., & Bernardo, E. P. (2019, janeiro-junho). Português e Línguas Bantu na Educação Angolana: Da Diversidade como "Problema". *Línguas Instrumentos Linguísticos*, 43, pp. 290-307.

Metaphoring and its dimensions: A normative study of Conceptual Metaphors in English and Portuguese

Inês Mateus, Ana Paula Soares, Helena Mendes Oliveira & José Teixeira

In the public discourse, if a manager is described as being *above* their employees or a queen is referred to as “her royal *highness*”, we tend to understand both expressions as cues of powerful positions, disregarding the explicit verticality of their meaning. Similarly, if a friend or family member calls to confess to a lie and goes on to say they feel *lighter*, we do not genuinely assume they have lost weight since the beginning of the conversation. Instead, we understand that holding a lie or a secret can often feel *heavy*. Both the usage and comprehension of these expressions reveal what George Lakoff and Mark Johnson termed Conceptual Metaphors (CMs; Lakoff & Johnson, 2003). According to the authors, CMs are mechanisms used to convey abstract concepts through concrete notions, such as power through a vertical scale and guilt as weight. These expressions, although so implicitly used and understood, are present in everyday speech and have been proven to shape our understanding of several concepts, as well as our actions (Kouchaki & Smith, 2014; Schubert, 2005; Winter et al., 2020). Nevertheless, the existing research lacks consensus in categorising the different types of CMs. With the publication of the CM Theory, the authors enumerated a plausible CM organisation but went on to publish a different classification years later (Lakoff & Johnson, 1999). Similarly, research has attempted to divide CMs into primary and non-primary categories, arguing that the former would be largely grounded on bodily experience and, therefore, universal (Grady, 1997). However, as has been detailed, this distinction is based on the assumption of a "prototypical human body" that can be deemed non-inclusive and is primarily concerned with the English language (Littlemore, 2019). Such discord presents a research gap that can hinder the credibility of existing studies since CMs from different types may elicit differences in processing, thus explaining possible disparities in studies resorting to several CMs. Furthermore, theories of CM classification have, to the best of our knowledge, included only one language when determining CM types. Nevertheless, experimental research using CMs as stimuli is often conducted in several languages, and it frequently fails to consider that equivalent CMs in different languages may belong to distinct categories. Hence, in this normative study, we have focused on collecting multiple CMs conveyed through metaphorical expressions in both English and Portuguese. Additionally, we have asked participants to evaluate these expressions through a Likert-scale in terms of concreteness, embodiment, familiarity, valence, arousal, and transparency, variables that have been previously identified as affecting metaphoric processing (Jankowiak, 2020). Thus, we have strived to bridge the existing research gap by proposing a new avenue in which CMs are assessed in pertinent dimensions - and thus able to comprise controlled stimuli in future research - rather than being fitted into previously existing, and often arbitrary, categories.

Keywords: Conceptual Metaphors; Embodied Cognition; Metaphoric processing

References

- Grady, J. (1997). *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*.
<https://escholarship.org/uc/item/3g9427m2>

- Jankowiak, K. (2020). Normative Data for Novel Nominal Metaphors, Novel Similes, Literal, and Anomalous Utterances in Polish and English. *Journal of Psycholinguistic Research*, 49(4), 541–569. <https://doi.org/10.1007/s10936-020-09695-7>
- Kouchaki, M., & Smith, I. H. (2014). The Morning Morality Effect: The Influence of Time of Day on Unethical Behavior. *Psychological Science*, 25(1), 95–102. <https://doi.org/10.1177/0956797613498099>
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1999). *Philosophy In the Flesh: The Embodied Mind And Its Challenge To Western Thought*. Basic Books.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (2003). *Metaphors We Live By* (W. a new Afterword, Ed.). University of Chicago Press. <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/M/bo3637992.html>
- Littlemore, J. (2019). *Metaphors in the Mind: Sources of Variation in Embodied Metaphor* (1.^a ed.). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108241441>
- Schubert, T. W. (2005). Your Highness: Vertical Positions as Perceptual Symbols of Power. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89(1), 1–21. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.89.1.1>
- Winter, B., Duffy, S. E., & Littlemore, J. (2020). Power, Gender, and Individual Differences in Spatial Metaphor: The Role of Perceptual Stereotypes and Language Statistics. *Metaphor and Symbol*, 35(3), 188–205. <https://doi.org/10.1080/10926488.2020.1794319>

**Processamento da leitura de palavras bilíngues - PORTUGUÊS BRASILEIRO e INGLÊS
com e sem TDAH**

Débora Silva, Márcio Leitão & Juliana Novo

Um dos interesses centrais da Psicolinguística Experimental é entender como as pessoas processam a linguagem em tempo real e quais são os processos mentais envolvidos. (LEITÃO, 2005). Nesse prisma, há vários objetivos específicos, que vão desde investigações no nível fonológico até os níveis semântico-pragmáticos, tanto em língua materna, quanto em segunda língua (L2). Como exemplo desses interesses, é possível citar o processamento linguístico de palavras por sujeitos atípicos, o qual foi investigado por BIALYSTOK et al., (2010). Esse estudo apresenta o fenômeno do bilinguismo associado ao Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e como resultado, houve um efeito similar a longo prazo entre bilinguismo e TDAH, que é a redução de vocabulário nas duas ou mais línguas, contudo a etiologia de cada um dos fenômenos é distinta. A origem da perda de vocabulário para o indivíduo bilíngue é devido ao “esforço” para gerenciar duas ou mais línguas, o que indica um controle executivo aprimorado, e este é responsável pela memória de trabalho, alternância de tarefas, planejamento e resolução de problemas (KOVÁCS; MEHLER, 2009; SINGH et al., 2015). Em contraste com a pessoa bilíngue, o TDAH tem sua perda de vocabulário por ser associado a um fraco controle executivo (BARKLEY, 2020; DIGIROLAMO et al., 2001; ING et al., 2007; SONUGA-BARKE; BITSAKOU; THOMPSON, 2010). Nos propusemos a investigar o que ocorreria se combinássemos os dois fenômenos. Levando em consideração a possível melhora do controle executivo para os bilíngues e o TDAH deficitário, seria então proveitoso para o sujeito com TDAH se ele fosse bilíngue? O bilinguismo favoreceria o processamento da leitura de palavras isoladas em comparação aos indivíduos monolíngues com TDAH? A hipótese para nosso estudo é de que os participantes bilíngues com TDAH apresentariam desempenho equivalente aos participantes bilíngues sem TDAH. Os participantes foram inicialmente separados em dois grupos de acordo com sua proficiência linguística na L2- intermediário e avançado, através do Vocabulary Level Test (NATION, 1990). A amostra foi composta por 30 participantes, sendo 15 bilíngues sem TDAH e 15 bilíngues com TDAH, com diagnóstico obtido através de neurologistas e/ou psiquiatras. Conduzimos uma tarefa de leitura automonitorada de pares de palavras isoladas em inglês, que poderiam ser palavra versus palavra, não - palavra versus palavra e pseudopalavra versus palavra. Após a leitura, o participante tinha que responder se a segunda palavra era igual à primeira. Neste momento foi aferido o tempo de leitura das palavras e índice de acertos da pergunta final. Os resultados indicaram que os participantes bilíngues com TDAH desempenharam melhor a tarefa experimental por terem realizado a leitura do primeiro estímulo e da segunda palavra em menos tempo que o grupo sem TDAH. Em relação ao índice de acertos, o grupo controle acertou mais que o grupo com TDAH, mas ainda assim os participantes com TDAH acertaram uma quantidade significativa, o que demonstra equivalência na execução da tarefa para os participantes atípicos, podendo relacionar seu desempenho ao bilinguismo e a possível reserva cognitiva proveniente deste. Além disso, houve diferença estatisticamente significativa para o nível de proficiência, quanto mais avançado menor o tempo de leitura. Sendo assim, os resultados parecem dar indícios de que o fator bilinguismo pode estar atuando de maneira compensatória no controle executivo dos participantes bilíngues com TDAH.

Palavras-chave: Processamento Linguístico; Bilinguismo; TDAH; Controle executivo.

Exemplo de Estímulos:

GROUP	GROUP
COMPAZY	COMPANY
WAENSWU	DISTRICT

?

Observações sobre a prosódia implícita e a pontuação: um estudo piloto

Camila Leite, Maria do Carmo Lourenço Gomes & Aline Alves Fonseca

Sabe-se que o ritmo de leitura é marcado, na escrita, pelos sinais de pontuação. Sabe-se também que a pontuação sinaliza a intenção do autor e essa intenção revela uma preferência por representar a pontuação que considera a organização rítmica do discurso (“pontuação prosódica”) ou aquela que considera a organização sintática (“pontuação gramatical”), conforme apresenta Rocha (1997). Ao considerar esses dois modelos de pontuação (gramatical e prosódica), temos como interesse verificar quais as estratégias utilizadas por leitores durante a leitura em voz alta de texto pontuado por eles mesmos, já que, no cotidiano escolar ou acadêmico, os desvios de pontuação são frequentes na produção textual. Esses desvios podem ocorrer, segundo Baldow, Santos e Pacheco (2020), porque um dos aspectos da prosódia, no nível da sentença, é o fraseamento prosódico e esse fraseamento apresenta diversas possibilidades de estruturação. Neste trabalho, apresentamos um estudo piloto que examina o comportamento de estudantes de licenciatura em uma tarefa de leitura, inserida nas atividades de uma unidade curricular, composta por duas etapas: a organização de textos, apresentados sem pontuação e sem marcas de início de frase (letra maiúscula), seguida da leitura em voz alta dos mesmos textos com a organização realizada. Participaram da primeira etapa do estudo-piloto, 19 estudantes da licenciatura, falantes nativos do português europeu. O material da tarefa era composto por oito pequenos textos, dos quais quatro continham três frases-alvo, cada uma formulada para obedecer a uma regra gramatical de uso da vírgula, apresentada em livros didáticos. Os participantes eram solicitados a fazer uma leitura silenciosa dos textos, sem susurrar ou movimentar os lábios. Foram ainda instruídos a “ouvir” a “voz interior” que surgisse em sua mente durante a leitura, sinalizando com barra simples (/) quando “ouvissem” uma rutura breve e com barras duplas (//) quando “ouvissem” uma rutura longa. A tarefa garantia a anonimidade dos estudantes através do uso de códigos. Nesta etapa, foram recolhidas 228 frases para análise. Na etapa seguinte, seis dos 19 estudantes realizaram, de forma voluntária, a leitura em voz alta dos seus textos para gravação. Um total de 72 frases foram tomadas para análise acústica. Os resultados serão discutidos à luz de trabalhos da fonologia prosódica e entoacional, buscando relações com propostas baseadas na “Hipótese da Prosódia Implícita” (Fodor, 1998, 2002; Bader 1998). Esta hipótese prediz que, na leitura silenciosa, um contorno prosódico *default* é mentalmente projetado pelos leitores na sequência da codificação fonológica ou, conforme define Bader (1998), a prosódia implícita é um conjunto de informações prosódicas que acompanha a voz interior que escutamos durante a leitura silenciosa.

Palavras-chave: pontuação, leitura em voz alta, realização prosódica, prosódia implícita

Referências

- Bader, Markus (1998) Prosodic influences on reading syntactically ambiguous sentences. In Janet Dean Fodor & Fernanda Ferreira (eds.) *Reanalysis in sentence processing*. Dordrecht: Kluwer Academic, pp.1-46.
- Baldow, Virgínia Silveira et al (2020) Os erros de pontuação de redações nota mil do Enem à luz da Hipótese da Prosódia Implícita e da Fonologia Prosódica. *Revista Prolíngua* –

ISSN1983-9979, v.15, n.2, pp.242-256.

Fodor, Janet Dean (2002) Prosodic disambiguation in silent reading. *Proceedings of the Thirty-second annual meeting of the North-Eastern Linguistic Society, GLSA, University of Massachusetts at Amherst*, pp.113-137.

Fodor, Janet Dean (1998) Learning to parse? *Journal of Psycholinguistic Research*, 27, pp.285–319.

Ladd, Robert(1996) *Intonational phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Nespor, Marina & Irene Vogel (1986) *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris.

Rocha, Lúta Lerche Vieira (1997) O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. *DELTA* 13 (1). <https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000100005>

Podem as estruturas infinitivas contribuir para caracterizar o desenvolvimento sintático em fases iniciais da escrita?

Aida Cardoso, Maria Lobo, Joana Batalha, Bruna Bragança, Catarina Rosa & Isabel Fraústo

Com o presente estudo, pretende-se verificar se as estruturas infinitivas podem contribuir para a caracterização do desenvolvimento sintático na escrita de crianças a frequentar o 1.º ciclo do ensino básico e se existe alguma relação entre as etapas de desenvolvimento de estruturas infinitivas observadas na produção espontânea e o seu desenvolvimento em dados de produção escrita. Investigação sobre o desenvolvimento de estruturas infinitivas baseada em dados de produção oral permite estabelecer uma escala de desenvolvimento, com uma emergência mais precoce de infinitivos dependentes de verbos auxiliares (*e.g.*, *estar a*, *ir e poder*) e em estruturas de controlo dependentes de verbos como *querer e conseguir*, e um surgimento mais tardio de infinitivos dependentes de verbos de controlo de objeto ditransitivos como *ensinar e proibir* (Santos, Gonçalves & Hyams, 2016; Cadime et al., 2021; Lobo & Santos, 2022). Relativamente ao desenvolvimento sintático nas fases iniciais da escrita de crianças do 1.º ciclo, trabalhos anteriores para o português (Pereira & Azevedo, 2005; Costa & Gonçalves, 2010; Autores, 2022) mostram, à semelhança do observado para outras línguas (Hunt, 1970; Silva et al., 2010; Jagaiah et al., 2020), que o surgimento de estruturas de subordinação, em detrimento da justaposição e da coordenação de frases com repetição da conjunção *e*, é um indicador de desenvolvimento da escrita. Não há, contudo, estudos que explorem a possibilidade de uma análise mais fina das estruturas infinitivas para caracterizar o desenvolvimento da complexidade sintática em fases iniciais da escrita. Assim, este estudo procura verificar se: (i) existe desenvolvimento sintático de estruturas infinitivas na fase inicial da escrita compositiva; (ii) a emergência e frequência de estruturas infinitivas nas produções escritas das crianças reflete as escalas de desenvolvimento encontradas na produção oral. Globalmente, pretende-se determinar o papel das estruturas infinitivas em textos escritos por crianças no desenvolvimento da complexidade sintática.

Usou-se um *corpus* de 405 textos narrativos produzidos como resposta a um item de escrita compositiva do instrumento de diagnóstico do PIPALE – Projeto de Intervenção Preventiva para a Aprendizagem da Leitura e da Escrita, implementado em turmas do 2.º e 3.º anos de escolaridade. Os textos foram produzidos a partir de uma sequência de três imagens que pressupunham uma situação problemática e a respetiva resolução. Para a análise, incluíram-se apenas os textos legíveis produzidos por falantes da variedade europeia do português. Os textos analisados correspondem a produções escritas em quatro momentos: início do 2.º ano (N = 129); fim do 2.º ano (N = 133); início do 3.º ano (N = 62) e fim do 3.º ano (N = 53). Concluída a transcrição do *corpus*, efetuou-se o levantamento de todas as estruturas infinitivas e procedeu-se à sua classificação de acordo com os seguintes parâmetros: i) tipo de estrutura infinitiva; ii) forma do infinitivo (não flexionado; flexionado); iii) verbo introdutor (quando aplicável). Foi ainda considerada a extensão dos textos em número de palavras.

Os resultados obtidos indicam, globalmente, uma evolução no uso de estruturas infinitivas nos momentos analisados (gráfico 1), sendo que a percentagem de textos sem ocorrências destas estruturas diminui de forma expressiva do início para o fim do 2.º ano. Em contrapartida, verificam-se percentagens mais elevadas de textos com 3 a 5 e mesmo com 6 ou mais ocorrências de estruturas infinitivas nos momentos subsequentes. Esta evolução é acompanhada por um aumento na extensão dos textos,

registando-se médias dos números de palavras de 36, 71, 60 e 69 nos quatro momentos, respetivamente. Observa-se, no gráfico 2, uma prevalência de estruturas com verbos auxiliares (em particular, com valor temporal, aspetual e modal) transversal aos quatro momentos analisados, com uma produção entre os 57% e os 73% do total de estruturas infinitivas produzidas em cada um dos momentos. As completivas são o segundo tipo de estrutura infinitiva mais produzido. Neste contexto, a produção de estruturas de controlo é estável nos quatro momentos (com uma preferência por controlo de sujeito), assinalando-se percentagens de uso superiores no 3.º ano. Há também uma evolução quanto aos verbos usados, havendo menos diversidade no início do 2.º ano em relação aos momentos seguintes. Regista-se ainda a produção de complementos infinitivos de verbos perceptivos e causativos, porém esta diminui ao longo dos quatro momentos. Já as orações subordinadas adverbiais, sobretudo com valor temporal ou final, apresentam percentagens inferiores a 10% do total de estruturas infinitivas produzidas em cada um dos momentos. Com uma produção inferior a 5%, encontramos predicativos adjuntos, complementos de nomes/adjetivos, infinitivas sujeito, relativas finais e outros casos (e.g., infinitivas independentes) cuja produção é residual.

Para compreender as taxas de produção de estruturas de controlo e, sobretudo, de complementos de verbos perceptivos e causativos mais baixas nos quatro momentos, poderá ser necessário analisar a produção de completivas finitas. Trabalho longitudinal anterior (Autores, 2023) mostrou que o número de completivas infinitivas diminuía ao longo do percurso escolar, enquanto o número de completivas finitas aumentava. Tais dados parecem indicar um uso progressivamente maior de estruturas mais complexas sintaticamente, sendo, porém, relevante ter-se observado que as finitas estavam dependentes de verbos que selecionam o modo indicativo. No presente estudo, observou-se, nos textos de crianças do 3.º ano, que estruturas de ECM/Estrutura de Infinitivo Flexionado/Predicado Complexo ocorrem exclusivamente com o verbo *deixar*. Os resultados obtidos parecem ir ao encontro do discutido em trabalhos anteriores, refletindo a escala de desenvolvimento observada em dados de produção oral: as estruturas que emergem mais cedo em dados do oral são também as mais produzidas na amostra analisada. Julga-se que o tipo de análise de estruturas infinitivas que aqui se apresenta poderá contribuir para um retrato mais completo do desenvolvimento sintático e da questão da complexidade sintática em produções escritas iniciais.

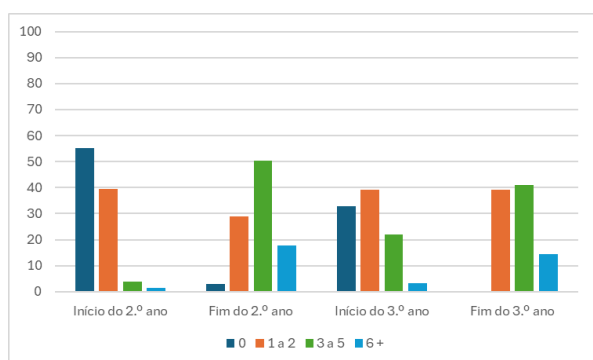


Gráfico 1: Número de textos com 0, entre 1 e 2, entre 3 e 5 e com 6 ou mais estruturas infinitivas em cada momento do estudo.

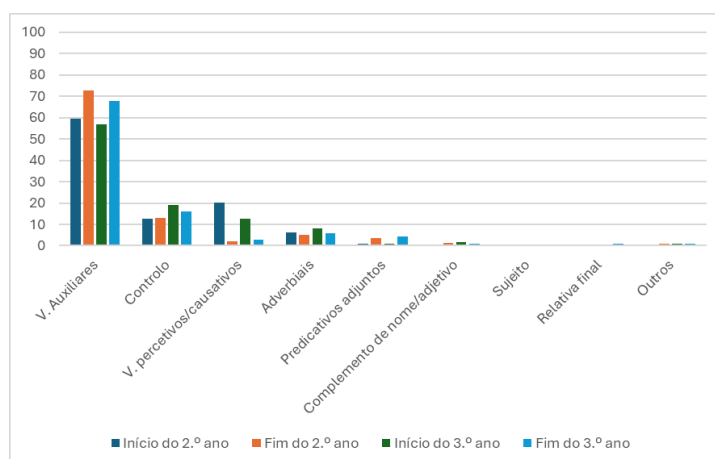


Gráfico 2: Percentagem de ocorrências de cada tipo de estrutura infinitiva nos 4 momentos do estudo

Referências

- Cadime et al. (2021). Parental reports of preschoolers' lexical and syntactic development: validation of the CDI-III for European Portuguese. *Frontiers In Psychology*, 12:677575.
- Costa, A., & Gonçalves, A. (2010). Progressão e complexidade na escrita do 3º ao 6º ano de escolaridade (pp. 283-363). In A. Costa et al. *Muitas ideias, um mar de palavras: propostas para o ensino da escrita*. FCG.
- Hunt, K. W. (1970). Syntactic maturity in schoolchildren and adults. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 35(1): 1–61.
- Jagaiah, T., N. G. Olinghouse & D. M. Kearns (2020). Syntactic complexity measures: variation by genre, grade-level, students' writing abilities, and writing quality. *Reading and Writing* 33: 2577-2638.
- Lobo, M & A. L. Santos. (2022). Aquisição da sintaxe do português europeu como língua materna. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 9, 264–279.
- Pereira, M. L. Á. & Azevedo, F. (2005). *Como abordar... A escrita no 1.º ciclo do ensino básico*. Areal Editores.
- Santos, A. L., Gonçalves, A., & Hyams, N. (2016). Aspects of the acquisition of object control and ECM-type verbs in European Portuguese. *Language Acquisition*, 23(3).
- Silva, M. L., V. S. Abchi & A. Borzone (2010). Subordinated clauses usage and assessment of syntactic maturity. *Journal of Writing Research*, 2(1), 47–64.

(RE) CONTO:

Instrumento de Avaliação de Narrativas Orais para crianças falantes de Português Europeu

Stéphanie Vaz, Maria Lobo & Marisa Lousada

O presente trabalho apresenta o processo de construção e validação do instrumento (RE)CONTO, destinado a avaliar competências narrativas orais em crianças dos 6 aos 12 anos de idade falantes de português europeu (PE). Embora existam instrumentos semelhantes para outras línguas, não se conhece nenhuma ferramenta específica validada para o PE. O instrumento visa avaliar a produção e compreensão de narrativas orais, considerando propriedades micro e macroestruturais. A aplicação do instrumento proporciona indicadores relevantes para auxiliar o diagnóstico e planejar intervenções em populações com perturbações da linguagem. Este estudo de investigação incluiu a participação de uma amostra representativa de 521 crianças com Desenvolvimento Típico (DT), provenientes de diferentes zonas geográficas de Portugal continental e insular, e 17 crianças com Perturbação do Desenvolvimento da Linguagem (PDL). As tarefas envolveram a aplicação do instrumento (RE)CONTO, composto por três histórias com diferentes estruturas, contemplando tarefas de conto, reconto e perguntas de compreensão.

A análise das características psicométricas do instrumento mostra que este apresenta um elevado índice de validade de conteúdo (0.94), bem como uma boa correlação com a prova GOL_E (validade concorrente medida através do coeficiente de correlação de Pearson). Além disso, através da análise da validade convergente entre o (RE)CONTO e a prova de memória RAVLT, destacamos diferenças nas correlações entre grupos DT e PDL, fortalecendo a validade discriminativa do (RE)CONTO. A consistência interna (ShIPLEY & McAfee, 2016), medida pelo coeficiente Alpha de Cronbach, indicou uma consistência aceitável, reforçando a fiabilidade global do instrumento ($\alpha = 0.76$). A fiabilidade interavaliador, avaliada pelo coeficiente Kappa de Cohen, mostrou uma concordância excelente (superior a 0.87), mostrando a consistência entre avaliadores em todas as tarefas, histórias e análises de micro e macroestrutura (DeVellis, 2017). Estes resultados destacam a utilidade clínica e educacional do (RE)CONTO, consolidando a sua posição como uma ferramenta válida, consistente e confiável para avaliar competências narrativas em crianças falantes de português europeu.

Uma análise detalhada dos resultados permite ainda observar diferenças entre as tarefas de conto e reconto de histórias (Andrade, 2017; Balčiūnienė & Kornev, 2016), tipos de histórias e variações nas faixas etárias e grupos estudados (Gillam & Pearson, 2017; Justice et al., 2010). Os participantes do grupo DT obtiveram consistentemente melhores desempenhos na tarefa de reconto em qualquer das dimensões de análise (macro e microestrutura), comparativamente com a tarefa de conto. Adicionalmente, observaram-se diferenças de desempenho entre histórias, o que destaca a forma como a complexidade intrínseca das estruturas textuais influencia a compreensão e a produção oral. Observaram-se ainda diferenças nos desempenhos entre faixas etárias, com melhores desempenhos nas faixas etárias mais avançadas.

A análise comparativa entre os grupos DT e PDL, ainda que seja apenas exploratória tendo em conta o número reduzido de crianças com PDL considerado, permitiu identificar diferenças entre os grupos sobretudo no que diz respeito à compreensão e aos parâmetros microestruturais. (Bysterveldt et al., 2012; Fey et al., 2004). Isso aponta para a necessidade de estratégias pedagógicas e clínicas específicas que

desenvolvam estruturas sintáticas complexas e níveis de compreensão mais exigentes, como é o caso da compreensão crítica.

Globalmente, o (RE)CONTO mostrou ser um instrumento válido para avaliar competências narrativas orais em crianças falantes de português europeu em idade escolar, dos 6 anos 12 anos, podendo auxiliar professores e terapeutas da fala na caracterização das competências narrativas e auxiliar na identificação de perturbações da linguagem.

Tabela 1. Resultados médios na macroestrutura (média \pm desvio padrão) por faixa etária, no grupo DT (conto H1 e reconto H1)

IDADE	CONTO (H1)	RECONTO (H1)
6 ANOS	77.48 \pm 15.66	90.48 \pm 10.58
7 ANOS	85.66 \pm 12.65	88.19 \pm 7.97
8 ANOS	87.97 \pm 11.62	93.37 \pm 7.89
9 ANOS	90.84 \pm 10.14	95.64 \pm 6.9
10 ANOS	92.31 \pm 8.6	94.55 \pm 6.2
11 ANOS	92.31 \pm 10.98	94.69 \pm 6.2
12 ANOS	96.58 \pm 5.59	96.15 \pm 7.69

Tabela 2. Resultados médios na microestrutura (média \pm desvio padrão) por faixa etária, no grupo DT (conto H1 e reconto H1)

IDADE	CONTO (H1)	RECONTO (H1)
6 ANOS	55.06 \pm 12.8	63.95 \pm 16.05
7 ANOS	59.44 \pm 12.75	72.96 \pm 16.65
8 ANOS	64.29 \pm 13.93	80.54 \pm 12.36
9 ANOS	66.78 \pm 12.9	79.29 \pm 15.96
10 ANOS	68.37 \pm 11.76	85.42 \pm 10.21
11 ANOS	67.14 \pm 13.08	83.25 \pm 12.41
12 ANOS	76.98 \pm 12.77	83.93 \pm 3.57

Tabela 3. Percentagem de acerto na análise Macroestrutural nos dois grupos (DT e PDL) nas tarefas de conto e reconto de histórias

	Conto (H1)	Reconto (H2)
DT	89% (n=352)	90% (n=181)
PDL	84% (n=17)	84% (n=17)

Tabela 4. Percentagem de acerto na análise Microestrutural no grupo PDL nas tarefas de conto e reconto de histórias

	Conto (H1)	Reconto (H2)
--	------------	--------------

DT	66% (n=352)	75% (n=181)
PDL	55% (n=17)	56% (n=17)

Tabela 5. *Percentagem de acerto no Total da Prova nos dois grupos (DT e PDL) nas tarefas de conto e reconto de histórias*

	Conto (H1)	Reconto (H2)	TOTAL
DT	78% (n=352)	83% (n=181)	81%
PDL	70% (n=17)	70% (n=17)	70%

Tabela 6. *Percentagem de acerto no Total do instrumento nos dois grupos (DT e PDL) nas tarefas de produção e compreensão de histórias*

	Produção	Compreensão	TOTAL
DT	81% (n=871)	82% (n=437)	82%
PDL	70% (n=34)	57% (n=17)	64%

Referências

- Andrade, J. (2017). A Importância do reconto de histórias no desenvolvimento cognitivo de crianças dos 3 anos. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial Domínio Cognitivo e Motor e Intervenção Precoce. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Balčiūnienė, I. & Korņev, A. (2016). Doing new things with language: Narrative language in SLI preschoolers. – Estonian Papers in Applied Linguistics, 12, 25–42.
- Bysterveldt, A., Westerveld M., Gillon G. & Foster-Cohen S. (2012). Personal narrative skills of school-aged children with Down syndrome. *International Journal of Language & Communication Disorders*, 47(1), 95-105.
- DeVellis, R. F. (2017). *Scale Development: Theory and Applications* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Favot, K., Carter, M., & Stephenson, J. (2021). The Effects of Oral Narrative Intervention on the Narratives of Children with Language Disorder: a Systematic Literature Review. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, 33(4), 489-536.
- Fey, M. et al. (2004). Oral and written story composition skills of children with language impairment. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 47, 1301-1318.
- Gillam, R. B., & Pearson, N. A. (2017). *Test of Narrative Language -TNL2*. Austin, X: 2ª-Ed.
- Justice L., et al. (2010). A scalable tool for assessing children's language abilities within a narrative context: the NAP (Narrative Assessment Protocol). *Early Childhood Research Quarterly*. 25 (2), 218-234.
- Shiple, K. G., & McAfee, J. G. (2019). *Assessment in Speech-Language Pathology: A Resource Manual* (6th ed.). Plural Publishing.
- Vaz, S. (2021). Avaliação de narrativas orais em crianças falantes de português europeu: um teste piloto. In C. Barbero, & M. Tomaz (Eds.), *Textos Seleccionados do XIII e XIV Fórum de Partilha Linguística*, NOVA FCSH/CLUNL, 145-163.
- Vaz, S., Lobo, M. & Lousada, M. (2020). Avaliação de Narrativas Orais em Crianças Falantes de português europeu (PE): Um Teste Piloto. In: *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*. Nº7, 368-384.

Erros ortográficos no 1.º ciclo do ensino básico: um estudo-piloto longitudinal

Adelina Castelo

Apesar do auxílio dos corretores ortográficos, é preciso continuar a promover o domínio da ortografia, entre outras razões, pelo seu importante valor social e metalinguístico. Um projeto de investigação no âmbito do qual se integra o presente estudo-piloto visa identificar os conhecimentos necessários para os professores promoverem tal domínio ortográfico – a distinção de erros ortográficos ou formas gráficas não convencionais (FNCs) de diferentes naturezas a fim de adotar as estratégias instrucionais adequadas e o (re)conhecimento dos percursos (a)típicos de desenvolvimento ortográfico (e.g. Bahr *et al.*, 2012). É de sublinhar que o conhecimento ortográfico nos primeiros anos de escolarização constitui um preditor importante do desenvolvimento da ortografia durante a escolaridade (Johnels *et al.*, 2024).

No caso do português europeu, existem já reflexões sobre a promoção da ortografia (e.g. Alves Martins, 2021), bem como pesquisas que exploram as relações entre a aquisição fonológica e o desenvolvimento ortográfico (e.g. Costa *et al.*, 2021; Rodrigues & Lourenço-Gomes, 2021) e estudos longitudinais que avaliam a ocorrência de diferentes tipos de erros (e.g. Horta Vasconcelos & Alves Martins, 2009). No entanto, será relevante alargar o número de dados analisados e usar uma categorização que permita distinguir todos os tipos de erros, mostrando a sua natureza, e seja relativamente fácil de usar por parte dos professores. Após diversas propostas para o português, Baptista *et al.* (2011) criaram uma bastante abrangente e adequada, que será adotada, com ligeiras adaptações, neste projeto.

Assim, este estudo-piloto tem três questões de investigação: (1) quais são os erros ortográficos mais comuns nos 2.º e 4.º anos; (2) por que motivo(s) esses erros são predominantes; (3) quais são os padrões de desenvolvimento ortográfico em alunos com alto e baixo desempenho.

Para responder a estas questões, analisámos um total de 40 textos escritos do corpus EFFE-On (Rodrigues *et al.*, 2015): 4 textos (um narrativo e um descritivo escritos no 2.º ano e igualmente um narrativo e um descritivo escritos no 4.º) elaborados por cada um de 10 alunos (todos falantes nativos do Português de Lisboa, sem problemas de audição ou de linguagem e filhos de pais licenciados). Para a análise dos erros ortográficos, utilizámos a categorização proposta por Baptista *et al.* (2011) com ligeiras adaptações: transcrição de oralidade incorreta (ex. **dromir*); segmentação de palavras (ex. **derrepente*); maiúsculas e minúsculas (ex. **lisboa*); translineação (ex. **ma-ssa*); acentuação gráfica (ex. **clinica*); regras ortográficas básicas (ex. **brato*); regras ortográficas contextuais (**ponba*); regras ortográficas de base morfológica (ex. **iram*); ortografias irregulares (ex. **jente*). Calcularam-se as proporções de cada tipo de erro por número total de palavras e avaliaram-se os resultados em termos de grupo (2.º ou 4.º ano) e também a nível individual (nomeadamente comparando os resultados dos alunos com melhor desempenho com os alunos de desempenho mais baixo).

Os erros ortográficos mais comuns nos 2.º e 4.º anos pertencem às categorias de acentuação gráfica e ortografia irregular, mas no 2.º ano também existem bastantes erros relacionados com regras ortográficas básicas e contextuais. Enquanto os alunos com melhor desempenho apresentam mais dificuldades na acentuação gráfica e na ortografia irregular, os alunos com um desempenho mais baixo revelam também outros erros e nenhuma melhoria na ortografia irregular do 2.º ao 4.º ano. As possíveis motivações para estes erros, as implicações educacionais dos resultados e as próximas etapas do projeto são discutidas.

Palavras-chave: ortografia, desenvolvimento da ortografia, categorização de erros ortográficos, 1.º ciclo do ensino básico, estudo longitudinal

	Transcrição de oralidade e incorretas	Segmentação de palavras	Maiúsculas e minúsculas	Translitteração	Acentuação gráfica	Regras ortográficas básicas	Regras ortográficas contextuais	Regras ortográficas de base morfológica	Ortografias irregulares	Total
2.º ano	1,0%	2,0%	0,0%	0,0%	6,0%	3,0%	4,0%	2,0%	7,0%	25,0%
4.º ano	0,2%	0,5%	0,3%	0,0%	1,5%	0,5%	0,4%	0,2%	1,4%	5,0%

Tabela 1: Tipos de erros ortográficos (proporção de erros relativa ao total de palavras)

Referências

- Alves Martins, M. (2021). Aprendizagem da Ortografia. In R. A. Alves & I. Leite (Eds.), *Alfabetização Baseada na Ciência: Manual do Curso ABC*. Ministério da Educação do Brasil.
- Bahr R. H., Silliman E. R., Berninger V. W., Dow M. (2012). Linguistic pattern analysis of misspellings of typically developing writers in grades 1-9. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 55(6), 1587-1599. <https://pubs.asha.org/doi/10.1044/1092-4388%282012/10-0335%29>
- Baptista, A., Viana, F., & Barbeiro, L. (2011). *O Ensino da Escrita: Dimensões Gráfica e Ortográfica*. Ministério da Educação.
- Costa, T., Rodrigues, C., & Freitas, M. J. (2021). Consoantes (não) soantes em final de palavra: dados da escrita de crianças portuguesas. *Linguagem & Ensino*, 24(4), 843-867. <https://doi.org/10.15210/rle.v24i4.21206>
- Johnels, J. A., Waldmann, C., & Levlin, M. (2024). Tracing the longitudinal role of orthographic knowledge in spelling development from primary to upper-secondary school. *Journal of Research in Reading*, 1-15. <https://doi.org/10.1111/1467-9817.12443>
- Rodrigues, C., Lourenço-Gomes, M. C., Alves, I., Janssen, M., & Gomes, I. L. (2015). *EFFE-On - Escreves como falas - Falas como escreves? (Online corpus of writing and speech of children in the early years of schooling)*. CLUL. <http://teitok.clul.ul.pt/effe/pt/index.php?action=home>
- Vasconcelos Horta, I., & Alves Martins, M. (2009). Orthographic Performances in a Portuguese Primary School: A Longitudinal Study in Third and Fourth Grades. *L1 – Educational Studies in Language and Literature*, 9(4), 43-61.

Campanhas eleitorais em redes sociais: um olhar (ciber)pragmático¹²

Enio Soares & Alexandra Guedes Pinto

A crescente utilização de redes sociais em campanhas eleitorais tem estado na base de pesquisas científicas em diversas áreas, de entre as quais a Linguística. Procuramos, nesta proposta, contribuir para a compreensão deste fenómeno, com uma investigação que tem por objeto mensagens publicadas em páginas de redes sociais de candidatos presidenciais, analisando a sua composição e o seu funcionamento numa perspetiva enunciativa e (ciber)pragmática (Benveniste, (1966)1986; Kerbrat-Orecchioni, 1980; Searle, 1976; Levinson, 1989; Yus, 2001). Sustentamo-nos, ainda, nos estudos e conceitos de Bosseta (2019) e Paveau (2021), considerando a influência da arquitetura das redes sociais na co-construção de tecnodiscursos (Análise do Discurso Digital), com composições características, maioritariamente multimodais. Por isso, apoiamo-nos nos conceitos de modo e multimodalidade, conforme Adami (2017) e Bezemer e Jewitt (2010).

Propusemo-nos analisar como a composição de mensagens no ambiente digital influencia os processos de identificação e descrição da intenção comunicativa dos enunciados, considerando as correlações entre elementos específicos destes enunciados e as marcas prototípicas dos atos ilocutórios bem como do recorte do locutor e do alocutário no discurso.

Do ponto de vista metodológico, analisamos dez publicações, das páginas oficiais do Facebook de Jair Bolsonaro e Fernando Haddad (presidenciais brasileiras de 2018), e Ana Gomes e André Ventura (presidenciais portuguesas de 2021), com o intuito de realizar uma comparação entre as estratégias discursivas de candidatos em franca oposição, em dois contextos lusófonos. A escolha das mensagens seguiu os seguintes critérios: 1) terem sido publicadas dentro do intervalo temporal de campanha oficial (de 8 a 27 de outubro de 2018, no Brasil – segunda volta; de 26 de dezembro de 2020 a 23 de janeiro de 2021, em Portugal); 2) apresentarem o maior número de modos semióticos na sua composição.

Foi realizada, por um lado, uma análise quantitativa sobre os modos semióticos utilizados (imagens estáticas, *hashtags*, vídeos, *hiperlinks* e *emojis*); por outro lado, desenvolvemos uma análise qualitativa sobre as implicações da multimodalidade na identificação e descrição dos atos ilocutórios, assim como sobre certas categorias linguísticas de construção da subjetividade e intersubjetividade. Sendo certo que a construção das imagens do locutor e alocutário e de uma interrelação entre os dois decorre de várias estratégias discursivas, focamo-nos na análise dos marcadores enunciativos de pessoa, nomeadamente nos que identificam o *eu* e o *tu*, enquanto escolhas que assinalam estratégias de comunicação relevantes no discurso político.

Os resultados apontam que as composições variam de acordo com as estratégias de cada candidato, havendo uma predileção pela utilização de imagens estáticas e vídeos a acompanhar os textos verbais escritos. Destacaram-se algumas semelhanças nas composições dos candidatos à esquerda (Ana

Gomes e Fernando Haddad) e à direita (André Ventura e Jair Bolsonaro), em que os primeiros valem-se da apresentação de textos verbais centrados nas suas próprias qualidades e na sua relação com o público, acompanhados por *hashtags* padronizadas, enquanto os segundos apostam em mensagens de autodefesa face a supostas acusações, valendo-se, também, de emojis para expressar ironia ou nacionalismo.

¹²Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00022/2020. Uma parte do mesmo está também integrado num projeto de investigação de doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) referência UI/BD/153393/2022.

No contexto brasileiro, é mais comum as publicações fazerem referência direta aos oponentes, diferentemente do contexto português. Em termos dos marcadores enunciativos de pessoa, as diferenças assinalam ora uma presença assumida do locutor no discurso, a partir do uso do *eu*, ora uma presença diluída, a partir do uso do *nós* (cuja instabilidade referencial é também digna de nota) (Marques, 2014; Pinto, 2013; Pinto, Pinho e Teixeira, 2017). No caso dos candidatos portugueses, são relevantes as formas do tratamento do alocutário, que oscilam entre a 3ªp./s. e a 2ªp./s., recortando audiências-alvo marcadamente diferentes. Podemos, ainda, afirmar que a multimodalidade é explorada para reforçar, ou mesmo explicitar, a intencionalidade das publicações (Levinson, 1989; Yus, 2001), funções prototipicamente desempenhadas, dentro dos conteúdos multimodais, por formas verbais, expressões volitivas, exclamativas, qualificativas, entre outras marcas linguísticas.

Palavras-chave: Análise do discurso. Enunciação. Pragmática. Discurso político. Redes sociais.

Referências

- Adami, E. (2017). Multimodality. In O. García, N. Flores, & M. Spotti (eds.), *Oxford Handbook of Language and Society* (pp. 451-472). Oxford University Press.
- Benveniste, É. ((1966) 1986). L'homme dans la langue in *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, *O Homem na linguagem* (tradução portuguesa Maria Alzira Seixo). Vega Editora.
- Bezemer, J., & Jewitt, C. (2010). *Multimodality: A Guide for Linguists*. In L. Litosseliti (Ed.), *Research Methods in Linguistics* (2nd ed, pp.180-197). Continuum.
- Bossetta, M. (2019). *The Digital Architectures of Social Media: Platforms and Participation in Contemporary Politics*. [Doctoral Thesis (compilation), University of Copenhagen]. Department of Political Science, University of Copenhagen. Disponível em: https://lucris.lub.lu.se/ws/portalfiles/portal/85420281/Michael_Bossetta_PhD_thesis_2019.pdf.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1980). *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Armand Colin.
- Levinson, S. C. (1989). *Pragmática*. Barcelona: Editorial Teide.
- Marques, M. A. (2014). Palavra de Presidente: construção da autoridade nos discursos de Abril. *forma breve* 11, Universidade de Aveiro, 297-311. <https://doi.org/10.34624/fb.v0i11.5416>
- Paveau, M-A. (2021). *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*. COSTA, Julia Lourenço Costa; BARONAS, Roberto Leiser (Orgs.). São Paulo: Pontes Editores.
- Pinto, A. (2013). Marcas de dialogismo e polifonia nos manifestos políticos das presidenciais de 2011. *Estudos Linguísticos - Linguistic Studies*. Colibri, 8, 195-212.
- Pinto, A.G., Pinho, C.A. & Teixeira, J. (2017). Polarização e construção da força discursiva em manifestos políticos: o caso das presidenciais portuguesas de 2016. *Linha d'água*. USP, 30 (1), 35-68. doi:10.11606/issn.2236-4242.v30i1p35-68
- Searle, J. (1976). *A classification of illocutionary acts*. Cambridge: Cambridge University Press. Yus, F. (2001), *Ciberpragmática: El uso del lenguaje en Internet*. Barcelona: Ariel.

“O arguido é um cidadão pacato”:

uma análise linguística sobre a (des)construção da identidade do agressor em decisões jurídicas

Bin Wang, Ana Sofia Meneses-Silva, Ana Sofia Ferreira, Viviane Costa & Rui Sousa-Silva

De acordo com o relatório anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), 12398 mulheres foram vítimas de violência doméstica em Portugal, só no ano de 2023 - sendo este o crime mais denunciado e aquele que faz mais vítimas de homicídio no país. Contudo, conforme apontam diversos estudos, na formulação linguística dos argumentos invocados pelos juízes em decisões judiciais em casos de violência contra as mulheres existe uma tendência para responsabilizar a vítima e desculpabilizar o agressor pela violência exercida sobre as vítimas (e.g. Pinto, 2021; Bogoch, 2007; Randall, 2004, Figueiredo, 2002). Neste contexto, o presente estudo visa investigar as estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelos profissionais de Justiça (advogados e juízes) na (des)construção da identidade do agressor. Partindo do pressuposto de que a linguagem é um elemento da vida social, inseparável da relação entre ideologia e poder (Fairclough, 1989, 1995) e de que as práticas legais, também elas discursivas, são capazes de controlar os comportamentos sociais, pretende-se investigar se (1) as escolhas lexicais (como, por exemplo, adjetivos qualificativos e advérbios de modo) e sintáticas (construções passivas e utilização marcada da negativa) dos agentes de Justiça contribuem para mitigar, tipicamente, a identidade do agressor/arguido e o seu comportamento, e, em caso afirmativo, (2) identificar quais as características linguísticas (por exemplo, mecanismos de atenuação e de intensificação) que contribuem para esta mesma representação no discurso jurídico. Para a realização deste estudo, que se enquadra metodologicamente nos estudos de Linguística Forense (Coulthard, Johnson & Sousa-Silva, 2021) e de Análise Crítica do Discurso recolhemos 40 acórdãos de crimes de violência doméstica de diferentes Tribunais da Relação (TR) portugueses, publicados entre 2010 e 2023. Os resultados preliminares da análise revelam que os recursos linguísticos utilizados pelos agentes de Justiça não só contribuem para atenuar a identidade do agressor como criminoso perante os tribunais e a sociedade (usando formulações como “O arguido é um empresário de enorme sucesso”, TR Lisboa), como também contribuem para a desvalorização da gravidade das suas infrações (através de enunciados como “Não se pode dizer que uma pessoa embriagada está “consciente” dos actos que está a praticar enquanto os pratica”, TR Porto). Esta análise revela, ainda, que a prática jurídica atual tende a recorrer a uma avaliação de fatores de risco, como o consumo de álcool (“O álcool é uma adição que condiciona todas as vertentes da vida do seu adito”, TR Porto) e o contexto socioeconómico (“O arguido encontra-se profissional[mente] inserido.”, TR Évora) bem como a tecer considerações sobre o contexto religioso (“O arguido DD e a vítima AA casaram catolicamente (...)”, TR Porto) para desvalorizar os comportamentos violentos do agressor (Ferreira & Sousa-Silva, 2020). Esta apresentação termina com uma discussão de como as características linguísticas estimulam e, inclusivamente, reforçam juízos de valor sobre comportamentos socialmente preconcebidos, aprofundando, ainda mais, práticas discursivas lesivas para as vítimas. Por fim, questiona-se o conceito de verdadeiro agressor com base na linguagem utilizada nas práticas jurídicas.

Palavras-chave: Linguística Forense, Análise Crítica do Discurso, violência doméstica, acórdãos jurídicos

Referências

- APAV. (2024). *Estatísticas APAV - Relatório Anual 2023*. Lisboa, Portugal: APAV.
- Bogoch, B. (2007). The Victim as ‘Other’: Analysis of the Language of Acquittal Decisions in Sexual Offences in the Israeli Supreme Court. In J. Cotterill (Ed.), *The Language of Sexual Crime* (pp. 159 - 179). New York: Palgrave Macmillan.
- Coulthard, M., May, A. & Sousa-Silva, R. (Eds.) (2021). *The Routledge Handbook of Forensic Linguistics*. (2nd ed.). Routledge.
- Fairclough, N. (1989). *Language and power*. Harlow: Longman.
- Fairclough, N. (2003). *Analysing Discourse: Textual analysis for social research*. Londres: Routledge.
- Ferreira, A. S., & Sousa-Silva, R. (2020). Da “intimidação intencional” aos “ciúmes excessivos”: uma análise linguística forense das Fichas de Avaliação de Risco. *Language and Law / Linguagem E Direito*, 6(2), 65–89. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/LLLD/article/view/6677>
- Figueiredo, D. (2002). Vítimas e vilãs, “monstros” e “desesperados”. Como o discurso judicial representa os participantes de um crime de estupro. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, n. 1, p. 135-155.
- Pinto, M. A. (2021). A construção da identidade da mulher num acórdão sobre violência doméstica. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, N.º Especial*, 27–46.
- Randall, M. (2004). Domestic Violence and the Construction of “Ideal Victims”: Assaulted Women’s “Image Problems” in Law, *Saint Louis University Public Law Review*. 23 (1), Article 8. Available at: <https://scholarship.law.slu.edu/plr/vol23/iss1/8>

“Boa tarde, eu precisava da VMER, eu acho que ele hum... já está sem vida, ok?”: Mecanismos de regulação da força ilocutória na interação contactante-operador em chamadas de emergência

Ana Sofia Meneses-Silva, Rui Sousa-Silva & Isabel Duarte

As chamadas de emergência (CE) são um discurso institucional (Heritage & Clayman, 2010, p. 67) cujos participantes têm papéis interlocutivos muito bem definidos, seguindo uma organização estrutural prototípica e, sobretudo, protocolar, em que, num curto espaço de tempo, o/a operador/a (OP) tenta obter a informação necessária para responder à emergência o mais depressa possível (Raymond & Zimmerman, 2007, p. 35). Partindo do princípio de que os vários recursos linguístico-discursivos utilizados quer pelo OP, para obter informações úteis na tomada de decisão, quer pelo contactante (CT), na satisfação do seu pedido, desempenham um papel fundamental na manutenção da ordem interacional (Goffman, 1983), este estudo visa (1) analisar quais os mecanismos de regulação da força ilocutória mais recorrentes nas interações contactante-operador (CT-OP), (2) identificar quais destes mecanismos intensificam ou mitigam os enunciados e (3) descrever qual o seu objetivo comunicativo tendo em conta os papéis interlocutivos. Para tal, foi analisado um *corpus* de 30 CE autênticas efetuadas para um corpo de bombeiros em Portugal em 2023. Estas CE foram submetidas a uma análise qualitativa à luz de princípios teórico-metodológicos da Pragmática e da Análise da Conversação, representando um recorte de uma investigação inserida no âmbito da Linguística Forense, pois o estudo de CE constitui uma das suas preocupações (Coulthard & Johnson, 2007; Drew & Walker, 2021). Os resultados revelam uma frequente utilização de mecanismos que atenuam o pedido de assistência do CT, recorrendo a usos de modalizadores de tempos verbais, expressões epistémicas com valor de dúvida e probabilidade e construções explicativas que apresentam uma justificação do ato de fala diretivo. Na direção oposta, mas contribuindo para a mesma finalidade comunicativa, verifica-se a presença de quantificadores, adjetivos e advérbios de modo e no grau superlativo, que contribuem para intensificar e reforçar a descrição e/ou a narrativa que o CT faz da emergência em que se encontra. Nos turnos do OP, observa-se uma forte tendência para a atenuação de atos diretivos, através de *hedges*, protetores da face (Brown & Levinson, 1987), como diminutivos, com efeito tranquilizador e de elo afetivo, *perguntas-tag*/interrogativas de confirmação, que procuram o envolvimento do interlocutor ou minimizam discordâncias, e um conjunto de fenómenos verbais ritualizados, como atos compromissivos e diretivos seguidos de expressões concessivas. Conclui-se, ainda, que a presença de *backchannels*, mais especificamente, *continuers* (Schegloff, 1982), marcadores discursivos com uso polifuncional como “portanto”, “pronto” e “olhe”, e até formas de tratamento (“minha senhora”), previne possíveis danos na imagem do Outro (Briz & Albelda, 2013). Por fim, discute-se o papel que todos estes mecanismos desempenham na instauração de uma relação de empatia e solidariedade entre os interlocutores, que se afigura relevante neste contexto pela quantidade de emoção e histeria que as CE comportam (Whalen & Zimmerman, 1998).

Referências

Briz, A., & Albelda, M. (2013). Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto común (ES.POR.ATENUACIÓN). *Onomázein Revista de lingüística, filología y traducción*, 28, 288–319. <https://doi.org/10.7764/onomazein.28.21>

- Brown, P., & Levinson, S. C. (1987). *Politeness. Some Universals in Language Usage*. Cambridge University Press.
- Coulthard, M., & Johnson, A. (2007). *An introduction to forensic linguistics: Language in evidence*. Routledge.
- Drew, P., & Walker, T. (2021). Citizens' emergency calls: Requesting assistance in calls to the police. Em M. Coulthard, A. May, & R. Sousa-Silva (Eds.), *The Routledge handbook of forensic linguistics* (Second edition, pp. 95–110). Routledge.
- Goffman, E. (1983). The Interaction Order: American Sociological Association, 1982 Presidential Address. *American Sociological Review*, 48(1), 1.
- Heritage, J., & Clayman, S. (2010). *Talk in action: Interactions, identities, and institutions*. Wiley-Blackwell.
- Raymond, G., & Zimmerman, D. H. (2007). Rights and Responsibilities in Calls for Help: The Case of the Mountain Glade Fire. *Research on Language & Social Interaction*, 40(1), 33–61.
- Schegloff, E. A. (1982). Discourse as an interactional achievement: Some uses of 'uh huh' and other things that come between sentences. Em D. Tannen (Ed.), *Analyzing Discourse: Text and Talk* (pp. 71–93). Georgetown University Press.
- Whalen, J., & Zimmerman, D. H. (1998). Observations on the Display and Management of Emotion in Naturally Occurring Activities: The Case of «Hysteria» in Calls to 9-1-1. *Social Psychology Quarterly*, 61(2), 141.

O plano de texto como instrumento de aquisição e desenvolvimento de competências de escrita: reflexões e perspectivas didáticas

Rute Rosa

Articulando os pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), a Linguística Textual e os princípios da Didática dos Géneros, esta proposta procura evidenciar o contributo da noção de plano de texto como instrumento de aquisição e desenvolvimento de competências de escrita.

O plano de texto integra um dos instrumentos de análise do ISD, o modelo da arquitetura interna dos textos, é responsável pela organização global do texto e corresponde à “organização de conjunto do conteúdo temático” (Bronckart, 1999, p. 120). Inscrevendo-se na componente composicional, segundo a proposta de Adam (2001), o plano de texto corresponde a uma das propriedades centrais dos géneros, sendo uma das que mais contribui para a identificação e a caracterização de um dado género (Adam 2002; Silva, 2016; Silva & Rosa, 2019). Conforme atestam os principais documentos curriculares de referência para o ensino de Português no Ensino Básico e Secundário, o domínio das propriedades de diferentes géneros de texto é transversal a todo o percurso de ensino-aprendizagem da disciplina de Português (Aprendizagens Essenciais, 2018). Segundo Schneuwly e Dolz (2004), o recurso aos géneros de texto no âmbito do ensino possibilita o domínio do género, bem como o desenvolvimento de competências que o ultrapassam, promovendo a apropriação das práticas comunicativas em uso em diferentes atividades sociais, constituindo, por isso, como sublinha Coutinho (2014), um “fator facilitador, tanto na perspetiva da produção como na da interpretação.”. Nesta perspetiva, a apropriação das características do plano de texto de diferentes géneros é fundamental para a aquisição e desenvolvimento de competências de escrita nos diferentes níveis de ensino. No entanto, há necessidade de aprofundar esta noção, identificando os elementos que devem ser contemplados na descrição do plano de texto, e de desenvolver instrumentos que facultem a apropriação de planos de diferentes géneros, tendo em vista a aquisição e desenvolvimento de competências ao nível do domínio da escrita.

Neste sentido, o objetivo desta comunicação é, por um lado, refletir acerca do plano de texto dos géneros texto de opinião e apreciação crítica, através da identificação e sistematização das suas propriedades e, por outro, demonstrar o seu contributo para a aquisição e desenvolvimento de competências de escrita no Ensino Secundário. Para tal, num primeiro momento, apresenta-se uma análise textual descritiva, de carácter exploratório, de um *corpus* constituído por oito textos escritos do português europeu, quatro exemplares de cada género. Em termos metodológicos, privilegiando uma análise descendente (Voloshinov, [1929]1977), contemplamos a interação das atividades e géneros e os parâmetros do contexto de produção dos textos, seguindo-se a análise do plano de texto: distribuição dos conteúdos e segmentação; mecanismos de organização textual; grau de convencionalidade (Rosa *et al.*, 2018; Rosa, 2020). Num segundo momento, apresentam-se os modelos didáticos dos géneros, nos quais consideramos duas dimensões – dimensão contextual e social e a dimensão composicional. Na primeira, destacamos os aspetos sociais e situacionais dos géneros passíveis de ser ensinados. Na segunda, consideramos o plano de texto, tendo em conta os múltiplos fatores que o determinam. Por fim, conclui-se que a aplicação do plano de texto como instrumento de aquisição de competências de escrita deverá ser articulada com a identificação das propriedades contextuais dos textos e sociais dos géneros.

Palavras-chave: géneros de texto; plano de texto; didática dos géneros; ensino da escrita.

Referências

- Adam, J.-M. (2001). En finir avec les types de texts. In: Ballabriga, Michel. (Org.). *Analyse des discours. Types et genres: communication et interpretation*. Toulouse: EUS: 25-43.
- Adam, J.-M. (2002). Plan de texte. In: Charaudeau, Patrick; Maingueneau, Dominique. (Eds.). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil: 433-434.
- Bronckart, J.-P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC (1ª ed. Delachaux et Niestlé, 1997).
- Coutinho, M. A. (2014). Géneros de texto – Noção teórica e ferramenta didática. *Conferência Formação de Professores de Português, Programa e Metas, Português, Ensino Secundário*, Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Formacao/es_conf_generos_texto_ac.pdf
- Rosa, R. et al. (2018). Organizadores textuais e plano de texto: a forma “e”. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística 4*: 240-253. Disponível em: <https://ojs.apl.pt/index.php/rapl/article/view/43>
- Rosa, R. (2020). *A noção de padrão discursivo: textos e géneros em análise*. Tese de Doutoramento em Linguística. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/97668>
- Schneuwly, B. & Dolz, J. (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de G. S. Cordeiro e R. Rojo. Campinas: Mercado das Letras.
- Silva, P. N. da. (2016). Género, conteúdos e segmentação: em busca do plano de texto. *Diacrítica*. 30/1: 181-224. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/11891>
- Documentos orientadores
- Aprendizagens Essenciais - Ensino Secundário* (2018). Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-secundario>

A interação verbal para o ensino da gramática

Célia Barbeiro & Luís Filipe Barbeiro

A presente comunicação insere-se no âmbito da Linguística aplicada à Educação, tomando como enquadramento a perspetiva da Sociolinguística Interacional (Almeida, 2012; Gumperz, 2002; Jaspers, 2023; Schiffrin, 1996; Toomaneejinda & Saengboon, 2022). Tem como objetivo analisar estratégias discursivas que ocorrem nas interações verbais de professores e alunos do 2.º ciclo do ensino básico, no âmbito do ensino-aprendizagem da disciplina de Português. O propósito é mobilizar os modelos referidos no sentido de contribuir para o conhecimento das interações que ocorrem nesse contexto. A ação desempenhada pela escola fica enriquecida com os resultados de estudos em diferentes domínios que possam orientar a implementação de estratégias a adotar e que definam as características dos recursos didáticos e pedagógicos a serem utilizados.

Metodologicamente, para o estudo das estratégias discursivas postas em prática no processo de ensino-aprendizagem, procedeu-se ao registo vídeo ou áudio, de um conjunto alargado de aulas, na disciplina de Português, no 5.º ano de escolaridade. Esses registos foram objeto de transcrição, tendo dado origem a um *corpus* de interação verbal respeitante a 36 aulas (Barbeiro, 2017). Constitui o foco específico da presente comunicação a interação verbal entre professor e alunos, posta em prática no tratamento do conhecimento gramatical. A análise incidiu nas aulas ou partes de aulas dedicadas especificamente ao ensino-aprendizagem de conteúdos gramaticais e também nas sequências em que ocorre a ativação do conhecimento gramatical, ainda que integradas em aulas predominantemente dedicadas a outros domínios, nomeadamente à leitura e à escrita. Adotou-se uma perspetiva qualitativa de análise, que tomou como base a identificação de estratégias, dando relevo, no contexto pedagógico, à observação do envolvimento dos alunos e ao estabelecimento de relações entre domínios de ensino-aprendizagem. No que respeita às estratégias, a análise qualitativa tomou como ponto de referência a caracterização do discurso gramatical como “fechado”, caracterização retomada de Sousa (1993), e procurou movimentos de abertura em várias direções: o aluno, o discurso sobre a língua, os outros domínios de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento de competências linguísticas.

Os resultados mostram que a interação conjuga a vertente “fechada” do discurso gramatical, com a abertura que a construção ou apropriação pessoal do conhecimento por parte dos alunos implica. O caráter “fechado” do conhecimento gramatical torna-o pré-existente no manual ou no professor e independente face ao aluno, sendo o seu domínio suscetível de verificação e de avaliação. Nos resultados, associadas a este caráter “fechado”, emergem as sequências baseadas no formato que corresponde à apresentação de uma pergunta explícita ou implícita relativa ao conhecimento gramatical declarativo ou classificativo, seguido da resposta por parte do aluno e da avaliação pelo professor — o modelo triádico I-R-F, na formalização de Sinclair e Coulthard (1978). Os resultados revelam que as estratégias para a construção do conhecimento gramatical vão para além deste caráter fechado e deste modelo e ativam movimentos de abertura, de que se destacam: i) os alunos são também tomados como fonte de conhecimento ao serem solicitados a recordar o que já aprenderam em anos anteriores; ii) a partir do manual ou da explicitação do professor, os alunos são convidados a contribuir para o conhecimento por meio dos seus próprios exemplos; iii) as propriedades e relações do conhecimento gramatical, designadamente os termos metalinguísticos que lhes correspondem,

são objeto de explicitação que se abre para além dos próprios termos, procurando ser mais próxima e transparente para os alunos e, por vezes, solicitando a sua contribuição; iv) o conhecimento gramatical é ativado noutras aulas que não as dedicadas especificamente aos conteúdos gramaticais — esta estratégia emerge na explicitação de recursos que são salientes num texto e também em atividades que incidem sobre unidades linguísticas, como acontece com a atividade de Leitura Detalhada do programa *Reading to Learn* (Rose & Martin, 2012) posta em prática em algumas aulas, ou com a atividade de Reescrita Conjunta, do mesmo programa, que envolve a escolha entre diferentes possibilidades de formulação linguística.

As estratégias indicadas assentam em interação que não se restringe ao formato I-R-F, focado no conhecimento gramatical declarativo e classificativo. A tomada de consciência da presença e do potencial desta variedade de estratégias abre possibilidades para a consolidação do conhecimento gramatical e para a sua ativação em ligação à aprendizagem dos outros domínios.

Referências

- Barbeiro, C. (2017). *As práticas discursivas nas interações verbais em contexto pedagógico – Contributos da Sociolinguística Interacional para o estudo do discurso na aula de Português*. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade Aberta.
- Almeida, C. A. (2012). *A Construção da Ordem Interaccional na Rádio: Contributos para uma análise linguística do discurso em interações verbais*. Edições Afrontamento.
- Gumperz, J. J. (2002). *Discourse strategies*. Cambridge University Press.
- Jaspers, J. (2023). Interactional Sociolinguistics and discourse analysis. In M. Handford, & J. P. Gee (Eds), *The Routledge handbook of discourse analysis* (2nd ed., pp. 85-97). Routledge.
- Rose, D., & Martin, J.R. (2012). *Learning to write, reading to learn: Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Equinox.
- Schiffrin, D. (1996). Interactional Sociolinguistics. In S. McKay, & N. Hornberger (Eds.), *Sociolinguistics and Language Teaching* (pp. 307-328). Cambridge University Press.
- Sinclair, J., & Coulthard, R. (1978). *Towards an analysis of discourse: The English used by teachers and pupils*. Oxford University Press.
- Sousa, M. (1993). *A interpretação de textos nas aulas de Português*. Edições ASA.
- Toomaneejinda, A., & Saengboon, S. (2022). Interactional sociolinguistics: The theoretical framework and methodological approach to ELF interaction research. *LEARN Journal: Language Education and Acquisition Research Network*, 15(1), 156-179.

Verbos de comando de testes digitais de Português – frequência, processos cognitivos e especificidades do formato eletrónico

Ricardo Cruz

Este estudo consiste numa análise dos verbos de comando dos testes interativos digitais de manuais escolares de Português, do 11.º ano, dos cursos científico-humanísticos, em vigor no ano letivo de 2022/2023. Definido o *corpus*, analisar-se-ão os verbos de comando identificados, tendo em conta a sua distribuição pelos domínios das Aprendizagens Essenciais, documento curricular em vigor, no sistema educativo português. Os resultados permitirão caracterizar os verbos de comando presentes no *corpus*, apurando a sua frequência e categorizando-os, de acordo com processos cognitivos a eles associados, permitindo, assim, procurar uma correlação entre os verbos de comando predominantes neste ambiente de avaliação digital específico e a taxonomia de Bloom revista (Anderson *et al.*, 2001), tendo em conta, também os domínios das Aprendizagens Essenciais de Português – 11.º ano (Educação literária, Leitura, Gramática e Escrita). É expectável uma ocorrência de verbos de comando específicos do contexto digital, e uma influência dos instrumentos de avaliação externa (exames nacionais) nas tarefas presentes nos testes interativos e nos verbos de comando correspondentes. A área de conhecimento em que este estudo se insere é o da Linguística Educacional, em particular avaliação em L1, num contexto de avaliação eletrónica (*computer-based assessment* – CBA).

Palavras-chave: verbos de comando; avaliação didática; avaliação eletrónica.

Referências

- Amor, E. (2019). Avaliação e textualidade – contributos para a elaboração de dispositivos de construção e análise de instrumentos de avaliação. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 6, 1–12. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln6ano2019a1>
- Anderson, L. W., Krathwohl, D. R., Airasian, P. W., Cruikshank, K. A., Mayer, R. E., Pintrich, P. R., Raths, J., & Wittrock, M. C. (Eds.). (2001). *A taxonomy for learning, teaching, and assessing: A revision of Bloom's taxonomy of educational objectives*. Longman.
- Barbosa, J., & Neves, A. (2006). Fantasmas, Mitos e Ritos da Avaliação das Aprendizagens. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 219–235. https://doi.org/10.14195/1647-8614_40-3_9
- Csapó, B., Ainley, J., Bennett, R. E., Latour, T., & Law, N. (2012). Technological Issues for Computer-Based Assessment. Em P. Griffin, B. McGaw, & E. Care (Eds.), *Assessment and Teaching of 21st Century Skills* (pp. 143–230). Springer Netherlands. https://doi.org/10.1007/978-94-007-2324-5_4
- Duarte, I. M., Rodrigues, S. V., Machado, A. P., Guedes, M. M., & Toriz, M. H. (2016). *A escrita escolar para expressão de conhecimentos e aprendizagens: Um caso em estudo*. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/111344>
- Fernandes, D. (2019). Avaliações externas e aprendizagens dos alunos: Uma reflexão crítica. *Linhas Críticas*, 25, 644–660. <https://doi.org/10.26512/lc.v25i0.24579>
- IAVE - Instituto de Avaliação Educativa, I.P. (2023, 21 de abril). *Provas de aferição e exames – desmaterializar a avaliação externa – desafios e potencialidades* [Vídeo]. YouTube.

https://www.youtube.com/watch?v=s5_OM3Gb27c

Oliveira, J. M. G. de. (2022). *O conhecimento gramatical sobre mecanismos de coesão interfrásica e sobre a sua relação com verbos de comando na construção de respostas restritas na área da educação literária*. <https://hdl.handle.net/10216/143046>

Rodrigues, S. V., & Duarte, I. M. (2022). Avaliação do conhecimento explícito da língua: Verbos de comando de provas do Ensino Básico. *Tejuelo*, 35(2), 137–171. <https://doi.org/10.17398/1988-8430.35.2.137>

Rodrigues, S. V., Duarte, I. M., & Silvano, M. da P. (2018). *O verbo explicar em enunciados de testes de avaliação do ensino básico: Estudo de valores semânticos e pragmáticos*. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/119704>

A referência metalinguística no processo de escrita colaborativa

Luís Filipe Barbeiro & Célia Barbeiro

O processo de escrita é marcado por operações que incidem sobre unidades linguístico-textuais, que podem ser objeto de aceitação tal como foram formuladas de início ou de reformulação. A reformulação pode atuar por eliminação, adição, deslocamento e substituição de unidades de diferentes níveis estruturais (Barbeiro, 2019, 2023). Ao realizar estas operações, quem escreve está a explorar a linguagem, a posicionar-se sobre as escolhas por meio das quais vai construindo o texto. No caso da escrita colaborativa em interação direta entre os participantes (Lowry et al., 2004), a construção conjunta do texto, por meio da realização dessas operações e escolhas, pode ativar a dimensão da referência metalinguística, ou seja, a referência às próprias unidades linguístico-textuais que são objeto de decisão.

O presente estudo tem como objetivo analisar a referência metalinguística em processos de escrita colaborativa de alunos do ensino básico, de diferentes anos de escolaridade. A incidência em diferentes níveis de escolaridade tem como objetivo apreender uma eventual progressão quanto a ocorrência da referência metalinguística, aos mecanismos que ativa e aos termos metalinguísticos que emergem na interação.

A metodologia envolveu a recolha de dados relativos ao processo de escrita posto em prática por alunos do segundo, quarto, sexto e oitavo anos de escolaridade. Essa recolha foi realizada por meio do registo áudio e vídeo da construção em grupos de três participantes de um texto, correspondente ao género relato de visita. Os registos recolhidos foram posteriormente objeto de transcrição. O estudo apresentado incide sobre oito registos do processo de construção textual, em cada nível de escolaridade. A análise procedeu a: i) identificação das ocorrências de referência metalinguística; ii) categorização dos mecanismos discursivos ativados (dêixis e correferência, utilização metalinguística das palavras em foco, recurso a termos metalinguísticos); iii) domínios linguístico-textuais em que se integram os diferentes termos metalinguísticos; iv) levantamento da frequência dos diversos termos metalinguísticos.

Os resultados revelam que a referência metalinguística está amplamente presente na interação da escrita colaborativa e ativa os diversos mecanismos para a sua construção, com predominância em todos os níveis de escolaridade do recurso aos termos metalinguísticos. Em relação aos domínios em que estes se integram, predomina, globalmente, o domínio relativo à pontuação e sinais auxiliares da escrita, seguido dos domínios respeitantes à ortografia e à configuração gráfica. No domínio da ortografia, encontra-se uma progressão decrescente entre o segundo e os anos de escolaridade seguintes. Os termos do domínio gramatical (morfofossintaxe) estão também presentes, assim como os que se referem aos níveis supraoracionais (englobando termos relativos ao texto, género e discurso) (Martin & Rose, 2007). Estes últimos alcançam uma presença mais forte no sexto e oitavo anos de escolaridade. A preponderância do domínio relativo à pontuação pode ser associada à necessidade de assegurar, por meio da interação, que os registos escritos do texto por parte dos três elementos do grupo apresentassem os mesmos sinais de pontuação. De facto, na tarefa realizada, todos os participantes deveriam registar o texto em construção na folha de papel. Por contraste, na tarefa que serviu de base ao estudo de Barbeiro et al. (2022), desenvolvido com alunos do 2.º e do 4.º anos de escolaridade, a escrita colaborativa era realizada em pares, havendo um dos elementos que tinha a função específica de escrevente. Neste formato de tarefa, a pontuação não

alcança valores tão elevados. No domínio relativo ao texto, género e discurso, merece destaque o facto de a variedade de termos sofrer um alargamento relevante do segundo para o oitavo ano de escolaridade.

Os valores quantitativos de frequência, são reveladores da presença da referência metalinguística no processo de escrita. Uma outra dimensão surge como relevante, de forma específica: a ocorrência de episódios em que a referência metalinguística está associada à ativação de conhecimento e discussão, com vista à resolução de problemas e realização de escolhas ou tomada de decisão (Myhill, 2023). Esses episódios ocorrem nos diversos domínios e são reveladores da representação dos alunos em relação à língua e, particularmente, à escrita, quer para assegurar a correção, quer para construir o significado segundo diferentes escolhas discursivas disponibilizadas pela linguagem. Os resultados, designadamente por meio destes episódios, constituem fundamento para estratégias didático-pedagógicas que associem a reflexão metalinguística, realizada em ligação ao processo de escrita, à resolução de problemas linguísticos e à tomada de consciência do potencial significativo de diferentes escolhas linguístico-discursivas e gráficas.

Referências

- Barbeiro, L. (2019). Escrita: Tecer e esculpir o texto. *Letras de Hoje*, 54(2), 221-230.
- Barbeiro, L. (2023). A frase como mar de escolhas para aprender a escrever. In V. W. Pereira, L. F. Barbeiro, R. Guaresi, & K. Forneck (Org.), *Ensino da compreensão leitora e da produção escrita: Unidades linguísticas em interação com foco na frase* (pp. 60-85). Editora Fonema e Grafema.
- Barbeiro, L., Álvares Pereira, L., Calil E., & Cardoso, I. (2022). Termos metalinguísticos e operações de natureza gramatical na escrita colaborativa dos alunos do ensino básico. *Tejuelo*, 35(2), 45-76.
- Lowry, P. B., Curtis, A., & Lowry, M. R. (2004). Building a taxonomy and nomenclature of collaborative writing to improve interdisciplinary research and practice. *Journal of Business Communication*, 41(1), 66-99.
- Martin, J. R., & D. Rose (2007). *Working with discourse: Meaning beyond the clause*. Continuum.
- Myhill (2023). Grammar as a resource for developing metalinguistic understanding about writing. In A. Spinillo, & C. Sotomayor (Eds.), *Development of writing skills in children in diverse cultural contexts* (pp. 43-64). Springer.

Non-verbal predicate proforms: Category, case and ϕ -feature concord

Marcel den Dikken

The problem Throughout the Romance languages, a definite clitic serving as a pro-predicate for an adjectival or indefinite nominal predicate is insensitive to the category and ϕ -features of its antecedent and local subject, resisting CONCORD: (1–4); see (the references cited in) Déchaine & Wiltschko (2002), Espinal & Giusti (2023). This is remarkable in light of the obligatory ϕ -feature CONCORD with its antecedent when the clitic serves as an argument, and the robustness of ϕ -feature concord between a [+N] full predicate and its subject in Romance. Catalan adds two further twists: the pro-predicate in (4) can be either definite neuter *ho* or the partitive/indefinite clitic *en*; and definite predicates are replaceable with the ϕ -concordial clitics *el/la/els/les*. Relevant for an understanding of the ϕ -inflection of pro-predicates is that Hungarian (Uralic), which uses definite *az* ‘it’ as its proform, inflects *az* for plural number (the suffix *-k*) when it shows case concord with its antecedent, as in (5), but not when the pro-predicate differs from its antecedent in having dative case because it occurs in an agreeing infinitive (*lenni-ük* ‘be-3_{PL}’), as shown in (6).

pro-D~pro- ϕ French *l*-clitics can be used as pro-predicates (as in (1)) and as bound variables (*chaque homme pense que tout le monde l’aime* ‘every man thinks that everyone loves him’). Déchaine & Wiltschko (2002) take this to argue that French *l*-clitics are not pro-D elements (which, for them, can only be arguments and cannot be bound) but pro- ϕ elements. The fact that the *l*-clitics double as definite articles then leads them to conclude that French definite articles are not D-heads but heads of ϕ P — a conclusion they take to be confirmed by the expletive use of French articles: *Jean aime le vin* ‘(lit.) Jean loves the wine’ is ambiguous between a referential reading of *le vin* and a generic one (‘wine’). The Hungarian proform *az* (not discussed by Déchaine & Wiltschko) can likewise be used as a pro-predicate and as a bound variable; and like its French counterpart, the Hungarian definite article *a(z)* supports a generic reading in *János szereti a bort* ‘János loves the wine’. This suggests a treatment of Hungarian *az* as a pro- ϕ element. But if French *le* and Hungarian *az* are both pro- ϕ elements, how to explain the fact that the two, when they are used as pro-predicates, behave differently with respect to ϕ -feature concord?

ϕ -Concord Déchaine & Wiltschko’s (2002) pro- ϕ analysis, while sound for *argument* clitics, is unsuitable for the uses of Romance definite clitics as proforms for adjectival or indefinite nominal *predicates*: these clitics are pro-N elements, showing no ϕ -inflection and representing the smallest possible size a non-verbal predicate can be in Romance (cf. the ‘bare-NP’ predicates in (1–4)). Hungarian allows ‘bare-NP’ predicate nominals only if they are in the verbal modifier (ν M) position (7a), not if the subject of predication is focused (7b). The subject of copular sentences featuring an unfocused pro-predicate is inevitably focused, hence the pro-predicate of (5) must be larger than a pro-NP: minimally a pro- ϕ P, forcing number CONCORD with the subject.

Definiteness Catalan can use its pro- ϕ clitics *el/la/els/les* as pro-predicates when their antecedent is definite: a case of definiteness concord. Espinal & Giusti (2023) also take concord to be behind the fact that in Catalan, when a left-dislocated predicate is introduced by *de* ‘of’, the pro-predicate resumptive clitic can be partitive/indefinite *en*: (8). But implicating concord for *en* is problematic: the use of *en* does not require the presence of *de*, nor does the use of *de* exclude *ho*. Déchaine & Wiltschko’s (2002) treatment of French partitive/indefinite *en* as pro-N is in itself sufficient for Catalan (4), yielding free variation between the pro-N

predicate proforms *ho* and *en*. French *en* and Italian *ne*, ungrammatical in (1) and (2), can only serve as pro-predicates within a complex noun phrase: their licensing requires nominal functional structure in their local domain.

Case matters In Hungarian (6), the silent subject of the infinitive controls number AGREEMENT on the infinitive (*-ük*) analogously to number agreement in possessive nominals (*a pro*_{3PL} *könyv-ük*_{3PL} ‘their book’), via a syntactic Spec–Head relationship. Den Dikken (1999) argues that *pro* inside the structural core has a dative-marked associate, occurring either in the left periphery of the nominal or infinitival clause or outside it (9). This associate is not in a syntactic AGREEMENT relation with anything inside the infinitival clause; however, being dative rather than (unmarked) nominative, it is the more case-specific choice for controller of case CONCORD with the predicate nominal. The dative associate, structured as in (10), has its φ -features embedded too low in its structure to make them directly accessible to subject–predicate concord. The result, for the predicate of the infinitival clause in (6), is obligatory DAT case concord but lack of φ -concord.

Conclusion Déchaine & Wiltschko’s (2002) pro- φ analysis of French *le* needs to be amended for Romance pro-predicate definite clitics (treated here as pro-N), but is adequate for Hungarian *az*. Case and number in Hungarian (5–6) fall into place with an analysis of possessive nominals and inflected infinitives that features a peripheral dative KP that controls case concord but not φ -concord. The analysis affirms that a distinction is needed between AGREEMENT and CONCORD.

Examples

- (1) tu es belle/enseignante; tes filles *le/*la/*les* seront aussi (French)
 you are beautiful.F.SG/teacher.F.SG your daughters CL.M.SG/*F.SG/*PL will.be also
- (2) tu sei bella/maestra; *lo/*la/*le* saranno anche le tue figlie (Italian)
 you are beautiful.F.SG/teacher.F.SG CL.M.SG/*F.SG/*F.PL will.be also the your daughters
- (3) tu és bonita/professora; as tuas filhas *sê-lo/*la/*las-ã* também (Eu. Port.)
 you are beautiful.F.SG/teacher.F.SG the your daughters will.be-CL.M.SG/*F.SG/*PL too
- (4) tu ets bonica/mestra; les teves filles també *ho/*la/*les/en* seran (Catalan)
 you are beautiful.F.SG/teacher.F.SG your daughters also CL.N.SG/*F.SG/*F.PL/IND will.be
 ALL: ‘you_{SG} are beautiful/a teacher; your daughters will be, too’
- (5) *gyönyörű/tanár vagy; a lányaid is az-ok/*az* lesznek (Hungarian)
 beautiful/teacher you.are the daughter.PL.2SG also it-*(PL) will.be.3PL
 ‘you_{SG} are beautiful/a teacher; your daughters will be, too’
- (6) *az élelmiszerek nagyon drágák, de nem kell an-nak/??az-ok-nak* lenni-ük (Hungarian)
 the groceries are very expensive but not need it-(??PL)-DAT be-3PL
 ‘groceries are very expensive, but they don’t need to be’
- (7a) *ha [elnök]_{VM} lenne* (7b) *ha ő lenne ?*(az) elnök* (Hungarian)
 if president were.3SG if (s)_{HE} were.3SG the president
- (8) *(d’)alegres, les criatures ho/en* son (Catalan)
 of happy.PL the children CL.DEF/IND are
- (9) *Őnekik (...)* {*a könyv-ük/nem kell menni-ük*} (Hungarian)
 they.DAT.PL the book-3PL/not need go-3PL ‘their book / they don’t need to go’
- (10) [_{KP} K_[DAT] (...)] [_{φ P} φ [_{NP} N]]

References

Déchine & Wiltschko (2002): *LI*, <https://doi.org/10.1162/002438902760168554>

Den Dikken (1999): in *Crossing Boundaries*; Benjamins

Espinal & Giusti (2023): *Linguistics*, <https://doi.org/10.1515/ling-2022-0084>

Frases-*que* raiz em Português e Espanhol

Nádia Canceiro & Gabriela Matos

1. Objetivo: Várias línguas apresentam frases formalmente semelhantes a subordinadas em contextos não subordinados, designadas por insubordinadas desde Evans (2007). Neste trabalho, vamos confrontar as frases-*que* insubordinadas no espanhol peninsular e no português europeu (doravante, espanhol (Sp) e português (Pt)), para definir as suas propriedades discursivas e respetivas especificidades formais, prestando especial atenção às frases-*que* insubordinadas expressivas e de citação.

2. As orações insubordinadas e os seus valores

De acordo com Evans (2007), as orações insubordinadas têm três funções principais que podemos observar em exemplos do português e do espanhol. São usadas: (a) como expressões diretivas para dar ordens, fazer pedidos, avisos ou ameaças (1); (b) como expressões assertivas ou expressivas (1)-(2), que podem ocorrer em contextos associados a modalidade deôntica e de crença ou evidencialidade, como (4b), segundo Demonte & Soriano (2014); (c) como expressões de negação ou asserção contrastiva que sinalizam contextos discursivos (5). As frases-*que* insubordinadas em espanhol e português são produzidas em situações conversacionais de interação diferentes, mas padronizadas. Estas podem transmitir: (i) uma ordem, uma ameaça ou um pedido, em frases diretivas como (1); (ii) a atitude emotiva do falante, em enunciados expressivos como (2) (cf. Etxepare, 2014; Trotzke & Villalba, 2021); (iii) um desejo, em frases desiderativas como (3); (iv) um relato de um enunciado anterior, em frases de citação / discurso reportado (4); ou desacordo em relação a um enunciado anterior, como em (5):

- (1) a. *Que ninguém saia!* [Pt]
b. *¡Que te marches!* (Demonte & Soriano 2014) [Sp]
- (2) a. *Ai, que me estás a pisar!* [Pt]
b. *Eh, que me estás pisando!* (Etxepare 2014) [Sp]
- (3) a. *Que corra tudo bem!* [Pt]
b. *(Ojalá) que llueva café.* (Song, Juan Luis Guerra) (Demonte & Soriano 2014) [Sp]
- (4) a. *Era a Maria. Que tinha ganho a bolsa!* [Pt]
b. *(Oye,) que el Barça ha Ganado la Champions!* (Etxepare 2014) [Sp]
- (5) a. [A Maria disse ao Pedro para arrumar o quarto que partilha com o João]
Peter: *Que o arrume ele!* (Canceiro 2023) [Pt]
- b. [Duas amigas falam sobre o seu peso]
A: *he engordado* / B: *que yo no te veo más gorda.* cf. (Gras & Sansineña 2015) [Sp]

Do ponto de vista discursivo, as duas línguas comportam-se aparentemente da mesma forma. No entanto, as orações-*que* raiz têm uma ocorrência mais restrita em português, e propriedades pragmáticas e sintáticas que distinguem várias destas orações nas duas línguas. Com efeito, à exceção das frases diretivas e desiderativas (cf. (1a) e (3a)), todos os outros casos requerem uma expressão linguística explícita que precede a frase-*que*. Assim, a frase-*que* expressiva em (2a) e a frase-*que* de citação em (4a) em português

não são aceitáveis sem o material linguístico precedente. Sem este material, em (6) perde-se o valor emotivo e em (7) o sentido informativo das frases, e estas tornam-se anómalas.

(6) ??/**Que me estás a pisar!*

(7) ??/**Que ganhou a bolsa.*

Além disso, em português, a presença de uma expressão correspondente ao "Oye" (*Ouve*) espanhol não é suficiente para criar um contexto adequado para desencadear o valor de citação / discurso reportado:

(8) **Olha/Ouve, que ganhou a bolsa!*

3. Elipse ou licenciamento linguístico explícito

Assumimos que as frases-*que* insubordinadas em português são menos insubordinadas/independentes do que em espanhol. Propomos que, em português, estas derivam de (i) elipse (cf. Evans 2007) ou correspondem a (ii) orações-*que* finitas licenciadas por uma âncora linguística. As orações insubordinadas obtidas por elipse podem corresponder ao estágio II de Evans (2007), em que há elipse da oração principal, veja-se (9) e em que a insubordinada é um argumento complemento do verbo, ou ao estágio III, como em (10), em que o significado da adverbial pode ser inferido a partir do contexto linguístico prévio, já que há uma restrição à interpretação do material elidido. Admitimos, no entanto, que o material linguístico recuperado no exemplo (9) é inferido a partir contexto situacional/domínio pragmático (cf. Mithun, 2008; Cristofaro, 2016).

(9) ~~Desejo~~/~~Espero~~ *Que corra tudo bem!*

(10) A: *Podemos jantar às 8h?*

B: *Se chegares cedo.*

Contudo, casos como (2a) e (4a) não podem ser associados a nenhum dos estágios propostos por Evans (2007), pois precisam de uma âncora linguística para legitimar a sua ocorrência. Esta âncora pode ser material linguístico conexo que permite recuperar um verbo omitido, por exemplo *dizer*, como em (4a) e (11), uma interjeição (cf. (2a), (12)), ou um verbo perceptivo funcionando como interjeição, como em (13):

(11) *Era o pai. (~~Disse~~) Que está mesmo a chegar.* vs. ??*Que está mesmo a chegar.* (que de citação)

(12) *Ui! Que me magoei!* vs. **Que me magoei!* (que expressivo)

(13) *Olha, que te bato!* vs. **Que te bato!* (que diretivo)

4. A derivação sintática dos casos encabeçados por interjeições

Alónso-Cortés (1999) assume que as interjeições são palavras expressivas que indicam a força ilocutória principal de um enunciado. É a interjeição que dá à expressão que encabeça a sua força ilocutória expressiva (/exclamativa), como em (2), (12) e (13), em que a interjeição e a frase âncora são seguidas, respetivamente, por frases com um valor assertivo (2)-(3) ou diretivo (13).

Assim, elaborando sobre a proposta de Hill (2007), assumimos que estas frases são projeções de um Ato de Fala (*Speech Act*, SActP) expressivo, que seleciona ForceP, com diferentes valores ilocutórios, onde *que* ocorre em posição de Force⁰.

(14) [_{SActP} *Ai/Ui/Olha* [_{ForceP} [assertivo/diretivo] *que*]

5. Conclusões preliminares

As frases-*que* raiz em português são muito menos independentes do que em espanhol, já que estabelecem uma forte ligação com o complementador *que* regular que ocorre em construções encaixadas. Quanto ao seu valor discursivo, este é determinado principalmente pelo contexto situacional ou linguístico.

Palavras-chave: insubordinação, estrutura sintática, funções pragmáticas, português europeu, espanhol peninsular

Referências selecionadas

- Alonso-Cortés, A. (1999) Las construccions exclamativas. La Interjección y las exspressiones vocativas. *Gramática descriptiva de la Lengua Española*, 3. Edited by Bosque & V. Demonte. Madrid: Editorial Espasa.3993-4050.
- Canceiro, N. (2023) *Construções de mas em estruturas corretivas e de negação de expectativas*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Cristofaro, S. (2016) Routes to insubordination: a cross-linguistic perspective, In Evans, Nicholas & Honoré Watanabe (Eds.), *Insubordination – Typological Studies in Language*, John Benjamins Publishing Company,393-422.
- Demonte, V. & O. Fernández-Soriano (2014) Evidentiality and illocutionary force - Spanish matrix *que* at the syntax-pragmatics interface, In Dufter, A. & Toledo y Huerta (Eds.) *Left Sentence Peripheries in Spanish: Diachronic, Variationist and Comparative Perspectives*, John Benjamins, DOI: <https://doi.org/10.1075/la.214.13dem>
- Extepare, R. (2010) From hearsay evidentiality to samesaying relations. *Lingua*, 120, 604-627.
- Extepare, R. (2014) Coordination and subordination. *The handbook of HJspanish Linguistics*, Edited by J.Ignácio Hualde, Antxon Olarrea & E. O'Rourke. Wiley Backwell.503-531.
- Evans, N. (2007) Insubordination and its uses, In Irina Nikolaeva (ed.), *Finiteness: Theoretical and Empirical Foundations*, Oxford: OUP, 366-431.
- Gras, P. & Sansineña, M. (2015) An interactional account of discourse connective *que*-constructions in Spanish, *Text & Talk*, vol 35, n. 4, 505-529.
- Hill, V. (2007) Vocatives and the pragmatics-syntax interface. *Lingua* 117, 2077–2105.
- Mithun, M. (2008) The Extension of Dependency Beyond the Sentence, *Language*, 84(1), 69-119.
- Trotzke, A. & X. Villalba (2021) 'Expressive insubordination. A cross-linguistic study on that-exclamatives' in Andreas Trotzke, and Xavier Villalba (eds), *Expressive Meaning Across Linguistic Levels and Frameworks*, Oxford Academic.

Causativos sintáticos e verbos de controlo de objeto: os infinitivos flexionados como pista

Ana Lúcia Santos & Anabela Gonçalves

Centramo-nos em três classes de verbos que ocorrem em estruturas superficialmente idênticas em português europeu (DP1 VERBO DP2 (a) INF) e que têm interpretação causativa. São estas classes (i) os causativos sintáticos *deixar* e *fazer*, tratados em Gonçalves (1999) e a que chamaremos causativos de Tipo A (1), (ii) os menos explorados *deixar a* e *pôr a*, a que chamaremos causativos de Tipo B, distinguindo-os dos causativos locativos tratados por Soares & Wood (2002) (2) e (iii) um subconjunto de verbos de controlo de objeto, que inclui *obrigar*, *forçar* e *impedir*, e que se caracteriza pela leitura implicativa (Landau, 2015) (3).

Santos (2023) mostra que os verbos de controlo de objeto implicativos, que, de acordo com Landau (2015), ocorrem em estruturas de controlo predicativo, apresentam as seguintes propriedades: (i) mantêm leitura de controlo obrigatório quando coocorrem com um complemento de infinitivo flexionado (no que contrastam com verbos de controlo de objeto não implicativos, como *convencer*, como mostra Barbosa, 2021) (4); (ii) quando coocorrem com um infinitivo flexionado cujos traços-*phi* não coincidem com os traços do potencial controlador, só permitem uma leitura de controlo *split*, sendo bloqueada a leitura de controlo parcial (4a); (iii) quando ocorrem com complemento finito, comportam-se como transitivos (5).

Na perspetiva de Landau (2015) e trabalhos posteriores, a leitura implicativa destes verbos de controlo decorre do facto de terem como complemento um domínio de predicação (RelP ou PredP) em que o controlador ocupa a posição de sujeito. Contudo, a possibilidade de controlo *split*, que, como mostraremos, não bloqueia a leitura implicativa, não poderá ser explicada à luz desta análise. Assim, exploraremos o comportamento sintático de verbos de controlo de objeto implicativos, identificando semelhanças entre estes verbos e causativos sintáticos, bem como diferenças que permitirão clarificar o estatuto de causativos de Tipo B. Mostraremos que: (i) quer verbos de controlo de objeto implicativos, quer causativos de Tipo A podem ocorrer em construções de *faire-Inf* (6); (ii) um DP2 não animado pode ocorrer com verbos de controlo de objeto implicativos, tal como com causativos de Tipo A ou Tipo B (7); (iii) expletivos são possíveis sob verbos de controlo de objeto implicativos e causativos de Tipo A (8); contudo (iv) só verbos de controlo de objeto podem ocorrer com um complemento de infinitivo flexionado que não coincida em número com os traços do controlador (9), sendo, no entanto, essa possibilidade bloqueada quando o DP2 é não animado (10).

De forma a explicar as propriedades observadas, desenvolveremos uma análise que propõe o seguinte:

1. Em português europeu, a legitimação de um complemento de infinitivo flexionado com traços não coincidentes com os do controlador (DP2) é a propriedade que permite distinguir estruturas de controlo de objeto de estruturas causativas superficialmente idênticas – o que exclui os causativos de Tipo A e de Tipo B do conjunto dos verbos de controlo de objeto (cf. observações sobre *pôr a* em Raposo, 1989).

2. Os chamados verbos de controlo de objeto implicativos são sintaticamente ambíguos, correspondendo (i) a verdadeiros ditransitivos com um complemento infinitivo em que se observa controlo pelo DP objeto ou (ii) a verbos transitivos que permitem um complemento infinitivo cujo sujeito sofre elevação para objeto (na linha da observação de Jackendoff & Culicover, 2003:539).

3. Os causativos de Tipo B têm como complemento uma estrutura predicativa em que se observa internamente controlo do sujeito do infinitivo pelo sujeito da estrutura predicativa (DP2), na linha da análise de Barbosa & Cochofel (2005) para os casos de Construção de Infinitivo Preposicionado sob o percetivo *ver*.

- (1) O João fez / deixou a criança / a maçã cair.
- (2) a. O pai / o medicamento deixou o bebé a dormir.
b. O pai / o medicamento pôs o bebé a dormir.
- (3) O João obrigou a filha a comer a sopa (*mas ela não comeu).
- (4) a. Eos enfermeiros_i?
O diretor_k obrigou o médico_w a ____{k+w/*w+.../ *i} irem ao congresso.
b. E os enfermeiros_i?
O diretor_k convenceu o médico_w a ____{k+w/w+.../i} irem ao congresso.
- (5) a. *O diretor obrigou o subdiretor a que o funcionário declarasse os rendimentos.
b. O diretor obrigou a que o funcionário declarasse os rendimentos.
- (6) E a sopa?
a. O João não a obrigou a comer aos meninos.
b. O João não a fez / deixou comer aos meninos.
- (7) a. O João / o vento deixou a porta bater.
b. O João / o vento deixou a porta a bater.
c. O vento obrigou a porta a bater.
- (8) a. As altas pressões não deixam chover.
b. A baixa pressão não obriga a chover. / A alta pressão não impede de chover.
- (9) a. *O João deixou a Ana irem ao cinema.
b. *O João deixou / pôs o bebé a dormirem.
c. O João_i obrigou a Ana_j a ____{i+j} irem ao cinema.
- (10) a. Durante o terremoto, a escada obrigou a parede a ceder / *cederem.
b. Durante o terremoto, a escada impediu a parede de ceder / *cederem.

Referências

- Barbosa, P. 2021. Alleged obligatorily controlled inflected infinitives. In Mucha, Anne & Hartmann, Jutta M. & Trawinski, Beata (eds.), *Non-canonical Control in a Cross-linguistic Perspective*, 35-81. Amsterdam: John Benjamins.
- Gonçalves, A. 1999. *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do PE*. PhD thesis. Universidade de Lisboa.
- Jackendoff, R. & P. W. Culicover. 2003. The semantic basis of control in English. *Language*. 79(3). 517-556.
- Landau, I. 2015. *A Two-tiered Theory of Control*. Cambridge: The MIT Press.
- Raposo, E. 1989. Prepositional infinitival constructions in European Portuguese. In Jaeggli, O. & Safir, K. (eds.), *The Null Subject Parameter*, 277-305. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Santos, A. L. 2023. On the resilience of obligatory control in inflected infinitives under object control verbs. *Glossa: A Journal Of General Linguistics*, 8(1), 36.
- Soares, C. & J. Wood. 2022. Locative causatives in European Portuguese as a voice alternation. 'The Syntax of causative, perception and restructuring verbs in Romance and Latin'. University of Palermo.

Null objects, null nominal anaphora and antilogophoricity

Pilar Barbosa

Introduction. Currently, there are essentially two main approaches to unagreed with zero objects: the argument ellipsis (AE) analysis and the null NP proform analysis. The AE analysis treats null objects as an ellipsis phenomenon derived either (i) by PF-deletion of a full-fledged DP (Cyrino 2017; Takahashi 2008b); (ii) by an LF operation that copies the content of the antecedent onto a literally empty nominal (Oku 1998; Saito 2007; Landau 2023). The null *nP* proform analysis assumes that the null object is a base-generated nominal [*nP* \emptyset] and is contextually interpreted. This approach goes back to Tomioka (2003), who suggested that Japanese *pro* is a base-generated null NP whose descriptive content is pragmatically retrieved. Takahashi (2008a) discusses data involving QPs that are problematic for Tomioka's proposal, but Kurafuji (2019) addresses this problem and proposes a solution that is based on the idea that the base-generated empty nominals are interpreted by choice-functions, where a choice function *f* is a function that maps a property onto an entity that has the property (von Stechow and Kempson 2004). Combining Tomioka's approach with the idea that nouns are formed by merging a root with a categorizer, Ruda (2017) suggests that a plausible candidate for the null proform is an *n* that lacks a syntactically projecting restricting property. On the assumption that nouns start the derivation as category neutral roots that combine with a categorizing *n* head (Marantz 2001), the possibility arises that this item minimally consists in the categorizing head *n*: it corresponds to an *n* that doesn't merge with a root. *nP* denotes a contextually salient property, or, in the absence of one, it is interpreted by default as the property 'entity' (Marantz 2013).

In this talk, I examine null objects (NO) in European Portuguese (EP) and I present novel data that argue in favor of the base-generated NP proform analysis.

Key properties of NOs in EP. NOs in EP have the following properties:

I They allow sloppy and strict readings.

II The antecedent of a NO that is contained in an embedded clause selected by a propositional attitude or communication verb cannot be a matrix subject:

- (1) *O João_k disse que a Maria não conhece $\phi_{*k/i}$ pessoalmente.*
the João said that the Maria not know \emptyset personally
'João said that Maria doesn't know him in person.'

III They display animacy effects. Corpus investigations revealed higher frequencies of NOs with inanimate antecedents (Schwenter 2014; Rinke et al. 2018).

Discussion. Both the AE and the null proform analyses have the potential to handle Property I (Kurafuji 2019).

Property 2, by contrast, appears to favor the AE analysis: (1) with index *k* would violate Condition C under this analysis. Yet, the picture is more complicated than this, as there are cases in which there is c-command and yet a null object is fine [cf. (2)].

- (2) *Essa prato_i exige que o cozinheiro acabe de preparar ϕ_i na mesa.*
that dish demands that the cook finish.SUBJ.3SG of prepare.INF \emptyset in.the table
'That dish demands that the cook finishes preparing it at the table.' (Kato et al. 2023: 343)

Finally, Property III constitutes a challenge to both theories.

Under close inspection, however, unquestionable cases of nominal anaphora do indeed display these properties. The first case I will look at is a particular type of Noun Incorporation (NI) used to express nominal arguments that are backgrounded old information (Type III NI (Mithun 1984)). The second case are epithets in object position. The affinities between NOs and epithets have already been addressed by Huang (1991). In particular, Property 2 is true of both. These affinities fit in well with the hypothesis that the null object is a base generated null nominal with the default interpretation '(the) entity'.

Dubinsky and Hamilton (1998) have shown that epithets are subject to an *Antilogophoric Constraint* that requires the referent of its antecedent to be distinct from the individual whose speech and thoughts are being reported. I argue that the same *Antilogophoric Constraint* applies to EP NOs, a fact that explains a range of subtle differences in status of sentences with NOS with animate antecedents.

Sells (1987: 14) observes that R-expressions are also subject to antilogophoricity and proposes the following principle:

- (3) Sells's *Antilogophoricity Principle* (1987b:14)
Any reference to an individual bearing a discourse role must be syntactically expressed by a pronominal.

This means that only pronominal forms have the option of being anaphoric to an individual bearing a discourse role. In the case of a logophoric pronoun, association between the pronoun and a role-bearing individual is obligatory; an ordinary pronoun may or may not be associated with a role-bearing individual.

I propose that it is this restriction (or any other version thereof) that accounts for the properties of NOs. In the division of labor between the option for using a pronoun or an empty object, only the former will be capable of referring back to the individual whose speech and thoughts are being reported. This approach has the added advantage of potentially explaining the (quantitative) animacy effects found with NOs in *corpus* studies and constitutes a strong argument in favor of the idea that nominal anaphora is at the root of zero objects.

References

- Cyrino, Sonia. 2017. On animacy restrictions for the null object in Brazilian Portuguese. In L. Hellan, A. Malchulov & M. Cennamo (eds.), *Contrastive Studies in Verbal Valency*, 275–294. Amsterdam: John Benjamins.
- Dubinsky, Stanley & Robert Hamilton. 1998. Epithets as antilogophoric pronouns. *Linguistic Inquiry* 29. 685–693.
- von Heusinger, Klaus & Ruth Kempson. 2004. Choice functions in semantics. *Research on Language and Computation* 2. 307–308.
- Huang, James. 1991. Remarks on the status of the null object. In Robert Freidin (ed.), *Principles and parameters in comparative grammar*, 56–76. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Kato, Mary A., Ana Maria Martins & Jairo Nunes. 2023. *The Syntax of Portuguese* (Cambridge Syntax Guides). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9780511842931>.
- Kurafuji, Takeo. 2019. A choice function approach to null arguments. *Linguistics and Philosophy* 42(3). 3–44.
- Landau, Idan. 2023. Argument ellipsis as external merge after transfer. *Natural Language and Linguistic Theory* 41. 793–845. <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/s11049-022-09552-3>.

- Marantz, Alec. 2001. Words. Paper presented at the *West Cost Conference on Formal Linguistics (WCCFL) 20*, University of Southern California.
- Marantz, Alec. 2013. Verbal argument structure: events and participants. *Lingua* 130. 152–168.
- Mithun, Marianne. 1984. The evolution of noun incorporation. *Language* 60(4). 847–894.
- Oku, Satoshi. 1998. *A theory of selection and reconstruction in the minimalist perspective*. University of Connecticut dissertation.
- Rinke, Esther, Cristina Flores & Pilar Barbosa. 2018. Null objects in the spontaneous speech of monolingual and bilingual speakers in European Portuguese. *Probus* 30(1). 93–119. <https://hdl.handle.net/1822/49674>.
- Ruda, Marta. 2017. *On the syntax of missing objects. A study with special reference to English, Polish and Hungarian*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Saito, Mamoru. 2007. Notes on East Asian argument ellipsis. *Language Research* 43. 203–227.
- Schwenter, Scott. 2014. Two kinds of differential object marking in Portuguese and Spanish. In P. Amaral & A. Carvalho (eds.), *Portuguese/Spanish Interfaces*, 237–260. Amsterdam: John Benjamins.
- Sells, Peter. 1987. *Backwards anaphora and discourse structure: some considerations* (CSLI report). CSLI. <https://books.google.pt/books?id=h-c0MwEACAAJ>.
- Takahashi, Daiko. 2008a. Noun phrase ellipsis. In S. Miyagawa & M. Saito (eds.), *The Oxford handbook of Japanese linguistics*, 394–422. Oxford: Oxford University Press.
- Takahashi, Daiko. 2008b. Quantificational null objects and argument ellipsis. *Linguistic Inquiry* 39. 307–326.
- Tomioka, Satoshi. 2003. The semantics of Japanese null pronouns and its cross-linguistic implications. In K. Schwabe & S. Winkler (eds.), *The interfaces: Deriving and interpreting omitted structures*, 321–40. Amsterdam: John Benjamins.

Linguistic variation in heritage languages mirrors ongoing diachronic change. The interpretation of null objects by monolingual and bilingual speakers of different varieties of Portuguese

Daniel Weingärtner, Esther Rinke & Cristina Flores

Heritage languages can exhibit variation absent in monolingual varieties of the same language. This divergence should not be mistaken for inadequate language knowledge but can reflect ongoing language change, as heritage speakers (HS) may reinforce and further develop tendencies of language evolution present in their input (Rinke & Flores 2014, Flores & Rinke 2020). For example, Rinke et al. (2018) demonstrate that HS of European Portuguese (EP) living in Germany extend the use of null objects compared to monolinguals in spontaneous speech following a universal referential pathway proposed for the diachronic development of null object constructions in Brazilian Portuguese (BP) (Cyrino et al. 2000).

In the present study, we investigate the interpretation of null objects in Portuguese, comparing EP and BP monolingual speakers to HS of EP in Germany. Concerning the comparison between monolingual EP and BP, BP is considered to be diachronically advanced in the sense that this variety of Portuguese has extended the use of null objects over time (Cyrino 1997). Based on Raposo's (1986) analysis of EP null objects as syntactic variables emerging by the movement of an empty topic operator, it can be assumed that transitive readings with null objects in subordinate clauses (islands) are not admitted by monolingual speakers of EP. In contrast, such contexts are acceptable for speakers of BP (Farrell 1990). However, this contrast may not be as categorical as originally proposed and turn out to be more quantitative in nature given that more recent proposals have challenged the strict island restriction in EP (Raposo 2004, Rinke et al. 2018). Our study focuses on the research question whether heritage speakers of EP resemble monolingual speakers of BP and use quantitatively more null objects than monolingual EP speakers. We also investigate whether HS of EP extend the use of null objects to island contexts.

122 speakers participated in our study: 41 monolingual speakers of EP (mean age 22 (sd 5.6)), 41 monolingual speakers of BP (mean age 35.7 (sd 9.4)) and 40 HS of EP (mean age 25.8 (sd 4)) living in Germany (most of them in the south of Germany, in the city of Groß-Umstadt). Participants completed the experiment on a laptop in the presence of a research assistant using the platform PCIbex (Zehr & Schwarz 2018). We used a *Covered-Box-Task*, a modified *Picture-Selection-Task* (cf. Huang et al. 2013), assessing the compatibility of the understood sentence interpretation with the action depicted in the picture. Participants were presented a context sentence (and a context picture) followed by a picture showing a transitive action and a covered picture (i.e., a black box). They heard and read a sentence including a null object or a clitic (see ex. 1) and had to decide whether the sentence matched the transitive reading in the picture. Stimuli included verbs allowing both transitive and intransitive interpretations, e.g. *parar*, "to stop \emptyset /something" (cf. Costa, Lobo and Silva 2009). The design included 4 experimental conditions in a 2 x 2 design, including the factors null object/clitic and main/subordinate clause (24 experimental items plus 12 control items and 36 fillers).

(1) Context: A Joana ia atravessar a passadeira. A avó esperava do outro lado da rua. Um autocarro aproximou-se com muita velocidade. Então, o que é que a Joana fez?

Joana was crossing the pedestrian crossing. The grandmother was waiting on the other side of the street. A bus approached at high speed. So, what did Joana do?

- a. Reagiu por impulso e parou-o/∅ imediatamente.
She reacted on impulse and stopped (it) immediately.
- b. Não aconteceu nada, porque o/∅ parou imediatamente.
Nothing happened because she stopped (it) immediately.

We predict that HS of EP, if they extend the use of null objects, will accept more transitive readings with null objects than monolingual EP speakers in main and in island clauses. Figure 1 illustrates the acceptance rates of transitive readings in the null object conditions for the three groups of speakers. In main clauses, monolingual EP speakers accept a null object clause for an image depicting a transitive reading to 57.20 %, monolingual BP speakers to 73.66 % and HS of EP to 73.64 %. In subordinate clauses, monolingual EP speakers show an acceptance rate of 57.61 %, monolingual BP speakers of 66.67 % and HS of EP of 68.51 %. We conducted several statistical comparisons using Generalized linear mixed models. Comparing monolingual EP with HS of EP (and monolingual BP) speakers in the null condition, we find a main effect of group, no effect of Clause Type and no interaction between group and clause type. Comparing HS of EP with monolingual BP speakers in the null condition, there is no main effect of group, no effect of Clause Type and no interaction between group and clause type. This means, that monolingual EP speakers differ from both HS of EP and monolingual BP with respect to the acceptance rate of transitive readings of null object clauses, showing that transitive readings of ambiguous verbs with null objects are more accepted by HS of EP and monolingual BP speakers than monolingual EP speakers. However, it doesn't make a difference if the null pronoun appears in the main or island condition because monolingual EP speakers also largely accept transitive readings with null objects in subordinate clauses.

We conclude that HS of EP do indeed resemble monolingual speakers of BP, showing a quantitatively larger acceptance of null objects than monolingual EP speakers, indicating that they have extended the use of null objects similarly to monolingual BP speakers. However, there is no distinction between main and island clauses in any group, which is an interesting finding by itself but does not allow us to derive any conclusions about a structural extension of null objects.

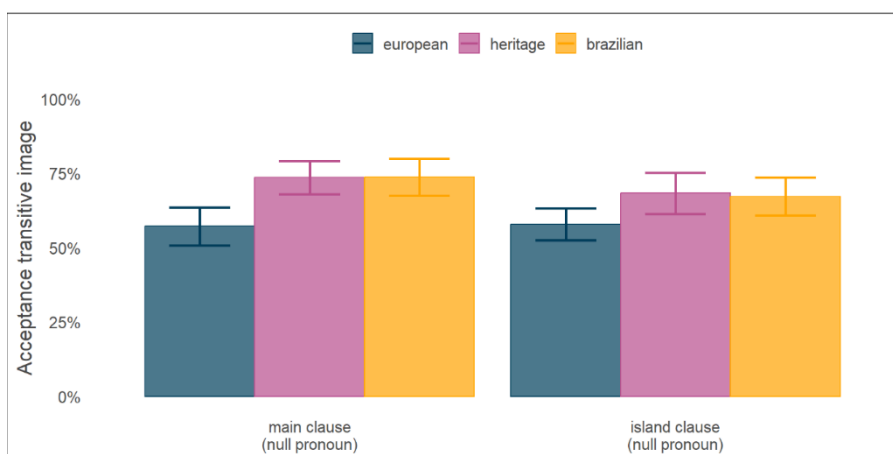


Figure 1. Acceptance rate of images depicting a transitive reading in the null object conditions by EP, HS and BP speakers

References

- Costa, J., Lobo, M., & Silva, C. (2009). Null objects and early pragmatics in the acquisition of European Portuguese. *Probus*, 21(2), 143-162.
- Cyrino, S. (1997). *O objeto nulo no português do Brasil – um estudo sintático diacrônico*. Londrina: Editora da UEL.
- Cyrino, S., Duarte, E. & Kato, M. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In M. Kato & E. Negrão (Eds.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter* (pp. 55–73). Frankfurt: Vervuert.
- Huang, Y., Spelke, E., & Snedeker, J. (2013). What Exactly do Numbers Mean? *Language Learning and Development*, 9 (2), 105–129.
- Farrell, P. (1990). Null Objects in Brazilian Portuguese. *Natural Language & Linguistic Theory*, 8(3), 325– 346.
- Flores, C. & Rinke, E. (2020). The relevance of language-internal variation in predicting heritage language grammars. *Bilingualism: Language and Cognition*, 23, 25–26.
- Raposo, E. (1986). On the Null Object in European Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (Eds.), *Studies in Romance Linguistics* (pp. 373–390). Dordrecht: Foris.
- Raposo, E. (2004). Objetos nulos e CLLD. Uma teoria unificada. *Revista da ABRALIN* 3(1–2), 41–73.
- Rinke, E. & Flores, C. (2014). Morphosyntactic knowledge of clitics by Portuguese heritage bilinguals. *Bilingualism: Language and Cognition*, 17 (4), 1–19.
- Rinke, E., Flores, C. & Barbosa, P. (2018). Null objects in the spontaneous speech of monolingual and bilingual speakers of European Portuguese. *Probus*, 30 (1), 93–120.
- Zehr, J. & F. Schwarz (2018). Returning to non-entailed presuppositions again. In U. Sauerland & S. Solt (eds.), *Proceedings of Sinn und Bedeutung 22 (ZasPiL 61)*, 463–480. Berlin: ZAS.

Aquisição de segunda língua e mudança linguística: O caso dos sujeitos e dos objetos nulos

Joana Teixeira & Alexandra Fiéis

A aquisição de L2 (AL2) e a mudança linguística caracterizam-se pela instabilidade, variação e mudança gramaticais. Vários autores (ver Donaldson, 2022) têm proposto que a reestruturação das gramáticas nestas duas situações pode envolver processos semelhantes. No sentido de testar esta proposta, o presente estudo investiga se existem paralelos entre a mudança diacrónica e a AL2 no processo de mudança de uma gramática de sujeito nulo (SN) para uma gramática de sujeito obrigatório (SO), bem como na passagem de uma gramática de objeto nulo (ON) para uma gramática de objeto não nulo (ONN).

A investigação sobre a mudança diacrónica no Português do Brasil (PB) tem mostrado que esta língua está gradualmente a tornar-se uma língua de SO e que, simultaneamente, se tornou uma língua de ON (e.g., Cyrino et al., 2000). Segundo Cyrino et al. (2000), estas mudanças foram guiadas pela hierarquia referencial apresentada na Figura 1, em que a 1.ª e a 2.ª pessoas, com o traço inerente [+humano], ocupam as posições mais altas, e o expletivo a posição mais baixa. Estas autoras propõem que “the more referential, the greater the possibility of a non-null pronoun”, e que “a null variant at a specific point on the scale implies null variants to its left in the referential hierarchy” (p. 59).

A aquisição de uma L2 como o inglês (língua de SO) por falantes nativos de uma língua de SN como o português europeu (PE) envolve uma mudança comparável à que se verificou na diacronia do PB. Surge, assim, a seguinte questão: na AL2, a mudança de uma gramática de SN para uma gramática de SO também é guiada pela hierarquia referencial? Uma vez que se propõe que esta hierarquia também se aplica aos ON, quando consideramos a aquisição do inglês como L2 (língua ONN) por falantes nativos de PE (língua de ON), surge uma questão adicional: em L2, a mudança de uma gramática de ON para uma gramática de ONN é guiada pela hierarquia da referencialidade? Apesar de existirem vários estudos sobre SN e ON em inglês L2 (e.g., Teixeira, 2019; Yuan, 1997), estas questões permanecem por investigar.

O presente trabalho investiga os SN e os ON nas gramáticas de falantes de PE L1- inglês L2. Os participantes foram 15 adultos falantes nativos de inglês e 54 adultos aprendentes de inglês L2 (18 em cada nível: B2, C1 e C2). Foram utilizadas duas tarefas de juízo de aceitabilidade com pressão de tempo, que, de acordo com vários autores (e.g., Ellis, 2005), forçam os participantes a usar primordialmente o seu conhecimento implícito. A tarefa sobre os sujeitos tinha um desenho 2x5, cruzando as variáveis *realização do sujeito* (nulo vs. pleno) e *tipo de sujeito* (2p humano vs. 3p humano vs. 3p não humano vs. proposicional vs. expletivo). A tarefa sobre os objetos apenas testou a 3.ª pessoa e tinha um desenho 2x3, cruzando as variáveis *realização do objeto* (nulo vs. pleno) e *tipo de objeto* (humano vs. não-humano vs. proposicional).

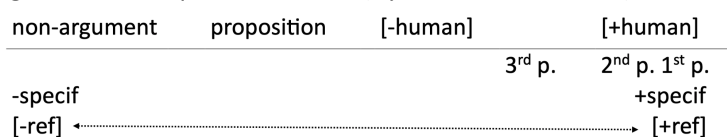
Os resultados mostram que, no nível B2, os aprendentes aceitam sujeitos pronominais plenos (SP) significativamente mais do que SN ($ps \leq .0446$) quer quando o sujeito é [+humano] (2p e 3p), quer quando é [- humano]. No entanto, os aprendentes apresentam um efeito de animacidade na aceitação de SN referenciais de 3.ª pessoa, apresentando taxas de aceitação mais elevadas de SN [-humanos] do que de [+humanos] ($p = .0229$). Relativamente aos sujeitos proposicionais e expletivos, os aprendentes de nível B2 não fazem distinção entre SN e SP ($ps \geq .1116$), aceitando ambos. No entanto, quando comparamos SN proposicionais e expletivos, verifica-se que os últimos são significativamente mais aceites ($p = .0166$). No nível C1, os aprendentes preferem claramente os SP aos SN em todas as condições ($ps < .0001$), exceto na de

sujeito expletivo, em que a diferença entre SP e SN apenas se aproxima de significância estatística ($p = .0738$). Tal como no nível B2, no nível C1, observa-se um efeito de animacidade na aceitação de SN de 3.ª pessoa ($p = .0003$) e uma assimetria na aceitação de SN proposicionais e expletivos ($p = .0015$). Finalmente, os aprendentes de nível C2 convergem com a língua alvo, aceitando SP e rejeitando os SN em todas as condições ($ps \leq .0002$), tal como os nativos. Não foram encontradas diferenças entre condições na aceitação de SN ($ps \geq .1$).

No que diz respeito aos objetos, os resultados revelam que o grupo de controlo e os grupos de aprendentes aceitam objetos realizados significativamente mais do que nulos em todas as condições ($ps \leq .0286$). Contudo, ao contrário dos nativos, os aprendentes de nível B2 e C1 não rejeitam completamente os ON, tendo taxas médias de aceitação superiores a 3 na condição de objeto [-humano] (só no nível B2), e na condição de objeto proposicional (nos níveis B2 e C1). A análise estatística revela que, nestes níveis de proficiência, a aceitação de ON é maior quando o antecedente é [-humano] do que quando é [+humano] ($ps \leq .0366$), e que os ON proposicionais são significativamente mais aceites do que os [-humanos] ($ps \leq .0022$). No nível C2, os aprendentes rejeitam igualmente os ON em todas as condições.

Em conjunto, estes resultados sugerem que, tal como observado na mudança diacrónica do PB, na AL2 de inglês por falantes de PE, as mudanças que envolvem categorias nulas se desenvolvem gradualmente seguindo a hierarquia referencial. Nas interlínguas destes aprendentes, os SN e os ON com o traço [+humano] são mais permeáveis à mudança do que os que têm o traço [-humano], que ocupam uma posição mais baixa na hierarquia referencial. Os SN e os ON que apresentam maior resistência à mudança são os que se situam na base desta hierarquia, nomeadamente as categorias proposicionais nulas e os expletivos. A tarefa de juízos sobre sujeitos, que é a única que inclui expletivos, revela que os expletivos nulos tendem a ser os mais difíceis de eliminar das gramáticas dos aprendentes de L2. O único contraste previsto pela hierarquia referencial de Cyrino et al (2000) que não encontramos nas interlínguas dos aprendentes de inglês L2 (pelo menos nos níveis que testámos) é a assimetria entre 1.ª e 2.ª pessoas e 3.ª pessoa na aceitação de SN com traço [+humano]. Em síntese, os nossos resultados indicam que, tal como na diacronia do PB, na AL2 do inglês por falantes nativos de uma língua de SN e de ON, quanto menos referencial, maior a possibilidade de uma categoria nula.

Figura 1. Hierarquia referencial (Cyrino et al, 2000: 59)



Exemplo de item de teste:

Tarefa sobre sujeitos: *The streets of Chicago are covered in a white blanket because yesterday snowed all day.*

Tarefa sobre objetos: *Did you find your credit card? - Yes, I found in the car.*

Indicate to what extent the last sentence you read is acceptable in English.

(Please, answer this question as fast as possible)

Totally unacceptable | 1 2 3 4 5 | Totally acceptable

If you don't know, press 'N'

Referências

- Cyrino, S., Duarte, E., & Kato, M. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In M. Kato & E. Negrão (Eds.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* (pp. 55-73). Iberoamericana.
- Donaldson, B. (2022). Connecting language change with second language acquisition. In K. Geslin (Ed.), *The Routledge Handbook of Second Language Acquisition and Sociolinguistics* (pp. 174-185). Routledge.
- Ellis, R. (2005). Measuring implicit and explicit knowledge of a second language: A psychometric study. *Studies in Second Language Acquisition*, 27(2), 141-172.
- Teixeira, J. (2019). From a Romance null subject grammar to a non-null subject grammar: The syntax of pronominal subjects in advanced and near-native English. In M. Elsig et al. (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2016. Selected Papers from 'Going Romance' Frankfurt 2016* (pp. 256–274). John Benjamins.
- Yuan, B. (1997). Asymmetry of null subjects and null objects in Chinese speakers' L2 English. *Studies in Second Language Acquisition*, 19 (4), 467–497.

Deteção de Plágio na Era da Inteligência Artificial: O papel (mais) fundamental da linguística forense

Rui Sousa-Silva

Os desenvolvimentos mais recentes no campo da inteligência artificial (IA) generativa levaram ao lançamento de chatbots sofisticados, incluindo o popular ChatGPT (no final de 2022), que proporcionaram a utilizadores comuns possibilidades inéditas de produzir texto sobre qualquer tema, em praticamente qualquer língua, de forma rápida e fácil. Contrariamente a versões anteriores de ferramentas de IA generativa, como o GPT3, cuja produção textual se considerava ser claramente distinta da produção textual humana, o ChatGPT tem melhorado ao longo do tempo, apresentando qualidade idêntica ou superior à da produção humana, assim dificultando a distinção entre texto de produção humana e texto gerado por IA (Hubert et al., 2024). Em contextos académicos, estes desenvolvimentos suscitaram enormes desafios, originando um debate sobre as ameaças e as oportunidades da IA no ensino e na aprendizagem: se, por um lado, a IA generativa proporciona novas oportunidades de aprendizagem, e.g. de línguas (Ro, 2023), por outro, a perceção de que a IA generativa é capaz de produzir textos coerentes, idênticos aos de produção humana, tem incentivado os estudantes a passarem como seus trabalhos escritos por chatbots, numa prática de plágio por IA. Apesar do desenvolvimento de ferramentas de deteção de texto gerado por IA (e.g., GPTZero), estas apresentam um fraco desempenho, e.g. assumindo como produção artificial texto de produção humana, com fortes consequências negativas para estudantes e investigadores (Wolkovich, 2024). Estas limitações têm originado a suspensão da utilização de software de deteção de IA para evitar falsas acusações de plágio (Carter, 2023). Assim, enquanto as universidades debatem a proibição ou permissão da IA generativa, os docentes têm-se defrontado com um desafio incontornável: a deteção de plágio gerado por IA (Bastos, 2023), tornando-a uma necessidade urgente (OpenAI, 2019). Este estudo explora a deteção e análise de plágio em textos gerados por IA. Partindo de uma abordagem linguística forense (Coulthard et al., 2017; Johnson, 1997), baseia-se em dois *corpora* de textos submetidos para avaliação em 2022: (1) um *corpus* constituído por 9 trabalhos de estudantes do ensino superior (c. 31.000 palavras), cujos autores admitiram terem sido produzidos por, total ou parcialmente por IA; e (2) um *corpus* de três trabalhos (c. 10.500 palavras), cujos autores negaram terem sido produzidos por IA. A análise dos textos que compõem os *corpora* assenta em metodologias utilizadas na deteção e análise linguística forense de plágio e de autoria, incluindo estatísticas de texto, e recursos linguísticos, tais como riqueza lexical e colocações, coerência e coesão, estrutura informacional, entre outros. A análise dos textos revela a recorrência de determinados padrões, tais como texto repetitivo, ausência de detalhe, reprodução de texto de outras fontes, (ausência de) erros gramaticais, ausência de textura, frequência elevada de certas palavras, padrões de pontuação e frases curtas. Reconhecendo-se a importância destes elementos de análise, bem como a sua relevância para suscitar dúvidas sobre a autoria humana dos textos, questiona-se a robustez dos mesmos como evidência de recurso a ferramentas de IA generativa. Postula-se, por isso, que qualquer demonstração de ocorrência de plágio recorrendo a IA deverá basear-se na utilização e atualização de métodos de deteção de plágio e análise de autoria forense, cuja fiabilidade tem sido demonstrada, incluindo em casos legais (Sousa-Silva, 2021). Esta apresentação termina discutindo os previsíveis desenvolvimentos futuros em matéria de IA e o seu impacto na evasão a acusações de plágio, revelando como apenas a análise linguística forense poderá combater este fenómeno.

Palavras-chave: IA generativa; plágio; autoria; fraude

Referências

- Bastos, J. P. (2023.11.03). ““Não foram escritos por humanos”: o professor pediu trabalhos a 50 alunos que vieram sem gralhas, universidades mudam regras de avaliação”. *Expresso*.
- Carter, T. (2023). “Some universities are ditching AI detection software amid fears students could be falsely accused of cheating by using ChatGPT”. *Business Insider*.
- Coulthard, M., Johnson, A., & Wright, D. (2017). *An Introduction to Forensic Linguistics: Language in Evidence*. Routledge.
- Hubert, K. F., Awa, K. N., & Zabelina, D. L. (2024). The current state of artificial intelligence generative language models is more creative than humans on divergent thinking tasks. *Scientific Reports*, 14(1), 3440. <https://doi.org/10.1038/s41598-024-53303-w>
- Johnson, A. (1997). Textual kidnapping—A case of plagiarism among three student texts? *The International Journal of Speech, Language and the Law*, 4(2), 210–225.
- Sousa-Silva, R. (2021). Plagiarism: Evidence-based plagiarism detection in forensic contexts. Em M. Coulthard, A. May, & R. Sousa-Silva (Eds.), *The Routledge Handbook of Forensic Linguistics* (2.a ed., pp. 364–381). Routledge.
- OpenAI (2019). “Release Strategies and the Social Impacts of Language Models”. *OpenAI Report*.
- Ro, C. (2023). “Students switch to AI to learn languages”. *BBC News*, <https://www-bbcom.cdn.ampproject.org/c/s/www.bbc.com/news/business-65849104.amp>
- Wolkovich, E. M. (2024). “‘Obviously ChatGPT’ — how reviewers accused me of scientific fraud”. *Nature*, <https://www.nature.com/articles/d41586-024-00349-5>

Para um padrão de plágio em crónicas do *Público*

Miguel Correia

O presente trabalho assenta na ideia de que o plágio, enquanto fenómeno multidimensional com graves consequências ético-legais em múltiplas esferas sociais e profissionais, carece de uma análise forense, tendo em vista a deteção das estratégias linguísticas utilizadas pelos autores suspeitos. No contexto da Linguística Forense, existem alguns parâmetros a considerar na análise dos textos suspeitos de plágio, como a existência de cópia literal ou parcial com alterações mínimas, o plágio de ideias efetuado através de paráfrases cujas fontes não são devidamente citadas, a alteração da voz ativa para passiva e vice-versa, o uso de sinónimos, alterações ortográficas e a substituição de verbos, que podem contornar os sistemas de deteção automática (Sousa-Silva, 2020).

No plágio literal, o texto é copiado do original, sem quaisquer alterações ou com modificações mínimas, e sem a atribuição do texto às respetivas fontes (Sousa-Silva, 2020). Ao contrário da cópia parcial, em que o suspeito introduz ligeiras alterações no texto, o parafraseamento é um mecanismo complexo que consiste na retoma de frases com uma linguagem nova, mantendo o sentido original (Sousa-Silva, 2020; Festas et al., 2023). A análise linguística de paráfrases inadequadas em textos suspeitos pode auxiliar o judiciário a detetar a intenção de plagiar ou a identificar falsos casos de plágio, tendo em conta que o uso desta estratégia demonstra intenção do autor (Sousa-Silva, 2016).

Esta investigação procura averiguar um padrão de plágio nas crónicas de Vítor Belanciano, suspeito desta prática, no Jornal *Público*, a partir da intuição de uma leitora. O *corpus* é constituído por cinco textos, dois deles editados no *Público* e acusados de plagiar, e três artigos publicados em distintas fontes noticiosas digitais, em Português (Europeu e Brasileiro) e Espanhol. Atribui-se destaque ao parafraseamento, que pode configurar uma estratégia de ludíbrio (Sousa-Silva, 2016). Os trechos suspeitos de plagiar e os originais são alinhados manualmente de modo a permitir a identificação das suas semelhanças e diferenças. Aplica-se, também, o método de deteção do plágio translingue proposto por Sousa-Silva (2014). Ao contrário dos editoriais do *Público* sobre as situações de plágio, que se limitam a assinalar passagens que resultam de apropriações indevidas ou abusivas dos textos, neste estudo procede-se a uma análise linguística manual dos trechos selecionados. Não se recorre a *software* de deteção de plágio, dado que o foco consiste no inventário das estratégias textuais utilizadas pelo cronista.

O parafraseamento é, a par da cópia literal sem a referência da fonte, a estratégia de plágio mais utilizada. De modo a assegurar a coerência com o mundo extratextual, os textos derivados sofrem alterações pontuais, de modo a veicular a ideia de que Belanciano é o seu autor original. O posicionamento pessoal do autor do texto original é substituído por trechos com uma menor força ilocutória, consubstanciada na inserção do verbo modal ‘poder’, ou na adequação contextual, quer através da adaptação à norma linguística do Português Europeu (com substituição da próclise pela ênclise), quer na supressão de referentes deíticos ou na substituição por palavras semanticamente relacionadas. A isto acresce a alteração de palavras funcionais, através da mudança de sintagmas nominais para preposicionais, e o facto de se operarem escassas substituições de palavras lexicais, como aponta a análise da similaridade lexical dos textos, na senda de Johnson (1997). O uso intercalado destes recursos permite demonstrar a intenção do autor em plagiar.

Palavras-chave: linguística forense, plágio, plágio jornalístico, plágio translingue, detecção.

Referências

- Festas, I., Seixas, A., & Matos, A. (2023). Escrita a partir de fontes e suas relações com o plágio em estudantes universitários. *Educação E Pesquisa*, 49(contínuo), e252586. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349252586por>.
- Johnson, A. (1997). Textual kidnapping - a case of plagiarism among three student texts?. *The International Journal of Speech, Language and the Law*, 4(2), 210-225.
- Sousa-Silva, R. (2014). Detecting translingual plagiarism and the backlash against translation plagiarists. *Language and Law / Linguagem e Direito*, 1(1), 70-94.
- Sousa-Silva, R. (2016). Detecção de Plágio Intencional: Uma Abordagem da Linguística Forense. Em V. Colares, *Linguagem & Direito: Caminhos para Linguística Forense* (pp. 49-73). Cortez.
- Sousa-Silva, R. (2020). Análise e detecção de plágio em contextos forenses. Em D. Almeida, M. Coulthard, & R. Sousa-Silva, *Perspectivas em Linguística Forense* (pp. 125-147). Publicações IEL.
- Sousa-Silva, R., & Abreu, B. B. (2015). Plágio: um problema forense. *Language and Law / Linguagem e Direito*, 2(2), 90-113. <http://ojs.letras.up.pt/index.php/LLLD/article/view/2405/2201>.

Humor na Internet: olhares cruzados sobre a língua portuguesa, os portugueses e os brasileiros

Isabelle Simões Marques & Andreea Teletin

A nossa apresentação centrar-se-á na análise dos discursos de Ricardo Araújo Pereira (Portugal), Afonso Padilha e Gregório Duvivier (Brasil) na Internet, mais concretamente no Instagram e no YouTube, e investigará o humor baseado em estereótipos sobre a língua portuguesa, os portugueses e os brasileiros (como o choque cultural, as diferenças culturais/linguísticas e as diferentes questões de identidade). Em primeiro lugar, estudaremos a forma como os humoristas e o público interagem e negociam o humor em relação a temas sensíveis como a língua (Simões Marques & Teletin, 2011) e a identidade (Koven & Simões Marques, 2015), os primeiros adaptando-se ao público para garantir, na maioria das vezes, a sua adesão e a sua reação positiva. Em segundo lugar, veremos quais são as estratégias linguísticas que, não sendo um reflexo transparente da "realidade" das duas comunidades de língua portuguesa, permitem a *performance* artística. Assim, baseamo-nos em estudos de sociolinguística e análise do discurso (Bell & Gibson, 2011; Chun, 2004; Jaffe, 2000) que têm abordado a forma como os humoristas e as suas *performances* expõem a língua e a identidade, analisaremos os estereótipos que reforçam e/ou contestam as ideologias linguísticas e identitárias sobre os portugueses e os brasileiros. Veremos assim, num corpus constituído por doze vídeos recentes, como estes três humoristas se situam perante a sua audiência, ora reconhecendo-se e posicionando-se a si próprio como membro de uma comunidade linguística, ora posicionando-se relativamente à outra comunidade linguística, e a maneira como o humor é desencadeado em interação com o público.

Palavras-chave: Portugal, Brasil, humor, estereótipos, YouTube, Instagram

Referências

- Bell, A., & Gibson, A. (2011). Staging language: An introduction to the sociolinguistics of performance. *Journal of Sociolinguistics*, 15(5), pp. 555-572.
- Chun, E. (2004). Ideologies of legitimate mockery: Margaret Cho's revoicings of Mock Asian. *Pragmatics*, 14, pp. 263-289.
- Heller, M. (2006). *Linguistic minorities and modernity: A sociolinguistic ethnography*. London: Continuum.
- Jaffe, Alexandra (2000) Comic performance and the articulation of hybrid identity. *Pragmatics* 10.1: 39-59.
- Koven, M. & I. Simões Marques. (2015). Performing and evaluating (non)modernities of Portuguese migrant figures on YouTube: The case of Antonio de Carglouch. *Language in Society* 44: pp. 213-242.
- Marques, I. Simões; Teletin, A. (2011) "Quando os portugueses se vêem gregos ou a questão dos estereótipos culturais em expressões idiomáticas portuguesas e francesas". In: Costa, A.; Barbosa, P.; Falé, I. (orgs.), *Textos seleccionados, XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. pp. 343-357.

Será o ChatGPT um bom divulgador científico?

Ana Filipa Pacheco, Purificação Silvano, Nuno Guimarães, Ana Torres & Isabel Almeida

O género textual de divulgação científica é fundamental para a disseminação do conhecimento científico de forma acessível e compreensível junto do público em geral, apresentando estrutura e características diferentes das dos artigos científicos (e.g., Garces-Conejos & Sanchez-Macarro, 1998). Myers (1991), por exemplo, conclui que a coesão lexical é marcada de forma mais explícita em textos de divulgação científica do que em artigos científicos pela necessidade de tornar mais claras as ligações lexicais a um público não especialista. Embora haja alguns estudos sobre as propriedades linguísticas do texto de divulgação científica, em Português Europeu, os estudos não abundam, sendo a exceção o projeto *Promoção da Literacia Científica* (Gonçalves & Jorge, 2018).

No que se refere à produção de conteúdo, os grandes modelos de linguagem (*large language models*, LLMs), nomeadamente os modelos GPT da OpenAI, entre os quais o ChatGPT (GPT-3.5) (Brown *et al.*, 2020), ganharam, em pouco tempo, atenção generalizada do público. Estes modelos, cujo conteúdo de saída se assemelha, aparentemente, aos resultados produzidos por humanos, vêm sendo, progressivamente, utilizados como um recurso de procura e produção de conteúdo, em vários domínios (e.g., Ray, 2023), designadamente na área da divulgação científica. Sendo recentes, a avaliação da qualidade linguística dos textos produzidos é ainda muito reduzida. Contudo, essa avaliação pode determinar se os textos gerados cumprem o seu objetivo comunicativo, na mesma medida em que os textos redigidos por humanos, e pode fornecer contributos relevantes que permitam melhorias dos modelos.

Tendo estas premissas em consideração, o presente trabalho pretende investigar a performance de um LLM quanto à produção de conteúdo dentro do género textual de divulgação científica, na área cosmética, de modo a estabelecer padrões que possam identificar as diferenças ou semelhanças na produção de conteúdo científico relacionado com produtos cosméticos por humanos especialistas e por um LLM. Para estabelecer essa comparação, foram analisadas as propriedades linguísticas ao nível da macro e da microestrutura dos textos de divulgação científica em respostas geradas por um LLM em comparação com as redigidas por especialistas na área da cosmética.

Para realizar a análise, foram selecionadas vinte perguntas que iniciam os textos de divulgação no *Portal infoCosméticos* (PiC)¹³. De seguida, foram recolhidas as vinte respostas redigidas pelos investigadores em ciências farmacêuticas publicadas no portal. Posteriormente, para cada uma das perguntas, foram criados, por um especialista na área, quatro *prompts*, com graus de dificuldade diferente, que permitiram a geração das respostas por parte do ChatGPT. Esses *prompts* deram, portanto, origem a oitenta respostas geradas pelo ChatGPT (recolhidas em janeiro de 2024). As respostas foram, então, analisadas, de acordo com uma grelha de avaliação linguística, composta por 13 perguntas, elaborada com base em bibliografia sobre textos de divulgação científica (e.g., Aubakir, 2017; Filipe, 2018). Por último, foi feita uma análise estatística focada nas respostas do PiC e na performance global do ChatGPT e de cada uma das respostas associadas aos quatro *prompts* dados ao modelo de linguagem.

¹³ <https://portalinfocosmeticos.pt>

A análise produziu resultados de diferentes tipos. Em primeiro lugar, permitiu determinar características dos textos de divulgação, escritos em Português Europeu, contribuindo para a caracterização do género. Em segundo lugar, permitiu detetar diferenças entre textos produzidos por especialistas na área científica e aqueles gerados pelo LLM. Assim, por exemplo, em termos globais, os resultados revelam que as respostas escritas pelos especialistas produzem resultados ligeiramente melhores do que as do ChatGPT. Em terceiro lugar, foi possível identificar alguns problemas linguísticos, tanto nos textos produzidos pelos investigadores como pelos do LLM, que podem resultar em recomendações para a melhoria de ambos. Um desses problemas diz respeito aos mecanismos de coesão. Por exemplo, quanto à coesão interfrásica, constatamos que os textos produzidos por especialistas usam um número muito reduzido de conetores, o que, por vezes interfere com a clareza da mensagem. Já o ChatGPT usa recorrentemente marcadores discursivos, mas de um modo pouco diversificado nos vários textos.

Palavras-chave: textos de divulgação científica, características linguísticas, LLMs, ChatGPT

Referências

- Aubakir N. (2017). Distinctive features of popular science discourse. *World Science*, 2(11), 32–35.
- Brown, T. B. Mann, B., Ryder, N., Subbiah, M., Kaplan, J., Dhariwal, P., Neelakantan, A., Shyam, P., Sastry, G., Askell, A., Agarwal, S., Herbert-Voss, A., Krueger, G., Henighan, T., Child, R., Ramesh, A., Ziegler, D. M., Wu, J., Winter, C., ... Amodei, D. (2020). *Language models are few-shot learners*. <https://arxiv.org/abs/2005.14165>
- Filipe, L. (2018). O artigo de divulgação científica – algumas marcas de género. In M. Gonçalves & N. Jorge (Org.), *Literacia científica na escola* (pp. 79-89). NOVA FCSH- CLUNL.
- Garces-Conejos, P., & Sanchez-Macarro, A. (1998). Scientific discourse as interaction: Scientific articles vs. popularizations. In A. Sanchez-Macarro & R. Carter (Eds.), *Linguistic choice across genres* (pp. 173–190). John Benjamins.
- Gonçalves, M. & Jorge, N. (Org.) (2018). *Literacia científica na escola*. NOVA FCSH- CLUNL.
- Myers, G. (1991). Lexical cohesion and specialized knowledge in science and popular science texts. *Discourse Processes*, 14, 1–26.
- Ray, P. P. (2023). ChatGPT: A comprehensive review on background, applications, key challenges, bias, ethics, limitations, and future scope. *Internet of Things and Cyber-Physical Systems*, 3, 121–154. <https://doi.org/10.1016/j.iotcps.2023.04.003>

Os marcadores conversacionais no ensino de PLE a hispanofalantes: primeiras reflexões

Telma Elisabete de Oliveira Duarte

Apesar de os marcadores conversacionais (MC), definidos por Lopes (2020) como “expressões que indexam o discurso aos seus participantes, aos interlocutores, viabilizando uma gestão conjunta da interação” (p. 122), ocorrerem com alta frequência e desempenharem um papel fundamental em trocas orais informais (Ciarra Tejada, 2016), são ainda escassos os trabalhos que se centram no ensino e aprendizagem destas partículas por estudantes de uma língua não materna e, em particular, de português como língua estrangeira (PLE), revelando, os poucos estudos existentes, que os MC são pouco ou nada utilizados por estes aprendentes (Pimentel & Silva, 2014).

De modo a poder contribuir para suprir a previamente mencionada lacuna investigacional, esta comunicação apresenta alguns dos resultados obtidos através da aplicação de um questionário sociolinguístico a 115 aprendentes hispanofalantes de PLE de diferentes níveis de proficiência (do A1 ao C1). O questionário, que tem como finalidade reunir uma série de informações que permitam caracterizar o *corpus* analisado, é composto por perguntas abertas e fechadas, a que os aprendentes responderam de forma anónima, e faz parte de um projeto de doutoramento em curso que tem como objetivo principal analisar os MC utilizados por estudantes hispanofalantes que aprendem PLE em Espanha. O preenchimento do questionário sociolinguístico precedeu à gravação das conversas orais informais produzidas pelos aprendentes que constituirão a base de trabalho do referido projeto.

Para melhor diagnosticar os conhecimentos dos aprendentes relativamente a estes elementos estruturais da conversação, pedia-se-lhes que, numa das IV secções que compõem o questionário, a secção IV, intitulada Perceções: Aulas de português, respondessem, às seguintes questões: i) Sabe o que são marcadores conversacionais? Se sim, o que são? Pode dar alguns exemplos?; ii) Já os estudou em sala de aula? Se sim, quais?; iii) Costuma utilizá-los nas suas interações orais? Quais e com que frequência?; e iv) Quais são as vantagens de incorporar os marcadores conversacionais nas suas interações orais?. As respostas foram, posteriormente, analisadas recorrendo a uma metodologia mista: quantitativa (a título de exemplo, para contar o número de aprendentes que respondem) e qualitativo-descritiva (nomeadamente, para analisar as definições de MC oferecidas).

No que diz respeito à pergunta i), 39% dos aprendentes não respondem ou afirmam não saber o que são. Dos 61% que afirmam sabê-lo, apenas 10% oferecem uma definição e exemplos que se poderiam considerar “aceitáveis”. Quanto à pergunta ii), para além dos aprendentes que não respondem ou que dizem não se lembrarem (33%), 15% afirmam que não os estudaram e 50% declaram tê-los estudado, alguns sem, no entanto, fornecerem detalhes. Dos 23% de aprendentes que dão uma definição e/ou exemplos “satisfatórios”, a grande maioria afirma tê-los estudado. Relativamente à pergunta iii), encontra-se também uma taxa considerável de aprendentes que não respondem (33%). Além destes, 3% afirmam não saber se o fazem ou pensar que não e 6% afirmam rotundamente que não os usam. Centrando-nos, uma vez mais, nos 23% que fornecem uma definição e/ou exemplos “satisfatórios”, quase todos asseveram utilizá-los, com maior ou menor frequência, nas suas interações orais (IO). Como sucede nas questões anteriores, na pergunta iv), aprecia-se uma taxa significativa de aprendentes que não respondem (46%), somando-se a estes um número bastante baixo (3%) de aprendentes que reconhecem não saber os benefícios da sua

utilização. Embora mais de metade dos aprendentes indique algum benefício, apenas cerca de 38% indicam algum que, com efeito, se poderá atribuir aos MC, nomeadamente a fluidez e naturalidade que imprimem às IO, sobretudo informais.

Tendo em conta os resultados expostos, observa-se taxas notáveis de ausência de resposta, um desconhecimento generalizado do que são os MC e uma associação frequente ao subconjunto que Lopes (2020) denomina de marcadores ou conectores discursivos, o que parece, pois, atestar a complexidade do ensino e aprendizagem destes elementos (Ciarra Tejada, 2016; La Rocca, 2017). Considerando o nível de proficiência dos aprendentes, verifica-se que este terá algum impacto tanto no (re)conhecimento e uso dos MC, como na percentagem de aprendentes que assegura tê-los estudado, pelo que a instrução formal aparenta ter algum peso sobre a sua aprendizagem (patente sobretudo a partir dos níveis intermédios).

Esta parte da investigação parece, pois, apontar, tal como estudos previamente consultados, para a necessidade de levar a cabo um ensino dos MC planificado e sistemático, a realizar desde os níveis iniciais de aprendizagem da língua. Uma vez que os MC contribuem para a progressão e dinamismo das IO informais, e dado que a maioria dos aprendentes inquiridos revela, no mesmo questionário, ser o contacto informal com falantes nativos a finalidade última do seu estudo da língua portuguesa, seria, considera-se, recomendável que o ensino e aprendizagem dos MC fossem áreas de investigação às quais se prestasse uma maior atenção.

Palavras-chave: marcadores conversacionais, português língua estrangeira, interações orais informais, aprendentes hispanofalantes, aprendizagem de L2

Referências

- Ciarra Tejada, A. (2016). *Marcadores discursivos conversacionales: análisis de su uso en corpus orales y aplicación didáctica en español como lengua extranjera*. Ediciones Universidad de Salamanca.
- La Rocca, M. (2017). *Los marcadores del discurso. Una perspectiva discursiva para la didáctica de ELE*. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidad de Salamanca.
- Lopes, A. C. M. (2020). Repensar os Marcadores Discursivos: um estudo de caso. In I. M. Duarte & R. Ponce de León (Eds.), *Marcadores discursivos. O português como referência contrastiva* (pp. 121-135). Peter Lang GmbH.
- Pimentel, A. & Silva, F. (2014). Marcadores conversacionais e ensino-aprendizagem do português como língua estrangeira: um estudo de caso. In A. Chenoll, B. Sieberg, M. Franco & V. Lindemann (Coords.), *Falar: A competência oral no ensino de uma língua estrangeira* (pp. 164-191). Centro de Estudos de Comunicação e Cultura.

Leite de Vasconcelos, entre publicações, reimpressões e reedições

Vânia Mendes

Os artigos e publicações de José Leite de Vasconcelos formam uma extensa lista, que se encontra descrita no artigo de Isabel Cepeda, datado de 1960. O autor publicou os seus artigos em diversos periódicos, desde a década de 70 do século XIX até à data do seu falecimento, na década de 40 do século XX. Um olhar rápido para o artigo de Isabel Cepeda é suficiente para perceber que muitos destes artigos foram reeditados ou reimpressos ao longo dos anos. A presente comunicação apresenta uma análise do que foi reeditado ou reimpresso por Leite de Vasconcelos. Foram analisadas as secções temáticas e respetivas subsecções, verificando o percurso de cada um dos títulos. Foram incluídas informações extraídas do *Indículo* de Moses Amzalak, dos *Opúsculos*, da PorBase, assim como de alguns manuscritos do espólio do autor à guarda do Museu Nacional de Arqueologia. Os títulos foram contabilizados independentemente da sua dimensão ou extensão e foram consideradas como compilações as obras que agrupassem em si artigos que haviam sido publicados individualmente. Não foram, no entanto, analisadas as secções V. Publicações Periódicas, por ser esta um dos pontos de partida de publicação, assim como a secção VI. *Opúsculos*, considerados na presente comunicação como uma compilação. Tendo como ponto de partida o artigo de Isabel Cepeda, a presente comunicação, vem adicionar uma visão global, ainda que preliminar, da forma como Leite de Vasconcelos escreveu e publicou ao longo dos 66 anos de trabalho e de como foi exímio na divulgação dos seus estudos. Ao longo da sua vida, o autor, publicou um total de 1232 títulos, para os quais elaborou 463 separatas, maioritariamente impressas em data muito próxima da publicação original, sugerindo que, mesmo as que não têm a indicação da tipografia ou da casa impressora, terão sido impressas na mesma tipografia onde ocorreu a impressão original, a pedido do autor. Em adição, a fundação das revistas *O Pantheon* em 1880, juntamente com Mont'Alverne de Sequeira, da *Revista Lusitana* em 1887 e de *O Arqueólogo Português* em 1895, permitiram a publicação dos seus estudos nas diversas áreas de forma independente. Concluiu-se ainda que Leite de Vasconcelos terá reeditado e usado os seus artigos, mesmo que de forma parcial e conforme os temas, para compilar novas obras. No entanto, o estudo global do seu espólio poderá trazer algumas novidades no que concerne a estudos que ficaram por publicar ou obras planeadas que não chegaram a ser concluídas.

Palavras-chave: José Leite de Vasconcelos; Edições; Reedições; Crítica Textual; Crítica Genética.

Referências

- Documentos do espólio de Leite de Vasconcelos no Museu Nacional de Arqueologia
Amzalak, Moses Bensabat (1924). *Indículo dos Trabalhos Literários de J. Leite de Vasconcelos*. Oficinas Gráficas do Museu Comercial. Lisboa.
- Cepeda, Isabel Vilares (1960). Bibliografia de José Leite de Vasconcelos in *José Leite de Vasconcelos: livro do centenário (1858-1958)*. Imprensa Nacional. Lisboa. 139-265.
- Vasconcelos, José Leite de (1928). *Opúsculos*. Vol. I. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Vasconcelos, José Leite de (1928). *Opúsculos*. Vol. II. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Vasconcelos, José Leite de (1931). *Opúsculos*. Vol. III. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.

Vasconcelos, José Leite de (1938). *Opúsculos*. Vol. V. Imprensa Nacional. Lisboa.

Vasconcelos, José Leite de (1938). *Opúsculos*. Vol. VII. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.

Vasconcelos, José Leite de (1985). *Opúsculos*. Vol. VI. Org. Maria Adelaide Cintra. Imprensa Nacional. Lisboa.

Recursos eletrónicos: <https://porbase.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=>, consultado a 06.02.2024

Ideologia e Discursos Representados: um Estudo Comparativo dos Textos Jornalísticos Sobre a Covid-19 da China Continental e de Taiwan

Si Chen & Pierre Lejeune

A pandemia de Covid-19, transcendendo as questões da saúde pública, tornou-se um palco de disputas ideológicas nos meios de comunicação. A posição única da China em relação às medidas de controlo tomadas durante a pandemia tem sido um foco de observação. Os média em Taiwan, nomeadamente os que favorecem uma postura mais autónoma da região e se opõem ao governo da China continental, oferecem uma perspetiva interessante para uma análise comparativa.

Ancorando-se nos estudos de Authier-Revuz sobre a Heterogeneidade Discursiva (1990, 2020) e na análise de Fairclough (1989) acerca da relação entre a linguagem e a ideologia, este trabalho visa investigar as múltiplas vozes nos textos jornalísticos da China Continental e de Taiwan durante a pandemia, focando especialmente em como os discursos representados (DR) veiculam ideologias explicitamente e implicitamente, destacando que o não-dito pode ser tão significativo quanto o dito (Fairclough, 1989). O corpus de análise consiste em quatro artigos relacionados com a investigação da origem da covid-19 organizada pela equipa da Organização Mundial da Saúde em 2021, provenientes do *Liberty Times (LT)* de Taiwan, jornal marcado pela sua visão pró-independência, e do *Global Times (GT)* da China Continental, alinhado com o governo de Pequim. Adotando uma abordagem qualitativa, esta análise identifica as pistas ideológicas envolvidas nos DR (Authier-Revuz, 2020) através das escolhas linguísticas, como o uso dos verbos introdutórios e dos implícitos, os quais são cruciais na organização da narrativa e na disseminação de ideologias.

Este estudo contribui para uma compreensão aprofundada de como os média moldam a narrativa dos eventos globais através dos estratagemas e das orientações ideológicas. Os resultados indicam que os DR desempenham um papel crucial na formação dos posicionamentos ideológicos distintos entre os jornais: o discurso indireto (DI) prevalece em ambos, sendo amplamente usado pelo GT para citar as vozes oficiais ⁽²⁾ e transmitir informações de órgãos de imprensa, com uma preferência pelos verbos assertivos, como “say” e “announce”. Esta escolha de verbos pode facilitar a delimitação entre a voz do jornalista e a do enunciador. No entanto, em algumas sequências, essa delimitação torna-se menos nítida; enquanto o LT usa os DI para sugerir manipulação por parte das autoridades chinesas ⁽³⁾ e destacar aspetos misteriosos do vírus, empregando os verbos que sugerem intenções como “reveal” e “point out”. Além disso, observa-se a reformulação de enunciados ⁽¹⁾, nomeadamente através das estratégias como ilha textual ^{(1) (3)} — palavras isoladas e assumidas por outros que conferem credibilidade ao posicionamento do próprio locutor. O GT reforça a eficácia e a postura proativa da China na cooperação internacional sobre a origem do vírus ⁽²⁾, apresentando o assunto como uma questão científica global. Em contraste, o LT adota uma postura crítica em relação à gestão da pandemia pela China continental, sugerindo manipulação política das informações.

Palavras-chave: Covid-19, discursos representados, heterogeneidade discursiva, ideologia, Análise do Discurso.

Referências

- Authier-Revuz, J. (1990). Heterogeneidades Enunciativas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19, 25–42.
<https://doi.org/doi.org/10.20396/cel.v19i0.8636824>
- Authier-Revuz, J. (2020). *La Représentation du Discours Autre: Principes pour une description*.
- Fairclough, N. (1989). *Language and Power*. Longman Group UK Limited.
- Maingueneau, D. (2004). *Análise de Textos em Comunicação*. Cortez.
- Van Dijk, T. A. (2012). *Ideology and discourse. A multidisciplinary introduction*.

Anexo – exemplos	
<p>(1) GT: Fisher believes that the trip to China cannot provide all the answers, but the chances of finding the source of the new coronavirus are much better now than a year ago because experts have a better understanding of the data that needs to be collected. The information they already have comes from antibody research on residual serums in other countries.</p> <p>LI: The Associated Press found that China provided large research grants to local scientists, ostensibly to encourage the investigation of the origin of the virus, but in fact to conduct surveillance. Under the orders of Chinese President Xi Jinping and the State Council, relevant data and results cannot be published without consent. Under such circumstances, Dale Fisher, a professor at the National University of Singapore who specializes in infectious diseases, believes that even if the WHO expert team enters the country for investigation, the probability of reaching conclusions or results is "very low".</p>	<p>(2) GT: The National Health Commission of China announced on the 11th that: "After consultations between the two parties, the WHO International Expert Team on New Coronavirus Origin Traceability will visit China on January 14 and conduct joint scientific research cooperation with Chinese scientists on the origin of the new coronavirus."</p> <p>(3) LI: Iain Duncan Smith...who established the "International Parliamentary Coalition on China Policy" (IPAC) in June last year to counter China's opaque handling of Wuhan pneumonia and various dictatorships, pointed out "China is clearly trying to Concealed Evidence", yet "We don't know what was going on in that laboratory".</p>

Crônicas, comentários e críticas: uma leitura linguística

Antónia Coutinho & Clara Nunes Correia

Como ponto de partida, assumimos que a descrição dos textos (de diferentes géneros) não pode dispensar a análise das formas e construções linguísticas em ocorrência, tal como a descrição e a análise linguísticas podem beneficiar de uma observação textualmente contextualizada. Uma via para operacionalizar este princípio (entre várias outras que podem ser tidas em conta) passa por considerar quatro componentes que, na sequência de trabalhos anteriores, enunciamos nos seguintes termos: percursos temporais, à volta dos sujeitos, percursos temáticos e à volta do sentido (Correia & Coutinho, 2022). Esta proposta permite integrar contributos de natureza teórica que, embora diferentes, se podem complementar: uma perspetiva de análise transcategorial (Culioli, 1999, e.o.) e uma perspetiva sociointeracionista (Bronckart, 1997, e. o.).

Nesta comunicação, pretendemos analisar textos de três géneros que se podem considerar próximos, na medida em que envolvem uma dimensão apreciativa: crônicas, comentários e críticas. O destaque dado à identificação e descrição das marcas linguísticas que estabelecem e definem esse traço comum contribuirá com certeza para uma melhor compreensão do funcionamento dos géneros – isto é, para o reconhecimento de uma possível organização “em nebulosa” (Bronckart, 1997), que permite relativizar modelos rígidos. Por outro lado, a dimensão apreciativa articula-se com outros fatores que, tal como já referido, envolvem tempos, sujeitos, percursos temáticos e (construção do) sentido – com preponderâncias diferentes e em diferentes configurações, como mostrarão as análises a desenvolver. Deste ponto de vista, e apesar da organização em nebulosa, parece possível salientar alguns parâmetros e/ou marcadores de género (Gonçalves & Miranda, 2007; Miranda, 2010), suscetíveis de explicar a identidade diferencial dos géneros em causa (o que, em última análise, explica a sua permanência enquanto tal). Finalmente, as diferentes configurações textuais que se podem observar permitem (melhor) explicar a ocorrência de valores temporais e aspetuais específicos, evidenciando-se assim uma questão central, na perspetiva das relações entre gramática e texto: não se trata apenas de contextualizar textualmente as questões gramaticais, mas também – e talvez sobretudo – de compreender em que medida o funcionamento textual pode ter impacto sobre a compreensão do funcionamento da(s) língua(s). Assim entendido o objetivo geral do trabalho, centraremos a atenção na análise das formas e das construções presentes em textos que se integram nos três géneros acima referidos. Por um lado, destacaremos sucessivos processos de localização (espacial, temporal e nocional), observando-se que, muitas vezes, estas localizações podem determinar o sentido do texto em que ocorrem. Por outro lado, a deformabilidade associada a um mesmo tempo gramatical (como, por exemplo, as ocorrências de Presente do IND com valor de continuidade ou de sobreposição temporal, de IMP do IND – que define um outro plano enunciativo – ou de PPS, com valor não perfeitivo) permite (re)construir os percursos temporais que caracterizam um dado texto.

Para além de outras propostas termos em conta, nesta análise, e.o, os trabalhos de Campos 1997, Oliveira 2013, Ferreira 2023, Coutinho, 2023.

A análise incidirá sobre textos publicados em jornais e/ou recolhidos em livro. Em termos metodológicos, privilegiar-se-á uma abordagem qualitativa e interpretativa – que não dispensa, no entanto, algumas condições de uniformidade ou mesmo de representatividade dos textos em análise. A metodologia

usada assenta no pressuposto teórico-epistemológico da complexidade dos textos (Coutinho, 2003) – que dependem de constrangimentos genológicos, por um lado, mas permanecem irreduzivelmente singulares, por outro. Julgamos que esta questão ganha ainda mais relevância no tempo da Inteligência Artificial, que repete até à exaustão produtos a que chama ‘textos’.

Referências

- Correia, C. N. & Coutinho, A. (2022). À volta das crónicas. *Linguística* 62 (1-2), 191-204. <https://doi.org/10.4312/linguistica.62.1-2.191-204>
- Coutinho, A. (2023). *Linguística do texto e do discurso*. Húmus. URL: https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/66229605/Linguistica_do_Texto_e_do_Discurso_eBook.pdf.
- Coutinho, M. A. (2003). *Texto(s) e competência textual*. FCT/FCG.
- Bronckart, J.-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Delachaux & Niestlé.
- Campos, M.H. (1997). *Tempo, Aspecto e Modalidade*. Porto Editora
- Culioli, A. (1999). *Pour une Linguistique de l'Énonciation, Formalisation et Opérations de Repérage*. Tome 2. Ophrys.
- Gonçalves, M. & F. Miranda (2008). Analyse textuelle, analyse de genres: quelles relations, quels instruments? In *Autour des langues et du langage: perspective pluridisciplinaire* (p. 47-53). Presses Universitaires de Grenoble.
- Miranda, F. (2010). *Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização*. FCG/FCT.
- Oliveira, F. (2013). Tempo verbal. In Raposo et al (orgs.) *Gramática do Português*, Vol. I. (p. 509-553). Fundação Calouste Gulbenkian.

Multilinguismo e línguas em contacto em África: um estudo fonológico do fula e do kriol da Guiné-Bissau

Ana Luísa Fernandes & Guendalina Gianfranchi

A Guiné-Bissau é um país cultural e linguisticamente heterogéneo, onde coabitam mais de vinte etnias (Embaló 2008), o que se consubstancia, em termos linguísticos, na evidência sincrónica de mais de vinte línguas. Apesar do português ser a língua oficial, a percentagem de guineenses que sabe falar português é, apenas, de 27.1% (RGPH-2009), sendo o crioulo guineense, kriol, a língua franca utilizada por cerca de 90.4% da população. Contudo, o kriol não é a língua materna da maioria da população, mas sim as línguas orais africanas da família nigero-congolesas (Embaló 2008). Os fulas correspondem à etnia com maior expressão no país (28.5%). Sentido fará, portanto, uma descrição fonológica da língua fula, cuja literatura se mantém extremamente escassa. Posto isto, temos como objetivos: investigar a influência do fula no kriol e vice-versa, investigar a influência do português no kriol e no fula e realizar o inventário fonético do kriol e do fula.

Para tal, utilizamos uma lista *Swadesh* composta por 207 palavras, as quais foram elicitadas em kriol e em fula por meio de imagens, a fim de evitar qualquer influência verbal na sua produção. As gravações das palavras foram realizadas em cabines acústicas totalmente equipadas. As dúvidas na produção das palavras foram esclarecidas através da experimentação de variação livre de sons. A recolha teve por base a diáspora guineense em Portugal.

A análise das transcrições fonéticas permitiu a realização do inventário fonético do fula e do kriol, a análise do padrão de distribuição dos sons e o confronto com inventários já existentes. Relativamente ao kriol, consideramos relevante destacar os sons que não são atestados na bibliografia consultada (Scantamburlo 2013, Costa 2014, Mendes 2023), nomeadamente as vogais longas e a fricativa dorso-palatal [ɟ]. O som [ɟ] corresponde a um equivalente fonológico alternativo de [ʎ]. De igual forma, detetamos várias ocorrências do som [d], sempre em posição de ataque medial e final. Identificamos, ainda, a ocorrência de vogais nasais e das vogais [i] e [e] e da consoante [ʈ]. No tocante ao fula, detetamos, ao contrário do que vem, maioritariamente, descrito na literatura, a existência de vogais nasais, devido à ocorrência do par mínimo ['teɗi] (pesado) e ['tẽɗi] (piolho). Os sons [e] e [ʈ] foram, igualmente, detetados, apesar de não terem sido atestados na bibliografia consultada (Lex 2001, Moura 2007, Gutman e Avazati 2013 e Chanard e Hartell 2019). Foi possível identificar alofones, nomeadamente do fonema /p/ ([p] ocorre em posição de ataque inicial de sílaba, em oposição a [p:] que ocorre apenas em posição de ataque medial e final). De igual forma, [r] e [r̥] estão em distribuição complementar, uma vez que o primeiro surge, unicamente, em ataque inicial de sílaba, contexto em que o segundo nunca ocorre. Identificamos, ainda, três alofones para o fonema /l/, nomeadamente [l], [l:] e [l̥]. Para além do referido, detetamos consoantes implosivas, existentes em apenas 13% das línguas do mundo (Maddieson 2013), comprovando a diversidade e complexidade desta língua africana.

Para concluir, o contacto linguístico, nomeadamente com o kriol e português, influenciou os sons do fula, particularmente na produção de vogais nasais e dos fones [e] e [ʈ]. De igual forma, o fula teve influência no kriol, nomeadamente na realização das vogais longas. O português parece, também, influenciar o kriol, particularmente na produção dos sons [i], [e] e [ʈ]. Em trabalhos futuros, tencionamos alargar o nosso estudo

a um maior número de informantes, avaliar a produção de [i], [e] e [t] em falantes de kriol menos escolarizados e de vogais nasais em falantes de fula não falantes do português.

Palavras-chave: Guiné-Bissau, fula, kriol, línguas crioulas, fonologia

Referências

Chanard, C., Hartell, R. L. (AA). 2019. Pular sound inventory (AA). In Moran, Steven & McCloy, Daniel (eds.). *PHOIBLE 2.0*. Jena: Max Planck Institute for the Science of Human History. Disponível em: <https://phoible.org/languages/pula1262>. Acesso em: 03/01/2024

Costa, P. M. (2014). *Descrição fonológica do crioulo guineense*. Tese de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Brasil.

Embaló, F. (2008). O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. In *Papia: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*. 18. 101-107.

Gutman, A., Avanzati, B. (2013). *The Language Gulper*. "Fula." Disponível em: <https://www.languagesgulper.com/eng/Fula.html> Acesso em: 15/01/2024.

INE (2009). Recenseamento Geral da População e Habitação: Características Socioculturais. Disponível em: <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp01w6634600z> Acesso em: 16/01/2024.

Maddieson, Ian. (2013). Glottalized Consonants. In Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *WALS Online*. Disponível em: <https://wals.info/chapter/7> Acesso em: 01/03/2024.

Mendes, R. (2023). *Varição interna em Kriol (crioulo da Guiné-Bissau): fonologia e aspetos sociolinguísticos*. Tese de mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Lex, G. (2001). *Le dialecte peul du Fouladou*. Munique: Lincom Europe.

Moura, R. (2007). *Fonologia Segmental Preliminar da Língua Fula da Guiné-Bissau*. Tese de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

Scantamburlo, L. (2013). *O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Portugal.

Mas és português ou brasileiro?

Atitudes individuais e influência fonológica no contacto entre variedades da língua portuguesa

Ronan Pereira, Catarina Rosa & Mariana Silva

Apesar das semelhanças superficiais, especialmente lexicais, as variedades brasileira (PB) e europeia (PE) da língua portuguesa possuem diferenças em todas as componentes gramaticais, inclusivamente na fonética e na fonologia (Mateus & d'Andrade, 2000). Num contexto de imigração, embora não seja estritamente necessária, à partida, a aquisição de traços específicos duma variedade para a comunicação ocorrer com êxito (Siegel, 2010), ao se depararem com essas diferenças prevalentes no ambiente linguístico em que se encontram, os falantes nativos do PB em Portugal poderão adquirir alguns traços do PE e usá-los ativamente no seu discurso (*cf.* Markham, 1997). De facto, um dos resultados obtidos pela Tarefa de Avaliação de Sotaque aplicada por Kupisch *et al.* (2023) foi que os avaliadores nativos do PE das amostras de áudio de imigrantes brasileiros que chegaram a Portugal em idade adulta tiveram menos certeza da origem desses falantes do que na sua avaliação das amostras de brasileiros não imigrantes.

Importantemente, a perceção de sotaques não nativos por falantes nativos poderá influenciar a experiência que os imigrantes têm na zona de acolhimento. Por exemplo, declarações anónimas proferidas por indivíduos que possuem um sotaque não nativo são, em geral, avaliadas pelos nativos como menos credíveis (Lev-Ari & Keysar, 2010) e não tão bem avaliadas em relação a uma série de características sociais (Lorenzoni, Faccio & Navarrete, 2024). Não se descartando que o mesmo possa ocorrer num contexto de contacto entre o PB e o PE em Portugal, pode-se conjecturar que, para minimizar esse impacto social, alguns imigrantes poderão acomodar a sua fala em direção à fala da zona de acolhimento (*cf.* Giles, Taylor & Bourhis, 1973). Logo, propôs-se neste estudo avaliar se, entre os falantes nativos do PB que emigraram para Portugal em idade adulta, aqueles indivíduos mais motivados em “falar como um português” também são aqueles que apresentam maior influência da fonologia do PE na sua fala.

Trinta falantes nativos do PE avaliaram se os falantes em 30 amostras de áudio de brasileiros imigrados em Portugal há mais de seis anos, bem como 8 amostras de brasileiros não imigrados e de 12 portugueses (que serviram como controlo), soavam como brasileiros ou portugueses e o quão certos estavam da sua avaliação por meio duma escala de Likert de 1 (brasileiro: tenho a certeza) a 6 (português: tenho a certeza). Os avaliadores facilmente identificaram os controlos brasileiros ($M = 1,17$) e portugueses ($M = 5,95$); já os imigrantes brasileiros foram, em geral, identificados como brasileiros, mas com um grau de certeza significativamente mais baixo ($M = 1,88$, $p < .001$) comparativamente aos brasileiros não imigrados, sendo que apenas nove participantes tiveram uma média individual mais alta do que a média do grupo.

Por meio de diversos modelos de regressão ordinal, detetou-se um efeito positivo entre uma perceção de sotaque do PE e a interação entre a motivação autodeclarada dos falantes e a sua identificação cultural com Portugal, bem como entre aquele fator e o seu desejo em que desconhecidos pensem que são falantes do PE. Ademais, uma idade inicial de exposição ao PE precoce e uma maior exposição a esta variedade em casa também parecem ser relevantes para a influência fonológica do PE na fala dos imigrantes. Contudo, uma análise individual dos casos aponta para poucos efeitos de linearidade entre as variáveis e as avaliações, o que indica que o peso de cada variável será diferente a nível individual, o que ajuda a explicar os diferentes desfechos observados na aquisição de segundo dialeto (*cf.* Siegel, 2010; Nycz, 2015).

Palavras-chave: Bidialetalismo; Acomodação linguística; Fonologia; Ganhos sociais.

Referências

- Giles, H., Taylor, D. & Bourhis, R. (1973). Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data. *Language in Society*, 2, p. 177-192.
- Kupisch, T., Castro, T., Krämer, M. & Westergaard, M. (2023). Phonological influence in bilingual speakers of Brazilian and European Portuguese. *International Journal of Bilingualism*, p. 1-18.
- Lev-Ari, S. & Keysar, B. (2010). Why don't we believe in non-native speakers? The influence of accent on credibility. *Journal of Experimental Social Psychology*, 46(6), p. 1093-1096.
- Lorenzoni, A., Faccio, R. & Navarrete, E. (2024). Does foreign-accented speech affect credibility? Evidence from the illusory-truth paradigm. *Journal of Cognition*, 7(1).
- Markham, D. (1997). *Phonetic Imitation, Accent, and the Learner*. Lund: Lund University Press (Travaux de l'Institut de Linguistique de Lund 33).
- Mateus, M. H. & d'Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Nycz, J. (2015). Second dialect acquisition: A sociophonetic perspective. *Language and Linguistics Compass*, 9(11), pp. 469-482.
- Siegel, J. (2010). *Second Dialect Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.

Interfaces na construção do conhecimento fonológico - a lateral em coda silábica

Ana Ruth Moresco Miranda & Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

O foco deste estudo, vinculado ao processo de aquisição da linguagem por crianças brasileiras, está na construção do conhecimento fonológico de unidades segmentais da língua. Voltando-se especificamente para a líquida lateral /l/, examina o processo de formação da representação fonológica sob quatro eixos: (a) das unidades que constituem a estrutura interna do segmento, (b) dos constituintes silábicos que o segmento pode ocupar, com atenção especial para a coda, (c) do comportamento morfofonológico do segmento na derivação de palavras da língua, (d) da relação fonologia/ortografia estabelecida no processo de aquisição da escrita. Para chegar ao funcionamento da língua alvo, a aquisição gradual da gramática fonológica pela criança exige não apenas o conhecimento de cada um dos eixos, mas das interações entre eles. Essas interfaces evidenciam a complexidade da construção de representação de unidades da gramática e também a possibilidade de sua reestruturação em um processo continuado de desenvolvimento do conhecimento fonológico. No Português do Brasil (doravante PB), o primeiro e o segundo eixos apresentam relação direta, já que, na forma fonética, a líquida lateral /l/ em ataque silábico se mostra alveolar (Exs.: [l]ata, bo[l]acha), enquanto em coda de sílaba se manifesta como glide dorsal (Exs.: ane[w], ba[w]de), diferentemente do que ocorre no Português Europeu, conforme Matzenauer & Freitas (2024). Esta realidade fonética do PB apresenta implicações também no comportamento morfofonológico do segmento na derivação de palavras da língua, terceiro eixo acima referido, uma vez que os itens lexicais em cuja coda final há a líquida lateral /l/, foneticamente realizada como glide, como em ane[w], sa[w], so[w], ao receberem a adição de um sufixo iniciado por vogal, passam a ter forma fonética alveolar: ane[l]ado, sa[l]eiro, so[l]aço. Esta alternância que a líquida lateral /l/ manifesta no PB tem repercussão na construção do conhecimento fonológico das crianças e mostra impacto também no processo de aquisição da escrita, o qual se propõe como quarto eixo de discussão do presente estudo. Os dados empíricos da investigação, que congregam produção oral e escrita de crianças brasileiras, provêm de dois bancos: do Banco AQUIFONO (Banco de Aquisição da Fonologia do Português do Brasil – PUCRS/UFPEL) e do Banco BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita – UFPEL). Os resultados apontam para uma interação mais precoce, na construção da representação fonológica da líquida lateral, dos dois primeiros eixos aqui examinados, com interface entre traços e constituintes silábicos, com a subsequente adição dos outros dois eixos, sendo estes responsáveis por uma possível reestruturação representacional da gramática fonológica. Os achados do estudo foram formalizados à luz do Modelo Representacional da Relação entre o Conhecimento Fonológico e o Processo de Aquisição da Escrita, proposto por Miranda (2014), e do Modelo de Gramática e de Processamento de L1 – BiPhon, de Boersma (2007, 2011); Boersma & Hamann (2009), com a arquitetura enriquecida por Hamann & Colombo (2017), incluindo o *input* ortográfico, além do *input* auditivo, na construção do conhecimento fonológico.

Palavras-chave: aquisição fonológica; coda silábica; líquida lateral

Referências

- BOERSMA, Paul (2007). Some listener-oriented accounts of *h*-aspiré in French, *Lingua*, 117:1989–2054. Rutgers Optimality Archive 730.
- BOERSMA, Paul (2011). A programme for bidirectional phonology and phonetics and their acquisition and evolution. In: Anton BENZ and Jason MATTAUSCH (eds) *Bidirectional Optimality Theory*. Amsterdam: John Benjamins. p. 33-72.
- BOERSMA, Paul; HAMANN, Silke (2009). Loanword adaptation as first-language phonological perception. In: Andrea CALABRESE and W. Leo WETZELS (eds) *Loanword phonology*. Amsterdam: John Benjamins. p. 11–58.
- HAMANN, Silke; COLOMBO, Ilaria Elena (2017). A formal account of the interaction of orthography and perception: English intervocalic consonants borrowed into Italian. *Natural Language and Linguistic Theory*, 35(3), p. 683-714.
- MATZENAUER, Carmen L.B.; FREITAS, Maria João (2024). Aquisição de Assimetria na Gramática Fonológica do Português: o exemplo da líquida lateral /l/. In: *Fonologia do Português e Interfaces: Fenômenos da Aquisição e da Variação*. London/New York: Routledge Taylor & Francis, 2024. p. 63-79.
- MIRANDA, Ana Ruth Moresco (2014). A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileiras. *Linguística* (Madrid), v. 30, p. 45-80.

Processamento de masculinos genéricos em Português Europeu: tarefa de leitura autocontrolada

João de Matos, Susana Correia & Paula Luegi

Nas línguas indo-europeias de género gramatical, entre as quais se inclui o Português Europeu (PE), os nomes masculinos tendem a ser inerentemente ambíguos: podem fazer referência exclusivamente a homens (interpretação específica), mas também a grupos compostos por homens e pessoas de outros géneros (interpretação genérica). No entanto, não é claro se ambas as interpretações são igualmente acessíveis, isto é, se a utilização de um masculino genérico (MG) evoca uma representação de género extralinguístico dos seus referentes efetivamente genérica. Estudos anteriores investigaram este assunto utilizando diferentes paradigmas experimentais. Os resultados confirmam que o acesso à interpretação genérica destes nomes é mais difícil do que o acesso à sua interpretação específica (Gygax *et al.*, 2008; Misersky *et al.*, 2019; Sato *et al.*, 2016). Adicionalmente, tem sido demonstrado que, perante pistas contraditórias (nome estereotipicamente feminino, mas gramaticalmente masculino – ex.: *costureiros*), a leitura específica destes nomes permanece dominante, remetendo para a prevalência da informação gramatical sobre a informação de estereótipo na construção da representação de género (Gygax *et al.*, 2008, Matos, 2020). Contudo, e devido à natureza das tarefas utilizadas (paradigmas de avaliação de frases), poder-se-ia argumentar que tais conclusões resultam de uma adequação estratégica e refletida das respostas dos participantes. O presente trabalho averigua se a possibilidade de a interpretação de masculinos genéricos resulta ou não de uma adequação estratégica das respostas (*offline*) ou se essa interpretação é ativada durante o processamento (*online*).

Neste estudo, avaliou-se o processamento *online* de MG do PE numa tarefa de leitura autocontrolada, com 100 falantes nativos de PE. A tarefa, construída com o *software* Psychopy (Peirce *et al.*, 2019) e corrida na plataforma Pavlovia (pavlovia.org), consistiu na apresentação de frases segmento a segmento (identificados nos exemplos por “/”), tendo os participantes de carregar na barra de espaço para passar de um segmento para o seguinte. Na primeira frase (1), introduziu-se um grupo de pessoas representado por um MG. Este MG era um nome estereotipicamente masculino ou feminino, de acordo com a avaliação feita em Matos (2020). Na segunda frase, (2), uma expressão nominal sujeito refere parte desse grupo, especificando esses indivíduos como homens ou mulheres. De seguida, foi apresentada uma pergunta de compreensão (3). Cada participante leu 16 itens experimentais e 80 itens distratores. Foram criadas quatro listas, cruzando as duas variáveis independentes, com dois níveis cada, em quadrado latino (2x2): Retoma nominal (homens vs. mulheres) e Estereótipo (masculino vs. feminino), discriminadas nos exemplos por “|”. Mediu-se o tempo de reação nas regiões críticas (Seg6, Seg7, Seg8), a taxa de acerto e os tempos de resposta às perguntas de interpretação das frases experimentais.

A partir dos dados recolhidos, espera-se um efeito principal da variável “Retoma nominal”, com tempos de reação superiores, taxas de acerto mais baixas e tempos de resposta mais longos às perguntas finais de interpretação na condição “Retoma nominal: mulheres”. Considerando os resultados de estudos anteriores, ainda que com tarefas distintas (Gygax *et al.*, 2008; Matos, 2020), não são esperados efeitos principais de estereótipo. À data da submissão, as recolhas estão terminadas, embora os dados ainda não tenham sido analisados.

Por utilizar uma tarefa de leitura autocontrolada, os resultados deste estudo produzirão evidências empíricas relativas ao processamento *online* de MG no PE. Tais resultados poderão ser comparados com resultados de estudos relativos à interpretação de MG que utilizaram técnicas *offline* e, assim, verificar se as conclusões reportadas em estudos anteriores refletem uma adequação estratégica e consciente das respostas dos participantes ou se as escolhas são um reflexo das estratégias não conscientes adotadas durante o processamento linguístico da informação.

Palavras-chave: masculinos genéricos; tarefa de leitura autocontrolada; processamento de género; género gramatical

Exemplos:

(1) Os treinadores de futebol[Seg1 - Estereótipo Masculino] | Os empregados de limpeza[Seg1 -Estereótipo feminino] / descansaram[Seg2] / nos quartos[Seg3] / da pousada[Seg4].

(2) Na cama,[Seg5] / alguns dos homens[Seg6 - Retoma: homens] | algumas das mulheres[Seg6 -Retoma: mulheres] / adormeceram[Seg7] / profundamente[Seg8] / por minutos.[Seg9]

(3) Algum treinador | alguma treinadora de futebol adormeceu brevemente na pousada?

Referências

- Gygax, P., Gabriel, U., Sarrasin, O., Oakhill, J., Garnham, A. (2008). Generically intended, but specifically interpreted: when beauticians, musicians and mechanics are all men. *Language and Cognitive Processes*, 23 (3): 464-485.
- Matos, J. (2020). *Poderá uma língua natural ser sexista? Avaliação do impacto de informação gramatical e de estereótipos de género na compreensão de enunciados com sujeitos masculinos genéricos em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.
- Misersky, J., Majid, A., Snijders, T. M. (2019). Grammatical Gender in German Influences How Role-Nouns Are Interpreted: Evidence from ERPs. *Discourse Processes*, 56 (8): 643-654.
- Peirce, J. W.; Gray, J. R.; Simpson, S.; MacAskill, M. R.; Höchenberger, R.; Sogo, H.; Kastman, E.; Lindeløv, J. (2019). PsychoPy2: experiments in behavior made easy. *Behavior Research Methods*, 51: 195-203.
- Sato, S., Gygax, P., Gabriel, U. (2016). Gauging the Impact of Gender Grammaticization in Different Languages: Application of a Linguistic-Visual Paradigm. *Frontiers in Psychology*, 7: 140. DOI: 10.3389/fpsyg.2016.00140

Ordenação temporal de eventos repetidos em português: *a primeira vez, a n-ésima vez, a última vez*

Ana Teresa Alves & Telmo Mória

A ordenação temporal de eventos repetidos é expressa prototipicamente em português mediante sintagmas nominais definidos com o nome *vez* e numerais ordinais – aqui representados como *a n-ésima* (*primeira, segunda, terceira, ... centésima, ...*) *vez* – ou a forma afim *último* – *a última vez*. Estes sintagmas podem ocorrer em adjuntos encabeçados pela preposição *por* ou – modificados – em posição argumentais (em predicções equativas ou outras). Observe-se:

(1) a. O presidente visitou hoje a China *pela segunda vez* (*em poucos meses / *em muitos meses*).

b. Esta foi *a segunda vez que o presidente visitou a China* (*em poucos meses*)

c. *A segunda vez que o presidente visitou a China* (**em pouco meses*) foi um sucesso.

(2) a. O presidente discursou hoje *pela última vez* (*antes das eleições / *depois das eleições*).

b. Esta foi *a última vez que o presidente discursou* (*antes das eleições*).

c. Os analistas apreciaram *a última vez que o presidente discursou* (*antes das eleições*) acima de todas as outras.

A forma *a primeira vez* é um caso extremo e com particularidades únicas de *a n-ésima vez* (pelo que decidimos destacá-lo no título), que não requer sempre eventos repetidos. Com adjuntos como *em muitos meses* é inferida pelo menos uma ocorrência prévia da situação (no passado do intervalo relevante); sem adjuntos, *pela primeira vez* pode equivaler a “pela primeira vez em absoluto”, “pela primeira vez desde sempre”, mas mesmo nesse caso admite-se a repetição futura:

(3) a. O presidente recebeu hoje o líder da Oposição *pela primeira vez* (*em muitos meses / *em poucos meses / depois das eleições / *antes das eleições*).

b. Esta foi *a primeira vez* (*em muitos meses / depois das eleições*) que o presidente recebeu o líder da Oposição.

c. *A primeira vez* (*em muitos meses / depois das eleições*) que o presidente recebeu o líder da Oposição foi marcada por várias gafes.

Como se pode ver pelos exemplos já apresentados, tem especial interesse para a descrição gramatical a interação entre as expressões ordenadoras de eventos (*a n-ésima vez* e *a última vez*) e adjuntos temporais delimitadores de intervalos – *antes das eleições, depois das eleições* – ou identificadores de uma quantidade de tempo identificada de forma imprecisa mediante um limite inferior ou superior – *mais de X-TEMPO, menos de X-TEMPO*. Sobre o papel deste tipo de quantificadores na interpretação cf. e.g. Rett (2017).

Esta comunicação tem como objetivo caracterizar semanticamente as construções de ordenação de eventos e identificar os fatores que favorecem ou bloqueiam as diferentes combinações apresentadas (cf. os asteriscos nos exemplos acima). No que respeita à caracterização, interessa começar por distinguir a operação de ordenação de eventos repetidos (como ilustrada nos exemplos já apresentados) da simples ordenação de eventos distintos (como na sequência: *em primeiro lugar, o presidente recebeu o líder da Oposição, em segundo lugar recebeu os líderes dos partidos mais pequenos e só em terceiro/último lugar é que falou com os dirigentes do partido mais votado*). Têm lugar central no processamento aspetos de semântica temporal, nomeadamente os intervalos em que é feita a ordenação, que podem ter fronteiras

explícitas e/ou apenas implícitas (cf. *antes/depois das eleições*) ou serem identificados de forma vaga por um predicado de quantidades de tempo (cf. [*em*] *muito/pouco tempo*). Têm lugar destacado aspectos pragmáticos de informação implícita, como a implicatura na frase (3a) quando é usado *em muitos meses* de que tinha havido encontros anteriores entre o presidente e o líder da Oposição.

Diversas restrições gramaticais mais finas serão igualmente estudadas. Observem-se por exemplo diferenças na compatibilidade com o adjetivo *consecutivo* ou o sufixo intensificador *-íssimo*:

(4) a. Este clube sagrou-se hoje campeão pela {primeira vez / primeiríssima vez / *primeira vez consecutiva}.

b. Este clube sagrou-se hoje campeão pela {segunda vez / *segundíssima vez / segunda vez consecutiva}.

c. Este clube sagrou-se hoje campeão pela {última vez / ?ultimíssima vez / *última vez consecutiva}.

Parece-nos que estas construções estão pouco estudadas na literatura, em especial para o português (cf. no entanto Mória 2000: 352, sobre o papel de numerais ordinais na legitimação de frases ou sintagmas complexos com quantificação temporal do tipo de *o Paulo leu este livro pela terceira vez desde 1980* ou [SN *um livro que o Paulo leu pela terceira vez desde 1980*]).

Para identificar as principais regras gramaticais que se aplicam no subsistema da ordenação temporal de eventos repetidos, serão tidos em conta dados de *corpora* extensos, com os disponibilizados no *website* da Liguatca, com especial destaque para o CETEMPúblico. A descrição gramatical a fazer nesta comunicação – que integra principalmente questões de semântica temporal, incluindo *Aktionsart*, e de quantificação – terá como enquadramento formal a Discourse Representation Theory (Kamp & Reyle 1993).

Referências

- Kamp, Hans & Uwe Reyle: 1993, *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht: Kluwer.
- Mória, Telmo: 2000, *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*, dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Rett, Jessica: 2018, “The semantics of *many, much, few, and little*”, *Language and Linguistics Compass*, doi: 10.1111/lnc3.12269.

Considerações em torno da semântica de *estar para* em Português Europeu: propriedades aspetuais e modais

Luís Filipe Cunha

Veiculando, prototipicamente, aspeto prospetivo (cf. Klein, 1994) ou um estado pré- preparatório conducente à realização de uma dada eventualidade (cf. Moens, 1987), a construção *estar para* + infinitivo, em Português Europeu, contrasta com grande parte dos restantes operadores na medida em que parece poder manifestar um variado leque de interpretações, aparentemente distintas entre si, que transcendem o domínio do aspeto e se inscrevem no da modalidade, dependendo de fatores linguísticos e contextuais.

Nessa medida, se em (1) *estar para* remete para um intervalo de tempo que precede imediatamente a realização da eventualidade descrita, o mesmo não se poderá dizer de (2) ou de (3):

(1) Já se sabe: quando os músicos começam a chamar «Captain, my captain», o grande timoneiro dos jovens corações femininos está para chegar. (CetemPúblico, par=ext790066-clt-97b-1)

(2) E, quando estava para regressar a Portugal, tive um contrato para ir à Rodésia. (CetemPúblico, par=ext71709-clt-93b-1)

(3) «As pessoas têm hoje em dia a possibilidade de ouvir em casa boas gravações com as melhores orquestras sinfónicas e não estão para assistir, ao vivo, a versões com elenco reduzido». (CetemPúblico, par=ext307474-clt-93b-1)

Numa frase como (2), *estar para* remete para uma leitura em que a situação, dada como prevista, acaba por não se concretizar; em (3) é a vontade ou o desejo dos participantes que parece estar em causa. Por outras palavras, de uma interpretação puramente aspetual, *estar para* projeta-se para o domínio da modalidade, seja através da consideração de mundos alternativos (cf. Dowty, 1979; Kratzer, 1981), seja reportando-se à intencionalidade dos participantes envolvidos.

O objetivo central do presente trabalho será, pois, o de investigar os diferentes comportamentos linguísticos manifestados pela construção *estar para*, procurando compreender em que medida é que esta diversidade pode ser enquadrada num tratamento semântico unificado para a estrutura em questão.

Começaremos por defender a ideia de que, na sua leitura mais básica, *estar para* + infinitivo se inscreve no domínio do aspeto, mas que facilmente se converte num operador modal. Tal alteração parece estar intimamente ligada e ser mesmo condicionada pela presença de determinados fatores de ordem linguística que a propiciam.

Discutiremos o papel desempenhado pela intervenção de certos tempos gramaticais, como o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito, que propiciam leituras potenciais (cf. (4)) e contrafactuais (cf. (5)); da negação frásica, que tipicamente se articula com a intencionalidade (cf. (3)) e exploraremos ainda sequências que, de alguma forma, remetem para a duração num intervalo de tempo que inclui o momento da enunciação e parecem depender do significado lexical do verbo selecionado por *estar para* (cf. (6)):

(4) Foi numa altura em que o Zé Leonel, que era o nosso vocalista, estava para sair. (CetemPúblico, par=ext270942-clt-94b-1)

(5) Soube-se que um deles esteve para casar com uma jovem que depois deixou, para se unir com outra, (...) (CetemPúblico, par=ext123575-soc-97b-1)

(6) Tudo indica que as sementes de violência, também racial, estão para ficar. (CetemPúblico, par=ext764577-soc-92a-1)

Face a esta diversidade de interpretações, procuraremos motivar uma análise unificada para a estrutura *estar para* + infinitivo. Inspirando-nos em observações realizadas sobre a expressão da futuridade (cf. Jendraschek, 2014), proporemos que a construção em causa (i) descreve uma situação de natureza estativa que se sobrepõe a um dado ponto de perspectiva temporal (cf. Kamp & Reyle, 1993) e (ii) induz uma projeção prospectiva para as situações com que se combina, projeção esta que pode ser realizada num intervalo no eixo temporal, no caso das interpretações aspetuais, ou em mundos possíveis que não têm necessariamente de coincidir com o mundo de referência, no caso das interpretações modais.

Referências

Dowty, D. (1979) *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Reidel.

Jendraschek, G. (2014) “Future tense, prospective aspect, and irrealis mood as part of the situation perspective: Insights from Basque, Turkish, and Papuan”. P. De Brabanter *et al.* (eds), *Future Times, Future Tenses*. Oxford: OUP, pp. 138-164.

Kratzer, A. (1981) “The notional category of modality”. In H. Eikmezer & R. Rieser (Eds.), *Words, worlds, and contexts: new approaches in word semantics*. Berlim: Mouton de Gruyter, pp. 639-650.

Studying the Role of L1 in Characterizing Portuguese L2 Proficiency Using Machine Learning

Soroosh Akef, Detmar Meurers, Amália Mendes & Patrick Rebuschat

Language transfer, whereby a learner's L2 is influenced by the properties of their L1, has inspired the need for L1-specific criterial features, which are properties of the learner output which could indicate their proficiency level (Hawkins & Buttery, 2010). Considering a better understanding of the effect of language transfer can have implications for any automatic system attempting to predict L2 proficiency, we have attempted to address this issue by using machine learning as an empirical test bed. The research question we have attempted to address is whether measures of linguistic complexity and accuracy differ in terms of their capacity to serve as criterial features for Portuguese L2 learners who are at the same level of proficiency but come from a different L1 background.

To address this question, we utilized the written subset of COPLE2 (Mendes et al., 2016), the learner corpus of Portuguese, which not only contains error annotations but also metadata about the learners, including their L1 and CEFR level. The corpus, containing 1,634 texts was recompiled from its XML format into plain text to automatically extract linguistic complexity measures using the complexity analyzer CTAP (Chen & Meurers, 2016). 489 measures of complexity belonging to various categories of complexity including syntactic, lexical, morphological, and discourse complexity, along with measures inspired by psycholinguistic research such as age of acquisition were automatically extracted from each learner text. Accuracy measures were also extracted according to 49 error tags with the addition of the sum of all errors in a text. Subsequently, 50 more length-independent accuracy measures were calculated by dividing the count of each error tag by an appropriate linguistic unit.

Finally, the three most populous L1s in the corpus (i.e. Chinese with 438 texts, Spanish with 278 texts, and Italian with 214 texts) were selected to create subsets to train five-class proficiency classifiers using the random forest algorithm. The choice of training algorithm was to allow for drawing a comparison between the features most important to each model. Furthermore, to ensure the models use construct-relevant features, length-dependent features, including count-based features and type-token ratio, were excluded from the feature set. A fourth classifier was also trained using the entire corpus for result comparison. L1-specific classifiers were tested on the datasets of the other L1s as well as a test set of their own to study whether they performed similarly well.

By analyzing the results (Table 1), we observe that models trained on data for one L1 consistently perform worse when tested on the data of other L1s. Furthermore, the model trained using the entire dataset on average classified 59.06% of the samples in the test sets correctly (5-fold cross validation), which is poorer than the performance of the models trained and tested exclusively using the datasets of Chinese and Italian L1 speakers (65.98% and 66.83% respectively). This observation suggests that a proficiency classifier tailored to a specific L1 group may outperform a general proficiency classifier even with substantially fewer data, yet more conclusive results require cross-corpus validation. We interpret these findings as confirmation that L1 is an individual difference that shapes the characterization of L2 proficiency.

Table 1. Performance of five-class classifiers trained and tested on data divided by L1.

	Tested on Chinese	Tested on Spanish	Tested on Italian
Trained on Chinese	65.98%	42.45%	29.91%
Trained on Spanish	37.67%	54.67%	35.05%
Trained on Italian	25.57%	36.69%	66.83%

Further support for this conclusion was achieved by analyzing the most important features for each model. While various measures of lexical, syntactic, and morphological complexity appeared as top features for all the models, there was a stark difference in the predictiveness of total token accuracy rate (#correct tokens/#tokens) for Spanish and Chinese as opposed to Italian. While Italian L1 speakers produce more error-free texts in all levels, both Spanish and Chinese L1 speakers demonstrate a sharp drop in accuracy from A1 to A2 but begin to progressively improve in accuracy until C1. At level C1, Spanish L1 speakers continue to improve regarding accuracy while Chinese L1 speakers experience yet another sharp drop. An analysis of the errors Chinese L1 speakers are more likely to make at level C1 implicate punctuation confusion and gender and number agreement. An interpretation of this finding would be that Chinese L1 speakers at level C1 attempt to use more sophisticated constructions and vocabulary whose gender or number agreement they have not mastered while Spanish L1 speakers take advantage of cognate similarities between their L1 and Portuguese to avoid gender and number agreement errors.

In this work, we empirically demonstrated the important role of L1 in characterizing language proficiency. The conclusions drawn from this work have implications for developing personalized, intelligent tools that learners can leverage for language learning. These findings may also interest language teachers regarding the attention they would need to pay to each individual learner.

References

- Chen, X., & Meurers, D. (2016). CTAP: A web-based tool supporting automatic complexity analysis. In Proceedings of the Workshop on Computational Linguistics for Linguistic Complexity (CL4LC) (pp. 113–119). Osaka, Japan: The COLING 2016 Organizing Committee.
- Hawkins, J. A., & Buttery, P. (2010). Criterial Features in Learner Corpora: Theory and Illustrations. *English Profile Journal*, 1, e5. doi:10.1017/S2041536210000103
- Mendes, A., Antunes, S., Janssen, M., & Gonçalves, A. (2016). The COPLE2 corpus: A learner corpus for Portuguese. In Proceedings of the Tenth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC-16) (pp. 3207–3214). Portorož, Slovenia: European Language Resources Association (ELRA).

Complexidade textual em adultos de baixa literacia:

desenvolvimento de uma infraestrutura de classificação de níveis de complexidade e os seus descritores

Ricardo Monteiro, Michell Moutinho, Sílvia Barbosa, Leonor Reis, Raquel Amaro & Susana Correia

Este trabalho pretende descrever o processo de criação de uma infraestrutura de complexidade textual. Inserida no âmbito do projeto iRead4Skills, esta infraestrutura ambiciona detetar e classificar a complexidade dos textos, nomeadamente aquela que se manifesta para adultos de baixa literacia. Apesar da existência de vários instrumentos que dão orientações sobre a proficiência em leitura (QEQR, PISA, etc.), pouca atenção é dada às dificuldades de leitura sentidas por adultos em programas de aprendizagem ao longo da vida e a como estas dificuldades se manifestam linguisticamente nos textos. Baseado em referenciais existentes e em circulação (ANQEP, QEQR, PIAAC, ALTE), este trabalho aborda este fenómeno através da análise de níveis e os respetivos descritores dentro destes referenciais, resultando numa proposta original. O resultado é a elaboração de uma infraestrutura de complexidade textual, organizada em três níveis de complexidade (Muito Fácil, Fácil e Claro). A nossa proposta considera, para os três níveis, descritores de complexidade que servem o objetivo de enquadrar a complexidade contida em cada nível. Estes descritores pautam-se por serem manifestações linguísticas indutoras de complexidade, operando nas dimensões léxico-conceitual, estruturas sintáticas e coesão dos textos, entre outras. Estes níveis e respetivos descritores foram expostos a um processo de validação, que consistiu na sua avaliação por parte de um *focus group*, composto por professores de centros de aprendizagem para adultos. Paralelamente, um *corpus* de 2933 textos, abrangendo vários géneros textuais, foi compilado com o fim específico de ser utilizado como objeto de classificação da infraestrutura de complexidade desenvolvida. Esta tarefa de classificação, desenvolvida manualmente, orientou-se pela identificação dos descritores avançados nos textos constituintes do *corpus*. O resultado foi um *corpus* classificado e organizado por nível de complexidade, o qual se considera como um recurso importante e versátil no âmbito do tópico de complexidade textual. Neste trabalho, é apresentada a metodologia de desenvolvimento das diferentes tarefas, assim como os resultados provenientes desta infraestrutura de complexidade.

Palavras-chave: Complexidade textual, literacia, adultos, proficiência em leitura

Reflexões sobre a Linguagem Sensível ao Género: Um Estudo Preliminar em Contexto Educativo.

Cláudia Ruas, Matilde Gonçalves & Antónia Coutinho

No âmbito do crescente debate sobre a linguagem sensível ao género e a sua relevância na promoção da igualdade de género, este estudo propõe-se investigar a perceção e interpretação do uso do masculino genérico e de formas pronominais neutras por estudantes do 3º ciclo e do ensino secundário. Realizada no contexto da Prática de Ensino Supervisionada da disciplina de português, a investigação enquadra-se numa dinâmica sociolinguística, visando contribuir para o debate académico e pedagógico sobre as práticas linguísticas inclusivas de género em Portugal.

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar a perceção da linguagem sensível ao género em contextos educativos, centrando-se na análise das reações de discentes de diferentes contextos, intervencionados ou não no âmbito das questões de género, face a enunciados com sujeitos de género gramatical variado. Na continuidade de trabalhos já desenvolvidos no contexto português (em particular, Matos, 2020), procura-se entender se o masculino genérico é interpretado como neutro e de que maneira as formas pronominais neutras influenciam o modo como é compreendida a inclusão de géneros feminino e masculino. Neste sentido, este estudo visa explorar a eficácia da linguagem sensível ao género e da prática letiva inclusiva na promoção de uma maior igualdade de género em contexto escolar, contribuindo para o seu debate através da educação linguística.

Apoiando-se em fundamentos sociodiscursivos (Charaudeau, 2008) e na teoria literária feminista (Wright, 2008), o trabalho argumenta a favor da relevância das questões de género na educação (Coutinho, 2021) ao propor uma reflexão sobre a importância da linguagem na construção da identidade e na perpetuação de estereótipos e destacando a pedagogia de género como ferramenta de intervenção educativa.

Adotou-se uma abordagem quantitativa, mediante a aplicação de um questionário focado na análise de enunciados com variação no uso de sujeitos masculinos genéricos, femininos e formas neutras, apresentado a alunos do 7º, 8º e 10º anos, durante o ano letivo de 2021/2022. O questionário compreendeu dez enunciados, selecionados deliberadamente para avaliar a influência do género gramatical na interpretação dos participantes. Alguns dos exemplos incluídos foram "os marinheiros ficaram felizes por reencontrar as suas famílias" e "quem limpa o escritório faz um bom trabalho", visando captar as interpretações das/os estudantes relativamente à inclusão de ambos os géneros através do uso do masculino genérico e de pronomes neutros. Posteriormente, comparou-se as reações de discentes de uma turma de 8º ano, intervencionada no âmbito da pedagogia de género, com as respostas das demais turmas participantes (realça-se que a linguagem sensível ao género não foi trabalhada durante a intervenção pedagógica).

Os resultados evidenciam que, de forma geral, a maioria das/os discentes interpreta o masculino genérico como referente a ambos os géneros, indicando uma tendência para a neutralidade na sua perceção. No entanto, observam-se variações nas respostas conforme o contexto profissional associado, a presença de formas pronominais neutras e a duplicidade semântica, sugerindo que os estereótipos de género, a ambiguidade semântica e a associação de certas profissões a um género específico ainda influenciam as perceções, enquanto o uso de pronomes neutros favorece interpretações inclusivas. Cumulativamente,

intervenções pedagógicas focadas nas questões de género parecem contribuir para uma maior sensibilização quanto à neutralidade e inclusão de género.

Este estudo sublinha a importância de abordar a linguagem sensível ao género e as questões de género em contexto educativo, destacando o impacto positivo de práticas pedagógicas interventivas na promoção de uma maior consciência sobre o tema. Reforça-se, assim, a necessidade de continuar a explorar e implementar estratégias didáticas que, ao nível dos usos da linguagem, fomentem a igualdade de género e a inclusão, contribuindo para o desenvolvimento de uma cidadania mais consciente e crítica.

Palavras-chave: Linguagem Sensível ao Género, Masculino Genérico, Estereótipo, Educação.

Referências

Charaudeau, P. (2008). *Linguagem e discurso: modos de organização*. Contexto.

Coutinho, A. (2022). *Identidades textuais, linguagem inclusiva e (re)formulação*. In: Silva, F., M. Gonçalves & D. Ablali (eds.). *Reformular: uma questão de géneros? / Reformuler: une question de genres?* (pp. 51-65). Húmus

Matos, J. (2020). *Poderá uma Língua Natural ser Sexista? Avaliação do Impacto de Informação Gramatical e de Estereótipos de Género na Compreensão de Enunciados com Sujeitos Masculinos Genéricos em Português Europeu*. Lisboa: NOVA, Dissertação de Mestrado. URL: <http://hdl.handle.net/10362/110814>

Wright, E. (2008). *Feminism and a Question of Literary Theory*. University of Illinois Press.

O Futuro do Conjuntivo – uma Proposta Enunciativa

Helena Isabel Alzamora

Ao contrário do que acontece noutras línguas românicas, o conjuntivo mantém, no português, como refere Fonseca (1994:140), “grande produtividade no âmbito das funções semântico-pragmáticas inerentes à modalização dos enunciados”.

Regra geral, os trabalhos sobre o Conjuntivo (cf., para o português, e.o., Fonseca (1970; 1994); Oliveira (2008; 2013); Marques (2016)) mostram que o valor temporal das predicções em que ocorre depende, maioritariamente, da concordância entre orações subordinantes e subordinadas (embora, em certos contextos, o conjuntivo não seja temporalmente dependente (e.o. Marques (2014) e Marques *et al* (2015)) e que as formas de Conjuntivo são, maioritariamente, marcadoras da operação de modalização.

No conjunto das línguas românicas, como é sabido, o Futuro do Conjuntivo (FC), simples e composto, apenas existe em português e em galego e, pela frequência que manifesta no português, neste trabalho pretendo discutir os valores referenciais marcados por essas duas formas verbais, assumindo que a sua natureza semântica heterogénea decorre de operações de localização e determinação diferentes, que legitimam as diversas interpretações associadas aos enunciados em que ocorrem, como se mostra pelos seguintes exemplos:

Se (ainda) *houver* bilhetes, vou ao concerto do António Zambujo.

Quem *for ler* o livro, levante a mão.

Quem *tiver lido* o livro, levante a mão.

Quem *ler* bons livros, fica mais culto.

Quem *tiver lido* um livro todas semanas, ganha um prémio.

Se *tiveres* febre, ficas em casa.

Alguns dos enunciados evidenciam a ambiguidade temporal que pode ocorrer com o FC. Por exemplo, [Se *tiveres* febre, ficas em casa.] pode ter valor temporal de simultaneidade ou posterioridade em relação ao tempo da enunciação (T_0) [Se (agora/logo) / enquanto *tiveres* febre, ficas/ficarás em casa.], ou ser glosado por [Sempre que *tiveres* febre, fica em casa.], marcando uma rutura temporal em relação a T_0 .

No que respeita a localização temporal dos enunciados, as formas do FC podem estar associadas à marcação do valor de identificação ($FC = T_0$), quando FC tem valor de simultaneidade em relação a T_0 , de diferenciação ($FC \neq T_0$), quando FC tem valor de anterioridade ou posterioridade em relação a T_0 , ou, ainda, valor de rutura ($FC \omega T_0$), quando não há localização de FC em relação a T_0 , correspondendo a um aorístico (cf. Culioli [1978]1980; 1990). Por outro lado, estas formas permitem, também, desencadear valores aspetuais diferenciados (situações télicas/atélicas / valor iterativo/genérico...). Relativamente à modalidade, estas formas desencadeiam valores epistémicos, associados à construção de uma dada relação predicativa como validável (possibilidade, probabilidade) ou valores não epistémicos.

Assim, partindo do princípio de que qualquer categoria é construída numa cadeia de relações com outras, com este trabalho, visa-se analisar e descrever, através de um sistema de representações complexo, como o Tempo, o Aspeto e a Modalidade são categorias indissociáveis, particularmente com o uso das

formas do FC. Neste sentido, com base nas propostas da Teoria Formal Enunciativa (e.o., Culioli ([1978] 1980; 1990; 1999), propõe-se uma abordagem transcategorial, visando explicar os valores que resultam da interdependência das formas do FC com outras formas coocorrentes, nas configurações em que se inscrevem, visando descrever e explicar as invariâncias e as deformabilidades associadas a estes dois tempos do Conjuntivo, que desencadeiam os diferentes valores referenciais.

Referências

- Culioli, A. [1978] 1980, “Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives : l’aoristique”. In David, Jean & Robert Martin (eds.) 1980. *La Notion d’Aspect* (Colloque Metz, 1978), Paris, Klincksieck. 181-193.
- Culioli, A. 1990. “Valeurs modales et opérations énonciatives”. In Culioli, Antoine 1990. *Pour une Linguistique de l’Énonciation, Opérations et Représentations*. Tome1. Paris. Ophrys. 135-155.
- Culioli, A. 1999. *Pour une Linguistique de l’Énonciation, Formalisation et Opérations de Repérage*. Tome 2. Paris. Ophrys.
- Fonseca, F. I. 1970. *Para o Estudo dos Valores do Conjuntivo em Português Moderno*. Dissertação de Licenciatura. Universidade de Coimbra.
- Fonseca, F. I. 1994. *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, Coleção Linguística, Porto Editora.
- Marques, R. 2014. Référence au réel et concordance des temps en portugais européen. *Travaux linguistiques du Cerlico* – N.º 27. 31-46. <http://www.pur-editions.fr/detail.php?idOuv=3659>
- Marques, R., Silvano, P., Gonçalves, A., & Santos, A. L. 2015. “Sequence of tenses in complementation structures: Lexical restrictions and effects on language acquisition”. In R. Klassen, J. M. Liceras & E. Valenzuela (orgs.), *Hispanic Linguistics at the Crossroads. Theoretical Linguistics. Language Acquisition and Language Contact*. 69-88. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Marques, R. 2016. “O modo conjuntivo”. In Martins, Ana Maria & Ernestina Carrilho, *Manual de linguística portuguesa*. *Manuals of Romance Linguistics. Volume 16*. De Gruyter. 610-635. <https://doi.org/10.1515/9783110368840-025>
- Oliveira, F. 2008. “Sobre os tempos do Conjuntivo”. In Oliveira, Fátima & Isabel Margarida Duarte (eds). *O Fascínio da Linguagem: Actas / Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Universidade do Porto, Centro de Linguística. Porto. 109-118.
- Oliveira, F. 2013. “Tempo verbal”. In Raposo *et al* (orgs.) *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. I. Lisboa. 509-553.

O corpus parlamentar ParlaMint-PT

José Aires, Aida Cardoso, Rui Pereira & Amália Mendes

Apresentamos o ParlaMint-PT, um novo corpus de Diários da Assembleia da República, que cobre o período de 2015 a 2022. O corpus está integrado no projeto ParlaMint, que permitiu constituir um conjunto de corpora comparáveis de transcrições de sessões parlamentares de 29 países e regiões autónomas, disponibilizado como recurso aberto.

1. Introdução

O acesso às sessões parlamentares é um aspeto fundamental nas democracias, ao permitir o acompanhamento e o escrutínio dos deputados eleitos pela população. Essa transparência tem sido assegurada pela disponibilização em linha pela Assembleia da República (AR) do *Diário da Assembleia da República* (DAR). No entanto, o formato HTML e PDF em que estão acessíveis não facilita a sua análise pela comunidade interessada, por exemplo, nas áreas de ciência política, história ou análise do discurso. Algumas iniciativas no sentido da disponibilização desses materiais (por exemplo, Giorgi & Dias, 2019; Almeida et al., 2021) nem sempre usam ferramentas de processamento automático da linguagem ou concordanciadores, nem são comparáveis com corpora parlamentares de outras línguas europeias. O corpus ParlaMint-PT constitui um dos corpora no recurso multilingue comparável ParlaMint (Erjavec et al. 2023a), que abrange na versão mais recente sessões parlamentares de 29 países e regiões autónomas, com dados do mesmo período e com o mesmo tipo de anotação (Erjavec et al. 2023b).

2. As sessões parlamentares

O corpus ParlaMint-PT inclui as transcrições das sessões de 1.01.2015 a 22.03.2022. Cobre, assim, o final da XII Legislatura e as XIII e XIV Legislaturas. O corpus está dividido em duas secções: o subcorpus de referência inclui as sessões de 2015 a final de outubro 2019; o subcorpus COVID inclui as sessões de Novembro 2019 até 2022. Pretende-se assim permitir comparar o período antes e após o início da cobertura mediática da COVID-19. O corpus total tem 17,5 milhões de palavras, como indicado na Tabela seguinte:

	Corpus de referência	Corpus COVID	Total
Dias de sessões	499	205	704
Número de enunciados	121,317	49,620	170,937
Número de palavras	11,570,662	5,882,413	17,453,075

3. Codificação e anotação

As transcrições foram descarregadas do *site* da AR, em formato TXT, tendo sido necessária uma revisão destas versões confrontando-as com as versões em PDF. Para a codificação dos DAR em XML foram (i)

identificadas secções principais, marcadas no texto por títulos ou outras expressões linguísticas regulares e codificadas com os elementos *head*, *summary*, *main* e *final*; (ii) codificados os enunciados (*utterances*); (iii) identificada a fonte enunciativa de cada enunciado (*speaker*); codificados comentários e elementos extralinguísticos (p. e., *clapping*, *protests*). Os metadados sobre os deputados, os partidos políticos e as sessões foram obtidos a partir do *site* da AR e completados quando necessário. Para cada membro da AR existe informação como género, idade, filiação política e papéis desempenhados nas diferentes legislaturas. O corpus foi lematizado e anotado com informação de classe morfossintática (PoS) seguindo o processo descrito em Génereux et al. (2012), e anotado sintaticamente com relações de dependências universais (ferramenta LX-UD).

4. Comentários finais

O corpus está acessível em acesso aberto no repositório CLARIN.SI, e pode ser pesquisado com os concordanciadores NoSketch Engine (clarin.si/ske) e KonText. Tal como os restantes, o corpus português foi automaticamente traduzido para inglês, permitindo ter acesso aos termos equivalentes, e seus contextos, nos corpora dos diferentes países.

Na XIV Legislatura, passaram a ter representação parlamentar dois partidos recentemente fundados, a Iniciativa Liberal e o CHEGA, e o corpus permite uma análise dessa mudança na AR. Por exemplo, um estudo preliminar do uso de palavras relacionadas com o tema da imigração mostra uma maior frequência relativa de ocorrência nas intervenções de membros femininos da AR, e de partidos com orientação política à esquerda/extrema-esquerda e extrema-direita, sendo o CHEGA o partido com mais frequência relativa de uso de termos sobre o tema.

Palavras-chave: corpora comparáveis; discurso parlamentar; análise do discurso

Referências

- Almeida, Paulo, Marques-Pita, Manuel & Gonçalves-Sá, Joana (2021). PTPARL-D: an annotated corpus of forty-four years of Portuguese parliamentary debates. *Corpora*, 16(3):337–348.
- Giorgi, E. D. & Dias, A (2019). Portuguese Observatory on Parliamentary Dynamics Database (POPAD): information on legislative process, scrutiny activity and speeches in the Portuguese Parliament. PID <https://popad.org/>.
- Erjavec, Tomaž et al. (2023a). The ParlaMint corpora of parliamentary proceedings. *Language Resources and Evaluation*, 57(1):415–448.
- Erjavec, Tomaž et al. (2023b). Multilingual comparable corpora of parliamentary debates ParlaMint 4.0, Slovenian language resource repository CLARIN.SI, ISSN 2820-4042, <http://hdl.handle.net/11356/1859>.

Ensino de Línguas Baseado em Tarefas e desenvolvimento da competência escrita em manuais didáticos de Português L2

Juliano Sippel

Por considerar que o ensino da competência escrita em L2 requer instrução explícita (Cumming, 2001; Leki et al., 2008; Rinnert & Kobayashi, 2009) e que os manuais didáticos são fundamentais para o desenvolvimento das competências comunicativas (Tomlinson & Masuhara, 2018), pretendemos testar o uso do Ensino de Língua Baseado em Tarefas (ELBT) (Ellis, 2003; Byrnes & Manchón, 2014; Long, 2015; Castro, 2017) em materiais para o ensino da produção textual em português L2 (PL2).

Partindo da premissa que a aprendizagem de L2 está centrada na ideia de solução de problemas relacionados com o mundo real (Skehan, 1996), e que tarefas de escrita são atos de construção de sentido voltados à apropriação de habilidades necessárias ao engajamento comunicativo nas esferas pessoais, sociais ou profissionais (Byrnes & Manchón, 2014), recorreremos ao ELBT por permitir reflexões durante a produção de textos e estimular o uso real do PL2 (Pinto, 2020). Ademais, porque reúne dimensões da língua, do contexto social e dos processos mentais dos estudantes (Van den Branden, Bygate & Norris, 2009), julgamos que o ELBT pode ser articulado ao modelo de escrita como processo (Hyland, 2009), que tem sido apontado como adequado (Graham, 2018) para uma remodelação de ensino, que inclui, além de formas textuais, atenção aos processos de composição dos estudantes.

Com o apoio de uma metodologia qualitativa e do emprego de análise de conteúdo, analisamos manuais de PL2 (Sippel, 2023) e observamos que tendem a utilizar a versão fraca da abordagem comunicativa (Richards & Rodgers, 2001) e um modelo de ensino de escrita como produto (Hyland, 2009), indo de encontro às recomendações oficiais para o ensino de PL2 (Schoffen & Martins, 2016), que orientam um trabalho com a prática de tarefas (gêneros textuais), dando ênfase ao uso efetivo da língua. Para compreender como utilizam manuais e demais recursos didáticos no ensino da competência escrita, realizamos entrevistas semiestruturadas com docentes da NOVA-FCSH e Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Brasil), que revelaram, de um lado, a importância da instrução em sala de aula, da oferta diversificada de *inputs*, do ensino sistemático de gêneros e de planificação e revisão textual; de outro, a falta de apoio a essas questões nos manuais didáticos. No âmbito deste estudo, nossa intenção é apresentar materiais, resultantes da análise dos manuais e das entrevistas, produzidos com os pressupostos do ELBT, e avaliar seus efeitos.

Para construir os recursos, buscamos articular os componentes do processo de produção textual – planificação, escrita e revisão (Grabe & Kaplan, 1996) – com atividades de pré-tarefa (para planificar a produção com levantamento de léxico, leitura de *inputs* e reconhecimento de estruturas recorrentes no gênero a ser produzido), tarefa (para produzir textos em pares e individualmente) e pós-tarefa (para promover a consciencialização linguística com foco na forma (Long, 1991, 1998) e revisar a produção inicial). Para avaliar os efeitos dos recursos, realizamos uma oficina de escrita com estudantes universitários de PL2 nível B1, com cinco encontros presenciais de duas horas, totalizando dez horas letivas. O formato presencial permitiu-nos acompanhar o processo de produção dos estudantes com perguntas dirigidas, na tentativa de conhecer o comportamento estratégico que adotavam na execução das tarefas. Além disso, pedimos aos participantes da oficina que respondessem a um inquérito (disponibilizado via *Google Forms*) com questões

relacionadas à experiência que possuíam, relativamente à produção escrita, e ao comportamento que adotam ao escrever.

Nossos resultados prévios revelaram-se favoráveis ao uso do ELBT. Ao completarem a fase de pré-tarefa, os estudantes melhoraram seus textos de forma significativa: ampliaram o léxico especializado, utilizaram estruturas típicas do gênero textual exercitado e apresentaram melhor progressão lógica. A recolha de dados prosseguirá ao longo deste ano. Faremos uma oficina de escrita com estudantes de nível B2 e, depois de analisarmos as produções resultantes, faremos novas oficinas com níveis B1 e B2 para termos mais material de análise, de forma a ampliar nossas conclusões a respeito dos efeitos dos materiais produzidos.

Palavras-chave: Ensino de Línguas Baseado em Tarefas (ELBT); competência escrita; manual didático; português L2 (PL2).

Referências

- Byrnes, H. & Manchón, R. M. (2014). *Task-Based Language Learning. Insights from and for L2 Writing*. John Benjamins Publishing Company.
- Castro, C. (2017). *Ensino de Línguas Baseado em Tarefas. Da teoria à prática*. Lidel - edições técnicas, Lda.
- Cumming, A. (2001). Learning to Write in a Second Language: two decades of research. *IJES*, vol. 1 (2), 1-23.
- Ellis, R. (2003). *Task-based language learning and teaching*. Oxford University Press.
- Grabe, William & Robert Kaplan. (1996). *Theory and practice of writing*. Longman.
- Graham, S. (2018). Introduction to conceptualizing writing. *Educational Psychologist*, vol. 53 (4), pp. 217–219.
- Hyland, K. (2009). *Teaching and Researching Writing*. Pearson Education Limited.
- Leki, I. et al. (2008). *A Synthesis of Research on Second Language Writing in English*. Routledge Taylor & Francis Group.
- Long, M. (1991). Focus on form: a design feature in language teaching. methodology. In: *Foreign language research in cross-cultural perspective*. John Benjamins.
- Long, M. (1998). *Focus on Form in Task-based Language Teaching*. John Benjamins Publishing Company.
- Long, M. (2015). *Second language acquisition and task-based language teaching*. Wiley Blackwell.
- Pinto, J. (2020). O ensino de línguas baseado em tarefas no ensino/aprendizagem da escrita em português língua segunda. Propostas didáticas. *Revista do GEL*, vol. 17 (2), 170-195.
- Richards, J. C. & Rodgers. (2001). *Approaches and Methods in Language Teaching*. Cambridge University Press.
- Rinnert, C. & Kobayashi, H. (2009). *Writing in Foreign Language Contexts. Learning, Teaching and Research*. Multilingual Matters.
- Schoffen, J. R. & Martins, A. F. (2016). Políticas linguísticas e definição de parâmetros para o ensino de português como língua adicional: perspectivas brasileira e portuguesa. *ReVEL*, vol. 14 (26), 271-306.
- Sippel, J. (2023). Ensino de escrita e avaliação de manuais didáticos de Português L2. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. 10, 287–307.

Skehan, P. (1996). A framework for the implementation of task-based instruction. *Applied Linguistics*, vol. 17 (1), 38-62.

Teixeira, J. (1996). *O português como língua num mundo global. Problemas e potencialidade*. Editora Húmus.

Tomlinson, B. & Masuhara, H. (2018). *The Complete Guide to the Theory and Practice of Materials Development for Language Learning*. John Wiley & Sons, Inc.

Van den Branden, K., Bygate, M., & Norris, J. (2009). *Task-based language teaching: a reader*. John Benjamins.

Anexo - Grelha utilizada na análise dos manuais didáticos de PL2.

DESCRIÇÃO EXTERNA DO MANUAL DIDÁTICO

Título:	Nome do manual
Autores:	Autores do manual
Editora:	Editora do manual, local de publicação e ano
Design e layout:	Colorido, Branco e preto, com ilustrações, fotos...
Sinopse:	Sinopse do manual

DESCRIÇÃO INTERNA DO MANUAL DIDÁTICO

Público-alvo / nível:	Jovens, adultos, A1, A2, B1...
Componentes:	Livro de aluno, caderno de atividades, arquivos de áudio, vídeos...
Distribuição dos conteúdos:	Temas, conteúdos gramaticais, áudios transcritos, soluções, créditos...

ANÁLISE DO MANUAL DIDÁTICO

Identifica-se a abordagem e metodologia de ensino do manual? Sim Não

Abordagem (s):

O manual trabalha o desenvolvimento das quatro competências?

As quatro competências são trabalhadas de forma equilibrada?

Identifica-se uma (ou mais) concepção/modelo de escrita no material?

Concepção/Modelo (s):

O material utiliza textos autênticos?

O manual fornece uma síntese curta ou apresentação do que será exposto nos textos?

Há diversidade de gêneros textuais nas tarefas de produção?

As propostas de produção textual possuem suporte (s) e interlocutor (s) definidos?

Os gêneros textuais estão de acordo com os recomendados pelos documentos norteadores, segundo a distribuição dos níveis?

Há instrução para a produção dos gêneros solicitados?

Há espaço/instrução para o planejamento da produção escrita?

Há espaço/instrução para a revisão do texto?

O manual fornece instruções para docentes?

As instruções orientam o trabalho a ser feito para a produção textual?

Dentre as instruções dadas, há fornecimento de modelos de textos e critérios para correção das produções dos estudantes?

Ainda a aquisição da lateral alveolar em Português Europeu: dados naturalistas e dados experimentais

Maria João Freitas, Jéssica Gomes & Ana Margarida Ramalho

A lateral alveolar é de aquisição tardia em Português Europeu (PE), seguindo a tendência observada noutras línguas (Bernhardt & Stemberger, 1998; Kim et al., 2016; Amorim, 2014; Mendes et al., 2013). Terapeutas da fala portuguesas consideram /l/ problemático e de difícil generalização (Reis, 2021). Devido a propriedades fonéticas e fonológicas, a sua categorização na infância parece complexa. Uma constrição da língua ao longo da linha médio-sagital contrasta com a ressonância oral consistente com propriedades vocálicas (Ladefoged & Maddieson, 1996). Produções semelhantes a vogais, atestadas para /l/ em várias línguas, argumentam a favor da sua adjacência a vogais na Escala de Sonoridade (Ladefoged, 1982). Tal pode contribuir para a complexidade de /l/ uma vez que contrastes máximos de sonoridade no domínio do nó *silaba* são universalmente preferidos pelas crianças (Jakobson, 1968; Goad & Rose, 2004). No PE, a distribuição silábica de /l/ é complexa (ocorre em Ataque simples (AS), ramificado (AR) e em Coda (Cd)), sendo alvo de processos fonológicos: (i) atribuição de ponto de articulação secundário em Cd (/l/→[t̪]: [sát̪]); (ii) semivocalização após operações de concordância morfossintática envolvendo marcação de plural (/l/→[j]: [eʒúʃ]→[eʒúʃj]). Dados da aquisição em L1 têm sido utilizados como evidência empírica para discutir a natureza das laterais em PE, envolvendo os traços [± contínuo; ± lateral; ± aproximante] (Mateus & Andrade, 2000; Amorim & Veloso, 2021; Freitas et al., 2022).

Os primeiros estudos sobre aquisição de L1 no programa de investigação da gramática generativa incidiram sobre recolhas longitudinais naturalistas de produção (Smith, 1973), sendo os estudos experimentais transversais inicialmente mais usados no estudo da perceção. Examinaremos a aquisição de /l/ em PE em dados de produção longitudinais naturalistas (LN) e experimentais transversais (ET), discutindo contribuições de ambas as metodologias para o conhecimento de como as crianças constroem a representação fonológica de /l/.

Descreveremos dados LN de 4 crianças do *corpus* Pereira & Freitas (com idades entre 1;2 e 3;7 anos) e dados ET no *corpus* Ramalho-EP (ambos disponíveis publicamente no *PhonBank*). Os dados LN foram gravados mensalmente em casa de cada criança, durante 1 ano; as crianças do *corpus* ET foram avaliadas uma só vez com o teste CLCP-EP, estando organizadas por grupos etários (G1-[2;11-3;12]; G2-[4;0-4;12]; G3-[5;0-6;6]). Todas as crianças eram monolíngues e sem registo de historial clínico associado a competências linguísticas.

Os resultados mostraram a produtividade da interface *silaba-segmento* na aquisição do /l/ em LN e ET, seguindo a ordem AS >> Cd >> AR (alguns dados nas figuras 1 e 2, abaixo). As crianças LN atingiram até 50% de taxas de sucesso para /l/ em AS antes dos 2;0, revelando emergência precoce de /l/. No entanto, as crianças do *corpus* ET mostraram dificuldades até muito tarde, não estando /l/ estável no grupo etário mais alto ([5;0-6;6]). Diferenças estatisticamente significativas foram atestadas entre constituintes silábicos, em todas as faixas etárias: G1 (F=48,224; p<0,001), tendo todos os constituintes silábicos contribuído para a diferenciação estatística (teste Holm-Sidak, para p<0,05); G2 (F=29,295; p>0,007), sendo a diferença entre AS-AR a que mais contribuiu para a diferenciação identificada (teste Holm-Sidak, para p<0,05); G3 (F=5,495; p<0,001) e as diferenças entre AS-AR e Cd-AR as que mais contribuíram para a diferenciação encontrada (teste Holm-Sidak, para p<0,05). As estratégias de reconstrução atestadas correlacionam-se com o tipo de

constituente silábico e variam conforme o tipo de dados (LN, ET): embora a não produção de /l/ seja usada em todos os constituintes, a epêntese de vogal ocorre apenas em AR, enquanto as variantes segmentais são preferenciais em AS e Cd. O *corpus* ET mostra principalmente [w] e [ʊ] como reconstrução para AS, AR e Cd; o *corpus* LN apresenta uma ampla gama de variantes, principalmente [t, d], [n], [w], [ʎ] [L]. O facto de [r] não ser frequente para o alvo /l/ será considerado na nossa discussão, que se centrará na natureza fonológica de /l/ e na forma como dados LN e ET contribuem para uma melhor compreensão de como as crianças portuguesas constroem as suas representações fonológicas. Os resultados fornecem evidência empírica para o debate em curso sobre a natureza fonológica de /l/ no PE, oferecendo informação crucial para a avaliação e intervenção clínicas.

(Por falta de espaço, as referências bibliográficas serão fornecidas durante a apresentação do trabalho.)

Palavras-chave: lateral alveolar; aquisição da fonologia; língua materna: português europeu

Figura 1 – ET: taxas de sucesso para /l/ por posição silábica

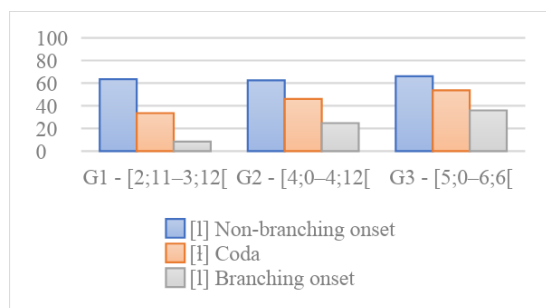
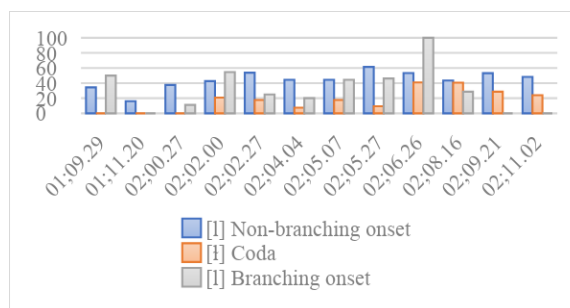


Figura 2 – LN: Luís - taxas de sucesso para /l/ por posição silábica



Entre o espontâneo e o controlado: a variação na produção oral dos pronomes acusativos de terceira pessoa no português brasileiro

Mariana Silva, Ronan Pereira & Catarina Rosa

Em português brasileiro (PB) os pronomes acusativos de terceira pessoa (PO3) podem ser realizados lexicalmente tanto como pronomes fortes *ele(s)/ela(s)*, adquiridos normalmente pelas crianças, quanto como pronomes clíticos *o(s)/a(s)*, adquiridos por via escolar (Kato, Cyrino, & Corrêa, 2009). Em dados de produção oral os PO3 clíticos são raramente utilizados, o que contrasta com o seu maior uso na modalidade escrita (cf. Corrêa, 1991; Othero & Schwanke, 2018; Zanellato *et al.*, 2021). Como sugerido por Lira (2021), esta diferença advirá do maior nível de monitorização em produções escritas, sem que se descarte a percepção de formalidade atribuída aos pronomes clíticos no PB (cf. Schwenter *et al.*, 2022). De facto, para Labov ([1972] 2008), o repertório linguístico deverá ser controlado por um monitor sociolinguístico, o qual envolve processos cognitivos mais conscientes que levam à seleção da variante mais apropriada a depender do contexto social e do perfil social dos falantes.

Dada a consistente literatura no que tange à produção mais expressiva dos pronomes clíticos na modalidade escrita, propôs-se investigar se a produção oral desses pronomes também poderá ser condicionada pelo nível de monitorização da fala. Apoiando-se nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, [1972] 2008), elaboraram-se as seguintes questões de investigação: (1) Existem diferenças no tipo de PO3 (forte ou clítico) produzido oralmente por falantes escolarizados nativos do PB devido ao grau de espontaneidade da produção? e (2) Esses resultados são condicionados pelo género ou escolaridade dos participantes?

Duas tarefas de produção que permitiam diferentes graus de monitorização da fala (descrição espontânea de um vídeo e completamento de frases a partir de imagens) foram conduzidas com 24 falantes escolarizados nativos do PB. Conforme esperado, os PO3 fortes foram priorizados na fala espontânea, ao passo que os PO3 clíticos emergiram mais consistentemente durante a tarefa de produção induzida, resultados estes condicionados pelo género e a escolaridade dos falantes (Tabela 1).

Tais dados demonstram que, à partida, os falantes conseguem utilizar os PO3 clíticos ativamente até mesmo em produções orais, desde que o nível de monitorização o permita. De facto, é possível que, devido ao seu perfil sociolinguístico, alguns desses participantes efetivamente os utilizem no seu quotidiano (e que, talvez, esses pronomes não estejam tão ausentes na linguagem oral) (cf. Lira, 2021). Importantemente, estes resultados também sugerem que, em potenciais estudos que comparem, por exemplo, o desempenho de falantes do PB língua segunda aos dos nativos do PB por meio de tarefas que permitam um alto grau de monitorização, vieses poderão ocorrer caso tais aprendentes não sejam (ainda) sensíveis às nuances sociolinguísticas que permeiam o conhecimento dos nativos escolarizados.

Pronome	Produção Espontânea		Produção Induzida	
	Forte	Clítico	Forte	Clítico
Total	56 (91,8)	5 (8,2%)	23 (11,7%)	173 (88,3%)
Gênero				
Feminino	32 (97%)	1 (3%)	5 (5,1%)	94 (94,9%)
Masculino	24 (85,7%)	4 (14,3%)	18 (18,6%)	79 (81,4%)
Escolaridade				
Ensino Médio	16 (100%)	0 (0%)	1 (2,9%)	30 (97,1%)
Superior	29 (100%)	0 (0%)	17 (17,2%)	82 (82,8%)
Pós-Graduação	11 (68,8%)	5 (31,2%)	5 (7,9%)	58 (92,1%)

Tabela 1. Resultado das tarefas de produção por gênero e nível de escolaridade.

Palavras-chave: Português brasileiro; Pronomes acusativos de terceira pessoa; Monitor sociolinguístico; Sociolinguística Variacionista.

Referências

- Corrêa, V. (1991). Objeto direto nulo no português do Brasil. *Dissertação de Mestrado*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Kato, M., Cyrino, S. & Corrêa, V. (2009). Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling. *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition*, pp. 245-272.
- Labov, W. (1972 [2008]). *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Lira, R. F. (2021). Cheio ou vazio? Efeitos semânticos e sintáticos na produção do objeto direto anafórico. *Tese de Doutorado*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Othero, G. A. & Schwanke, C. (2018). Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. *Revista de Estudos da Linguagem*, 26(1), pp. 147-185.
- Schwenter, S. A., Barton, P., Dickinson, K. V., & Macedo, M. (2022). Speakers' subjective evaluations of direct object pronouns in Brazilian Portuguese. *Toronto Working Papers in Linguistics*, 44(1).
- Zanellato, C. A., Lauer, A. B., Conceição, K. C. & Yacovenco, L. C. (2021). Objeto direto anafórico de terceira pessoa: norma padrão X norma da comunidade. *Diadorim*, 23(1), pp. 203-221.

O impacto do Bilinguismo no sucesso académico e cognitivo

Montserrat Comesaña, Ana Rita Pureza, Carmen Parafita Couto, Jon Duñabeitia & Cristina Flores

A investigação na área do bilinguismo tem atraído nas últimas décadas o interesse de inúmeras entidades políticas, líderes empresariais e especialistas académicos. De facto, a União Europeia (UE) define o multilinguismo como um objetivo fundamental da sua política linguística e do quadro estratégico “Educação e Formação 2020”, levando a maioria dos Estados-Membros a reforçar o ensino-aprendizagem de uma segunda língua (L2) como parte dos seus currículos educativos.

As vantagens do Bilinguismo são inegáveis a nível social, cultural e económico. É por isso que programas bilingues como a Aprendizagem Integrada de Línguas e Conteúdos (Content and Language Integrated Learning -CLIL) foram recomendados pela UE como uma das formas mais eficazes de aprender uma L2. No entanto, o impacto que têm na primeira língua (L1) não tem sido investigado em profundidade. Professores, pais e responsáveis pelas políticas educacionais têm dúvidas se a educação imersiva na L2 afetarà negativamente a L1.

Neste estudo, conduzido no sistema educativo português, examinamos o impacto que a percentagem de horas dedicadas à aprendizagem do Inglês L2 tem no acesso lexical na L1 (Português) e na L2 e no tamanho do vocabulário, através do desenvolvimento do primeiro estudo em larga escala sobre latências de decisão lexical com crianças de diferentes anos escolares (3º, 6º e 9º anos de escolaridade). Fatores psicoeducativos como atitudes, status socioeconómico e variáveis individuais como idade, sexo, idade de aquisição da L2 também foram estudados por meio de uma versão adaptada do questionário Q-BEX.

Os resultados dos tempos de resposta referentes ao seu desempenho na L1 mostram que as crianças com mais horas de aprendizagem por dia em L2 são indistinguíveis daquelas com menos horas, independentemente das variáveis acima referidas. A análise dos erros revelou, no entanto, um resultado interessante: as crianças com mais horas de aprendizagem em L2 cometeram mais erros com palavras abstratas do que com palavras concretas (ao invés das crianças com menos horas em L2). Este resultado pode ser indicativo de um pensamento mais abstrato em crianças bilingues com proficiência equilibrada.

Palavras-chave: Bilinguismo, sucesso académico e cognitivo, reconhecimento visual de palavras

Referências

Dijkstra, T. O. N., Wahl, A., Buytenhuijs, F., Van Halem, N., Al-Jibouri, Z., De Korte, M., & Rekké, S. (2019). Multilink: A computational model for bilingual word recognition and word translation. *Bilingualism: Language and Cognition*, 22(4), 657-679.

**Toponímia e processos de formação de palavras no Português Europeu:
estudo de caso dos distritos de Braga e Bragança**

Susana Nunes & Sílvia Ribeiro

O homem, que incontornavelmente ocupa um determinado espaço físico, sempre teve necessidade de nomear o que o rodeia. Por isso mesmo, e precisamente para mais facilmente se situar no espaço que ocupa, o homem precisou de o nomear. Especificamente no que respeita à localização do homem no espaço, é possível constatar a existência de denominações que refletem características próprias dos locais em questão (orografia, hidrografia, flora, fauna, etc.), mas também associadas a fatores socioculturais que influenciam a vida do sujeito desse meio (Silva & Siqueira, 2016; Isquierdo, 2019).

A Toponímia é a área de estudos linguísticos que se ocupa da descrição e análise dos nomes designativos de lugar (Dick, 1990). Desta forma, considera-se o topónimo o nome que foi, por um processo deliberado de escolha e/ou seleção, convertido num designativo de lugar. Um signo linguístico, originalmente arbitrário, converte-se, deste modo, em nome de lugar por um processo marcado por motivações de diversas ordens. Assim, o signo toponímico caracteriza-se por apresentar um carácter motivado em relação ao referente nomeado e também por se revestir de carácter identitário e nominativo (Siqueira, 2011).

Assumindo que a que a Toponímia espelha a história de uma região (e, conseqüentemente, de um país), mas considerando que, ainda assim, o signo toponímico continua a ser um signo linguístico (Lofstrom & Schabel-Le-Corre, 2010), este trabalho tem como objeto de estudo os topónimos atualmente usados como denominadores de freguesias nos distritos de Braga e Bragança. Com este estudo pretendeu-se, por um lado, (i) descrever e analisar os processos de formação de palavras (Rio-Torto *et al.*, 2016) subjacentes aos topónimos acima identificados, procurando perceber a representatividade e especificidade dos processos derivacionais e composicionais na geração de designações toponímicas em Português (designadamente nos distritos suprarreferidos) e, por outro lado, (ii) compreender, de forma detalhada, as propriedades semânticas das designações de freguesias portuguesas dos distritos de Braga (347 designações) e Bragança (226 designações), tendo-se como base a lista disponível no Portal do Eleitor (<https://www.portaldoeleitor.pt/pt/Pages/default.aspx>).

O tratamento do *corpus* desta pesquisa seguiu os princípios metodológicos da Lexicologia e da Toponímia, em especial o modelo de Dick (1990, 2007) e as contribuições de Isquierdo (2019, 2023).

O tratamento dos dados permitiu confirmar o recurso frequente à derivação e à composição na criação destes signos toponímicos, salientando-se a sobre saliência de nomes compostos (mais evidente no distrito de Bragança do que no de Braga). Conclui-se também que, embora as denominações toponímicas em estudo integrem vocábulos de áreas semânticas diversas, são bastante frequentes as que refletem características geográficas (relevo) e humanas (aglomerados humanos e construções humanas) destes dois distritos portugueses.

Palavras-chave: toponímia; processos de formação de palavras; áreas semânticas.

Toponymy and word formation processes in European Portuguese: a case study of the Braga and Bragança districts

Man, who inevitably occupies a certain physical space, has always needed to name his surroundings. For this very reason, and precisely in order to more easily situate himself in the space he occupies, man has needed to name it. Specifically with regard to man's location in space, it is possible to see the existence of names that reflect the characteristics of the places in question (orography, hydrography, flora, fauna, etc.), but also associated with socio-cultural factors that influence the life of the subject in that environment (Silva & Siqueira, 2016; Isquierdo, 2019).

Toponymy is the area of linguistic studies that deals with the description and analysis of place names (Dick, 1990). In this way, a toponym is considered to be a name that has been converted into a place name through a deliberate process of choice and/or selection. A linguistic sign, originally arbitrary, is thus converted into a place name through a process characterised by various motivations. Thus, the toponymic sign is characterised by its motivated nature in relation to the named referent and also by its identity and nominative nature (Siqueira, 2011).

Assuming that toponymy mirrors the history of a region (and, consequently, of a country), but considering that the toponymic sign is still a linguistic sign (Lofstrom & Schabel-Le-Corre, 2010), the object of this study is the toponyms currently used as parish names in the districts of Braga and Bragança. The aim of this study was, on the one hand, to (i) describe and analyse the word formation processes (Rio-Torto et al., 2016) underlying the toponyms identified above, seeking to understand the representativeness and specificity of derivational and compositional processes in the generation of toponymic designations in Portuguese (particularly in the aforementioned districts) and, on the other hand, (ii) to gain a detailed understanding of the semantic properties of the designations of Portuguese parishes in the districts of Braga (347 designations) and Bragança (226 designations), based on the list available on the Portal do Eleitor (<https://www.portaldoeleitor.pt/pt/Pages/default.aspx>).

The treatment of the corpus of this research followed the methodological principles of Lexicology and Toponymy, especially Dick's model (1990, 2007) and the contributions of Isquierdo (2019, 2023). The processing of the data confirmed the frequent use of derivation and compounding in the creation of these toponymic signs, emphasising the over-emphasis on compound names (more evident in the Bragança district than in Braga). It was also concluded that although the toponymic names under study include words from different semantic areas, those that reflect the geographical (relief) and human (human settlements and artifacts) characteristics of these two Portuguese districts are quite frequent.

Keywords: toponymy; word formation processes; semantic areas.

Referências

- M. V. P. A. (1990) *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo.
- Dick, M. V. P. A. (2007) As terminologias das ciências onomásticas. In: ALVES, I.; ISQUIERDO, A. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Editora UFMS.

- Isquerdo, A. (2023). Apresentação. In A. Isquerdo (Org.). *Toponímia urbana no Brasil: Estudos – volume 3*. Editora UFMS.
- Isquerdo, A. (2019). *Toponímia: ATEMS caminhos metodológicos*. Editora UFMS.
- Lofstrom, J. & Schabel-Le-Corre, B. (2010). Comment analyser et comparer lestoponymes de différentes langues dans une perspective synchronique. *Nouvelle Revue d’Onomastique*, 52, pp. 291-318.
- Rio-Torto, G. *et al.* (2016) *Gramática Derivacional do Português*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Silva, C. & Siqueira, K. (2016) Os estudos toponímicos: considerações acerca da relação língua, cultura e identidade. *Multi-Science Journal*. v. 1(4), p. 57-61.
- Siqueira, K. (2011). Estudo toponímico: âmbitos e perspetivas de análises. *ReVEL*, v. 9(17), p. 191-210.

Nasal vowels and word stress production by adult L1 Ukrainian speakers of European Portuguese as an L2

Yolanda Xavier & Susana Correia

Nasal vowels and primary word stress production in European Portuguese have received little attention in SLA. Following the SLM-r model, the creation of a new L2 category “is possible regardless of the age” and depending on the proximity to “the closest L1 sound” (Flege & Bohn, 2021, p.64). Hence, the more similar the sounds of the L1 and L2 are, the more difficult it will be to perceive and, consequently, to produce them (Flege & Bohn, 2021). In light of this, it is crucial to comprehend if nasal vowels and primary word stress pose difficulties for L2 production and to what degree they can influence L2 accent, specifically targeting L1 Ukrainian.

The present study analyzes the production of five nasal vowels (high /ĩ/; /ũ/ and mid /ẽ/, /ẽ̃/, /õ/) and primary word stress by intermediate (B1/B2) and advanced (C1/C2) L1 Ukrainian speakers (UKR) of L2 European Portuguese (EP). The choice fell on these properties because nasal vowels are inexistent in UKR; word stress is free, unlike in EP, where it can affect only one of the last three syllables and often leads to vowel reduction (Andrade, 2020; Pompino-Marschall et al., 2017). Even though there are no nasal vowels in UKR, some oral vowels are similar to the EP oral vowels, for example, /a/, /i/, /u/, /ɛ/, and /ɔ/. We hypothesize that nasality will be reduced or prone to substitution strategies and primary word stress will be misplaced in B1/B2; C1/C2 will have an improved production of these features. This study was preregistered on OSF: <https://osf.io/zmk5c>.

The study consists of two speech production tasks. The first is an audio-visual repetition task adapted from Oh et al. (2011), where participants repeat a word three times: the first time by listening to the auditory cue and seeing a picture; the second and third times — without listening (30 words in total: disyllabic for nasal vowels and trisyllabic for primary word stress). In the second task, the participants are asked to produce words with nasal vowels inside an extemporaneous narrative based on a picture with keywords (Saito, Trofimovich, & Isaacs, 2015; dependent variables: F1/F2 [Hz] mean, duration [ms]; A1-P0 [dB]).

The results (45 participants: 15 UKR on B1/B2; 15 UKR on C1/C2; 15 EP) indicate that nasality was produced, but often not as a target vowel (ex., /ẽ/ was produced as a low central vowel [ã] instead of a mid-central vowel, e.g., [ˈbã.ku]), predominantly in B1/B2. In some participants, the nasality was also reduced, or the production of a preceding consonant /n/ or /m/ was heard. Besides, some problems with vowel reduction in unstressed syllables were detected. Table 1 provides an overview of mean acoustic values in isolated productions for F1, F2, duration, and A1-P0. In the later stages, these productions will be rated by L1 EP speakers.

This research will contribute to phonetics and SLA by providing empirical data on acoustic cues that may affect accentedness, comprehensibility, and intelligibility in an understudied language pair.

Keywords: acoustic analysis, nasality, word stress, Ukrainian, L2 European Portuguese.

References

- Andrade, A. (2020). Fonética e Fonologia. In E.P. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, A. Mendes & A. Andrade (Eds.), *Gramática do português - Vol. III* (Vol. 3, pp. 3241-3330). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Flege, E., & Bohn, O.-S. (2021). The Revised Speech-Learning Model (SLM-r). In R. Wayland (Ed.), *Second Language Speech Learning* (pp. 3-83). Cambridge University Press.
- Oh, G. E., Guion-Anderson, S., Aoyama, K., Flege, J. E., Akahane-Yamada, R., & Yamada, T. (2011). A one-year longitudinal study of English and Japanese vowel production by Japanese adults and children in an English-speaking setting. *Journal of Phonetics*, 39(2), 156–167.
- Pompino-Marschall, B., Steriopolo, E., & Zygis, M. (2017). Ukrainian. Illustrations of the IPA. *Journal of the International Phonetic Association*, 47, 1-9.
- Saito, K., Trofimovich, P., & Isaacs, T. (2015). Second language speech production: Investigating linguistic correlates of comprehensibility and accentedness for learners at different ability levels. *Applied Psycholinguistics*, 37(2), 217–240.

Group	Vowel	F1 [Hz]	F2 [Hz]	Duration [ms]	A1-P0 [dB]
European Portuguese	[ê]	593	1585	214	-3.47
B1/B2_UKR	[ê]	719	1391	180	-3.30
C1/C2_UKR	[ê]	662	1439	174	-3.51
European Portuguese	[ẽ]	521	1872	209	-4.11
B1/B2_UKR	[ẽ]	623	1891	191	-2.67
C1/C2_UKR	[ẽ]	580	2007	173	-3.59
European Portuguese	[ĩ]	383	1979	222	-1.97
B1/B2_UKR	[ĩ]	412	2046	200	-3.49
C1/C2_UKR	[ĩ]	385	1888	193	-1.74
European Portuguese	[õ]	494	1098	220	-1.25
B1/B2_UKR	[õ]	502	986	225	-1.98
C1/C2_UKR	[õ]	466	1132	233	-1.97
European Portuguese	[ũ]	428	1345	213	-2.44
B1/B2_UKR	[ũ]	411	1217	214	-2.24
C1/C2_UKR	[ũ]	393	1266	209	-2.12

Table 1. Mean acoustic values for the three groups: F1, F2, duration, and A1-P0.